

VOL. 001

 HARLEQUIN

COLEÇÃO
CASA REAL de
NIROLI

1/4

PENNY JORDAN

Autoras best-sellers do *USA TODAY*

MELANIE MILBURNE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O príncipe herdeiro – Penny Jordan

Marco Fierezza é considerado o príncipe playboy de Niroli. Ele está acostumado a ser obedecido, principalmente pelas mulheres que leva para a cama. Seu atual caso é com Emily Woodford, que não faz ideia de que ele faz parte da realeza. Quando chega a hora de Marco assumir o trono de Niroli, ele sabe que é o momento de escolher uma esposa adequada. Mas o que fará quando descobrir que Emily está grávida?

O príncipe plebeu – Melanie Milburne

Alex Hunter é um brilhante cirurgião, que foi convocado a Niroli para avaliar a saúde do rei. Junto com a sua chegada, boatos surgem dizendo que ele é, na verdade, Alessandro Fierezza, o príncipe que foi sequestrado quando bebê e dado como morto. Amelia Vialli sempre viveu com o estigma de vir de uma família de bandidos. Por isso fica surpresa que Alex Hunter se interesse tanto por ela. Mas será que esse relacionamento poderá florescer depois que eles descobrirem que o sumiço de Alex tantos anos antes está ligado à família de Amelia?



COLEÇÃO CASA REAL DE NIROLI 1 DE 4

A família real mais rica do mundo está de volta! Unidos por sangue e paixão, e separados por mentiras e desejo, os Fierezza disputarão o trono de Niroli!

A majestosa ilha de Niroli se mantém próspera há séculos. Mas agora, com a saúde do rei piorando, a coroa está em risco e um novo herdeiro deve ser encontrado. Está na hora dos membros da família Fierezza, espalhados pelo globo, voltarem à ilha para cumprir seu destino. Mas quem for escolhido deve honrar “As Regras da Casa Real de Niroli.”

Apenas um poderá ser o líder – uma pessoa dedicada ao seu país, ao seu povo... e ao seu eterno amor!

As Regras da Casa Real de Niroli

- Regra 1: O governante deve ter uma moral ilibada. Qualquer ato que fira a reputação da Casa Real o desqualifica.
- Regra 2: Nenhum membro da Casa Real pode se unir em matrimônio sem o consentimento do governante.
- Regra 3: Casamentos não serão permitidos se comprometerem os interesses de Niroli.
- Regra 4: Não é permitido que o governante de Niroli se case com alguém divorciado.
- Regra 5: Casamentos entre membros da Casa Real que tenham parentesco de sangue são proibidos.
- Regra 6: O governante conduz a educação de todos os membros da Casa Real, mesmo quando os cuidados da criança pertencerem aos pais.
- Regra 7: Nenhum membro da Casa Real pode fazer dívidas sem a possibilidade de pagamento.
- Regra 8: Nenhum membro da Casa Real pode aceitar heranças ou doações sem o consentimento e aprovação do governante.
- Regra 9: O governante de Niroli deve dedicar sua vida ao Reino. Portanto são proibidos de terem profissões.
- Regra 10: Membros da Casa Real devem morar em Niroli ou em um país aprovado pelo governante. Entretanto, o governante *deve* permanecer em Niroli.

Penny Jordan
Melanie Milburne

CASA REAL DE NIROLI
I DE 4

Tradução
Carla Werneck



2017

SUMÁRIO

O príncipe herdeiro

O príncipe plebeu

Penny Jordan

O PRÍNCIPE HERDEIRO

Tradução
Carla Werneck

CAPÍTULO 1

MARCO ABRIU os olhos e olhou para o relógio de cabeceira: 3 horas da manhã. Ele estava sonhando com Niroli e com seu avô, o rei. O coração ainda batia acelerado dentro do peito em função da adrenalina e da excitação revividas com as lembranças das discussões de juventude que tinha com o avô.

Foi em uma dessas discussões que Marco decidiu provar para si mesmo, e para seu avô, que era capaz de alcançar sucesso além de Niroli e sem a proteção e a influência dele. Ele tinha 22 anos. Agora, com 36 anos, fazia tempo que ele e o avô tinham feito as pazes, apesar de o velho homem nunca ter entendido a recusa do neto em mudar de ideia sobre a decisão de trilhar o próprio caminho no mundo. Marco estava certo de que o seu sucesso *não* viria por ser neto do rei de Niroli, mas por seus próprios méritos. Como o simples Marco Fierezza, o jovem empreendedor europeu usou sua perspicácia e seu conhecimento em finanças para se tornar um dos financistas milionários mais aclamados de Londres.

Nos últimos anos, Marco ficou ironicamente surpreso ao notar que seu avô recorria a ele para pedir conselhos financeiros. Por outro lado, o avô alegava que os laços sanguíneos o dispensavam de pagar os serviços prestados pelo neto. A verdade era que seu avô era uma raposa velha que usava de todos os meios para coagir os outros a fazer o que ele desejava, frequentemente alegando que o que fazia era muito mais pelo bem de Niroli.

Niroli!

Do lado de fora, enquanto a chuva gélida de Londres batia contra as janelas do apartamento de Marco, ele sentiu uma pontada de saudades da bela ilha mediterrânea que sua família governava por tantas gerações. Uma joia verde e dourada iluminada pelo sol e encravada em um mar verde azulado, de onde brotavam montanhas vulcânicas cercadas por nuvens prateadas.

O mesmo mar que levou as vidas de seus pais, ele recordava melancolicamente. Que não só os roubou dele, mas também o fez herdeiro do trono.

Marco sempre soube que, no final das contas, ele seria o rei de Niroli, mas também acreditava que isso levaria muitos anos para acontecer, coisa que certamente ignorava para usufruir o presente. Contudo, na realidade, o que ele pensava ser uma obrigação distante estava prestes a acontecer.

Seria esta consciência a razão para o sonho que tivera? Afinal de contas, se concordasse em fazer como o rei Giorgio havia solicitado e retornar a Niroli para se tornar seu governante, não seria um

elemento de demonstração masculina no alto dos seus poderes retornar para rivalizar com o velho líder? Marco conhecia e compreendia o velho homem muito bem. Seu avô alegraria que ele estava pronto para assumir o governo real, mas Marco desconfiava que Giorgio ainda gostaria de controlar quem o estivesse apoiando o quanto pudesse. E mais, apesar de sua consciência sobre esse fato, Marco sabia que o desafio de governar Niroli e transformá-lo no país que gostaria de ver o empolgava.

Nunca teve dúvidas de que, quando finalmente assumisse o trono, faria mudanças no governo da ilha para trazê-la ao século XXI. Ele teria que suceder o seu conciliatório e gentil pai, sem deixar a tirania do avô pesar sobre seus ombros.

Marco balançou os ombros de forma indiferente. Ao contrário de seu falecido pai, homem sábio e tranquilo, qualidades reconhecidas desde cedo pelo filho, que fora impiedosamente intimidado e desprezado pelo rei, Marco nunca se deixou subjugar pelo avô, mesmo quando criança. Eles compartilhavam a mesma característica: a violenta autoconfiança, que era o motivo do conflito entre os dois. Agora, como um homem maduro e poderoso, não havia a menor possibilidade de Marco permitir que *qualquer pessoa* questionasse seu direito de fazer as coisas ao seu modo. Ele sabia que, ao tomar o trono, necessitaria fazer algumas mudanças em seus hábitos. Havia certas leis reais que ele deveria obedecer, mesmo que por fingimento.

Uma dessas leis proibia o casamento do rei de Niroli com uma mulher divorciada. Marco não tinha pressa em se casar, mas sabia que quando decidisse fazê-lo, deveria ser com uma princesa real, pré-aprovada e de incontestável virtude. De alguma forma, ele não achava que isso combinasse com os seus propósitos, ou com os *paparazzi*, se o vissem se divertindo abertamente com uma amante em vez de cumprir o dever de encontrar uma esposa adequada.

Ele olhou na direção da cama em que Emily dormia, esquecendo-se do que o esperava pela frente: o fim iminente desse relacionamento. Os longos cabelos naturalmente louros de Emily encontravam-se espalhados pelo travesseiro. Para sua surpresa, Marco sentiu-se subitamente tentado a entrelaçar seus dedos pelos fios sedosos, mesmo sabendo que o toque poderia acordá-la. Seu corpo se enrijecia só de pensar no contato íntimo com aquela mulher. Ele ainda a desejava intensa e constantemente, mesmo depois de todo o tempo em que estavam juntos, tempo esse muito maior do que jamais havia passado com outra mulher. As necessidades e desejos sexuais de Marco Fierezza não poderiam ser comparados ao desafio de tornar-se rei de Niroli.

Rei de Niroli.

Emily não sabia nada sobre sua ligação com Niroli, sobre o seu passado, e conseqüentemente não sabia nada sobre o futuro dele. Por que deveria? Que motivos ele teria para contá-la, se havia escolhido viver no anonimato? Ele deixou Niroli jurando provar para seu avô que poderia se manter por conta própria e ter uma vida de sucesso sem usar sua condição real. Marco descobriu rapidamente que seu anonimato tinha certas vantagens particulares. Como segundo herdeiro ao trono de Niroli, cresceu acostumado à sedução de certas mulheres que tentavam atraí-lo. Seu avô o advertira de que deveria estar atento e aceitar que nunca saberia se uma mulher queria dividir a cama com ele por causa dele mesmo ou pelo que ele representava. Vivendo em Londres como Marco Fierezza, em vez de príncipe Marco de Niroli, ele estava cinicamente convencido de que o que atraía o sexo oposto era a combinação da riqueza e da boa aparência que ostentava. Ele não atrairia esse tipo de frenesi se usasse o seu título de nobreza. Marco não se opunha em recompensar generosamente suas amantes com presentes caros e uma vida luxuosa enquanto estivessem juntos. Ele franziu as sobrancelhas. Marco ainda se irritava com o posicionamento firme de Emily em recusar todas as joias que ele regularmente tentou presenteá-la.

Ele ainda tentou convencê-la em aceitar o presente como uma recompensa, quando ela retrucou de forma direta:

– Para que isso? – Depois de presenteá-la com um bracelete de diamantes para comemorarem um mês juntos.

Ela ficou pálida e olhou para a caixa de couro que continha o bracelete.

– Você não precisa me subornar, Marco. Estou com você por desejo, não pelo que você pode comprar para mim.

Agora Marco estava tenso, repetindo a reação que teve àquelas palavras, como se Emily as estivesse pronunciando naquele momento. Ele podia sentir a mesma irritação e raiva comprimindo seus músculos. Era surpreendentemente inacreditável que a mulher com quem ele dividia os prazeres sexuais pudesse ousar sugerir que ele precisaria suborná-la para que ela se deitasse com ele!

Ele logo respondeu à altura, Marco recordou. Sua resposta foi machista e ácida.

– Não, você entendeu mal. Afinal, eu já sei por que se deita comigo e o quanto me quer. O suborno, se você prefere chamar assim, não é para mantê-la na minha cama, mas para garantir que você a deixe de forma rápida e silenciosa quando eu não a quiser mais.

Ela não contestou, mas ele pôde perceber nas expressões de Emily o que estava sentindo. Nenhuma mulher conseguiria ser mais importante para ele do que sua rígida determinação em não se permitir ser dominado ou enfraquecido pelas emoções. Ele cresceu observando como aquele avô rígido e determinado facilmente usava o generoso amor do próprio filho para coagir, manipular e, na maioria dos casos na presença de Marco, humilhar para conseguir que fizesse o que o rei Giorgio queria.

Marco presenciou o bastante para ter qualquer ilusão sobre o valor do orgulho masculino ou da vontade inabalável sobre gentileza e desejo de agradar os outros. Não que Marco não amasse seu pai; prova disso era que, quando jovem, frequentemente se ressentia e atacava verbalmente o avô pela forma como o velho homem tratava seu herdeiro direto.

Marco decidiu que isso nunca aconteceria com ele. Não permitiria que ninguém, nem mesmo o rei de Niroli, ditasse sua vida.

Marco tinha plena consciência de que, apesar de ter frequentemente irritado seu avô com o seu jeito rebelde, o velho homem nutria um contido respeito por ele. O orgulho e a tenacidade eram atributos que tinham em comum, e os dois eram parecidos em muitos aspectos. Mesmo assim, Marco sabia que quando *ele* fosse o rei de Niroli faria muitas mudanças para modernizar o reino. Marco considerava o modo como o avô governava Niroli quase feudal. Ele concordava com a opinião do pai de que era essencial dar às pessoas a oportunidade de gerir suas próprias vidas, e não tratá-las como o avô os tratava, como crianças analfabetas incapazes de tomar suas próprias decisões. Ele tinha tantos planos para Niroli. Não era de se estranhar que estivesse ansioso para abandonar o papel que havia criado para si em Londres e vestir o manto a que estava destinado! A ideia de vir a ficar sem a amante o aborrecia um pouco. Afinal de contas, era um homem maduro e suas ambições iam um pouco além do que desejar uma parceira de cama com quem ele nunca poderia arriscar ter um compromisso emocional ou legal.

Não sentiria saudades de Emily, garantiu a si mesmo. O único motivo pelo qual se permitiu pensar no assunto era a preocupação com o fato de que ela não aceitaria com calma e tranquilidade o fim do romance dos dois. Ele não pretendia magoá-la, longe disso.

Marco nem tinha decidido se realmente precisaria contar a ela. Ele deixaria Londres, claro, mas suspeitou que os *paparazzi* certamente saberiam o que estava se passando em Niroli, já que a ilha era

governada por uma das famílias reais mais prósperas do mundo.

Para o próprio bem de Emily, ela deveria compreender que nada do que eles viveram poderia afetar o futuro de Marco como rei de Niroli. Ele realmente nunca entendeu a constante recusa de Emily em aceitar seus presentes caros ou permitir que ele a ajudasse financeiramente ou de qualquer outro modo na pequena empresa de design de interiores que possuía. Como ele não conseguia entender isso, apesar de estarem juntos há quase três anos, Marco se perguntava o que ela estaria esperando ganhar dele que fosse mais valioso do que dinheiro. Era da sua natureza não confiar em ninguém.

Marco ficou tenso, automaticamente evitando a indesejada dor que a lembrança de seus pais e suas mortes ainda lhe causava. Ele não queria admitir aquela dor e certamente não admitiria os sentimentos confusos que enterrara tão profundamente: o sofrimento em nome do pai; culpa por não ter podido enxergar o que seu avô fazia com seu pai, por não ter sido capaz de evitar tudo isso; raiva pelo pai ter sido tão fraco; raiva do avô, por ter se aproveitado dessa fraqueza, e de si mesmo, por ter enxergado o que não gostaria de ver.

Marco e seu avô fizeram as pazes, seu pai já se fora e ele agora era um homem, não mais um menino. Ele agora só revivia a dor do passado em seus sonhos, e quando o fazia, o sofrimento podia ser rapidamente eliminado pela paixão bruta de satisfazer seu desejo físico com Emily.

E quando Emily não estivesse mais por perto? Por que estava perdendo seu tempo se perguntando coisas tão idiotas? Em último caso, encontraria outra amante. Sem dúvida teria que ser uma ligação discreta com o tipo de mulher certa, talvez a jovem esposa de um marido mais velho, mas não tão jovem a ponto de não compreender as regras, claro. Se Emily fosse sensata o suficiente, ele poderia até mantê-la com a respeitabilidade de um casamento com algum cortesão e, em troca, prosseguirem com o romance deles, quando ele se tornasse rei de Niroli. Mas Marco reconhecia que a grande paixão que a fazia ser uma amante responsável também demonstrava que ela não era o tipo que se adaptaria às regras de uma amante real.

Emily adoraria Niroli, uma ilha tão bela e frutífera que as antigas crenças diziam que o próprio Prometeus ergueu-a das profundezas do oceano para que pudesse presentear a humanidade.

Porém, onde havia tanta beleza também havia muita crueldade, como muitas lendas relatavam. Os deuses cobraram um preço alto pelas belezas de Niroli.

Marco descobriu-se, sabendo que não conseguiria dormir agora. Ele dirigiu-se à janela, seu corpo esbelto, forte e incrivelmente delineado sob a luz do luar, como que esculpido por um grande mestre.

O vento estava mais forte, jogava a chuva contra as janelas e fazia com que os galhos desfolhados das árvores se curvassem. Marco pensou novamente em Niroli, onde frequentemente violentas tempestades varriam a ilha e agitavam o mar ao redor.

Quando menino, adorava assistir ao vento selvagem maltratar as terras distantes, abaixo da torre do castelo real. Nunca teve autorização para sair e brincar como os outros meninos faziam. Em vez disso, seu avô insistia que permanecesse dentro dos limites do castelo, aprendendo sobre o passado da família e sobre suas futuras funções como rei da ilha.

Na cabeça de Marco, ideias incontroláveis começavam a se formar, enroscando-se como fantasmas que vinham das memórias da infância. Sempre fora seu avô, e não seus pais, que ditava e impunha as regras da sua infância...

– Marco, volte para a cama, está frio sem você. – A voz de Emily era suave, lenta, calorosa e repleta de docilidade e promessas. Era um convite implícito.

Ele se virou. Afinal de contas, ele a acordara. Emily dirigia sua pequena empresa de design de interiores em um modesto escritório. No primeiro momento em que a viu em um coquetel, Marco a desejou e quis conquistá-la. Ele fez questão que ela percebesse isso também. Marco estava acostumado a traçar o seu próprio caminho, exigindo seus direitos para direcionar o curso da própria vida, mesmo que para isso precisasse impor suas vontades sobre aqueles que se opusessem a ele. Ele rapidamente descobriu que Emily era uma mulher divorciada e sem filhos, o que a tornava o modelo perfeito para o papel de sua amante. Se ele já soubesse de sua verdadeira história emocional e sexual, não teria insistido. Porém, quando descobriu a verdade, seu desejo já era tanto que foi impossível rejeitá-la.

Ele olhava para ela agora, sentindo aquele enorme desejo outra vez e lutando para contê-lo, como sempre lutou contra tudo ou todos que ameaçavam controlá-lo.

– Marco, algum problema? O que há?

De onde viria essa capacidade inconsciente que ela aparentava possuir, prevendo o que não poderia saber? No ano em que seus pais morreram, as tempestades chegaram antes a Niroli. Marco lembrava-se como e onde recebeu as primeiras notícias. Mesmo antes que dissesse qualquer coisa, ela, de alguma maneira, já sabia que algo estava errado. Por outro lado, enquanto era intuitiva no que dizia respeito aos sentimentos dele, Emily não foi esperta o suficiente para fazer a conexão entre o anúncio da morte de seus pais e as notícias na mídia sobre a morte do herdeiro direto ao trono de Niroli. Marco lembrou o quanto ela demonstrou-se magoada quando ele avisou que iria ao funeral dos pais sem ela, mas não disse uma palavra. Talvez porque ela não quisesse provocar uma briga que pudesse levar ao fim do relacionamento. A razão para ela não querer o término da relação, por mais que demonstrasse desinteresse pelo dinheiro dele, era que Emily estava bem consciente do que poderia perder financeiramente se o relacionamento acabasse. Na opinião de Marco, era impossível que qualquer mulher fosse tão desinteressada pelos benefícios financeiros que poderia receber na condição de sua amante.

No escuro do quarto, Emily fez uma careta enquanto ouvia o próprio tom apelativo. Por que será que não conseguia se conter, mesmo não concordando com o que estava se tornando? Estaria destinada a sempre se envolver em relacionamentos que a deixassem insegura?

– Nada de errado – Marco respondeu. Havia um tom em sua voz que a deixou tensa e assustada, apesar do esforço que fazia para que isso não acontecesse. O problema é que, quando se começa a mentir para si mesma com frequência, no que diz respeito à realidade do seu relacionamento, quando se começa a fingir que não percebe ou não se importa em ser a parte mais fraca, em não se valorizar ou se respeitar o suficiente, você entra em um estágio onde o maior esforço não é para descobrir a verdade, mas para se esconder dela. Emily se deu conta de que só poderia culpar a si mesma por se encontrar nessa situação.

Ela sabia desde o início o tipo de homem que Marco era e o tipo de envolvimento que queria com ela. O problema era que ela conhecia melhor os planos de Marco do que os seus próprios. Apesar de tentar veementemente, muitas vezes quando estava se sentindo por baixo, como agora, ela sempre cedia à tentação de fantasiar como Marco poderia ser diferente. Ele não precisava ser tão rico ou tão atraente sexualmente a ponto de poder ter a mulher que desejasse, mas, pelo contrário, poderia ser apenas um homem comum com objetivos comuns: um casamento feliz, uma esposa... O coração de Emily disparou, provocando uma pequena dor. Ela pensou nos filhos que poderiam ter... e mais uma vez seu coração apertou, agora mais forte.

Por que havia sido tão tola ao se apaixonar por Marco? Ele deixou claro desde o início o que queria dela e o que daria em retorno, e amor não fazia parte do acordo. Mas ela nunca poderia imaginar que se apaixonaria. No início, ela desejava tanto Marco que estava feliz em seguir com um relacionamento puramente sexual, pelo tempo que ele a desejasse.

Ela era a única responsável pela dor que tinha que suportar agora, pela farsa que tinha que representar e pelo medo que a rondava. Em breve Marco perceberia a mentira e a deixaria. Ela se odiava tanto por ser fraca e por não ter coragem de admitir o seu amor e assumir as consequências de deixá-lo, apesar da inevitável e terrível dor. Mas quem poderia saber? Talvez seguir sem Marco pudesse ajudá-la a encontrar a liberdade de ser uma nova pessoa. Mas ela era tão covarde que não seria capaz de dar aquele passo. Sabia que tinha que partir e lidar com os seus sentimentos, mas em vez disso permanecia e sofria milhares de vezes ao perceber a falta de amor de Marco por ela.

Apesar disso, ela o desejava e não conseguia desistir da frágil esperança de que talvez, apenas talvez, as coisas pudessem mudar e que um dia Marco olharia para ela e descobriria que a amava. Que um dia daria a ela acesso àquela parte que guardava com tanta ferocidade e confessaria que gostaria de viver com ela para sempre...

CAPÍTULO 2

ESTE ERA o sonho de Emily, mas a realidade era outra. Recentemente, ela percebera que eles estavam mais afastados do que juntos. Na manhã anterior, prometera a si mesma que enfrentaria os seus medos. Emily respirou fundo..

– Marco, eu sempre fui franca... e honesta com você... – Isso não seria bom, ela não poderia fazer isso. Não poderia fazer essa pergunta a ele: – Você quer terminar o nosso relacionamento? – Além disso, ela não foi tão honesta com ele, foi? Não contou, por exemplo, que tinha se apaixonado. O coração de Emily deu outro nó.

Marco estava olhando para ela. Seus cabelos escuros e sedosos estavam curtos, mas não tão curtos que ela não pudesse deslizar seus dedos por entre os fios para segurá-lo junto dela quando faziam amor. A luz era suficiente para que ela visse o brilho nos olhos dele, como se Marco adivinhasse o rumo dos pensamentos dela e percebesse o quanto o desejava. Marco tinha o olhar mais penetrante que Emily conhecera. Ele encarou-a da mesma forma na noite em que se conheceram, quando ela tentou manter a razão e não se deixar seduzir abertamente por um par de olhos castanho-claros de um predador...

Emily sabia que deveria demonstrar firmeza e pedir uma explicação para as mudanças que percebia em Marco, mas, na infância, não aprendera a falar abertamente sobre seus sentimentos. Muito pelo contrário, costumava trancá-los atrás das portas da tranquilidade e do autocontrole. Seria por medo das consequências que ela não permitia que seus verdadeiros sentimentos viessem à tona? Ou por medo de revelar a verdade? Algo *estava* errado. Marco *mudou*, estava ausente e preocupado. Emily não tinha como negar isso. Estaria cansado dela? Será que ele pretendia terminar o relacionamento? Não seria melhor, mais prudente, mais coerente, se ela o desafiasse a contar a verdade? Ela realmente acreditava que ignorando os seus medos eles desapareceriam?

– Você disse que sempre foi franca e honesta comigo, Emily, mas isso não é verdade, é?

O coração de Emily deu um salto de desespero. Ele saberia? De alguma forma ele adivinhou o que ela estava pensando e, pior ainda, ela percebeu que ele estava buscando uma discussão... pois isso lhe daria um argumento para terminar tudo.

– Lembra da noite em que a levei para jantar e você me contou sobre o seu casamento? Lembra como você foi “franca” comigo e o que deixou de me contar? – Marco lembrou-a sarcasticamente.

Emily mal conseguia falar. Ela foi invadida por uma mistura de alívio e angústia. Seu casamento! Durante todo esse tempo acreditou que Marco tinha entendido as cicatrizes que o seu passado havia deixado, mas agora percebia que estava errada.

– Não foi proposital, você sabe disso – Emily tentou responder com a voz firme. – Eu não escondi nada deliberadamente. – Por que ele estaria trazendo isso de volta? Ele não podia estar tentando usar isso para se livrar dela... Não era o tipo de homem que precisava de artifícios para fazer alguma coisa. Ele era bastante arrogante para precisar suavizar qualquer golpe que precisasse executar.

Marco desviou o olhar de Emily, irritado por ter dito o que disse. Por que havia trazido à tona o casamento dela agora, quando a última coisa que queria era o perigo que envolvia o sentimentalismo de voltar ao início do relacionamento? Mas *era* tarde demais, ele já tinha tocado no assunto...

Ele levou Emily para jantar, preparou a cena para que a noite terminasse como ele esperava e disse friamente o quanto gostaria de fazer amor com ela e como estava satisfeito em saber que Emily era uma mulher comum, com um casamento por trás e sem filhos para se preocupar.

– Por que você se divorciou? – Se havia algo no passado dela, ele gostaria de saber antes que as coisas fossem adiante.

Por um momento ele pensou que ela fosse se recusar a respondê-lo, mas então Emily arregalou os olhos suavemente e ele percebeu que ela havia entendido corretamente a pergunta. Ela sabia perfeitamente que caso se recusasse a responder, o relacionamento deles terminaria antes mesmo de começar.

Quando Emily finalmente começou a falar, ela o surpreendeu com uma interrupção, quase gaguejando e mexendo nervosamente nos talheres para depois retornar mais calma e controlada do que antes. Seu rosto demonstrava ansiedade e ele deduziu que o término de seu casamento deveria estar relacionado a algo que ela teria feito. Algo como ter sido infiel. A última coisa que Marco esperava ouvir foi o que ela realmente contou. Tanto que ele se sentiu tentado a desmenti-la, mas algo no olhar dela o deteve...

Marco inquietou-se ao lembrar o quanto ficou chocado com a inesperada compaixão que sentiu por ela à medida que Emily se esforçava para superar a dificuldade em tocar em um assunto que certamente era muito doloroso...

– Eu perdi meus pais quando tinha sete anos e fui criada por meu avô – Emily contou. – Ele era austero comigo, não se sentia à vontade com crianças, principalmente com meninas sensíveis. Era um professor aposentado pela Cambridge University, muito modesto e gentil. Ele lia os autores clássicos para eu dormir. Meu avô conhecia muito sobre literatura, mas naquela época eu não percebia que ele sabia tão pouco sobre a vida. Fui criada com muita proteção e restrição em alguns aspectos, principalmente quando cheguei à puberdade e a saúde dele começou a se deteriorar. O círculo de amizades de vovô era muito restrito, alguns velhos professores e... Victor.

– Victor? – Marco perguntou, ao perceber a hesitação na voz de Emily.

– Sim, Victor Lewisham, meu ex-marido. Ele foi um dos ex-alunos do vovô que se tornou professor-assistente na universidade.

– Ele devia ser bem mais velho que você – Marco supôs.

– Vinte anos mais velho – Emily concordou. – Quando ficou claro que vovô estava doente, ele me disse que Victor concordara em cuidar de mim. Vovô morreu algumas semanas depois dessa conversa. Eu estava então no primeiro ano da faculdade e, apesar de saber o quanto ele estava frágil, não estava preparada. Perdê-lo foi um choque. Era tudo o que eu tinha. Por isso, quando Victor me pediu em

casamento e disse que era a vontade de vovô, eu... – Ela abaixou a cabeça, desviou o olhar de Marco e disse em voz baixa: – Eu deveria ter recusado, mas não conseguia imaginar como me sairia sozinha. Estava com tanto medo... fui tão covarde.

– Então foi um casamento de conveniência? – Marco sacudiu os ombros de forma debochada. – Ele era bom na cama?

Marco continuava irritado em admitir que sua provocação direta a Emily tenha recaído sobre uma onda de ciúmes provocada só de imaginá-la com outro homem. Ciúme sexual era uma emoção que ele não estava acostumado a sentir. Sexo era sexo, uma vontade física satisfeita por um ato sexual. Emoções não tinham nada a ver com isso e ele não via por que deveriam. Ele ainda pensava assim. Marco não entendia por que havia confrontado Emily daquela forma, ou o que o havia levado àquela fúria fora de contexto ao pensar nela com outro homem. Até porque ela ainda não era sua. As lágrimas contidas nos olhos de Emily o pegaram de surpresa. Inicialmente ele quis acreditar que estavam relacionadas ao sofrimento vivido pelo término do casamento, mas, para seu espanto, ela confessou:

– Nosso casamento... nosso relacionamento nunca se consumou fisicamente.

Marco lembrou como se esforçou para não demonstrar o seu espanto, talvez por ter reconhecido, pela primeira vez na vida, que o que precisava demonstrar não era a arrogante indiferença tão frequentemente evidenciada por seu avô. Agora, ele precisava de controle e paciência para deixar que ela se explicasse. E foi o que Emily fez, depois de observar que ele não se recusara a acreditar nela.

– Eu era muito ingênua para perceber que o fato de Victor não tentar se aproximar de mim sexualmente talvez não fosse... pelo cavalheirismo de considerar a minha inexperiência – ela continuou. – E como mesmo depois do casamento eu continuava não o desejando, foi fácil não questionar o fato de ele não querer fazer amor comigo. Se eu não tivesse tido uma vida tão resguardada e tivesse passado mais tempo com gente da minha idade, as coisas provavelmente teriam sido diferentes e eu certamente perceberia que algo estava errado. Isso foi até eu... encontrá-lo com outra pessoa na cama e entender...

– Ele tinha uma amante – Marco interrompeu-a.

Houve apenas uma pausa antes que ela contasse calmamente:

– Ele tinha outra pessoa sim, *um* amante – ela enfatizou. – Eu deveria ter imaginado, claro, e suspeito que o pobre Victor pensava que eu sabia. Ele me tratava como uma estudante mais jovem, como uma criança que pudesse reverenciá-lo e aceitar sua superioridade. O fato de eu tê-lo encontrado na cama com um de seus jovens alunos foi um terrível golpe para o amor próprio de Victor. Ele não conseguiria me perdoar. A única maneira que encontrei para me desculpar por ter sido tão imprudente foi insistir no divórcio. No início, ele relutou em aceitar. Victor pertencia mais à geração de meu avô do que à sua própria. Ele não conseguia aceitar sua sexualidade, por isso tentou conciliá-la com um falso casamento. Meu avô me deixou um pouco de dinheiro, então eu vim para Londres a arrumei um emprego. Sempre me interessei por design de interiores. Voltei para a faculdade para me formar e, há alguns anos, depois de trabalhar em estúdios de outras pessoas, comecei a trabalhar no meu negócio. Eu queria uma vida nova, me afastar das pessoas que sabiam... sobre Victor. Eles deviam me ver como uma idiota por não ter percebido. Eu me sentia um tipo de aberração... casada, mas não casada.

– E virgem? – Marco acrescentou.

– Sim – Emily concordou antes de continuar.

A comida chegou antes que Marco tivesse a chance de perguntar sobre o homem que ele presumia ter tirado a virgindade dela. Marco teve curiosidade sobre este homem e o invejou.

Marco franziu as sobrancelhas evitando lembrar do forte desejo de urgência que sentiu ao ver Emily e que se manteve vivo mesmo depois de tê-la possuído.

Ele voltou para a cama enquanto Emily o observava, o coração dela batia acelerado no peito. Eram amantes por quase três anos e Marco ainda provocava as mesmas reações nela, como da primeira vez que o havia visto. A sexualidade de Marco ainda provocava fascinação e domínio, mesmo agora que Emily podia sentir a dor do abismo emocional entre eles tão forte quanto o desejo. Quando se encontraram pela primeira vez, ela imediatamente o desejou, ainda sem saber que esse desejo a escravizaria emocional e fisicamente. E se soubesse, teria agido de forma diferente? Teria dado meia volta e se afastado dele o mais rápido possível?

Emily pôde esconder a tristeza em seus olhos na escuridão da noite. Tristeza que a denunciaria se Marco pudesse vê-la. Foi um pouco antes do Natal que ela notou pela primeira vez que ele parecia irritado e preocupado, voltando-se para si mesmo e evitando-a. Inicialmente, ela achou que ele poderia estar com algum problema nos negócios, mas agora estava começando a temer que o motivo do descontentamento poderia ser o relacionamento deles. Se o distanciamento tivesse começado nos meses seguintes ao acidente no qual Marco perdera os pais, ela teria achado que este era o motivo. Afinal, mesmo um homem que se vangloriava de ser racional como Marco seria obrigado a sofrer depois de um acontecimento tão trágico. Contudo, a primeira coisa que fez quando retornou foi levá-la para a cama, sem falar uma só palavra sobre o funeral ou sobre sua família. E fez amor com ela de forma intensa e quase compulsiva.

Marco raramente falava sobre sua infância, e nunca sobre sua família. No início, ela se adaptou perfeitamente a isso. Emily achou que o relacionamento deles, inicialmente, era uma transição da ingenuidade para a experiência, uma ponte necessária entre o abismo do seu passado para o futuro, um passaporte para a nova vida de uma mulher adulta. Porque, apesar de tudo, ela tinha a esperança de um dia encontrar um verdadeiro parceiro. Um homem com quem pudesse dividir sua vida, a quem pudesse entregar-se amorosamente e com quem pudesse ter filhos.

Como havia sido tola e imprudentemente inconsciente dos riscos que estava atraindo para si. Emily simplesmente não pensou que pudesse se apaixonar por Marco! Ele foi claro sobre o modo como levava sua vida e o que buscava nos relacionamentos: enquanto estivessem juntos, ela poderia confiar plenamente na sua fidelidade, mas quando acabasse, estaria acabado e ponto-final. Ele não desejava nenhum envolvimento emocional da parte dela e isso não deveria ser esperado dele. E o mais importante de tudo, ela não deveria engravidar.

– E se houvesse um acidente e...? – ela perguntou.

Marco a interrompeu imediatamente.

– Não haverá acidentes – ele respondeu asperamente. – Com os modernos métodos de contracepção, não há razões para acidentes. Se você tiver algum motivo para pensar que houve algum, então deve certificar-se de que a situação seja resolvida sem demora.

Emily o desejava muito para admitir o quanto estava chocada com aquela atitude tão fria. Em vez disso, ela disse a si mesma que isso não importava, já que pretendia esperar para ter os seus filhos quando encontrasse o homem certo para ela.

Marco insistiu com tanta ênfase e determinação e ela o desejava tanto que a verdade era que quaisquer que fossem as dúvidas que Emily tivesse, elas tinham sido suprimidas pelo desejo sexual criado entre eles. Pela primeira vez na vida, ela conheceu o verdadeiro significado da palavra “luxúria”.

Todos os seus sonhos e pensamentos ao acordar eram com ele e como seria quando ele a levasse para a cama.

Ela ia a uma das lojas de *lingerie* mais caras de Londres em busca das peças mais provocantes que poderia imaginar para excitar e fascinar Marco. Depois de uma semana encontrando-se com ele, ela passou a usar as mais sedutoras, rendadas e menores roupas íntimas para trabalhar. Tudo isso para o caso de Marco aparecer e insistir em levá-la para o seu apartamento para consumarem a relação. Emily sorriu só de lembrar o quanto se sentia sensualmente poderosa e das coisas que imaginava que poderiam acontecer...

Tais fantasias não eram nada perto da realidade das reações que tinha com as habilidades sexuais de Marco. Ele a despiu com calma e paciência, no belo quarto da pequena casa de Emily em Chelsea, quase a irritando por fazer seu corpo tremer de desejo com seus toques. E então, mesmo depois de tocá-la, as carícias de Marco eram tentadoras e suaves, um leve passar de dedos e lábios, fazendo-a desejar algo mais secreto e íntimo. Só de pensar nisso agora, o seu coração dava cambalhotas dentro do peito e a deixava fraca de desejo. Ela recordou o quanto tentou mostrar sua ansiedade, mas Marco se recusava a se apressar. Os lábios de Marco provocavam os bicos dos seus seios, os dedos acariciavam a barriga e deslizavam para as coxas, enquanto ela suspirava de prazer. Marco abriu as pernas de Emily e com os dedos acariciou seu sexo, fazendo-a gemer em voz alta.

Ele mal começou a beijá-la mais intensamente e o telefone tocou. No impulso, ela fez a besteira de atender para logo descobrir que se tratava de um de seus clientes mais difíceis que queria discutir algumas ideias para a nova reforma. Logo que Emily se livrou do cliente, Marco já estava vestido, deixando claro que *não* ficaria em segundo plano.

O incidente mostrou-a que ele sempre desejaria as coisas à sua maneira e ela não cometeu o mesmo erro outra vez. Ou este erro estaria condicionando a vida profissional de Emily à vida de Marco? Recentemente reconheceu que, no fundo, era o tipo de mulher que ansiava por ser o eixo da família, tanto como mulher quanto mãe. Ela não gostaria de estar do outro lado do mundo ajudando um cliente a escolher o tom da tinta para uma reforma e deixando o seu companheiro chegar e encontrar a casa e a cama vazias. Gostava do seu trabalho e estava orgulhosa por tê-lo conseguido, mas sabia que o que realmente a estimulava era criar um ambiente feliz para aqueles que amava.

Contudo, Marco era o tipo de homem que apreciava um desafio, e o que a fez sentir-se um pouco melhor mais tarde foi ele ter admitido o quanto ansiou por aquela noite. Não poderia ter ansiado mais que ela. Menos de três meses depois de terem se conhecido Marco convidou-a para morarem juntos. Foi quando eles tiveram a sua primeira discussão. Emily descobriu que ele esperava que ela desistisse de seu trabalho. Ele foi categórico ao afirmar que poderia lhe dar uma mesada.

– Eu quero ficar com você – ela afirmou –, mas não vou abrir mão da minha independência financeira, Marco. Não quero o seu dinheiro.

– Então o que quer? – ele questionou curioso.

– Você – ela respondeu de forma simples, e a discussão foi esquecida quando ele se empolgou com o seu alegre pedido. Pelo menos foi o que ela achou. Só mais tarde ela entendeu que, longe de respeitar sua recusa em aceitar o seu dinheiro e os presentes caros que ele poderia lhe dar, Marco estava desconfiado e desdenhoso.

Se ela tivesse prestado atenção àquela mensagem, talvez não estivesse nessa situação agora.

CAPÍTULO 3

ELLES VIVERAM meses maravilhosos. Marco trabalhava muito, mas também gostava de usufruir as boas coisas da vida. Ele aparentava ser o tipo de homem acostumado a ter o melhor. Mas, ao mesmo tempo em que às vezes lamentava sua arrogância, Emily admitia que estava adorando as novas experiências que vivenciava com ele. Marco saía com ela algumas vezes durante a semana, mas o melhor de tudo era que, como amante, ele não apenas satisfazia suas fantasias sexuais como as superava, levando-a a uma esfera de descobertas e deleites sexuais que jamais imaginara existir.

Em poucas semanas como amantes, Emily passou a conhecê-lo tão bem sexualmente que com apenas um toque ou um olhar ela era capaz de compreender o que Marco desejava e prontamente respondia com o olhar.

Marco era um amante exigente e magistral, que gostava de conduzir a situação e ensinar novos prazeres. Muitas vezes a levava ao delírio em locais quase públicos, e ela chegava a corar só de lembrar. Frequentemente, o sexo se estendia por quase toda a noite. Emily era uma aluna ávida, que desejava cada vez mais com o passar do tempo e à medida que sua confiança sexual crescia com os ensinamentos.

No primeiro Natal que passaram juntos, Marco presenteou-a com um lindo diamante, deixando-a à vontade para colocá-lo no anel que desejasse. Emily percebeu a surpresa de Marco quando pediu que, em vez disso, fizesse uma doação para um orfanato de sua preferência.

Marco não disse nada, mas no aniversário de Emily, ele levou-a para um refúgio romântico e fizeram amor até ela gemer de prazer. Ele presenteou-a com um par de brincos e disse:

– Já enviei um cheque com o mesmo valor para uma instituição de caridade.

Foi então que ela percebeu que cometera um erro imperdoável, apaixonara-se por ele!

Sim, como foi idiota ao deixar que isso acontecesse. Ele voltou para a cama, mas deitou-se de costas para ela. Lá fora, a ventania que começara cedo batia contra a janela.

Normalmente, o fato de estar segura e aquecida dentro do quarto, enquanto a chuva caía lá fora, teria lhe deixado confortável. Principalmente por estar acolhida nos braços de Marco. Mas ela não se sentia assim. Será que ele *estava* se cansando dela?

MARCO PODIA ouvir a respiração suave de Emily atrás dele. Seu corpo ansiava pelo alívio que teria se a possuísse fisicamente, e por que não? Ele já havia decidido a quantia que estava disposto a dar para Emily em recompensa ao tempo que passaram juntos. Por sinal, bem generosa. Tão generosa que se sentia à vontade para continuar usufruindo os prazeres que tinham juntos. Ele não podia fugir do fato de que ainda desejava Emily. Outras mulheres com quem tinha dividido a cama antes de Emily, inclusive mais experientes e ousadas sexualmente, o haviam entediado rapidamente.

O que o deixava ainda mais surpreso era que ele estava começando a querer a companhia de Emily fora da cama, conversar com ela sobre os seus negócios e deixá-la persuadi-lo a fazer doações para instituições de caridade. Emily não aprovaria a recusa do avô de Marco em fazer o menor esforço possível para melhorar a renda do povo de Niroli. O rei Giorgio não concordava que a educação poderia oferecer mais recursos à vida do pobre do que a ilha já oferecia.

Não, definitivamente Emily não era a amante ideal para o rei de Niroli. Mas, por outro lado, ele ainda não era rei. Marco virou-se para observar a silhueta de Emily. As curvas de seus seios fizeram-no lembrar como preenchiam perfeitamente a palma de suas mãos. Como sempre, seu forte instinto sexual reagiu à proximidade de Emily. Ele já podia ter feito sexo mais de mil vezes enquanto se relacionavam, mas isso não diminuía o desejo que sentia agora. No fundo, ele detectava o potencial perigo de tal compulsão e preferiu afastar esses pensamentos. Marco pretendia terminar o relacionamento antes de voltar para Niroli. Ele deveria se assegurar de que nenhum vestígio de saudade ficaria em sua memória ou em seus pensamentos. Marco estava certo de que Emily poderia ser facilmente substituída na cama. Se ele reconhecia algo particularmente prazeroso nela, isso não significava que corria o perigo de se apaixonar para sempre. Ele relaxou ao perceber o quanto era ridículo achar que poderia estar em risco por desejá-la.

No momento em que Marco tocou Emily, ela sentiu que seu corpo tornou-se totalmente submisso e ardente, era um desejo familiar que não conseguia controlar. Marco retirou a cobertura e um pequeno fio prata da luz do luar iluminou os bicos dos seios dela, revelando-os para seu deleite. Ele acariciou-os, fazendo o corpo de Emily estremecer e arrepiar-se, enquanto se curvava em um gesto simbólico de sedução e oferecimento para seu amante.

Marcou apertou as formas macias de Emily. Ela olhou para ele com os olhos cheios de excitação, e aproximou-se dele. A única coisa com que ele se importava agora era possuí-la. Seu prazer aumentava ao testemunhar o êxtase de Emily ao ser preenchida por ele, perdendo-se nela e levando-a com ele. Marco se sentia golpeado por seus desejos e nada mais existia ao redor. Ele afastou os cabelos dela e beijou-a nas partes mais erógenas do pescoço. Marco massageava os seios de Emily eroticamente e pressionava seu membro rígido contra as coxas dela.

Emily sorriu. Fazer sexo com Marco era entregar-se completamente. Mesmo quando Marco a beijava casualmente, ele gostava de sentir todo o seu corpo encostado ao dela. E ela não se incomodava, nem um pouco! Emily adorava ser possuída por Marco. Apenas em seus braços, como agora, se entregava por completo aos sentimentos, em vez de lutar para tentar controlá-los. Quando fazia amor com ela, Marco nunca hesitava em demonstrar o desejo que sentia, permitindo que ela liberasse todo o desejo apaixonado por ele. Havia algo quase pagão na maneira como faziam amor que às vezes a deixava um pouco surpresa. Sempre sintonizada com a disposição de Marco, hoje ela sentiu uma maior urgência por parte dele, o que a deixou ainda mais excitada. Emily gemeu suavemente quando sentiu a boca de Marco no bico do seu seio sensível e a mão dele aceitou o convite das suas pernas abertas.

Nos primeiros dias como amantes, ao perceber sua leve inabilidade sexual, ele a relaxou com champanhe e algumas brincadeiras sexuais suaves, antes de convencê-la a se posicionarem nus diante de um espelho. Depois, cuidadosamente e de forma bastante sensual, ele mostrou a ela seus próprios mistérios sexuais. Diante do espelho, Marco fez com que ela visse seus grandes lábios, róseos e desejosos de prazer. Acariciava-os de modo que ela pudesse ver e sentir as próprias reações para, em seguida, concentrar-se naquele pequeno pedaço de carne tão sensual e sensível do clitóris de Emily. Ele a levou ao orgasmo diante do espelho, deixando-a com um olhar parte chocado e parte excitado, em êxtase.

Logo depois, Emily teve sua doce revanche. Virou a mesa e explorou o corpo de Marco com mãos e lábios ávidos por desejo. Abriu aquelas pernas musculosas de modo que pudesse explorar o sexo dele com todos os seus sentidos.

Agora, enquanto ele explorava seu sexo quente, ela se contorcia ávida pela recompensa de prazer. Mas, dessa vez, ele não pretendia prolongar suas brincadeiras amorosas, partindo para cima dela gemendo e penetrando-a de forma poderosa e compulsiva, com se não pudesse tê-la por completo, levando os dois com mais avidez e voracidade ao santuário que os esperava.

Instintivamente Emily se agarrou a ele e embarcou junto naquela tempestade turbulenta de prazer.

Marco se sentia tomado por uma estranha força que o impulsionava a penetrá-la mais forte e mais profundamente. Emily tremia e retribuía essa intensa paixão que o dominava com responsividade. Ela cravou as unhas nas costas de Marco, encorajando-o a possuí-la e preenchê-la. A excitação sexual e a umidade de Emily inundavam tudo ao redor e Marco respondia aos estímulos sexuais. Uma necessidade primitiva tomava conta de Marco. Fazia algum tempo desde a última vez em que usara camisinha para fazerem sexo; o relacionamento deles já tinha tempo suficiente para ele saber que não precisava se preocupar com doenças e Emily tomava anticoncepcional. Além do mais, ele sabia o quanto ela gostava do contato direto quando faziam sexo.

Será que Marco estava consciente do quanto a estava penetrando fundo? Emily parecia tonta e quanto mais intenso e primitivo fosse o prazer, maior era a sensação do orgasmo para ela. Será que ele sabia que quando chegasse ao orgasmo ejacularia muito próximo ao útero dela? Ele sabia o quanto ela o desejava? Ela soltou um gemido, quase um choro de tormento, quando chegou ao orgasmo, e agarrou-se a ele. Emily jogou a cabeça para trás em um êxtase pagão à medida que o prazer a fazia tremer, só para intensificar um segundo momento de prazer maior ainda, enquanto seus ossos pareciam derreter à medida que Marco gozava dentro dela.

Emily piscava os olhos repetidamente. O que haviam acabado de experimentar juntos fora incrivelmente prazeroso. Lágrimas de emoção escorreram por seu rosto. Seria possível que Marco transasse com ela daquela forma sem amá-la? A mudança que percebeu no comportamento dele poderia ser pelo fato de estar apaixonado e, ao mesmo tempo, relutante em admitir? Emily foi tomada por uma profunda ternura por Marco e pela vulnerabilidade que ela sabia que ele jamais admitiria. Ela aninhou-se nele, aquecida por seu corpo e pela intimidade que acabaram de vivenciar e, acima de tudo, pela esperança que crescia dentro dela. Emily o ensinaria o quanto o amor poderia torná-lo mais forte, e não enfraquecido. Ela lhe mostraria, como já vinha tentando, que era *ele* que importava e não as coisas que poderia lhe oferecer. Marco nunca lhe confessara por que era tão irredutível com a ideia de não acreditar nem precisar de amor. Emily deduziu que, ainda muito novo, Marco deveria ter sofrido com algum amor não correspondido e jurara nunca mais se apaixonar. Para um homem orgulhoso como ele, tal ferida deveria ser bastante profunda. Marco era muito reservado para falar sobre seu passado e sobre

sua vida pessoal. Uma coisa que Emily aprendeu logo na relação deles era que ele se fechava todas as vezes que ela tentava tocar em tais assuntos. Então, o fato de ainda estarem juntos deveria significar alguma coisa, ela admitiu, sonolenta. Não poderia ser o amor que estava sentindo por ela sem se dar conta?

CAPÍTULO 4

EMILY ESTAVA tendo dificuldades em concentrar-se no que sua última cliente falava. Seu habitual profissionalismo estava comprometido com o recente cansaço e as ondas de enjoo que vinha sentindo nas últimas semanas, provavelmente algum vestígio de virose mal tratada.

Marco havia saído cedo para o trabalho esta manhã enquanto ela dormia e deixou um bilhete dizendo que tinha algumas coisas para resolver. Não havia nada de estranho com a sua saída matutina. Mas hoje, por algum motivo, Emily sentia uma profunda necessidade em vê-lo, estar com ele. Por quê? Emily lamentou e sacudiu a cabeça, na tentativa de se livrar daquela sensação. Não adiantou muito, a ansiedade permanecia. Ela olhou o relógio, já estava quase na hora do almoço. No início da relação, antes de Marco convidá-la para morarem juntos, com uma certa apreensão e uma dose de ousadia, Emily costumava fazer uma visita informal quando passava por perto do escritório e aproveitava para esperá-lo.

De repente, ela se virou para a cliente e disse, firmemente:

– Lamento, mas preciso ir. Você tem o meu e-mail, caso precise entrar em contato. – Emily percebeu pelo olhar da cliente que não receberia nenhuma comissão por aquele projeto. Mas pensou que estar com Marco naquele momento era mais importante que qualquer coisa.

MARCO ESTAVA de pé ao lado da mesa de seu moderno escritório decorado por Emily. Sobre a mesa que ela lhe deu de presente, havia uma foto que tiraram quando comemoraram um ano juntos. Agora, Marco analisava a foto.

– Os reis de Niroli recebem amor, Marco – seu avô lhe disse, quando ainda era um adolescente. – Eles apenas não retribuem. Estão acima dos outros homens, não tentam transformar desejo físico em sentimentalismos. Eles não precisam. Você está crescendo rápido e logo descobrirá que seu status real atrairá para si as mulheres mais belas e predatórias. Elas lhe darão seus corpos, mas em troca tentarão conseguir dinheiro e posição. Também tentarão tramar, mentir e trapacear na cama e, se você for idiota o suficiente para permitir, um dia elas lhe presentearão com filhos bastardos que serão eternas lembranças da sua estupidez e um permanente perigo para o trono de Niroli. Você pode ter os prazeres de todas as mulheres que se oferecerem, mas lembre-se do que lhe disse. No final, se casará com uma

mulher real e de reputação moral impecável, que lhe dará herdeiros legítimos. Seus únicos herdeiros, se você for esperto, Marco.

Bem, ele estava sendo esperto, não estava? – Marco indagou a si mesmo. E pretendia continuar sendo. Ele olhou para a carta sobre a mesa, que chegara no dia anterior, com o brasão e o selo de Niroli estampados. Por isso foi para o escritório tão cedo hoje. A carta era de seu avô e contava os últimos detalhes do seu plano de abdicação. O povo de Niroli, escreveu o rei Giorgio, já estava sendo preparado para a volta de Marco e para recebê-lo como novo governante. Ele precisava falar com o avô, mas o protocolo o obrigou, no dia anterior, a seguir pacientemente um arcaico procedimento para garantir que os privilégios dos antigos assessores do seu avô não fossem afetados, só então poderia falar diretamente com o avô. Marco pretendia fazer uma varredura nesses antigos assessores quando tomasse o trono. Seus planos eram trazer uma mentalidade moderna e inovadora para o governo de Niroli através dos cortesãos de sua própria geração que concordavam com a sua maneira de pensar.

ELE OLHOU para o relógio. Em exatos vinte minutos, o telefone de sua mesa tocaria e o assistente do rei o colocaria em contato com o seu avô. Marco suspirou. Tinha carinho por seu velho parente e sabia que Giorgio nutria um contido respeito por ele. Marco também sabia que ambos eram muito parecidos e jamais conseguiriam compartilhar seus sentimentos. Em vez disso, eles se conformavam com os papéis que adotaram para si na adolescência de Marco. Marco olhou o relógio outra vez. Tudo isso era apenas para garantir ao avô que retornaria a Niroli assim que resolvesse os negócios em andamento, coisa que poderia ser feita com um simples e rápido telefonema, sem a necessidade desse demorado cerimonial.

Um dos negócios em andamento dizia respeito a Emily e, claro, ele não gostaria de discutir isso com o avô. Ele estimou que ainda teria algumas semanas antes de partir e decidiu que não faria sentido terminar com Emily até lá. Um término simples, sem possibilidades de retorno, era a melhor maneira de lidar com a situação. Ele diria que tudo estava acabado e que deixaria o país, e isso era tudo. Ele a levou para sua cama como o simples Marco Fierezza e não via motivos para revelar sua verdadeira posição real agora. Emily deveria continuar conhecendo-o como um rico empresário, não como o futuro rei de Niroli. Era verdade que mais cedo ou mais tarde ela descobriria quem ele era – os *paparazzi* tinham uma verdadeira fixação pelo Palácio Real de Niroli –, mas até lá suas vidas já estariam totalmente separadas. A relação deles nunca teve a pretensão de terminar em compromisso. Marco deixou isso claro desde o início. Por outro lado, eles já estavam juntos há três anos, ao passo que se entediava com as outras namoradas no terceiro mês. Marco sacudiu os ombros para se livrar dos pensamentos que insistiam em mostrar-lhe o que não queria admitir.

Repentinamente, Marco começou a sentir um forte e selvagem ciúme sexual. O que era isso? Por que cargas d'água sentia uma fúria visceral ao pensar em Emily saindo com outro homem? Ele contraiu os lábios. Sua preocupação era com Emily, e não com ele mesmo. Afinal, ela era a parte vulnerável, não ele. O passado sexual de Emily era muito diferente do seu e, somente por causa disso, era natural que se preocupasse com o fato de ela não estar preparada para lidar com um amante que poderia não tratá-la tão bem como ele o tinha feito.

Marco olhou para o retrato dela, relutante em recordar o primeiro dia em que a possuiu. Ele esperava surpreendê-la, mas no fundo quem foi surpreendido foi ele...

Ele percebeu o quanto ela ficou animada quando ele entrou em sua loja e disse que viajariam por alguns dias. Quando ele voltou para pegá-la, mais tarde naquele dia, Marco pôde ver plenamente em

seus olhos o quanto ela o desejava. Assim como ele a ela.

Ele foi totalmente – alguns diriam até que brutalmente – honesto com ela ao declarar que não tinha tempo para as bobagens emocionais ou para se apaixonar. Ele informou calmamente que já tinha terminado relacionamentos anteriores pelo simples fato de suas namoradas terem se declarado apaixonadas por ele. Emily recebeu o comunicado com a mesma calma. Apaixonar-se por ele não estava em seus planos, ela garantiu. Estava tão comprometida quanto ele em ter um relacionamento com base na atração sexual. Emily sorriu e acrescentou que aquela proposta era perfeita para ela. Marco sentiu sinceridade na declaração dela.

Marco fez uma reserva para eles em um balneário em uma pequena ilha particular exclusiva para ricos e casais sem crianças. Tudo era projetado para atrair os casais e acolhê-los em total privacidade, além de oferecer um serviço discreto.

Eles chegaram no final da tarde e caminharam pelos estonteantes e belos jardins. Marco se recordou de como Emily segurava sua mão e do brilho que tinha nos olhos, quando fizeram uma pausa para apreciarem o pôr do sol. Também lembrou que não resistiu e pegou Emily nos braços para beijá-la de forma tão calorosa e sensual que a deixou trêmula.

Eles retornaram para o chalé despindo-se pelo meio do caminho com avidez e pressa para compartilharem um banho no luxuoso banheiro. A resposta física de Emily foi maior do que Marco podia esperar. Ela não se conteve e compartilhou cada toque íntimo entre eles até que ele a penetrasse. Marco ficou surpreso ao vê-la tensa enquanto a penetrava, pois pensou que ela estivesse tão ansiosa para sentir o corpo dele dentro dela quanto ele para sentir o calor da carne quente e úmida ao redor dele.

No início, ele supôs que Emily estivesse fazendo o gênero recatada, pensando que assim pudesse excitá-lo ao assumir uma postura inocente e indecisa. A frustração o deixou menos observador e mais impaciente do que normalmente era, daí ele ter ignorado os sinais que o corpo dela lhe dava e empurrado com mais força ainda. Nesse momento, ele ouviu o som abafado emitido por Emily e percebeu a verdade: ela ainda era virgem.

A primeira reação que Marco teve foi de uma raiva selvagem alimentada pela frustração masculina e pelo seu orgulho inflado, provocada pelo fato de não ter adivinhado a verdade. Transar com uma virgem inexperiente e o possível ônus de responsabilidade que isso acarretaria, tanto físico quanto emocional, eram coisas que ele não queria.

– Que droga é essa? – ele gritou. – Tudo bem, eu sei sobre o seu casamento, mas eu pensei que... só porque...

– Porque o quê? Que eu pularia no primeiro homem que encontrasse? – Emily revidou. Por baixo da agressividade na voz, Marco percebeu um tremor de incerteza no tom de Emily. Com isso, sua raiva abrandou-se e ele ficou mudo, com um nó na garganta.

– Bem, isso realmente passou pela minha cabeça – ela declarou. – Mas, no fundo, eu era covarde para levar adiante. Se você quiser pode culpar o meu avô, mas transar com um homem que eu não queria verdadeiramente só para me livrar da minha virgindade foi mais difícil do que me entregar a um homem que eu realmente desejava.

Marco deu de ombros displicentemente para não ter que lidar com aqueles sentimentos novos que o invadiam, muito menos com os dela.

– Se você pensa que estou contente por isso, deixe-me dizer uma coisa...

– Você não precisa me dizer nada, Marco – ela o interrompeu. – Está na cara o que você sente.

– Eu não sei o que você está pensando ou esperando – ele disse, ignorando o comentário dela –, mas a despeito do que queira acreditar, a maioria dos homens sexualmente maduros não fantasiam iniciar uma virgem! Eu certamente não! A razão pela qual a trouxe aqui era para que pudéssemos nos entregar aos desejos de duas pessoas experientes. Para mim, isso significa que compartilharíamos desejos físicos um com o outro cientes das nossas próprias vontades e expectativas.

– Sinto muito se você acha que eu tenha vindo sob falsos pretextos – Emily admitiu. – Talvez eu o devesse ter prevenido.

– Talvez?

O desprezo na voz dele provocou uma resposta imediata.

– Eu não queria fazer o papel de “ainda sou virgem” só pela razões que você mencionou – ela se defendeu. – Eu não queria que isso fosse um problema, nem estava certa de que você notaria.

Marco lembrou o quanto ela ficou vermelha quando ele a olhou com descrença.

– Eu realmente sinto muito – ela se desculpou.

– Você *sente muito*? Eu estou tão decepcionado... – ele começou.

– Eu também – Emily o interrompeu com tanta doçura que a irritação anterior se evaporou.

– Decepcionada, mas virgem e apreensiva? – ele se sentiu obrigado a ressaltar.

– Sim, mas nenhuma dessas condições é permanente, ou é? – ela respondeu.

– Você confia em mim para lidar afetivamente com as três?

– Eu confio em você para tornar isso possível para *nós* – ela o corrigiu carinhosamente. – Acredito que a participação em um acontecimento conjunto é feita para deleite de ambos, mesmo que nesse momento em particular eu seja a parte aprendiz.

Marco não estava acostumado a ser provocado ou a compartilhar risadas durante um relacionamento íntimo, mas logo descobriu que dividir alegria podia ter suas próprias qualidades afrodisíacas.

Marco fez amor com ela tão lentamente que ele foi o primeiro a admitir que a resposta entusiasmada dela no final foi a grande recompensa. Foi Emily que o encorajou a fazer amor mais rápido e profundo, até que ele estivesse tão perdido quanto ela no prazer que compartilhavam. Não o suficiente a ponto de não testemunhar o ar de deleite nos olhos dela quando chegou ao orgasmo...

Por que diabos estava pensando nisso agora? Isso não existia mais, eles não existiam mais, ou pelo menos deixariam de existir em breve.

Alguém bateu gentilmente na porta do escritório. Marco franziu a testa. Não esperava por ninguém e havia pedido à assistente para não ser incomodado. Ainda estava surpreso quando a porta se abriu e Emily entrou sorrindo para ele. Não era comum Marco ser pego de surpresa por algo ou alguém, mas nesse caso...

– Minha reunião terminou mais cedo – ele ouviu Emily dizer despreocupadamente. – Então resolvi vir até aqui para ver se você estava livre para almoçarmos.

Como ele não respondeu, ela fechou a porta e caminhou na direção dele.

– Ou talvez pudéssemos esquecer a saída e o almoço. Lembra Marco, como costumávamos... O que há de errado? – ela perguntou duvidosa.

O sorriso de Emily desapareceu e Marco se deu conta de que havia demorado muito para reagir depois de sua chegada.

Normalmente, o fato de estar desatento seria sua principal preocupação. Mas por algum motivo, ele percebeu que havia magoado e chateado Emily e surpreendeu-se com uma súbita vontade de

desculpar-se. Desculpar? Ele? Marco estava atônito com seu próprio impulso fora do normal. Ele nunca se desculpava com ninguém.

– Nada de errado – ele disse secamente, sabendo que algo estava muito errado com ele por ter se sentido daquela maneira. Não poderia estar se sentindo culpado, ou poderia? Uma voz interior crítica e traidora salientava: *Afinal de contas, você mentiu para ela e está prestes a abandoná-la...*

Ela sabia as regras básicas, Marco disse a si mesmo. O acesso de consciência o deixou mais irritado ainda e ele descontou essa irritação em Emily.

– Sim, há – Emily insistiu. – Você está me olhando como se eu fosse a última pessoa que quisesse ver.

– Não seja ridícula, eu só não esperava vê-la. Olha, eu não posso sair para almoçar. Estou esperando uma importante ligação a qualquer momento e depois disso tenho um compromisso. – Isso não era totalmente verdade, mas ele não queria de jeito nenhum que Emily aguardasse enquanto ele conversava com seu avô. Primeiro, porque ele não sabia o quanto demoraria na ligação e depois... depois porque ele ainda não estava pronto para contar a Emily o que ela precisava saber.

Porque ele ainda não conseguia negar o prazer que sentia ao fazer amor com ela. Sua consciência zombou: *Tem certeza de que estará pronto um dia?* Ele se livrou imediatamente daquele indesejado pensamento, mas o fato de ter pensado o deixou mais irritado.

– A Sra. Lawson deve ter avisado que eu não queria ser incomodado – ele comentou com Emily.

Ela percebeu a impaciência em sua voz e desejou não ter vindo. A arrogância de Marco às vezes a fazia esquecer o quanto ele a magoava facilmente. Emily era muito orgulhosa para permanecer ali e deixá-lo presenciar sua dor.

– A Sra. Lawson não estava quando entrei.

– Não estava lá? Ela é minha assistente, pelo amor de Deus. Onde ela está?

– Ela provavelmente foi ao toalete, Marco. Não é culpa dela – Emily salientou. – Sinto muito se não era uma boa hora – ela sorriu, sem graça. – Deveria ter confirmado com você antes de vir.

– Sim, deveria – Marco concordou secamente. Em alguns minutos o telefone tocaria e, se ele atendesse, ela escutaria Marco falando alto para compensar a surdez de seu velho avô.

Emily arregalou os olhos ao perceber a rejeição de Marco e ainda estava parada olhando diretamente para ele, quando começou a empalidecer. Marco a tratara com se fosse uma desconhecida.

– Não se preocupe com isso. Sinto muito por ter incomodado – ela tentou falar, mas percebeu a fragilidade da própria voz. Nesse momento, desejava estar o mais longe possível de Marco e daquela droga de escritório. Estava prestes a chorar, e tudo o que não queria era deixar Marco ver o quanto a tinha humilhado. Emily abriu a porta, saiu e mal parou para observar a cara de espanto da assistente ao vê-la. Ela correu para fora do escritório com a cabeça baixa e as lágrimas engasgadas na garganta.

O que havia com ela? Emily se perguntou, ao entrar no táxi. Não era uma menininha inexperiente para reagir de forma exagerada a cada nó na garganta! Ela já passava dos vinte anos, era divorciada e já estava com Marco por quase três anos. A vida sexual deles havia lhe deixado mais exuberante sexualmente. Isso já era praticamente palpável no primeiro ano em que estavam juntos. Uma cliente chegou até a comentar que Emily irradiava sensualidade.

Emily duvidou que vestisse esse magnetismo sexual agora, admitia com tristeza.

Ela entregou ao motorista do táxi o endereço do apartamento de Marco. *Apartamento do Marco*, ela percebeu que era assim que sentia. Não era o apartamento *deles*, apesar de ele ter dado carta branca para que o reformasse de acordo com o gosto dela. Posses materiais, mesmo para a casa de uma pessoa com quem ela mantinha uma ligação sentimental tão forte, não significavam nada se não envolvesse as

emoções certas. Por que será que isso aconteceu? Por que se apaixonou por Marco? Por que não poderia ter ficado como ela era, extremamente consciente do nível de intimidade sexual, na superficialidade do desejo carnal que sentiam um pelo outro, satisfeita com o alívio e o prazer de ter sido tirada por ele da escuridão e daquele lugar desgraçado que tinha habitado depois do divórcio e passado para o deslumbrante cenário de inimaginável beleza que era a intimidade que dividiam? Por quê? Por que não se contentou com aquilo? Por que teve que se apaixonar?

Emily tremia e se afundava no banco do táxi. E por que, além de se apaixonar, ainda se atormentava com a esperança de que um dia as coisas poderiam mudar, que um dia ela pudesse olhar nos olhos dele e perceber que ele a amava? A esperança de que um dia isso acontecesse algumas vezes parecia tão frágil e irreal que ela temia por si mesma. Medo da vulnerabilidade de uma mulher que precisava tanto de um homem em particular e que estava prestes a agarrar-se a uma linha tão tênue. Mas o que mais poderia fazer? Ela poderia contar a ele exatamente como se sentia. Emily pressionou os lábios, culpada e certa de que não se abriria com ele. Porque ela estava com medo de perdê-lo... Por que estava se permitindo ser levada por questões tão desconfortáveis e dolorosas? Por que essas questões insistiam em escapar do lugar de onde ela tentou escondê-las? Que tipo de mulher era ela para viver mentindo para o homem que amava? Que tipo de relação era essa em que o homem deixava claro que não havia espaço para o amor na vida que gostaria de levar?

Emily pagou a corrida e esperava trêmula pelo troco. Seu estômago já começava a embrulhar. Desta vez, o motivo era a rejeição de Marco à sua visita. Se bem que ela tinha que admitir que sentira tanta náusea pela manhã que nem conseguiu tomar o café. Agora estava começando a se sentir ligeiramente tonta e fraca.

Começava a chover quando Emily desceu do carro. Por que não poderia falar com Marco? Afinal, eram amantes e compartilhavam grande intimidade física. Intimidade física, sim, mas nenhuma intimidade emocional. A infância de Emily a ensinou a ser cautelosa ao demonstrar suas necessidades. Era de sua natureza esconder sua parte mais vulnerável. Somente nos braços de Marco, no auge da intimidade, sentia-se segura o suficiente para permitir que seu corpo mostrasse o que havia no seu coração, mesmo sabendo que ele não era capaz de reconhecer.

– SIM, VOVÔ, entendo, mas não posso fazer milagres. Não posso voltar para Niroli antes do final do mês, como já tínhamos combinado. – Marco tentava controlar o seu temperamento conforme seu avô argumentava em voz alta, quando interrompeu-o secamente. – Certo, admito que não tenha concordado. Mas isso não altera o fato de eu não poder retornar em breve.

O avô dele bateu o telefone. Marco recolocou o fone no lugar, levantou-se e virou-se para olhar pela janela. Chovia. Era óbvio que seu avô estava furioso por ele ter se recusado a alterar a data de sua ida para Niroli. Marco não estava preocupado com a raiva do avô, isso não o aborrecia mais. Marco olhou irritado para o relógio, estava com fome e precisando da calma companhia de Emily.

Marco se surpreendeu com o rumo dos seus pensamentos. Não fazia sentido pensar em Emily desse jeito se pretendia terminar o relacionamento com ela! Era melhor se concentrar nas coisas que não gostava nela, como... O modo como ela insistia em manter os compromissos profissionais, mesmo quando ele tinha outros planos. *Essa é a única crítica que pode fazer?* Uma voz interior crescente e irritante perguntava ironicamente. Marco sorriu, mentalmente reconhecendo a ironia de seus

pensamentos. Sim, era verdade que, de várias maneiras, Emily era a amante perfeita para o tipo de homem que era enquanto vivia em Londres. Mas ele não seria mais esse homem por muito tempo.

Quando chegasse a hora de encontrar a amante real, ela teria que ter qualidades que Emily não possuía. Principalmente a de ter que aceitar um possível marido mais velho. Esse era um tipo de protocolo real de Niroli, o qual, na opinião de Marco, se mantinha na era Eduardiana. Marco certamente pretendia promover mudanças que beneficiassem mais o povo de Niroli do que seus reis. Mas talvez houvesse certas tradições que devessem ser mantidas. Emily não poderia continuar como sua amante, mas isso não justifica a forma como a tratara mais cedo. Podia ter sugerido que ela fosse para um de seus restaurantes preferidos e o esperasse lá.

Marco pensou em ligar para Emily e sugerir que ela o encontrasse para almoçar, mas desistiu. Ela não era o tipo de mulher que aceitava brincadeiras tolas quando estava de mau humor. Apesar do tempo que estavam juntos, só de pensar nela ele já ficava excitado. Marco pegou o telefone e ligou para a loja de Emily.

A assistente atendeu e informou:

– Emily não está, Marco. Ela ligou há poucos minutos dizendo que trabalharia em casa. Ainda não está totalmente curada daquela virose.

Marco respondeu de forma neutra. Ele sempre estava no seu melhor estado de saúde, mas agora o seu estado de ânimo necessitava das carícias que só Emily poderia fazer. Ela possuía um inesperado e árido senso de humor que, aliado à sua inteligência e percepção aguçada, conseguia fazê-lo rir quando menos esperava. Mas ele reconheceu que, ultimamente, o senso de humor de Emily não andava essas coisas. Marco ficou surpreso ao perceber o quanto desejava estar com ela agora. Era impressionante o que um pouco de culpa provocava, pensou. Marco também decidiu trabalhar em casa.

A melhor maneira para amenizar os aborrecimentos, pelo que Marco sabia, era na cama, onde rapidamente faria Emily esquecer qualquer coisa, exceto o desejo que sentiam um pelo outro...

EMILY FEZ uma cara feia ao ouvir a mensagem que uma de suas clientes deixara e decidiu responder por e-mail em vez de ligar. Seu laptop estava no escritório que ela e Marco dividiam. Emily tomou o caminho do escritório, ignorando firmemente o mal-entendido que tivera com Marco mais cedo, quando ele se recusou a almoçar com ela.

Cinco minutos depois, estava parada diante da janela do escritório, sem se lembrar do motivo que a levava lá, o laptop. Emily estava horrorizada com o envelope que segurava. Ondas de calor seguidas de calafrios percorriam seu corpo, que tremia inteiramente diante do choque. A vista embaçada mal lhe permitia enxergar o endereço no envelope, mas a parte superior esquerda chamava sua atenção: era o brasão *real*, seguido do endereço: *Príncipe Marco de Niroli...*

Emily não ouviu a chave de Marco na porta do apartamento, muito menos ele chamando por ela. Estava tão chocada que não percebia nada ao redor. Aquela imagem estava gravada em seu cérebro de modo que jamais poderia esquecer. O estado de hipnose foi quebrado quando Marco abriu a porta e entrou, mas sua chegada não diminuía a dor de Emily. Ela agarrou-se ao envelope e, com a voz alta e embargada, disse:

– Bem-vindo, *Sua Alteza*. Suponho que eu deva reverenciá-lo.

Ela esperou, rezando para que ele risse e afirmasse que era um mal-entendido, que o envelope endereçado ao príncipe Marco de Niroli era um engano idiota.

CAPÍTULO 5

COMO A pequena chama vulnerável de uma vela na escuridão, sua esperança se apagava timidamente. Quando finalmente ela encarou Marco, a esperança se extinguiu de vez. Era o fim. Agora, nesse minuto, eles tinham terminado. Emily sabia que não precisaria de palavras, a dor daquela descoberta golpeava seu já debilitado corpo.

– Devolva isso – Marco exigiu, tirando o envelope das mãos dela.

– É muito tarde para destruir as evidências, Marco – Emily disse gaguejando. – Agora eu sei a verdade. Também sei o quanto menti para mim todo esse tempo, fingindo ser algo que não era, me deixando pensar... – Ela cravou os dentes no lábio inferior tentando, com isso, afastar a outra dor. – Você acha que eu não li os jornais? Acha que o povo de Niroli sabe que o seu príncipe é um mentiroso? Ou mentir não tem importância quando se é um membro da família real? – ela o desafiou.

– Você não tinha o direito de mexer na minha mesa – Marco revidou o ataque furiosamente, odiando ter sido pego desprevenido e colocado na posição de culpado. Ele procurou acusar Emily. – Pensei que tivéssemos acordado que os nossos papéis pessoais fossem nossa privacidade – ele respondeu, agressivamente. – Eu confiei em você...

– Confiou? Foi por isso que escondeu este envelope por baixo de tudo? – Ela o desafiou, negando com a cabeça para responder sua própria pergunta. – Não, você não confia em mim, Marco. Você não confia em mim porque sabe que não posso confiar em você, e sabe disso porque é um mentiroso. – Emily não se sentia bem, quase não conseguia respirar. – Tudo o que pensei que soubesse sobre você é baseado em mentiras. Você não é apenas Marco Fierezza, você é o príncipe Marco de Niroli. Você é uma mentira, Marco...

– Você está levando para o lado pessoal. A razão pela qual ocultei meu status real não tem nada a ver com você. Foi uma decisão que tomei antes de nos conhecermos.

– Como pode dizer isso? Tem tudo a ver comigo, e se você tivesse algum vestígio de decência ou moral saberia disso. Como pôde mentir sobre quem é e ainda assim dividir comigo uma vida de intimidade? Como pôde conviver consigo mesmo sabendo que os outros, não apenas eu, acreditavam, aceitavam e confiavam em você, quando todo o tempo...

– Pare de ser tão ridiculamente dramática – Marco exigiu com firmeza. – Você está fazendo uma tempestade em um copo d'água.

– Tempestade? Quando acabo de descobrir que você me enganou o tempo todo em que estivemos juntos? Quando me contaria, Marco? Talvez planejasse ir embora sem me dizer nada? Afinal, o que significam os meus sentimentos para você?

– Significam muito – Marco a interrompeu. – E foi em parte para protegê-los e a você que decidi não informá-la das mudanças de circunstâncias, quando meu avô anunciou que pretendia afastar-se do trono e transferi-lo a mim.

– Proteger a mim? – Emily estava furiosa. – Transferir o trono? Não precisa continuar, Marco. Não é de se estranhar que você tenha me avisado, quando me levou para a cama pela primeira vez, que tudo o que queria era sexo. Você *sabia* que era o único tipo de relacionamento que poderia existir entre nós! Você *sabia* que um dia seria o rei de Nirolí. Não há dúvidas de que pretende se casar com uma princesa. Ela já foi escolhida para você, sua noiva *real*?

– Não.

Emily sacudiu os ombros desdenhosamente.

– Não precisa responder, porque eu não posso acreditar em você, não agora.

– Emily, escute. Isso já foi longe demais. Você está sendo ridícula. Sei que você ficou um pouco chocada, mas...

– Um pouco chocada?

Quando ela virou e foi na direção da porta, Marco perguntou:

– Aonde você vai?

– Arrumar minhas coisas – Emily informou. – Estou indo embora, Marco, agora! Eu não posso e não ficarei aqui com você. Eu não quero mais você.

– Não seja estúpida. Para onde você vai? Esta é a sua casa.

– Não, este é o *seu* apartamento, nunca foi minha casa. Eu tenho a minha própria casa, lembra? – ela o desafiou.

Marco franziu as sobrancelhas

– Mas sua assistente está morando lá.

– Ela estava morando lá, mas foi morar com o namorado. Não que isso ou qualquer outra coisa da minha vida lhe diga respeito, Sua Alteza.

– Emily... – Ele tentou se aproximar dela, mas ela se esquivou. O olhar de raiva e desprezo o deixou irritado. Ela o acusava de mentira e fraude, mas e as reações dela? E o fato de ter mexido nos seus papéis? As acusações de Emily feriram seu orgulho. Agora que reconhecia não deter mais o controle da situação e que ela o estava deixando, Marco sentiu o despertar de todo o seu machismo. Ela pertencia a ele, pelo menos até ele decidir terminar a relação.

Emily arregalou os olhos chocada quando os dedos dele apertaram seu pulso, e ela pôde perceber um ar de excitação no olhar dele.

– Largue-me – ela exigiu. – Você não espera...

Ele não a deixaria ir, Emily percebeu. Emily sentiu um tremor percorrer a sua espinha, e não era medo.

– O que eu não espero, Emily? – ele repetiu suavemente. – Isso significa que não a levarei mais para a cama, é isso que ia dizer? Que eu não posso mais tocá-la ou abraçá-la?

Emily já estava indo na direção da porta do escritório quando ele se adiantou, passando por ela e batendo a porta. Então, ele apoiou as duas mãos na porta, deixando Emily presa entre seus braços. Uma onda de excitação a envolveu, fazendo com que lembrasse dos primeiros dias da relação, quando só de

saber que Marco a desejava era o suficiente para deixá-la tremendo de desejo. Exatamente como se sentia agora. Ela tentou negar não apenas o seu desejo, mas as intenções de Marco também. As palavras ficaram presas na garganta. Por baixo da lã de seu suéter, ela podia sentir os bicos do seio arrepiando e um forte desejo no peito. Quanto tempo fazia que não se sentia assim? Há quanto tempo Marco não se mostrava dessa forma? Tanto tempo que ela nem se lembrava. Tanto tempo que, por causa disso, já não conseguia resistir à sua sedução.

O coração de Emily saltava dentro do peito. A pressão no peito desceu pela barriga para provocar seu sexo, fazendo-o pulsar de excitação e desejo. Ela sabia que deveria estar horrorizada com a própria reação diante do que acabara de descobrir e determinada a não permitir que ele a tocasse, enojada só de pensar nisso. Mas Emily reconhecia que não se sentia assim. Muito pelo contrário, ela o desejava tão intensamente que se sentiu completamente dominada.

– É isso que você ia me dizer, Emily. Que eu não provocarei mais desejo em você, que não posso fazer isso...? – Ele passou a ponta do dedo pelo pescoço dela, provocando um violento tremor erótico. Marco estava mais próximo dela, tão próximo que ela podia sentir o perfume familiar da colônia dele e o calor da excitação em seu corpo. Aquela poderosa e sutil sexualidade masculina a deixava derretida e excitada, mesmo que sua mente dissesse que ela deveria resistir e que este não era o modo correto de reagir, se quisesse que ele acreditasse no que ela dissera.

Ela poderia dizer algo, mandá-lo parar, dizer que eles não deveriam... mas sabia que não conseguiria. Assim como também sabia que sua mais profunda porção feminina desejava essa demonstração de masculinidade da parte dele, ansiava por uma ardente onda de desejo em si mesma, assim como desejava o calor e a luxúria que invocavam sabe-se lá de onde. Emily sabia que teria conseguido sair antes que ele segurasse a porta, e também sabia que ele não a teria detido. Mas a verdade é que ela não queria... seu corpo estava tomado por um misto de raiva e desejo provocados pela determinação de Marco em confrontá-la com seu poder de sedução sobre ela.

– Mas isso seria uma mentira, não seria? – Marco a desafiou suavemente enquanto continuava com o seu cruel ataque sensual, lambendo o pescoço de Emily entre uma palavra e outra e fazendo-a prisioneira do próprio desejo. – Não seria? – ele insistia enquanto passava a mão por baixo do suéter e abria o sutiã de Emily, liberando seus seios. Um lamento torturado e quase inaudível saiu da garganta dela.

– Você quer mais? – ele perguntou com a voz rouca e suave.

– Não! – Emily mentiu. Ela sentia a mão de Marco apalpando seu seio e acariciando o bico com a ponta dos dedos. Emily sabia que não resistiria por muito tempo à força do próprio desejo. Ela soltou um gemido de rendição, procurando por ele cegamente e puxando a cabeça de Marco ao encontro da sua. Os lábios de Emily buscaram os de Marco e ela se deixou ser explorada por sua língua.

Ela podia sentir a masculinidade de Marco fazendo pressão contra o seu corpo. Emily visualizava mentalmente aquele corpo masculino nu, tão familiar depois de todo esse tempo juntos. De olhos fechados, imaginava aquele membro grosso e rígido saltando do meio dos pelos crespos. Ela quase podia sentir a maciez, tão sedutoramente quente ao toque e respondendo às carícias de seus dedos e sua boca. Decididamente, ela desceu a mão por entre seus corpos para tocá-lo, espalhando os dedos na sua ereção e segurando-a com firmeza. Um clamor profundo de satisfação saiu de sua garganta conforme o sentia mais excitado e pulsante. O clamor tornou-se um lamento de urgência descontrolada conforme ele tirava rapidamente a sua saia.

Nem nos primeiros dias em que estavam juntos, Emily experimentou esse grau de intensa necessidade, ela reconheceu. Isso era mais ousado do que tudo o que já tinha sentido; mais ousado, mais feroz e voraz. O desejo sexual de uma mulher que precisa ser saciada.

Todos os medos contidos e que atrapalhavam sua entrega anteriormente foram descartados tão facilmente quanto suas roupas, assim como todos os obstáculos que não permitiam que ela tivesse tudo o que poderia. Marco os estava conduzindo para mergulharem juntos naquele turbilhão sem volta.

Os dedos trêmulos de Emily puxavam os botões da camisa e da calça de Marco e ela foi deliberadamente interrompida quando Marco cravou os dentes no bico de seu seio erigido. Emily arfou e gemeu, incapaz de fazer qualquer outra coisa a não ser ceder à intensa sensação que ele lhe causava. O prazer era tanto que beirava o insuportável, ela pensou. E ainda assim, era tudo o que desejava, não poderia ser com outro homem, ela não conseguiria ser tão desinibida com mais ninguém.

– Quer que eu pare? – Marco sugeriu, refrescando com a respiração a pele ardente de desejo de Emily, enquanto as pontas de seus dedos continuavam brincando com o bico do seio dela e sua boca buscava mais prazer no corpo dela.

Emily não conseguia falar, mal conseguia ficar de pé. Mas Marco sabia que ela não desejava que ele parasse. Emily passou as mãos pelo peito úmido e nu de Marco, deliberadamente curvando a cabeça para passar a ponta da língua pela sua pele e sentir o gosto da virilidade no corpo dele, enquanto aspirava o cheiro afrodisíaco que ele emanava. Em momentos como esse, só o cheiro dele era suficiente para deixá-la fraca de desejo.

A dor e o calor que a torturavam internamente só poderiam ser saciados quando sentisse a rigidez de Marco preenchendo-a e completando-a. Ela sentia uma onda de calor provocada pela contração de seus músculos na necessidade de ser preenchida.

– Agora, Marco – ela o encorajava. – Agora!

Ao perceber a demora, ela olhou para ele. Era possível perceber o perigo nos olhos dele, a penumbra que insinuava o desejo de puni-la e desafiá-la, forçando-a a reconhecer a supremacia dele, sua habilidade em controlar, provocar e saciar os desejos de Emily. Era muito tarde para tentar fazer o jogo dele e negar o seu triunfo, tentando fingir que não o desejava. A necessidade que Emily sentia era muito grande e imediata. Agora, nenhum preço era alto o suficiente para pagar a satisfação que tanto suplicava. Ela tentou resistir...

– Agora! – repetia.

Por um segundo, Emily achou que ele fosse se recusar, mas ele se aproximou e levantou-a para que suas pernas ficassem encaixadas em seu quadril, enquanto a penetrava firme com um longo, lento e deliberado movimento, fazendo-a estremecer violentamente. Quando ele se esquivou um pouco, os músculos de Emily contraíram em protesto, mas logo foram recompensados por uma segunda e profunda penetração. O intenso prazer deixa Emily úmida. Instintivamente, ela o prendeu com os músculos, saboreando e prolongando a sensação.

Ela sentia o calor da respiração dele na sua orelha, a ponta da língua seguindo as curvas de seu pescoço. Todo o seu corpo era possuído por um prazer tão intenso que poderia matar Emily.

– Marco... – ela resmungou seu nome como um pedido feminino, conforme ele a penetrava mais profundamente e mais rápido agora.

– Mais... mais. Marco... mais! – ela implorava, arfando alto e em deleite, enquanto ele correspondia com movimentos mais rápidos e ritmados. Ele os levou ao êxtase, deixando-a tão relaxada que ela desmoronou em cima dele, trêmula.

O calor da fúria que o conduzia foi diminuindo na sua pele suada. Quando deveria sentir-se triunfante e satisfeito por ter feito Emily reconhecer que ainda podia excitá-la, Marco só conseguia sentir uma absoluta consciência de que tinha cruzado uma fronteira jamais rompida. Ao forçar Emily a ceder ao desejo, ele também se forçou a reconhecer que necessitava dela. Uma necessidade passageira, trazida por uma raiva justificável, ele garantiu para si mesmo. Não significava nada se levasse em conta toda a sua vida.

– Acho que nós dois precisávamos disso – ele disse friamente. – Talvez tenha sido um ajuste para o término do nosso relacionamento, um tributo à atração mútua que nos uniu.

Emily não acreditava no que tinha feito e em como tinha se traído. Ela não conseguiria tolerar o fato de Marco estar pensando o quanto tinha sido estúpida e de que, um dia, ela havia sonhado em vê-lo tão apaixonado por ela quanto ela estava por ele. Uma onda de irritação tomou conta de Emily, não por Marco, mas por si mesma. Como havia sido tola ao não enxergar a realidade. Se Marco realmente a amasse, teria lhe contado a verdade, mas ele não o fez, nunca o faria. Ela se enganou tanto quanto Marco a enganou. Ela era a grande vilã de si mesma. A tórrida paixão do sexo agora era transformada em uma forte dor, provocada pela raiva que a consumia. Seus sonhos foram arrastados, lamentavelmente desprezados. Marco era um estranho para ela, da mesma forma que ela era estranha para si mesma.

– Era atração mútua, mas agora talvez seja desprezo mútuo – ela respondeu enfaticamente. – Não sou mais aquela garota inocente de antes, Marco.

– Isso significa o quê? – ele a desafiou, intrigado.

– Significa que aprendi bastante sobre sexo com você para saber que nem sempre ele é usado como uma expressão positiva de emoção. É claro que eu tenho consciência de que *nós* nunca dividimos uma intimidade emocional. – Emily admitia que queria dizer que Marco nunca esteve envolvido emocionalmente com ela, enquanto ela precisou se esforçar para não se envolver, quando isso era o que mais desejava. – Mas nós devemos admitir que o rompimento de qualquer relacionamento, mesmo um como o nosso, traz à tona coisas que não são fáceis de aceitar.

Marco olhou para ela preocupado. Agora, ela estava indo além dos fatos sobre o término da relação, mais do que Marco esperava, e ele não gostava disso! Por outro lado, ele estava sendo ridículo. Deveria sentir-se aliviado por ela estar sendo tão consciente, principalmente depois daquela explosão de raiva desnecessária que teve anteriormente.

CAPÍTULO 6

DO JATINHO real, Marco olhou para a pista do aeroporto de Niroli, onde um grupo de cortesãos e oficiais formalmente vestidos o esperava. Marco sorriu ironicamente ao pensar no uniforme pesado, com detalhes dourados e cheio de medalhas que seu avô lhe enviara. As instruções eram para que ele usasse o uniforme ao desembarcar, mas Marco decidiu vestir seu próprio terno.

Emily teria apreciado e entendido sua decisão. Se bem que ela provavelmente acharia graça e o teria provocado a vestir aquele uniforme inegavelmente belo e magnífico. Emily... ele tentou se livrar daquelas lembranças e das imagens eróticas de Emily deitada em sua cama, mas já era tarde. Ela estava lá, sorrindo para ele, desejando-o, assim como ele sentia sua falta. Que droga era essa?

Emily continuava invadindo seus pensamentos, onde não tinha mais o direito de estar! Sua saída abrupta do apartamento o fez antecipar a partida, para deleite de seu avô.

A porta do jatinho real foi aberta e Marco desceu as escadas, enfrentando o pôr-do-sol de Niroli. Por alguns segundos, ficou imóvel no alto dos degraus, não porque era o futuro governante da ilha, mas porque era um dos filhos que retornava. Ele quase se esquecera do incomparável cheiro do mar e da luz do sol. Marco sentiu a emoção aflorar em seus olhos. Esta era a sua casa, o seu país, e a multidão enfileirada era o seu povo. Muitos deles não tiveram o benefício de conhecer um mundo mais moderno, mas ele pretendia mudar isso. Aos mais jovens de Niroli, daria a oportunidade que as regras antiquadas de seu avô haviam negado. Determinado, Marco caminhou.

Ele aproximou-se do ministro mais antigo de seu avô, que o cumprimentou com um tradicional abraço. Marco ajustou os passos até a limusine conversível que o aguardava.

Este seria um momento de triunfo, o povo endossando a força que adquiriu ao se tornar um homem independente. Em breve, o poder da família real de Niroli seria seu e ele tomaria o lugar do avô para cumprir o próprio destino. Por que então não se sentia mais animado e por que havia aquela sensação de vazio e perda?

O desfile começou, a multidão que aguardava vibrava, crianças agitando bandeiras de Niroli e se inclinando perigosamente sobre a estrada para vê-lo melhor. Marco levantou o braço e começou a acenar. O ar refrigerado da moderna limusine o protegia do calor do meio-dia. *Mas e as pessoas? Elas devem estar sentindo calor, Marco.* Ele podia escutar Emily como se ela estivesse sentada ao seu lado.

Irritado, livrou-se daquele pensamento. Marco inclinou-se para frente, batendo no vidro que o separava do motorista e do segurança armado.

– Alteza? – o segurança perguntou.

– Pare o carro! – Marco ordenou. – Eu quero descer e caminhar – Quando ele foi abrir a porta, o segurança olhou apavorado.

– Tem certeza? – ele protestou. – Pode não ser seguro.

– Essas pessoas são nosso povo, e não nossas inimigas.

A multidão silenciou-se ao ver Marco descer da limusine. Não havia registro na história de um ato tão informal de um governante. Marco apertou a mão calejada dos trabalhadores, seu sorriso provocava alvoroço nas mulheres.

Uma mulher mais velha se infiltrou na multidão para alcançá-lo. Pelos trajes, Marco percebeu que era uma pessoa das montanhas, com as costas curvadas pelos anos de trabalho nos bosques de laranjas e nos vinhedos. Mas ainda havia um brilho de orgulho em seus olhos, quando estendeu para ele uma carteira de couro.

– Alteza, aceite este humilde presente – ela implorou. A velha camponesa dificilmente poderia arcar com as despesas de um presente. Marco sabia que era ele quem deveria dar alguma coisa para ela, por isso não ficou surpreso ao perceber a raiva e a hostilidade no rosto de um jovem miseravelmente vestido ao lado dela.

– É seu neto? – Marco perguntou, enquanto agradecia o presente.

– Sim, é, majestade, mas ele me envergonha com seu olhar mal-humorado e a falta de apreço com todos da ilha.

– É porque não temos nada! – o jovem exclamou, com o rosto corado de raiva. – Não temos nada, enquanto outros têm tudo! Nós viemos para a cidade e vemos os estrangeiros com iates e roupas caras. Nosso rei os recebem enquanto nós, habitantes da montanha, não temos nem eletricidade.

De repente, como se uma nuvem tivesse encoberto o sol, o humor da multidão ao redor de Marco mudou. Ele percebeu a raiva no rosto de um grupo de jovens de aparência rude e humildemente vestido, que se juntou ao jovem. Um dos seguranças de seu avô se precipitou para proteger Marco, mas ele se colocou firmemente entre eles e disse:

– É bom saber que o povo de Niroli se sente à vontade para falar abertamente comigo. A questão de levar eletricidade para as partes mais remotas da ilha é um problema, eu sei, que está nos planos de Sua Majestade há muito tempo. – Marco colocou a mão sobre o ombro do rapaz, puxando-o para mais perto de si, enquanto fazia um sinal com a cabeça para o segurança. Ele viu as lágrimas de agradecimentos nos olhos da velha camponesa.

Marco foi escoltado até a limusine. Sentia uma raiva que lhe causava um peso no peito. A família real de Niroli era a mais rica do mundo e, ainda assim, um de seus problemas era o povo com um alto índice de pobreza. Ele podia imaginar como Emily ficaria chocada e chateada se tivesse presenciado o que acabara de acontecer. O tempo que passou fora da ilha tinha lhe modificado mais do que imaginava, Marco reconheceu. De algum modo, ele achava que seu avô não aprovaria o que tinha em mente...

ACONCHEGADA EM uma poltrona na sala de estar de sua casa, Emily deixou-se arrebatada pelo sofrimento. Para que tentar fugir? A realidade era que Marco havia partido. Não apenas de sua vida, mas da

Inglaterra, para retornar à sua casa, para o seu trono e o seu povo. Em breve, ele a substituiria por outra pessoa. A dor aumentava e ela chorava mais, mas logo em seguida se lembrou de que o homem que amava não existia. Ele era uma criação da sua imaginação, uma fraude. Tudo o que dividiram fora baseado em mentiras. Mesmo sabendo disso, entorpecida pelo choque ao descobrir a verdade, ela fora deixada com a agonia de ainda amá-lo.

Por mais que se desprezasse por não ter sido capaz de romper a relação e apesar de saber o quanto ele a enganara, sua autocrítica não era capaz de aniquilar o amor que ainda sentia.

O que ele estaria fazendo agora? Será que ainda pensava nela? Sentia saudades? *Pare com isso, pare*, todos os seus instintos de autopreservação exigiam, agonizados. Não deveria fazer isso consigo mesma! Ela deveria aceitar que ele se fora, tinha que encontrar uma maneira de viver sem ele e o conforto em ser capaz de olhar para trás e saber que dividiram algo muito especial. Tudo estava acabado. Seu orgulho exigia que ela aceitasse isso e tocasse a vida. Uma coisa era certa: ele não estaria pensando nela. Não deveria ter pensado nela uma só vez desde que ela saíra de seu apartamento com a terrível descoberta e amargando a briga corrosiva que deu fim ao relacionamento deles.

Que idiota ela foi ao pensar que ele poderia retribuir o amor que sentia por ele...

CAPÍTULO 7

– MARCO, o chefe da segurança me contou sobre o seu desfile de boas-vindas. Você foi ameaçado por um rebelde das montanhas? Provavelmente um dos Viallis. Preste atenção, a culpa é só sua. Se não tivesse saído do carro, isso não teria acontecido.

– Não havia nenhum perigo real. Nada além de um menino reclamando...

– A hostilidade dele com o trono! – rei Giorgio interrompeu irritado.

O avô de Marco envelhecera desde a última vez que se viram, mas Marco admitia que o velho patriarca ainda possuía uma incrível aura de poder.

– Acho que o menino estava mais frustrado e ressentido do que hostil.

Marco observou o avô. Havia ali uma questão maior do que as simples palavras de raiva do menino, uma questão que Marco sentiu ser essencial. Mas ele sabia que era algo que o avô também não gostaria de discutir.

Todavia, Marco investigou por conta própria e o que descobriu indicava possíveis problemas em Niroli que precisavam ser averiguados antes que evoluíssem para conflitos mais preocupantes.

– O menino estava se queixando da falta de eletricidade em seu vilarejo. Ele se ressentia de os visitantes do nosso país terem mais benefícios do que nosso próprio povo.

– Eu não vou ouvir essas tolices. Os turistas trazem divisas para o país e, naturalmente, temos que seduzi-los oferecendo-lhes as facilidades a que estão acostumados.

– Enquanto algumas pessoas do nosso povo vivem sem? – Marco o desafiou friamente. – Homens jovens às vezes agem imprudentemente. E certamente é nossa obrigação equipar o nosso povo com o que eles precisam para entrar no século XXI.

– Você ousa me ensinar a governar? – O rei gritou. – Você? Que deu as costas para Niroli para viver a própria vida em Londres?

– Foi o senhor que exigiu o meu retorno, vô – Marco recordou, abaixando a voz e usando um termo carinhoso de infância para se referir ao avô, na esperança de suavizar a conversa.

– Porque eu não tive outra escolha – Giorgio gritou. – Você é meu herdeiro direto, Marco. Ainda assim prefere se comportar como um plebeu, e não como um membro da família real de Niroli. Pelo menos teve o bom senso de deixar aquela... vagabunda com quem estava vivendo para trás.

Os olhos de Marco faiscavam de raiva. Era típico de seu avô averiguar sobre sua vida privada em Londres. O que também deixou Marco enfurecido foi o modo como Giorgio se referiu a Emily e como desprezava a relação deles. E pior, era como se, de algum modo, seu avô tivesse tocado em uma ferida que Marco não queria admitir que existisse, embora sempre se lembrasse. Porque, mesmo que não quisesse confessar, sentia saudades de Emily. Marco expulsou o pensamento. Afinal, não seria natural que o seu corpo, privado dos prazeres sexuais, sofresse um pouco?

– Pelo o que combinamos, *inicialmente* eu deveria voltar para Niroli sozinho – Marco ressaltou.

A cólera do rei aumentou.

– O que quer dizer com *inicialmente*?

Como Marco não o respondeu, o velho homem gritou:

– Você não vai trazê-la para cá, Marco! Eu não permitirei. Você é meu herdeiro e tem que manter uma posição. As pessoas...

Marco sabia que deveria garantir ao avô que não pretendia trazer Emily para Niroli, mas em vez disso disse calmamente:

– Tenho certeza de que nosso povo terá coisas mais importantes para se preocupar do que com o fato de eu ter uma amante, coisas como dez por cento deles não terem eletricidade.

– Está tentando se meter em assuntos que não são da sua alçada – o rei afirmou irritado. – Cuidado, Marco, se não as pessoas vão pensar que você é mais um dissidente do que um governante. Para governar, deve obter respeito, e para conseguir isso, deve mostrar pulso forte.

Essa era uma questão que seu avô e ele jamais veriam com os mesmos olhos...

– EMILY, POR que você não dá o dia por terminado? Eu sei que você detesta que eu toque nisso, mas não me parece bem. Posso fechar o escritório para você.

Emily tentou dar um sorriso indicando que tudo estava bem para sua assistente. Jemma não estava errada, mas Emily detestava saber o quanto sua aparência estava ruim.

– É muito gentil da sua parte se oferecer – ela respondeu –, mas...

– Mas está morrendo de saudades de Marco e não quer voltar para uma casa vazia? – Jemma sugeriu gentilmente.

As lágrimas no canto dos olhos a denunciaram. Emily tentava firmemente fingir que não estava sofrendo com o término da relação com Marco, mas era óbvio que sua assistente não se deixou enganar.

– Eu tinha que terminar, por causa do status real de Marco – ela disse para Jemma. No início, ela se preocupou em não revelar a verdade sobre a identidade real de Marco, mas no final, não havia necessidade. Sua assistente leu uma das reportagens que saíram nos jornais sobre o retorno de Marco para Niroli.

– Eu só gostaria que ele tivesse me contado a verdade, Jemma – Emily disse com a voz baixa.

– Entendo – Jemma concordou –, mas de acordo com o que li, Marco veio para cá incógnito porque queria provar para si mesmo seus próprios poderes. Ele já tinha decidido isso quando lhe conheceu, por isso suponho que não podia simplesmente lhe contar a verdade. Ele provavelmente queria ser valorizado pelo que era, e não pelo título ou posição.

Emily conseguia ver lógica nos argumentos de Jemma e sabia que seriam os mesmos usados por Marco, se tivessem chegado a esse ponto da discussão.

– Marco não me contou porque *não queria* me contar – ela retrucou. – Para ele, eu era apenas uma... uma companhia na cama com quem se divertia antes de me deixar para retornar à sua vida em Niroli.

– Eu acho que posso entender como está se sentindo – Jemma declarou –, mas li em um dos artigos que foi somente depois da morte de seus pais que Marco se tornou o herdeiro direto ao trono. Tenho certeza de que ele não lhe contou porque esperava continuar vivendo em Londres com você anonimamente.

– Eu não significo nada para ele.

– Eu não acredito nisso, Emily. Vocês sempre pareciam tão felizes juntos, combinavam tanto.

– É inútil falar sobre ele agora. Está acabado.

– Está? Eu não consigo deixar de acreditar que ainda exista muita coisa não terminada entre vocês dois. Pelo que me contou, deixou o apartamento assim que descobriu a verdade. Você ainda devia estar chocada quando tudo aconteceu e eu suponho que Marco também estivesse chocado, mesmo por outros motivos.

– Motivos como ter sido descoberto, você quer dizer. E ressentido por ter sido eu a terminar a relação e não ele?

– Então, você não gostaria que ele entrasse em contato com você? – Jemma sondou.

– Isso não acontecerá. – Emily sabia, pelo olhar de sua assistente, que Jemma percebera sua fraqueza e o quanto estava sendo tola e falsa diante do desejo que ainda sentia por ele.

– Seja justa consigo mesma, Emily – disse Jemma. – Marco e você têm uma história juntos. Ainda há coisas abertas que precisam ser concluídas, perguntas que você precisa fazer e respostas que Marco precisa dar.

– Eu estou bem, Jemma – Emily mentiu.

– Não, não está – Jemma respondeu com firmeza. – Olhe para si mesma. Você não come, está emagrecendo e não está feliz.

– É apenas esse vírus, só isso. Parece que não consigo me livrar dele – Emily justificou.

MAIS DE duas horas depois, Emily ainda pensava na conversa que tivera com Jemma enquanto andava distraidamente pela loja. Jemma estava certa quando disse que ela não queria voltar para uma casa vazia.

Foi bom ter dito a si mesma que ele tinha mentido para ela e que estava bem sem Marco. A realidade era muito diferente: o espaço vazio que Marco deixou em sua vida se transformara em um estado de sofrimento sem fim. Ele se fora há pouco tempo, mas ela perdeu a conta das vezes em que acordou durante a noite procurando por ele na cama somente para aumentar a angústia ao se deparar com a realidade de que ele não estava mais lá. Por mais que trabalhasse, Emily não conseguia esquecer que Marco partira, que não voltaria para casa com ele, que não mais seria tocada por ele ou que jamais o beijaria outra vez. Estava terminado e teria que descobrir uma maneira de reconstruir sua vida. Para piorar as coisas, estava perdendo peso e não conseguia se alimentar direito. Emily responsabilizava a gripe que pegara no início do ano.

Marco ainda pensava nela, Emily se perguntava miseravelmente, ou ele estaria muito ocupado planejando o futuro? Um futuro que certamente o obrigava a incluir uma esposa. O sofrimento dela aumentou, derrubando todas as suas defesas e deixando-a exposta ao sofrimento daquele amor. Marco... Marco. Como isso aconteceu com ela? Como poderia ter evitado se apaixonar por ele? O que

ele estaria fazendo agora? Seu avô? Sua família? Não deveria fazer isso consigo mesma, pensou. Isso não tinha lógica, a não ser para reforçar o que já sabia: amava um homem que não a amava. Ela pegou o casaco, precisava ir para casa.

– QUE HISTÓRIA é essa de você voltar para Londres? Não permitirei que deixe Niroli para voltar para Londres. Quais são os motivos?

Marco teve que se controlar para não responder à altura a pergunta irritada de seu avô.

– Você sabe porque tenho que voltar. Tenho negócios para resolver lá – Marco respondeu suavemente.

– Eu não permitirei.

– Não? A escolha é sua, mas eu ainda assim pretendo ir. Não preciso da sua permissão.

Eles se olharam obstinadamente, dois machos alfa que sabiam que, segundo as leis da selva, apenas um deles deteria o poder do reino. Marco não pretendia deixar que seu avô o dominasse. Ele sabia que no momento que deixasse ele tomar vantagem, o rei não o respeitaria. A verdade era que Marco poderia resolver os problemas de negócio que o levavam a Londres da ilha, mas, em parte, sua decisão de viajar era para reforçar sua própria determinação. Fazia pouco mais de duas semanas que ele chegara a Niroli e não houve um dia sequer que não se tivessem se confrontado. Toda tentativa de conversar com Giorgio sobre melhorias para ajudar os habitantes mais pobres da ilha foi recebida com irritação.

Marco estava decidido a levar eletricidade a todos que vivessem nos vilarejos mais remotos, mas seu avô continuava inflexível.

– Muito bem, então pagarei por isso – Marco informou irritado.

Marco suspeitou que o rei Giorgio estava se fazendo de difícil, mais do que qualquer outra coisa. Marco admitia que todos os anos passados em Londres cuidando da própria vida e sem ter que consultar ninguém sobre suas decisões agora dificultavam sua adequação ao papel de futuro rei. Marco saiu andando.

– Marco, suponho que a sua ida a Londres não tenha nada a ver com aquela mulher com quem estava se deitando?

Marco virou-se e olhou para o avô, com a voz carregada de irritação provocada pelo rei.

– E se tiver?

– Então eu o proíbo de vê-la – o avô respondeu. – O futuro rei de Niroli não se deita com uma qualquer, uma divorciada sem linhagem e sem dinheiro.

– Ninguém me diz quem devo levar ou não para minha cama, vovô, nem você. – Marco não queria ouvir o que o velho homem tinha para dizer, por isso saiu da sala na tentativa de refrear a fúria que o invadia. Ele recusou a oferta de uma suíte no palácio, preferiu se instalar em uma vila próxima que herdara de seus pais. Seu avô não ficou muito satisfeito com aquela decisão, mas Marco recusou-se a ceder. Para Marco, era muito importante manter a privacidade e a independência. Contudo, agora não era para a vila que estava indo. Estava decidido a tomar um avião para Londres, apesar da contrariedade do avô. Como Giorgio ousava tentar impedi-lo de dormir com Emily? Ele olhou para o relógio. Era final de tarde em Londres. Provavelmente Emily estaria a caminho de casa.

Emily! Ele não precisava das insinuações do avô para pensar nela. Na verdade, estava surpreso e desconcertado por perceber o quanto lembrava dela desde que partira. Marco descobriu que não estava

gostando de dormir sozinho, só isso, ele garantiu. O fato de Emily estar tão frequentemente em seus pensamentos era apenas um deslize de sua mente, não que isso tivesse importância para ele.

Ele voltou a pensar no avô. Apesar da frustração com a arrogância e as atitudes dominadoras, estava consciente de que o avô não gozava de boa saúde. Marco deveria continuar moderando suas atitudes ao máximo. Mas não era fácil.

– PORQUE não vai ao médico? – Jemma sugeriu, ao observar o jeito pálido de Emily.

– Não há motivo para tanto. É o que eu já disse antes, apenas aquela virose.

– Você se sentiu mal todas as manhãs esta semana e colocou todo o almoço para fora. Parece exausta.

– Preciso de férias, um pouco de sol para me levantar, é tudo – Emily retrucou suavemente. Não queria continuar essa conversa, mas também não queria magoar Jemma.

– Você certamente precisa de alguma coisa – Jemma concordou abertamente. – Posso buscar um sanduíche e um café para você – sugeriu.

– Café? – Emily tremeu de repulsa. Só de pensar no café ficava enjoada. – Só o cheiro me enjoa.

– Eu acho que você realmente está precisando de férias – Jemma afirmou.

Emily deu um sorriso forçado. No fundo, o que ela realmente precisava era de Marco, dos braços dele para segurá-la forte, do corpo dele próximo ao seu à noite na cama e, mais que tudo, do amor de Marco e da certeza de que isso seria para o resto da vida. Mas ela não teria nada daquilo. Não percebera o quanto seria difícil viver depois que tudo tinha acabado. A dor que sentia agora era quase insuportável. Ela se odiava por desejá-lo dessa forma, mesmo depois de ter sido enganada. Contudo, odiar-se não diminuía o amor que sentia...

Os NEGÓCIOS que trouxeram Marco a Londres estavam concluídos e a primeira consignação de geradores que pagou com o próprio dinheiro já estava a caminho de Niroli. Ele estava voltando para o hotel quando, por uma razão inexplicável, dirigiu-se à loja de Emily.

A compra dos geradores deixaria o avô dele enfurecido, tanto quanto saber que ele tinha visitado Emily, Marco admitiu, ao olhar a agradável rua Chelsea banhada pelo sol da tarde. Então por que estava lá? Para irritar seu avô? Marco curvou a boca cinicamente ao se dar conta. Os dias de imaturidade em que precisava enfurecer o homem que representava a autoridade indesejada já tinham passado. Não, decididamente não queria aborrecer o avô. Mas ele não sabia se ficava ou ia embora. Então Marco raciocinou e viu que não havia nenhum mal naquilo. Além disso, resolveria dois assuntos de uma só vez. Emily saiu de sua vida sem lhe dar a oportunidade de se explicar de forma racional. Ela lhe devia essa chance e o seu orgulho exigia que ela se retratasse dos insultos que lhe dirigira. Foi isso que o trouxe aqui, o seu orgulho. E ninguém, nem seu avô nem a própria Emily o impediriam de vê-la e satisfazer o seu orgulho. E seu corpo, que ansiava por satisfação desesperadamente? Qualquer mulher poderia saciá-lo! Marco tentou se livrar da palpitação que aumentava à medida que se aproximava de Emily. Não permitiria, de forma alguma, que uma mulher dominasse os seus sentidos àquele ponto.

Do lugar onde estava, ele podia ver o interior do espaço de decoração de Emily. O ambiente simples e elegante criado por ela era tranquilizador e confortável. Sua vila em Niroli certamente lucraria com seu talento! Marco ficou sério. Podia imaginar a reação de seu avô se voltasse para Niroli com Emily a tiracolo, alegando que precisava de uma decoradora. A presença de Emily em Niroli não afetaria em nada os seus objetivos.

Quanto mais pensava no assunto, mais percebia os benefícios que teria com a presença temporária de Emily na ilha, assim como um nítido aviso ao avô para que não invadisse a sua privacidade. Certamente, diante do improvável fato de Emily voltar para Niroli com ele, Marco desejaria dividir a cama com ela. Ele seria um idiota se não o fizesse, diante da vontade sexual que o acometia. Era por isso que estava aqui agora? Não só pelo seu orgulho, mas porque ainda a desejava também?

Não!

Ele já estava empurrando a porta da loja quando parou, pronto para dar meia-volta e reconhecer o quanto essa motivação era infundada. Porém, era tarde demais para mudar de ideia, Emily já o tinha visto.

Ela estava sentada em sua mesa conversando com Jemma. A primeira coisa que ele notou foi como estava mais magra e como parecia frágil e pálida. Por causa dele? Marco ficou surpreso ao reconhecer que uma parte dele gostaria de acreditar que era por causa da saudade que sentia dele. Por quê? *Por que* deveria se sentir assim quando, no passado, com outras mulheres, sentia-se aliviado ao vê-las saindo com outros parceiros, depois de terminar com elas?

Ele afastou os pensamentos ao observar Emily arregalando os olhos ao vê-lo, corando de perplexidade. Ele leu os lábios de Emily pronunciarem o seu nome. Ela empurrou a cadeira para trás para se levantar, mas Marco percebeu que ela se sentiu tonta e se inclinou para cair. A cor de suas bochechas desapareceu como se ela estivesse sem sangue.

Marco reagiu instintivamente e correu por entre os móveis, chegando a tempo de segurá-la e ouvi-la dizer:

– Está tudo bem, eu não vou desmaiar –, para desmaiar em seguida.

DURANTE O mal-estar, Emily ainda podia ouvir vozes de Jemma e Marco. As palavras oscilavam no meio da escuridão da qual Emily esforçava-se para sair. Foi então que sentiu os braços de Marco segurando-a firme. Emily respirou aliviada, não precisava mais lutar sozinha. Mais calma, deixou-se levar pela escuridão que a envolvia.

– Que diabos está acontecendo? – Marco perguntou a Jemma. Qualquer pensamento idiota sobre achar que o mal-estar de Emily fosse por causa dele desapareceu ao perceber o quanto ela estava frágil.

– Eu gostaria de saber – Jemma admitiu. – O que sei é que ela não tem se alimentado bem. Diz que é por causa do vírus que pegou no início do ano. Emily não é a única, eu li nos jornais que muitas pessoas ainda estão sofrendo com os sintomas. Os médicos dizem que o melhor remédio é repouso e sol para fortalecer o sistema imunológico. Fico feliz que esteja aqui. Estava preocupada com ela.

– Vocês querem para de falar de mim como se eu não existisse? Estou bem... – A tonteira estava passando e, junto com ela, a náusea. Emily estava sentada em uma cadeira. Ela levantou a cabeça vagarosamente e viu que ele estava ao seu lado. Tão próximo que poderia facilmente alcançá-lo e tocá-lo. Lágrimas de lamentação brotaram em seus olhos.

– Emily? – Ela sentia as mãos de Marco em seus ombros e seu corpo respondia estranhamente de forma tranquila e excitada àquele calor familiar. A voz áspera de Marco dilacerava tanto seu orgulho quanto seu coração. Não era bem assim que gostaria que fosse o primeiro encontro deles depois da separação. Estava tão frágil e carente, praticamente forçando Marco a assumir a situação. O destino não estava sendo muito gentil com ela nesse momento. Ela teria pago qualquer preço para não deixá-lo vê-la nessas condições, para que ele não presenciasse esse humilhante desmaio.

– Não há motivos para confusão, estou bem – ela repetiu, tentando demonstrar firmeza.

– Não dê ouvidos, Marco. Ela não está bem. Praticamente não come e, quando o faz, enjoa.

– Jemma! – Emily advertiu-a firmemente.

– Jemma não me contou nada que eu não tenha percebido. E, além disso, não há razão para eu não saber, ou há? – Marco perguntou.

Nenhuma, a não ser o seu orgulho e o seu coração partido, Emily admitiu. E é claro, essas razões não interessariam a Marco.

– Eu não sei o que está fazendo aqui, *Sua Alteza* – ela enfatizou o título de Marco.

Marco decidiu que não podia simplesmente ir embora e deixá-la neste estado. Então, o que deveria fazer? Seu voo já estava marcado para aquela noite. Emily não era sua responsabilidade. Era uma adulta. Não havia motivo para ele se envolver nisso. Mas uma voz interna lhe dizia que era muito tarde para essas conjecturas.

– Eu vim vê-la porque tenho uma proposta de trabalho – ele disse suavemente. Marco percebeu ela arregalar os olhos confusa e incrédula. Emily levou a mão à cabeça como se não pudesse entender o que ele falava. O olhar distante e fraco deixou Marco sensibilizado e ele tentou se livrar da sensação assim que a percebeu.

A cabeça de Emily doía. Estava difícil entender a presença de Marco ali, sem contar com todo o resto. Seus pensamentos estavam desordenados. Ela realmente não entendia o que ele falava. Era difícil controlar a taquicardia e a tremedeira no corpo e, ao mesmo tempo, pensar com calma. Emily se aborrecia só de pensar que a presença dele a teria afetado a ponto de provocar o desmaio. Seus sentidos se apegavam à lembrança de Marco, segurando-a forte. Uma parte dela desejava manter a maior distância possível para não demonstrar o quanto estava abalada, enquanto a outra desejava ficar o mais perto possível: corpo com corpo, pele com pele, boca com boca – coração com coração.

– Uma proposta de trabalho? O que isso quer dizer, Marco? Sou uma designer de interiores.

– Exatamente – Marco concordou. – Ótima profissional.

Marco a estaria elogiando? *Bajulando*? Por quê? Ela estava suspeitando disso.

– Antes de assumir formalmente o lugar de meu avô, em vez de mudar para o palácio e ocupar uma das suítes – Marco explicava – eu me mudei para uma vila. Fica localizada na parte antiga da ilha e precisa muito de uma reforma. Eu quero uma designer que saiba o que está fazendo e, principalmente, que conheça o meu gosto.

Emily demorou alguns segundos para entender completamente as palavras dele, mas quando conseguiu, mal acreditou.

– Você quer dizer que pretende me pagar para ser essa designer? – ela perguntou, ainda fraca.

– Sim, por que não? – Marco confirmou.

– Por que não? – Emily o encarou enquanto o coração disparava no peito. – Marco, éramos amantes.

Você deve entender que não posso deixá-lo me contratar para ser sua designer como se nada tivesse acontecido.

– Claro que não, Emily. Você nunca me deixou explicar por que não lhe contei sobre Niroli.

Emily esperou, sentindo-se fraca e indefesa. Era sua pior inimiga agora, tinha consciência disso. Ela sequer deveria estar ouvindo Marco, mas estava ansiosa por cada segundo ao lado dele.

– Desde criança, tenho uma relação muito difícil com meu avô. Na visão dele, eu era um tipo de ovelha negra. Eu ficava ressentido pela forma que ele tratava o meu pai e jurei que nunca o deixaria me controlar como havia feito com os meus pais. Vim para Londres determinado a provar para ele e para

mim mesmo que eu poderia ser bem-sucedido sem o poder da família real de Niroli. Foi por esse motivo que vim para cá e permaneci incógnito.

– Mas quando nos conhecemos você já era um homem de sucesso – Emily recordou.

– Sim, mas eu já estava acostumado à liberdade que Marco Fierezza me dava. Era como se eu não precisasse viver de outra forma, pelo menos por uns bons anos. Meu pai ainda estava vivo e sucederia meu avô no momento adequado. – Marco encolheu os ombros. – Não havia a menor expectativa de me tornar rei até estar bem mais velho.

– Talvez não. Mas você certamente teria que se casar apropriadamente e ter filhos para poder passar a coroa – Emily não resistiu e assinalou calmamente.

– Sim, em algum momento. Uma das regras arcaicas da família real é que um rei não pode se casar com uma mulher divorciada ou de reputação duvidosa. O desafio de encontrar tal paradigma no mundo de hoje é tão grande que eu ficaria mais do feliz em permanecer solteiro até ser obrigado.

Emily teve que piscar os olhos para impedir que as lágrimas escorressem. Marco não fazia ideia do quanto suas palavras casuais eram ofensivas. Não lhe ocorria pensar que ela gostaria de ser amada e ter um compromisso permanente com ele. Ela deveria odiá-lo com essa demonstração de indiferença, mas estava muito ferida emocionalmente.

– Eu não tenho muito tempo e, como você precisa comer, por que não discutimos isso durante um jantar?

Emily estremeceu e negou com a cabeça. Sua reação preocupou Marco. Ela sempre teve bom apetite e nunca precisou se preocupar com o que comia.

– Jemma tem razão, Emily, você não está se cuidando bem – Marco declarou. – Precisa dar uma parada. Não tenho tempo para discutir. Estou decidido. Você vem comigo para Niroli.

Seria a tontura voltando, ela estava tão fraca que ficara satisfeita por Marco ter decidido por ela? Era uma mulher independente, pelo amor de Deus. Ela tentou recuperar algum controle sobre o que estava acontecendo.

– Não posso fazer isso, Marco. Tem o trabalho...

– Claro que pode, Emily. Eu posso cuidar das coisas por aqui – Jemma interveio, antes de sair para o correio.

Agora, Marco e Emily estavam sozinhos na loja. Ela desejou profundamente não estar sendo tão consumida por ele.

– Não pode me levar com você, Marco. Isso não daria certo, nós éramos amantes...

– E poderemos continuar sendo, se é o que deseja – Marco interrompeu delicadamente.

Emily não ousou encará-lo para não demonstrar a saudade e a esperança estampadas em seus olhos. Ela se dividia entre a impotência de ainda desejá-lo e a praticidade da situação, e protestou:

– Marco, não podemos. Mesmo que eu quisesse... ir com você é impossível.

– Por que não, se é o que nós dois desejamos?

O que *nós* desejamos. O coração dela saltou diante do prazer de ouvi-lo admitir aquilo.

– Certamente seu avô não aprovaria isso, ou...

– Meu avô não governa minha vida pessoal – Marco respondeu com a arrogância costumeira.

Ela não sabia como lidar com a situação.

– Eu não sei o que dizer – Emily admitiu. – Quanto tempo tenho?

– Para vir para cama comigo? – Marco a interrompeu carinhosamente. – Duvido que meu avô esteja realmente pronto para afastar-se, por tudo o que ele diz ser. Nós poderíamos passar o verão juntos e

então reavaliar a situação.

Emily sentia seu rosto corar.

– Não foi essa minha pergunta. Eu queria saber quanto tempo você me dá para pensar no assunto e decidir sobre a proposta de trabalho – ela esclareceu.

– Nenhum, porque você não vai pensar a respeito. Você vai voltar comigo, Emily. Não tem escolha. O que você pode decidir, claro, é sobre suas habilidades. Meu voo sai às 20 horas, então só temos tempo de passar na sua casa para pegar suas coisas. E tempo para eu lhe mostrar o que nós dois perderemos se você não vier – ele comentou, olhando para ela de uma forma tão sensual que o corpo de Emily ardeu de saudade.

Ele entregou a Emily o casaco e a bolsa e, de certa forma, ela estava sendo conduzida para fora, indefesa e incapaz de interromper o que estava acontecendo – e sem se importar com isso.

– Quantos quartos tem a vila? – ela perguntou a Marco.

O olhar dele era provocativo.

– Cinco, mas você dormirá no meu, comigo.

– Você está prestes a se tornar rei de Niroli, Marco! – Emily se sentiu obrigada a lembrá-lo. – Não podemos viver abertamente como amantes.

– Não? – ele desafiou.

CAPÍTULO 8

EM ALGUM momento durante o trajeto do aeroporto de Niroli para a vila Emily deve ter adormecido. Ela percebeu quando o carro parou e ouviu Marco dizendo:

– Chegamos.

A reviravolta emocional das últimas horas a abatera. Emily estava tão exausta que mal conseguia sair do carro, mesmo com a ajuda de Marco. Por um momento, ela hesitou e olhou para dentro do carro. Deveria mesmo ter vindo? Ela colocou os pensamentos de lado e concentrou-se na atmosfera quente e familiar do Mediterrâneo. Recordações de feriados passados com Marco em outros lugares da região.

Emily respirou lentamente, tentando controlar as emoções. Ela percebeu que estava em um pátio visualmente confuso, com paredes de pedras brancas, janelas abobadadas cobertas por persianas e com delicados balcões de ferro.

– É quase mouro – ela comentou.

– Sim, realmente – Marco concordou. – A história relata que os mouros *estiveram* aqui em determinada época.

– Você disse que estava morando aqui e não no palácio?

– Sim, está desapontada? Se for o caso, eu posso providenciar uma suíte para nós lá...

– Para nós? Não... – Emily o interrompeu abruptamente. – Marco... – Ela parou e estremeceu ligeiramente. Tinha sido estúpida ao permitir que Marco a trouxesse até aqui para tê-la de volta em sua cama, quando sabia que não haveria um verdadeiro futuro entre eles. Mas por que pensar no futuro quando se podia ter o presente?, uma voz interior gritou. Cada dia, cada hora que pudesse ter ao lado de Marco era tão preciosa que ela deveria agarrar a oportunidade com unhas e dentes. Emily fechou bem os olhos e os abriu em seguida. Não estava acostumada a essa estranha imprudência que desenvolvera em admitir qualquer coisa que não fosse a sua determinação em estar com ele. Ela o amava tanto, Emily concordou, mas seria muito melhor se não amasse.

Bem, a voz imprudente lhe disse. Então você gasta o seu tempo tentando parar de amá-lo, e eu gastarei o meu usufruindo da companhia dele. Você não pode ir, não agora. O que era isso? Ela sentia-se dividida em duas. A parte sensível, protetora, dizia que seria melhor que ela ficasse por ali aprendendo a reconhecer as grandes diferenças entre eles; melhor ainda, que ela não se concentrasse no fato de Marco ser seu amante e o homem que amava, mas no fato de que era o futuro rei de Niroli e, como tal,

nunca poderia ser dela. Contudo, essa nova parte impulsiva estava insistindo que nada era mais importante que aproveitar ao máximo cada minuto de intimidade e doçura que pudesse ter com ele, independentemente do que o futuro lhe reservava. Como poderia viver com duas forças tão opostas? Não poderia.

– Vamos entrar – ela ouviu Marco chamá-la – para eu apresentá-la a Maria e Pietro, eles cuidam da vila para mim.

– Eles serão obrigados a falar da minha estada aqui.

– Creio que sim, mas por que isso deveria importar? – Marco sabia muito bem que tudo o que falassem ali chegaria rapidamente ao conhecimento do seu avô.

– Não seria melhor se talvez eu... Talvez eu devesse ter o meu próprio quarto, por causa das convenções, e então você poderia...

– Eu poderia o quê? Ir furtivamente para a sua cama no meio da noite? – Marco sacudiu a cabeça.

– Mas se nós vamos ser amantes...

– Se? – ele zombou. – Não tem “se” com relação a isso, Emily. Você dormirá na minha cama e eu estarei lá com você, não confunda as coisas. Meu povo entenderá que sou um homem, assim como seu futuro rei, e eles não esperam que eu leve uma vida de monge.

– Isso o quê? Que eu sou sua amante e que você me trouxe para cá para esquentar a sua cama? – Quando Marco falava desse jeito, era como se ela estivesse diante de um estranho, Emily reconheceu, apavorada. A referência casual que fazia ao “seu povo” e à sua posição como “futuro rei” o colocava em um plano diferente do dela, em caminhos de vida diferentes.

– Está querendo dizer que não quer esquentá-la? – Marco perguntou, interrompendo os pensamentos dela de forma tão sedutora... quase como o velho Marco que ela conhecia. – Sabia que há algo no cheiro da sua pele que enche minha cabeça com os pensamentos e lembranças mais eróticas, como agora? – Sua voz tornou-se um suspiro quase fascinante. – Você se lembra da primeira vez que eu a provei?

Apesar dos medos e dúvidas que sentia, as palavras dele fizeram-na tremer de desejo. Ela queria lhe dizer que não era mais uma virgem ingênua e que não faria o seu jogo, mas em vez disso, se ouviu dizendo diretamente:

– Sim.

– E a primeira vez que você me provou?

Agora, ela só conseguia assentir, à medida que era invadida pelo desejo.

Marco segurou-a pelo pulso enquanto lhe fazia carícias sedutoras na pele.

– Você não se importava que o pessoal do hotel soubesse que éramos amantes.

– Era diferente – ela protestou.

– Por quê?

– Éramos amantes privativamente. Mas aqui, Marco, aos olhos do povo de Niroli, você é o futuro rei e eu serei sua amante.

– E daí?

Será que ele realmente não compreendia como ela se sentia? Estaria tão afastado da vida comum para não perceber que ela preferiria mil vezes ser a amante de Marco Fierezza a ser a amante do futuro rei de Niroli?

– Posso lhe garantir que será tratada com cortesia e respeito, Emily – ele continuou. – E se eu ficar sabendo o contrário, tomarei providências corretivas.

Ele parecia horrivelmente distante. Suas palavras eram o tipo de declaração que a teria feito rir, e esperava que a ele também. Mas pela expressão de Marco, Emily percebeu que falava sério. Marco sempre teve uma postura controladora, mas agora Emily notava uma nova arrogância, uma frieza e uma distância que a deixavam gelada. A obstinação em sua voz e a arrogância de sua postura denunciavam a sua determinação em traçar o próprio caminho. E uma crença nos seus direitos reais também? Emily não estava certa, mas realmente sentia que essa ligeira mudança realçava suas incertezas. Em Londres, apesar da lacuna financeira entre eles, podiam viver como iguais. Aqui, em Niroli, ela instintivamente percebia que as coisas seriam diferentes. Mas agora estava muito cansada para avaliar o quanto essas diferenças interfeririam na relação deles. Nesse momento, tudo o que queria... Marco ainda acariciava o seu braço. Emily fechou os olhos e encostou-se nele. Ela admitiu que tudo de que precisava agora estava ali: o perfume da noite, a proximidade de seus corpos e a promessa de prazer...

FORA UM único, agudo e penetrante grito de um animal que tirou Emily de seu profundo sono. A princípio, as coisas diferentes à sua volta deixaram-na confusa, mas logo em seguida lembrou-se de onde se encontrava. Ela se virou na espaçosa cama.

– Marco?

Emily chegou tão cansada que fora direto para a cama do quarto indicado por Marco. Ela deve ter adormecido assim que encostou a cabeça no travesseiro.

A porta do banheiro da *suíte* estava aberta. Um misto de alívio e tensão sexual tomou conta dela quando viu Marco caminhando em sua direção. Ele sempre dormia nu e havia luz suficiente vinda da janela para revelar os contornos de seu corpo. O resto ela buscou na memória, preenchendo o que estava oculto pela sombra com tamanha riqueza de detalhes que chegou a estremecer.

– Então você está acordada?

– Sim. – Sua resposta foi quase um suspiro. Emily estava impaciente consigo mesma por não conseguir tirar os olhos daquele físico maravilhoso.

– Mas ainda está cansada? – Marco estava de pé ao lado da cama, olhando para ela.

– Um pouco, mas nem tanto – ela sussurrou carinhosamente. Ela sempre soube, claro, que este seria o resultado de estar outra vez com ele. Quando se tem um homem sexualmente irresistível como Marco e uma mulher desesperadamente apaixonada, não poderia ser diferente.

Repentinamente, uma urgência sexual pegou Marco desprevenido e abalou o seu autocontrole. Ele sabia que sentia falta de transar com ela, mas não estava preparado para essa voracidade que o consumia.

A pele de Emily exalava o cheiro do seu gel de banho, provocando os sentidos de Marco e trazendo à lembrança a intimidade que compartilhavam na penumbra da noite. Só agora ele percebia o quanto sentia falta dela... Ela se mexeu e afastou a cobertura, fazendo a musculatura peitoral de Marco mover-se em função dos batimentos cardíacos. Sua pulsação acelerou, e Marco percebeu que o desejo por ela, que começara nesta cama quando passou a primeira noite sozinho, começava a ficar fora de controle.

– Emily.

O modo como ele pronunciou o seu nome a derreteu. Era impossível resistir a ele. Emily sentou-se na cama, entregando seu amor. Ela pressionou os lábios contra os ombros nus de Marco e fechou os olhos para deleitar-se com o seu cheiro. Passou a ponta da língua pela clavícula dele, sentindo a contração muscular e o gemido de prazer como resposta. Quando ele curvou o pescoço para trás, ela

percorreu todo o trajeto com beijos até chegar ao pomo de Adão, e os músculos de Marco continuavam se contraindo de desejo com a provocação. O desejo dele a contagiou, intoxicando-a e encorajando-a a fazer da intimidade deles uma dança erótica de tirar o fôlego.

Era bom manter o desejo no fio da navalha, não permitir que ele a tocasse até que não suportasse mais, para só então oferecer o seu corpo ao toque e aos beijos dele. Emily gemeu de prazer quando ele deitou-se sobre ela e penetrou-a. Mas foi o gemido de triunfo e liberação dado por Marco que os levou ao ápice.

Alguns minutos mais tarde, saindo de cima de Emily, Marco deitou-se de costas, observando o teto e esperando que seus batimentos voltassem ao ritmo normal. Marco não queria admitir o que seu corpo acabara de revelar sobre a intensidade de sua necessidade por Emily.

Se o modo como Marco a rejeitava depois da intimidade compartilhada por eles a magoava, então que isso lhe servisse de lição por ter vindo para cá, Emily pensou. Ela deveria aceitar esse sofrimento e usá-lo para lembrar o que a realidade de estar aqui com Marco significava. Seria bom para ela poder vê-lo no seu verdadeiro papel, no seu habitat natural... isso serviria para mostrá-la que o homem que amava simplesmente não existia mais e, no momento em que admitisse isso, seu amor indesejável morreria. Como não poderia?

CAPÍTULO 9

O REI Giorgio balançava o dedo em reprovação.

– Como se não fosse suficiente você tentar deliberadamente minar a autoridade da Coroa com esses geradores que trouxe para Niroli, ainda despreza minhas ordens para pôr um fim nessa relação com essa... vagabunda? Você sabe perfeitamente que há protocolos a serem seguidos quando um membro da família real assume uma amante.

– Você quer dizer que eu deveria escolher uma mulher dentre as casadas com os nobres da ilha? O marido dela, claro, seria instruído a cumprir com suas obrigações e desistir da mulher em favor dos prazeres reais, enquanto ambos seriam devidamente recompensados. – Marco sacudiu a cabeça.

– Você não espera que eu acredite que você, o príncipe de Niroli, possa se contentar com uma mulher que não é nada...

– Emily está longe de não ser nada. A verdade é que você a insulta ao compará-la com uma sangue azul imaginária que considera tão superior a ela. Não há comparação. Emily é superior a elas em todos os sentidos. – A imediata reação acalorada e enfurecida em defesa de Emily e a raiva direcionada ao avô tomaram conta de Marco antes mesmo que ele pudesse pensar no que estava falando. Seu primeiro impulso foi protegê-la e isso já era suficiente para fazê-lo pensar nesse comportamento tão pouco característico.

Seu avô não lhe deu tempo para ponderar. Em vez disso, o rei empurrou a cadeira para trás e levantou-se, antes de exigir com seus poderes reais:

– Você realmente pensa que me deixo enganar por algumas dessas coisas, Marco? Pensa que não percebo que trouxe esses geradores e essa mulher aqui para Niroli para me insultar? Você pode pensar que consegue conquistar o coração do meu povo oferecendo-lhes acesso a esses brinquedos tecnológicos que acredita ser o que eles anseiam e que por isso vão aceitar a sua amante, mas está enganado. É verdade que há elementos de rebelião e insatisfação entre os habitantes da montanha. Os Viallis lhe darão sua fidelidade e venderão sua lealdade por um punhado de prata, mas eles não são nada. O coração do resto da população de Niroli está comigo.

– Não, meu avô, é você quem está errado – Marco respondeu sumariamente. – Pode querer se apegar aos métodos antigos, reforçando a ignorância e a pobreza do povo, não permitindo que eles façam suas próprias escolhas sobre a forma como gostariam de viver. Eu trouxe os geradores porque o

seu povo, o nosso povo, precisa deles, e trouxe Emily porque *eu* preciso *dela*. – Não era o que ele planejava dizer nem o que estava pensando quando partiu para esse confronto, mas assim que as palavras foram pronunciadas, Marco percebeu que elas continham uma verdade que tentava esconder de si mesmo. Ou isso a negava e ignorava deliberadamente? Ele sabia que precisava de Emily, que a desejava e que podia fazer uso da presença dela em Niroli para reforçar a sua independência perante seu avô, mas precisar dela... era algo que outra vez fazia Marco enrijecer, pronto para se defender da vulnerabilidade que não queria reconhecer.

– A mulher é uma plebeia, e plebeus não entendem o que é ser membro da realeza. Elas causam problemas que uma mulher nobre jamais causaria.

– Enquanto Emily estiver aqui em Niroli, será recebida na Corte e será tratada com cortesia e respeito, como a mais nobre das amantes reais – ele disse.

Antes disso, ele não tinha a menor intenção de trazer Emily para a Corte, mas não pretendia contar isso ao seu avô. Como o velho homem poderia ousar sugerir que Emily fosse, de alguma forma, inferior a qualquer esposa de nobre em Niroli? Ele sempre apoiaria Emily se fosse preciso valorizá-la como pessoa. Era inteligente, solidária, esperta e gentil, e sua doçura natural era uma dádiva divina, comparada à falsidade dos cortesãos e de suas esposas. Ele viu a expressão de satisfação que alguns bajuladores trocaram entre si quando seu avô enfureceu-se por causa dos geradores. É claro que não era de se esperar que eles gostassem do fato de que haveria mudanças, mas teriam que aceitá-las, Marco decidiu. Assim como teriam que aceitar Emily. Ele estava saindo da sala de reuniões quando reconheceu o quanto se sentia fortalecido por defender Emily, mais do que realmente poderia suportar...

EMILY OLHOU para o relógio sem acreditar. Era quase hora do almoço! Como poderia ter dormido tanto? O prazer vivenciado na noite anterior poderia justificar a hora.

Marco! Ela se ajeitou na cama e viu o bilhete na mesa de cabeceira.

Ele estava indo para o palácio para ver o avô e, como não sabia a que horas retornaria, deu ordens à Maria para que providenciasse tudo o que ela precisasse.

– Se você se sentir disposta, sintá-se à vontade para dar uma olhada em volta – também escreveu. – Mas não se canse.

Não havia nenhuma menção à noite anterior, mas dificilmente haveria. O que ela estava esperando? Uma carta de amor? Mas Marco não a amava, amava? Emily admitia que não se sentia pronta para encarar a dureza dessa realidade agora.

Mas teria que pensar nisso em algum momento. Afinal, nada tinha mudado, a não ser o fato de agora saber como era viver sem ele. Não deveria se esquecer de que tudo isso não passava de um agraciado descanso, uma chance para armazenar lembranças extras para o futuro. Não lhe faria nenhum bem mergulhar nesses pensamentos depressivos, por isso era melhor levantar e manter-se ocupada conhecendo a vila.

Depois do café, Emily estava pronta para vistoriar a vila, tentando conversar com Maria com uma mistura de gestos e algumas palavras em italiano.

Emily não fazia ideia de quando a vila havia sido construída, mas estava claro que era muito antiga e que fora feita em uma época em que as necessidades familiares eram bem diferentes das atuais.

No andar superior havia mais quartos. Emily começou a se sentir cansada quando terminou a inspeção no primeiro andar e no térreo. Esse cansaço não inibiria a sua animação com a possibilidade

desafiadora de um projeto tão compensador.

Emily gostou mais do segundo pátio, para onde o quarto de Marco era voltado. Parada nele agora, não resistiu em pensar como a vila poderia ser uma maravilhosa casa de veraneio para uma família. Ela tinha espaço para acomodar três gerações. Sem muito esforço, ela podia vê-los aproveitando o conforto luxuoso da vila reformada. As crianças exuberantes, o som das gargalhadas se misturando ao som da fonte, o bebê sorrindo e balbuciando no colo de Marco, todos observados pela esposa de Marco, rainha de Niroli.

Não faça isso consigo mesma, uma voz interior advertiu Emily. *Não pense nisso, ou nela, não imagine como seria estar no lugar dessa mulher*. Na realidade, a casa que ela estava idealizando não era a do rei e da rainha. Era a casa de um casal que se amava, a casa para um tipo de família que ela imaginava na adolescência. O tipo de casa que representava a vida e o futuro que ela desejava desesperadamente dividir com Marco. Se isso era uma fantasia, então ela deveria transformar tudo aquilo que se colocava entre eles e imaginar um final feliz. Mas a vida real era diferente e nada disso aconteceria.

Um dia, talvez, haveria um homem com quem ela pudesse encontrar alguma paz, um homem que lhe daria filhos que pudessem amar juntos. Esse homem não poderia e nem seria Marco.

E pior, a vida deles seria sobrecarregada pelo peso da herança real, assim como a de Marco era, e isso Emily não poderia infligir aos próprios filhos. Para eles, ela desejava amor, segurança e liberdade para crescerem dentro de suas individualidades.

Enquanto Emily lutava contra a própria tristeza, remoía a ideia de que Marco também não tinha intenções em transformá-la em sua esposa por dois motivos. Primeiro, pelo que seus recentes pensamentos lhe revelaram, que eram os seus verdadeiros sentimentos com relação ao sangue azul de Marco e, depois, claro, pela impossibilidade do casamento dele com uma mulher divorciada.

O barulho da louça agitando-se sobre a bandeja apagaram os pensamento de Emily, quando Maria entrou no pátio trazendo-lhe café.

Em meia hora, Emily já estava entretida com as anotações que fazia.

Uma hora depois, Marco estacionava o carro e Emily ainda trabalhava duro. Depois que deixou o palácio, ele teve que ir ao aeroporto acompanhar o descarregamento dos geradores.

Marco decidiu dirigir até as montanhas para certificar-se de que os geradores fossem entregues em segurança. Se seu avô pensava que poderia lhe desautorizar, teria que aprender a dura lição de que isso não aconteceria.

Marco comprimiu os lábios. Como um empreendedor de sucesso, não estava acostumado a ter suas decisões questionadas. Será que seu avô realmente tinha ideia do potencial prejuízo que estava infligindo à ilha com a sua teimosa recusa em reconhecer que o mundo tinha mudado e, com ele, as pessoas? Fora qualquer outra coisa, havia a ameaça de uma agitação civil entre os habitantes da montanha, que poderia crescer e futuramente ser orquestrada pela gangue dos Vialli, que vivia entre eles.

EMILY ESTAVA profundamente entretida com suas anotações, mas um sexto sentido lhe avisou da presença de Marco. Ela largou a caneta e olhou para a entrada do pátio. Apesar dos pensamentos sombrios de mais cedo, no momento em que avistou Marco de pé olhando para ela, todos os sentimentos que prometera tentar controlar a invadiram. Emily empurrou a cadeira para trás e se apressou na direção de Marco.

Marco percebeu que toda a raiva que sentira pela manhã se esvaía com as calorosas boas-vindas de Emily. Ele quis abraçá-la e levá-la para a cama para esquecer dos problemas e se perder nela. A necessidade que tinha dela era tão intensa... Marco ficou tenso outra vez. De novo a palavra necessidade, aquele sentimento que não gostaria de ter.

– O que houve? Algo errado? – Emily perguntou, ao notar a tensão dele.

– Nada com que você precise se preocupar. Um problema administrativo que tive que resolver – ele respondeu. – Eu ficarei fora a maior parte da tarde.

Emily fez o que pôde para tentar esconder o desapontamento, mas sabia que não tinha conseguido.

– Emily – ele começou carinhosamente.

– Está tudo bem, eu sei. Você é o futuro rei e tem coisas mais importantes para fazer do que ficar comigo – ela interrompeu.

Marco olhou para ela, Emily estava de cabeça baixa.

– Você pode vir comigo se quiser, mas será demorado, teremos que trafegar por estradas quentes e empoeiradas e haverá longas esperas enquanto falo com as pessoas. E como você não vem se sentindo bem...

– Estou bem melhor agora. Dei uma olhada na vila e poderia lhe passar algumas opções no carro.

– Você precisará de um chapéu para se proteger do sol e de um sapato confortável, caso precise descer do carro. Alguns dos vilarejos que vamos visitar são bem remotos. Eu não pretendo demorar.

Marco notou que os olhos de Emily brilhavam como se ele lhe tivesse oferecido presentes inestimáveis. Ele teve o impulso de pegá-la e abraçá-la forte, de beijá-la carinhosamente. Marco se livrou do impulso sem saber de onde ou por que isso tinha acontecido, mas certo de que era perigoso...

CAPÍTULO 10

– ESTOU AUTORIZADA a fazer alguma pergunta? – Emily indagou discretamente. Fazia quase uma hora que eles tinham saído da vila. – Ou esta viagem é um segredo de estado?

– Nenhum segredo, mas certamente é um problema controverso, que preocupa meu avô – Marco esclareceu.

– Se forem negócios familiares pessoais – ela começou, mas Marco a interrompeu.

– Não, é muito mais um problema público, já que envolve algumas das comunidades mais pobres da ilha. Em vez de reconhecer as necessidades deles e fazer alguma coisa por isso, meu avô prefere ignorá-los, e foi por isso que resolvi assumir o problema. As partes mais remotas da ilha não têm energia – ele explicou. – Por causa disso, a essas pessoas são negados comunicação e conforto, seus filhos não têm acesso à tecnologia e à educação. Meu avô acredita que sabe o que é melhor para eles e para Niroli. Como existe um histórico de revolta entre a nossa população montanhesca, ele também teme que os encorajando a fazer parte do mundo atual, os estaria encorajando a desafiar a supremacia da Coroa.

– E você não concorda – Emily supôs.

– Eu acredito que toda criança tem direito a uma boa educação e que todos os pais têm direito de querer propiciar aos seus filhos as melhores oportunidades. Meu avô acha que, ao educarmos nossos cidadãos mais pobres, nós os incentivaremos a querer mais do que a vida simples que têm aqui. Mas afirmo que é errado aprisioná-los na pobreza e na falta de oportunidades. Nós temos obrigações com eles e, para mim, isso significa dar-lhes liberdade de escolha. Você e eu sabemos o que acontece quando os direitos dos jovens são cassados, Emily. Nós já presenciamos isso nos guetos urbanos europeus, homens jovens se organizando em gangues e se tornado selvagens. Não quero ver isso acontecendo por aqui. Tentei convencer meu avô a investir parte da vasta reserva da Coroa para pagar a instalação elétrica nessas áreas remotas, mas ele se recusa.

Emily percebia a frustração na voz de Marco. Ela ficou profundamente tocada por Marco ter dividido com ela a consciência do lado negativo que é manter as pessoas empobrecidas e enfraquecidas.

– Talvez, quando você for o rei... – ela sugeriu, mas Marco sacudiu a cabeça outra vez.

– Meu avô é muito bom em impor condições e eu não quero cair na armadilha de ficar com as mãos atadas. E mais, me parece que alguns jovens de Niroli já estão começando a se ressentir com as leis. Não

quero herdar o ressentimento quando subir ao trono, por isso decidi agir agora para amenizar a situação.

– Mas o que você pode fazer? – Emily perguntou duvidosa. – Se seu avô se recusa a permitir o suprimento de eletricidade...

– Eu não posso insistir que seja assim – Marco concordou. – Mas posso prover por outros meios. Em Londres, comprei alguns geradores para fornecer eletricidade para alguns vilarejos. Meu avô está furioso, claro, mas espero que ele volte atrás e aceite o que fiz como uma maneira de fazê-lo mudar de ideia sem perder o prestígio. Ele é um homem velho que governou de forma autocrática por toda a sua vida. É difícil para ele, eu sei, mas a Coroa tem que mudar ou corre o risco de ter que mudar à força.

– Você acha que haverá algum tipo de revolta?

– Não imediatamente, mas as sementes estão lá. E meu avô ainda está determinado a manter o poder absoluto.

– Você finge que não, mas na realidade o entende muito bem, acho que sente uma grande compaixão por ele – Emily disse gentilmente.

– Pelo contrário, o que eu sinto é uma grande irritação, porque ele se recusa a ver o perigo que o cerca. – Marco se assustou ao perceber que Emily o conhecia melhor do que ele supunha. – Há tantas mudanças que eu gostaria de fazer, Emily.

– Você viveu fora da ilha por muito tempo e está acostumado a tomar suas decisões sem ter que consultar os outros. Talvez esteja sendo difícil com seu avô justamente porque ele percebe isso em você e teme por isso, e por você. Você mesmo disse que ele é um homem velho, então ele certamente sabe que não pode continuar sendo rei, mas suponho que não queira reconhecer isso publicamente e que uma parte dele deseje continuar governando Niroli através de você. Quando você chega com seus planos confrontando os dele, ele tenta obstruí-lo, porque tem medo de perder o poder sobre você.

– Eu duvido que você consiga fazê-lo admitir qualquer uma dessas coisas.

Emily sentia a frustração na voz de Marco e, com isso, a ânsia de consertar o que via de errado. Ele seria um rei forte, ela reconheceu. Ao ouvi-lo falar ela se convenceu da realidade de sua própria situação. Mesmo que por um milagre ele começasse a amá-la, não havia futuro para eles. Ela não poderia ser sua rainha e também não poderia fazer nada para evitar que ele se tornasse rei de Niroli, não agora, depois ouvi-lo falar de forma tão apaixonada sobre o povo de seu país. Se Marco tinha uma obrigação com o seu povo, então ela também tinha obrigações com ele e com o amor que sentia por ele. Amar alguém significava colocá-lo em primeiro lugar. A maior necessidade de Marco era honrar suas obrigações e ele não poderia fazer isso com ela em sua vida. Uma pequena sombra cobriu os seus olhos. Ao perceber, Marco franziu o cenho.

– Eu estou lhe aborrecendo – ele declarou.

– Não – Emily respondeu. – Não! Gosto de ouvi-lo falar sobre seus planos. Eu apenas gostaria que tivesse me contado quem era quando nos conhecemos. – Se ele o tivesse feito, ela teria se protegido muito mais com relação à própria vulnerabilidade e, certamente, nunca teria sonhado em terem um futuro juntos.

– Não foi uma mentira deliberada da minha parte – Marco se defendeu.

– Talvez não, mas você poderia ter dito alguma coisa... Prevenido-me. Aí, pelo menos... – Ela parou e sacudiu a cabeça para não admitir sua própria estupidez.

– Para levar o tipo de vida que eu queria, era preciso que eu vivesse no anonimato e sem os paramentos da realeza. Eu cresci aqui como um renegado aos olhos do meu avô. Eu era seu herdeiro,

mas me recusava a deixá-lo me intimidar como fizera com meu pai. – A expressão de Marco mudou e Emily desejou se aproximar e confortá-lo. – Meu pai era muito gentil para se confrontar com meu avô. Quando criança, eu odiava saber disso. Como forma de compensação, me rebelei contra a autoridade de meu avô e jurei provar para mim mesmo que eu tinha capacidade de ser bem-sucedido.

– Mas enquanto esteve fora, sentiu falta da ilha e da sua família, do seu pai? – Emily perguntou.

– Sim, foi um choque quando ele morreu naquele maldito acidente na costa da ilha. Algo que nunca imaginei que pudesse acontecer...

E junto com a tristeza da perda do pai, Marco teve que lidar com irreversíveis mudanças na sua vida, Emily reconheceu em silêncio. Deve ter sido duro para ele, um homem acostumado a controlar cada detalhe de sua vida pessoal, agora tinha que concordar, como rei, que uma grande parte de sua vida estaria além do seu controle. Só de ouvi-lo, Emily começou a mudar os próprios pensamentos, transformando sua amarga raiva e dor em compaixão e aceitação. Aquilo alterava tudo para ela. Será que ele percebia o quanto era sozinho? Seria uma escolha deliberada ou acidental? E se ele soubesse, se importaria ou simplesmente aceitaria como parte do preço a ser pago pelo status real?

– Eu detestaria estar no seu lugar. – As palavras saíram antes que ela pudesse evitar.

– O que quer dizer? – ele perguntou.

– Eu pude perceber o quanto o seu povo é importante para você, Marco, e como você os ajuda com veemência, mas... – Ela parou e balançou a cabeça. – Eu não aguentaria pagar o preço que está prestes a pagar para se tornar rei de Niroli. Por um lado, sim, você terá poder e riqueza, mas por outro lado, não terá liberdade e nenhum direito de realizar seus desejos. Tudo terá que ser ponderado para ver o quanto afeta o seu povo. É uma responsabilidade muito grande. Suponho que seja diferente para quem nasceu para isso. Estou começando a entender por que príncipes só se casam com princesas – ela acrescentou. – É preciso ter nascido na realeza para compreender.

– Não necessariamente. Você está se saindo muito bem ao demonstrar uma grande compreensão sobre o que está envolvido – Marco lhe disse secamente. Eles nunca tinham conversado tão abertamente assim um com o outro e Marco ficou surpreso ao perceber o quanto valorizava as palavras de Emily. Impulsivamente, ele diminuiu a velocidade do carro, segurou a mão dela e a apertou. Emily olhou para ele surpresa. Um gesto tão terno e carinhoso não era muito típico dele.

– Estou feliz por você estar aqui comigo, Emily.

O coração dela dava pulos com a delicadeza das emoções que a invadiam. Marco parou o carro e inclinou-se para beijá-la, um beijo muito profundo e carinhoso, contendo uma mensagem que Emily não conseguia decifrar, mas que provocou desejos em seu corpo. Aquele comportamento de Marco era totalmente incomum. O coração dela parecia ter asas, estava tonta com a própria felicidade.

Entretanto, não permitiria que um raro momento como esse a deixasse esquecer o que acabara de reconhecer. Então, deveria deixar de privar-se do que sentia agora porque tinha reconhecido que o futuro deles seria separado?

– Nessa altura do jogo, quando você já foi longe demais, é natural que precise de alguém para refletir sobre as ideias e que possa confiar – ela lhe disse – e... – Interrompeu, incerta sobre o quanto ousaria dizer sem se entregar.

– E? – Marco sondou.

– E eu gostaria de ser essa outra pessoa – Emily respondeu.

Um homem jovem, alto, magro e com roupas largas estava no meio da rua, acenando para o carro de Marco com uma expressão de satisfação.

Emily olhou para Marco de forma interrogativa.

– Tomasso – ele disse para ela, enquanto estacionava. – Ele é o líder de uma gangue de jovens Vialli, e eu o escolhi para ser o meu representante para cuidar dos geradores e apresentar os novos benefícios para os habitantes do vilarejo.

No momento em que Marco abriu a porta do carro para sair, ele saltou sobre Marco exclamando:

– Alteza, Alteza, está aqui! O gerador, assim como o senhor prometeu. Construímos um lugar especial para ele. Deixe-me mostrar...

Uma mulher mais velha saiu de uma casa próxima gesticulando e olhando com uma expressão de desaprovação.

– O que é isso? Onde está o seu respeito com a nossa Coroa? – ela perguntou. – Alteza, desculpe o meu neto desmiolado.

Este era um lado dele que nunca tinha visto, Emily pensou, quando viu Marco sair do carro para ajudar a velha mulher, aceitando a admiração com simpatia e mantendo uma dignidade formal. Conforme mais pessoas o cercavam, mais ele se portava como o futuro rei, tanto que Emily se emocionou. Ela estava tão orgulhosa observando-o de dentro do carro e, ao mesmo tempo, tão dolorosamente distante. O que presenciava a deixava mais consciente do quanto seria impossível para eles sustentarem uma relação duradoura. Ela já percebia os olhares curiosos e até mesmo hostis na sua direção. Ela notou que Marco havia sido questionado sobre quem era ela.

Meia hora depois ele voltou para o carro, acompanhado por um grupo de jovens risonhos, enquanto Emily notou que o grupo mais velho do vilarejo mantinha-se um pouco mais afastado, ainda olhando para ela com cuidado. Um homem barbado e claramente mais velho foi até Marco e lhe disse algo, sacudindo a cabeça e apontando para o carro. Emily percebeu a expressão séria de Marco enquanto ouvia.

– O que o velho homem lhe disse? – ela perguntou, quando já estavam saindo do vilarejo.

– Nada demais.

– Sim, ele disse. Ele falou alguma coisa sobre mim, não falou? – Emily o pressionou.

Marco olhou para ela. Rafael era o homem mais velho do vilarejo, um homem de muita confiança de seu avô. Ele não aprovava o gerador e declarou isso. E ainda repreendeu Marco, quando viu Emily no carro.

– Trazer uma mulher dessa para Niroli! Onde está a vergonha dela? – Rafael reclamou. – Ela aparece aqui descaradamente, como se não tivesse vergonha na cara – ele disse a Marco furiosamente.

– Rafael tem a reputação de ser muito determinado. Ele é ainda mais velho que meu avô e pensa que é o guardião da moral da ilha...

– Você quer dizer que ele desaprova o fato de eu estar aqui – Emily supôs.

– O que ele pensa ou sente é problema dele – ele retrucou.

A realidade não era bem assim, as escolhas de Marco *eram* problema do povo de Niroli.

Quando chegasse a hora de se casar, Marco refletiu, ele precisaria de uma mulher que o ajudasse a cuidar do seu povo. Emily poderia perfeitamente preencher esse papel. De algum modo, essa ideia caiu indevidamente em seus pensamentos, onde não deveria estar. Assim como não tinha o direito de permitir que Emily entrasse em seu coração. *No seu coração?* E agora, *no que* estava pensando? O fato de ter sentido raiva da objeção de Rafael à sua presença não significava que ela tinha encontrado um lugar no seu coração. Significava?

CAPÍTULO 11

EMILY SORRIU para si mesma ao estacionar o carro em um elegante spa da ilha. Apesar de terem transado na noite anterior e ter sido sugestão dele que ela visitasse o spa hoje, Emily preferiria ter a companhia dele. Entretanto, Marco estava muito ocupado com os afazeres reais para ficar com ela.

Para o alívio de Emily, já fazia três dias que ela não se sentia mal. Mas, notou que, apesar de não estar comendo muito, a cintura de sua saia preferida estava apertada. Mais desconfortáveis estavam os seus seios, inchados e enrijecidos.

– Posso ajudá-la?

– Eu não tenho hora marcada, mas gostaria de saber se há possibilidade de fazer uma consulta.

– Que tipo de consulta gostaria? Aqui está uma lista com os serviços que oferecemos e um questionário médico. – A recepcionista sorriu. – A proprietária do spa é muito responsável e cuidadosa com os nossos clientes, e devo ressaltar que algumas massagens mais vigorosas não são recomendáveis para mulheres grávidas.

Grávida! Emily quase riu. Bem, ela certamente não estava. De repente alguns fatos lhe vieram à mente: o mal-estar, os seios doloridos, o aumento da cintura... Uma onda de mal-estar e choque tomou conta dela.

Será que ela estava certa? Estaria grávida? Ela fez as contas mentalmente enquanto o coração acelerava no peito.

Emily precisava sentar-se urgentemente, mas não aqui. Em nenhum lugar onde a verdade pudesse vir à tona e tornar-se uma ameaça para o filho que ainda não nascera. Foram segundos, minutos no máximo, desde que percebeu a realidade, mas ela já sabia que não havia nada que pudesse fazer para proteger a nova vida que crescia dentro dela. Ela não permitiria que nada ou ninguém colocasse a segurança ou a vida do seu filho em perigo!

EMILY ENCAROU seu reflexo no espelho do banheiro e tentou não entrar em pânico. Havia poucos indícios que demonstrassem estar grávida nesse momento, a não ser o aumento da cintura. Quanto tempo ainda teria até que Marco suspeitasse? Ela não poderia estar em Niroli quando isso começasse a

acontecer. Podia ouvir a voz de Marco dizendo, bem no início da relação, que não poderiam ocorrer acidentes. E o que ele esperava que ela fizesse caso isso acontecesse.

Claro, o que ele quis dizer e não disse era que não queria nenhum bastardo na realeza.

Mas ela não destruiria seu filho de modo algum. Preferiria destruir a si mesma.

Todavia, era lógico para Emily que, mesmo que Marco não tivesse planejado, ele não queria que ela tivesse esse filho. Não havia lugar em Niroli para a amante grávida do futuro rei, ou para seu bebê ilegítimo! O que faria? Emily nunca se sentiu tão sozinha.

– E AGORA, os mais velhos do vilarejo dizem que suas ordens foram ignoradas e que o galpão do gerador foi quebrado e o gerador, roubado. Você percebe o que fez, o problema que causou com a sua interferência?

Marco se forçava a contar lentamente até dez, antes de responder à ira de seu avô.

– Está me dizendo que o Rafael deu ordens para que o galpão fosse fechado com tábuas para segurança dos habitantes do vilarejo? O que isso significa?

– A paz do vilarejo estava sendo destruída pelo barulho do gerador e de vários utensílios elétricos. Vários habitantes da região reclamaram com ele que isso fez com que as galinhas parassem de botar ovos e as vacas, de dar leite.

– E por causa *disso* ele interrompeu o uso do gerador? – reclamou, incrédulo.

– Rafael diz que há muito tempo se preocupa com as tendências de rebelião dos Viallis entre este grupo mais jovem. Agora que eles roubaram o gerador e se recusam a dizer onde está, ele não tem outra escolha a não ser mandar puni-los.

– O quê?

– E mais, Rafael me disse que o seu vilarejo está à beira da anarquia, e que isso se espalhará pelos outros vilarejos na montanha.

– Isso é loucura – Marco disse ao avô. – Se alguém deveria ser preso, essa pessoa é o Rafael, com suas visões pré-históricas.

– O que eu vejo é que você é a causa desse problema, com a sua recusa imprudente em obedecer as minhas ordens.

Marco não podia mais ficar e ouvir aquelas coisas, corria o risco de ser provocado e entrar em um combate com seu avô e suas ideias antiquadas. Marco fez uma meia reverência para o rei Giorgio, virou-se e saiu da sala.

Emily deveria estar voltando para a vila por agora. A imagem dela invadiu o seu pensamento, ela deveria estar sentada à sombra e, quando o visse chegando, lhe lançaria um sorriso de boas-vindas. Estaria calma e tranquila, e só de vê-la sua frustração desapareceria. Nesse momento, ele admitiu, daria qualquer coisa para dividir com ela os acontecimentos da manhã. Emily era compreensiva e sabia ouvir, e era disso que ele precisava.

Ele parou. Aquela palavra outra vez: “precisar”. Isso o fazia perceber o quanto estaria se sentindo sozinho se Emily não estivesse em Niroli. Só quando a trouxe para a ilha reconheceu como ela era boa com as pessoas e sabia resolver os problemas. Ter essa válvula de escape e poder conversar abertamente com ela sobre a situação com o avô era muito gratificante para Marco. Ele estava começando a sentir que não gostaria que ela deixasse nem a vila nem a sua cama. Enquanto começava a desconsiderar as regras reais em benefício do seu povo, percebeu que poderia fazer o mesmo quando sua vida pessoal

estivesse envolvida e se beneficiar. A única maneira de manter Emily na ilha seria elevá-la à posição de amante real e, para isso, teria que encontrar um marido nobre para ela. Marco sabia que poderia encontrar esse marido, mas também sabia que Emily se recusaria veementemente a entrar nesse tipo de casamento, além disso... além disso o quê? Ele não *queria* que ela tivesse um marido.

– EMILY.

Ela ficou tensa ao ouvir Marco chamá-la, quando ele entrou no pátio interno, onde se encontrava sentada à sombra, com uma das mãos instintivamente sobre a barriga.

Era início da noite. Ela percebeu algo estranho na voz de Marco. O que era? Não era cansaço nem irritação e certamente não era ansiedade, mas de algum modo ela sentiu um aperto no peito por ele. Era algo além da própria dor e do medo por seu filho. Isso seria sempre assim? Ela estaria sempre disposta a lhe dar o melhor do seu amor?

– Eu gostaria de ter chegado mais cedo – Marco esclareceu –, mas tive que ir até o vilarejo de Rafael para pôr fim em alguns problemas.

– Que tipo de problema? – Emily perguntou ansiosa.

Marco sentou-se ao seu lado. Ela podia sentir o cheiro de poeira nele, depois de um dia atarefado, mas por baixo disso também sentia o cheiro da sua sensualidade. Contudo, esta noite, em vez de se encher de desejo, ela sentiu uma mistura tão intensa de emoções que sua garganta travou com as lágrimas. Eram lágrimas pelo filho deles, que nunca poderia conhecer o cheiro do pai, lágrimas por ela, por ter que viver sem Marco. Porém, mais que tudo, lágrimas pelo próprio Marco, que nunca poderia dividir com ela o sentimento único decorrente de terem gerado juntos uma vida. Seu filho, o filho deles, o primeiro filho dele. A emoção forte fez todo o seu corpo estremecer, devastando-a com uma avalanche de amor e dor em iguais proporções. Ela desejava tanto o seu bebê, sua criança. Emily era uma mulher moderna, financeiramente independente, com sua própria casa, trabalho e com muito amor para dar ao filho. Um bebê que jamais conheceria o amor do pai, ela se deu conta, conforme Marco respondia sua pergunta, forçando-a a se concentrar no que ele falava e a colocar de lado os seus pensamentos.

– Rafael tentou fazer com que os habitantes do vilarejo parassem de usar o gerador – ele explicou. – Então, Tomasso e alguns outros amigos se rebelaram e roubaram o gerador. Rafael, com a aprovação de meu avô, puniu os jovens.

– Não é bom que eles se sintam tão reprimidos – Emily sentiu-se obrigada a comentar.

– Eu sei – Marco reconheceu. – Se meu avô fosse mais razoável, eu poderia dividir com ele a minha preocupação. Se estes jovens escolherem o caminho errado e se tornarem tão rivais, tudo isso poderá resultar em uma agitação civil. Mas se eu comentar isso com ele, a sua reação vai ser mandar prendê-los.

– Você precisa encontrar um jeito de incluí-los em um diálogo aberto para que sintam que seus interesses são levados em consideração – Emily sugeriu.

– É exatamente o que penso – Marco concordou. – Eu já disse para eles que esse é um problema que eu pretendo assumir assim que for coroado, e pedi que tenham paciência. Também sei que, no momento que começar a instituir as reformas, a velha guarda reagirá contra, porque meu avô os doutrinou a achar que mudanças significam perdas.

Emily ouviu com paciência. Ela via como Marco estava entusiasmado com a situação. Também percebia que, quanto mais sentisse raiva e contrariedade com relação ao avô, mais difícil ficava um acordo.

– Eu não preciso lhe dizer que seu avô é um homem velho – ela retrucou. – Seu orgulho não permitirá que ele admita que cometeu erros e que já foi longe demais. Talvez você pudesse apresentar essas ideias de modo que ele pense que são dele, pelo menos em público. – Ela percebeu, pela expressão de Marco, que ele não pretendia embarcar no que estava dizendo. Parecia que ele e o avô eram homens tão teimosos e orgulhosos que nenhum cederia em favor do outro.

– Você ainda não viu nada na ilha – Marco disse abruptamente. – Nós vamos consertar isso amanhã.

CAPÍTULO 12

– **T**EM CERTEZA de que tem tempo para fazer isso? – Emily indagou, enquanto Marco abria a porta do carro, antes de saírem para ver algumas coisas na ilha. Emily adorou entrar no carro com ar refrigerado. Ela leu em algum lugar que a gravidez aumenta o fluxo sanguíneo e, com isso, a sensação de calor. Gravidez. Ela adoraria poder dividir sua felicidade com Marco, mas, ao mesmo tempo, tinha medo da reação dele. Se ele a pressionasse a interromper a gravidez, isso partiria o seu coração. Mas o que mais ele poderia fazer? Mesmo que estivesse preparado para entender e aceitar que ela queria ter esse filho sozinha, ela suspeitava que o avô dele seria totalmente contra. O velho rei pressionaria Marco para que ele resolvesse a situação com ela. Ela não queria colocar Marco nessa posição e desejava manter o filho o mais longe possível do que considerava ser um ambiente negativo. A família real de Niroli podia ser a mais rica do mundo, mas pelo o que Emily sabia, eles eram tão problemáticos quanto prósperos. Ela desejava que o filho crescesse consciente de que possuía a riqueza do amor, e não de dinheiro. Emily desejava que seu filho crescesse em um lugar bem longe de Niroli e sem o fardo de ser um bastardo real. Então o que faria? Retornaria para Londres sem contar a Marco que teria um filho dele?

Emily sentia que esta era certamente a opção mais adequada. Mas teria forças para fazer isso? Conseguiria se afastar de Marco sem contar? Ela já amava o filho o suficiente para fazer o que fosse preciso para protegê-lo, inclusive abandonar o homem que amava. Contudo, também amava Marco o suficiente para poupá-lo da necessidade de levar em conta uma possível paternidade e os problemas que isso lhe causaria? Seria forte o suficiente para negar sua vontade em dividir as novidades com ele, mesmo se soubesse que ele não poderia, ou não dividiria sua crescente felicidade de ter um filho?

Um filho era um extraordinário presente que o destino estava lhe oferecendo. Mas não era qualquer filho, e sim a semente do homem que amava. Emily poderia descrevê-lo agora, pois de algum modo ela já sabia que seu bebê seria um menino. E quando fosse adulto o suficiente para querer saber o nome de seu pai? Pensaria nisso depois. Agora, estava mais preocupada com a saúde do bebê e se conseguiria sair de Niroli sem que Marco percebesse alguma coisa. Como faria isso? Não podia simplesmente dizer-lhe que não o queria mais. Ele nunca acreditaria nisso.

Talvez acreditasse se ela lhe dissesse que não estava satisfeita com o papel que desempenhava em sua vida. Ela nem sequer era reconhecida como sua amante e isso poderia refletir mal na sua reputação profissional. O próprio orgulho de Marco seria capaz de identificar isso. Na noite anterior, quando

transaram, ele não questionou o modo como ela pediu para que ele amenizasse os movimentos. Emily chegou a perder o fôlego, dividida entre a ansiedade maternal e o desejo físico que a estimulava. Mas Marco fora um amante habilidoso e sensual, ele conhecia cada resposta corporal sua e sabia como provocá-las. Não havia dúvida que brevemente ele perceberia o desejo de Emily em ser penetrada com menos intensidade.

Ela sorriu ligeiramente. Marco ainda não sabia, mas o passeio que fariam juntos hoje poderia ser o último. Agora ela estava destinada a trilhar um novo caminho, que usufruiria com este presente que recebera dele.

– O cinto de segurança – Marco lembrou. Antes que pudesse detê-lo, ele se curvou sobre ela para fixar o cinto de segurança. Imediatamente, Emily prendeu a respiração para se proteger. Não havia nenhuma protuberância que pudesse denunciá-la, mas ainda assim ela teve o impulso, pela vulnerabilidade de seu filho.

– Emily?

Para seu espanto, Marco colocara a mão espalmada sobre sua barriga. Imediatamente ela olhou para ele. Será que ele desconfiou de alguma coisa intuitivamente?

– Você parece bem melhor agora do que quando chegou aqui – ela ouviu. – O sol de Nirolí lhe faz bem.

Emily liberou a respiração. Ele não desconfiou de nada, sua ansiedade estava inventando coisas.

– Qualquer pessoa aproveitaria. Eu sei que conheci muito pouco da ilha...

– Hoje vamos conhecer o máximo que pudermos – Marco lhe informou, assim que ligou o carro. – E minhas obrigações reais terão que esperar.

Seja qual fosse o futuro do filho de Marco, Emily ficava satisfeita em saber que não seriam as obrigações obscuras que Marco tinha que enfrentar. O pequeno garoto poderia crescer sem conhecer o pai, mas estaria livre do fardo que Marco carregava. Emily se sentia passionalmente grata por isso, mas ao mesmo tempo ficava arrasada pelo amor que sentia por Marco. Ele saiu da estrada e entrou em uma ruela bem estreita, que margeava uma encosta rochosa com penhascos na direção do mar.

– Este era um dos meus lugares favoritos quando eu era criança – Marco confidenciou e parou o carro.

Emily entendeu por quê. A área era totalmente selvagem. De alguma maneira, a paisagem correspondia ao homem.

– Vamos descer.

Emily não estava certa se desejava isso. A altura dos penhascos lhe causava uma desconfortável vertigem, mas Marco estava tão decidido que ela não queria explicar como se sentia.

– Eu costumava vir até aqui, olhar o mar e prometer a mim mesmo que um dia me livraria desse lugar e de meu avô, mas claro que, mesmo naquela época, eu sabia que um dia teria que voltar – Marco confessou, quando estavam um pouco afastados do penhasco. Ele se curvou e encheu a mão com o fino e pedregoso solo, jogando o mais longe possível no mar.

Ao observá-lo, Emily sabia que aquela era a representação de algo que fizera muitas vezes quando menino, como forma de aliviar a raiva dentro de si. Era uma emoção que ele dissipou parcialmente ao deixar a ilha e cuidar da própria vida. Mas isso nunca o abandonaria enquanto ele e o avô brigassem pela supremacia de um sobre o outro. E enquanto estivessem metidos nessa disputa, outros sofreriam. Ela não permitiria que seu filho fosse um desses...

De repente ela se deu conta de que *precisava* contar a Marco que pretendia partir. Ela não pôde parar o movimento, já estava estendendo a mão para tocá-lo e colocou sua mão sobre o cotovelo dele. Imediatamente ele se virou.

– Marco – ela tentou começar, parando em seguida. Inesperadamente, ele a tomou nos braços, beijando-a com tanta paixão que seus olhos se encheram de lágrimas.

Por que ele estaria fazendo isso?, Marco se perguntou. Ele sabia que não poderia continuar. Apesar de, bem no fundo, saber que estava se tornando muito dependente dela e que ela era cada vez mais importante para ele. Isso não poderia acontecer. Não havia espaço em sua vida para aquele tipo de relacionamento com ela. Ele era o futuro rei de Niroli e pretendia dedicar cada energia, física e mental, para o seu país e o seu povo. Ele poderia derrubar as restrições que as leis reais impuseram por séculos, poderia abrir as portas para a população de Niroli caminhar livremente para um novo século. Não havia um lugar legítimo em sua vida para o tipo de relação que tinha com Emily. Ele estava vacilando no modo como se sentia com relação a ela agora. Isso começou a acontecer recentemente, quando reconheceu que havia dentro dele uma perigosa necessidade de estar perto dela, um desejo que ia além do sexual. Essa emoção não poderia existir e não deveria ser nomeada, ou ter espaço em sua vida.

Ele começou a se afastar dela e parou. Com um gemido abafado, apertou-a contra o peito e beijou-a outra vez.

A boca de Emily se oferecia macia, seu corpo estava quente, e ele desejou possuí-la, preenchê-la, se perder nela e conhecer a paixão de amá-la.

– Marco! – Emily o impediu, controlando o próprio desejo e separando sua boca da dele. Ela tremia dos pés a cabeça, não com medo dele, mas dela mesma e da intensidade dos seus sentimentos. Ela tropeçava nas palavras, desesperada. – Não é fácil dizer isso, mas a verdade é que eu nunca deveria ter vindo para cá. Niroli é diferente de Londres e o meu papel na sua vida mudou. Não posso viver dessa forma, Marco. Desprezada e ignorada pela Corte e forçada a viver à sombra. Vou voltar para a Inglaterra assim que possível. Será melhor para nós dois.

Ela só estava falando o que ele já sabia, mas mesmo assim Marco ficou surpreso, devastado. Ela não poderia fazer isso! Ele não estava pronto para deixá-la ir. Deveria estar se sentindo aliviado, mas em vez disso, sentia-se brutalmente golpeado. Marco estava entorpecido pela dor que o assolava e sufocava a razão, espalhando uma agonia insuportável por todo seu corpo. Ele mal conseguia pensar no assunto ou fazer qualquer coisa a não ser tentar sobreviver a essa opressão que o atormentava. Como isso poderia ter acontecido? Como poderia estar vivenciando isso? Os pensamentos e os sentimentos que tomavam conta dele eram tão novos e estranhos que o faziam se sentir como um desconhecido para si mesmo. Ele se sentia como um homem possuído por... por quê? Marco sacudiu a cabeça, incapaz de ordenar as palavras que pulsavam em seu coração. Ele desejou que isso acontecesse, desejou que ela se fosse. Mas não dessa forma... Ele deveria pedir que ela partisse... Mas como? Diria que não a queria porque estava com medo que ela ficasse entre ele e suas obrigações? Todo o seu corpo estremeceu, assolado novamente pela dor.

Por que Marco não dizia alguma coisa, qualquer coisa? Emily se preocupou.

– Eu amava a vida que levávamos em Londres, Marco. Mas as coisas são diferentes aqui. O tempo que passamos juntos é um tempo roubado – ela disse tristemente. – É melhor eu ir agora.

Marco podia sentir o batimento forte de seu coração ao perceber a objetividade na voz dela.

– Nunca haverá alguém como você na minha vida, Marco. Nenhum relacionamento será comparado ao que vivemos juntos.

Era como se as palavras estivessem sendo arrancadas dela, mas ela não conseguia conter. Afinal, eram todas verdadeiras, mesmo que Emily se sentisse idiota ao pronunciá-las.

Agora não importava se reforçava o erro acariciando-lhe o rosto. As lágrimas escorriam do canto de seus olhos, conforme sentia a textura familiar e áspera da barba de Marco contra a palma suave da sua mão.

– Emily.

Ele segurou-a pela mão e, antes que ela pudesse interrompê-lo, aproximou-se de seus lábios e a soltou, ao perceber que ela tremia. Então, ele puxou-a e roubou-lhe um beijo. Ela não resistiu. Em vez disso, ofereceu a doçura que Marco exigia, enquanto se agarrava indefesa a ele.

Marco sentiu uma irresistível necessidade o dominando e quis saber como seria fazer sexo naquele penhasco. Ele não poderia deixá-la partir sem essa última vez, uma última lembrança que guardaria por todos os dias e noites de sua vida quando estivesse sem ela. Em muitas ocasiões eles fizeram amor de forma bastante sensual e prolongada, quando ele deliberadamente se propunha a satisfazê-la. Mas nenhuma das vezes fora tão intensa ou emocionante como essa. Porque essa era a última vez que poderia se proporcionar o que tanto havia negado, o direito de sentir e ter emoções da mesma forma que havia experimentado na carne.

Isso foi o máximo, Emily disse para si. Ela não era forte o suficiente para suportar esse tipo de paixão. Era como se Marco tivesse arrancado, junto com as roupas, a barreira que ela sempre notara nele.

Quando eles se deitaram na grama coberta de lavanda, com o sol aquecendo seus corpos nus, os beijos que ele dava no corpo de Emily eram acalorados e ardentes de desejo, indo além do meramente físico. Como se tivessem combinado, nenhum dos dois disse uma palavra. Palavras só poderiam ser mentiras ou, pior, trazer sofrimento. Era melhor assim, que a última lembrança que guardariam um do outro fosse repleta da consciência do que compartilharam e do que jamais teriam outra vez, mas sem palavras. Ao tocá-lo, Emily percebia que jamais o amara tanto.

Eles se beijaram e se tocaram, os lábios colados, os corpos insistentes tentando desesperadamente se agarrar a cada segundo do prazer que compartilhavam.

Ela guardaria as lembranças desse dia como um tesouro para o resto da vida.

Ela sorriu preguiçosamente para Marco, quando ele apoiou-se sobre ela.

– Eu não quero que você vá.

Marco não tinha ideia de onde essas palavras vieram. Não! Isso era mentira. Ele sabia exatamente de onde elas vieram e por quê. E mesmo que não soubesse, seu pesado e golpeado coração teria revelado. O que diabos estava fazendo, quando já tinha decidido que ela deveria ir? O que acontecera com ele para mudar de ideia em alguns minutos de bom sexo? Mas não era o sexo bom que ele temia perder, era a própria Emily.

Emily imaginou se alguma coisa mais na sua vida poderia ser tão pungente do que isso. Marco nunca, jamais a pediu qualquer coisa, quanto mais implorar tão emocionalmente! Ela adoraria se jogar nos braços dele e cobri-lo de beijos apaixonados, enquanto se declarava e lhe dizia que não havia nada na vida que desejasse mais do que estar com ele. Mas como poderia?

– Marco, sinto muito. Eu não posso. – Sua voz era quase um sussurro, mas Marco pôde ouvir. Ele largou-a abruptamente e se afastou.

Ela levantou-se sozinha e chamou-o, mas ele já estava indo na direção do carro.

– Marco – ela protestou. – Por favor, me escute...

Ele parou de caminhar e se virou. Ela percebeu o seu peito inflar-se quando ele respirou fundo. A tristeza que a invadia não era só dela, era de ambos. Emily sabia o que tinha que fazer, era sua responsabilidade renunciar agora, mas como poderia ir embora deixando-o pensar que ela não queria ficar com ele? Não poderia, ela decidiu. Sim, ela tinha o bebê em quem pensar. Sim, ela temia pela reação de Marco ao saber da gravidez. Mas ela também amava Marco e o pedido para que ela ficasse era muito precioso, Emily não podia negar que isso a afetara.

Ela respirou fundo, era a coisa mais difícil que já fizera na vida.

– Eu não *quero* deixá-lo, Marco, mas é *preciso*. Eu terei um filho seu. Estou grávida.

O quê? Marco sentia as palavras de Emily lhe destruindo internamente.

– Eu sei que você disse no começo do nosso relacionamento que não deveriam acontecer acidentes – Emily continuou cuidadosamente, diante de silêncio tenso de Marco – e... e é claro que agora eu entendo o que você disse. O bastardo do futuro rei de Niroli não é um título que desejo para o nosso bebê. – Ela encolheu os ombros. – A verdade é que eu não quero que ele tenha título algum e se há alguma coisa que me alegra no meio disso tudo é isso. O nosso filho não terá que viver da forma controlada e confinada que você terá. O que desejo para ele, acima de tudo, é o tipo de liberdade pessoal que você não tem e não poderá dar para o seu filho legítimo. Eu quero que ele cresça em uma casa repleta de amor, onde o mais importante seja ele encontrar o próprio caminho na vida e descobrir seus talentos. Não quero que o futuro dele seja corrompido por riqueza e posição. Não quero que ele tenha que carregar o mesmo fardo que você, Marco. Eu não posso dar a ele um pai, mas posso lhe oferecer o direito de definir a própria vida e essa será a coisa mais valiosa que seu filho herdará.

Por alguns segundos, Marco ficou muito surpreso com o que acabara de escutar. Ele tomou conhecimento da tremenda importância do papel que carregava para a sua família no momento em que nasceu. Era difícil entender que alguém poderia não respeitar aquilo. Mas ele podia entender o que Emily queria dizer. O sentimento de isolamento e solidão, de ter perdido coisas que jamais poderia recuperar e a consciência de que em algum lugar, de algum modo, ele havia sido golpeado pelas costas. Com esse pensamento, Marco fora levado pelas dolorosas lembranças dele enquanto menino, ansiando pela liberdade de ser ele mesmo. Ele via a angústia e o esforço de seus pais e, claro, a raiva de seu avô. Ele também ouvia a própria voz dizendo:

– Quando eu crescer e puder fazer o que quiser, não serei um príncipe! – Mas como um pontapé, lentamente sua posição e o que isso significava foram remodelando sua personalidade. Ele costumava imaginar dois garotos, ambos de cabelos escuros e robustos. Um deles era sorridente, despojado e brincava feliz com os amigos; o outro tinha olhos tristes, era solitário e mantido a distância pelos amigos, protegido pelos privilégios, ou aprisionado por isso?

Que bobagem era essa? Marco expulsou as lembranças se recusando a admiti-las e se deixou tomar pelo orgulho.

– Você está sendo ingênua. Ninguém mais compartilhará com você essas ideias, Emily. Na verdade, vão considerá-la uma tola. Além disso, ser rei de Niroli é mais do que todas essas coisas – ele retrucou. – Trata-se de fazer a diferença para o meu povo, conduzi-los para um futuro melhor. Você realmente acha que o nosso filho, meu filho, lhe agradecerá por tê-lo negado um direito de nascença?

– Ele não tem direitos de primogenitura aqui em Niroli. Eu sou sua amante e será ilegítimo.

– Ele tem o direito que eu escolher dá-lo.

– Reconhecendo-o e fazendo-o encarar o mundo como um filho com menos direitos do que o nascido dentro de um casamento real? Fazendo-o crescer em um ambiente onde sempre será menos,

aos olhos deles e, em última análise, aos seus também?

– Ele será um membro da família real de Niroli, como pode pensar em negá-lo esse direito? Você realmente acha que ele lhe agradecerá quando for adulto e perceber o que perdeu?

Entre uma frase e outra, eles se tornaram adversários, Emily reconheceu.

– Não importa ficar discutindo sobre os nossos sentimentos – ela disse. – Você ainda não é o rei Marco e eu duvido que seu avô receberia de bom grado o nascimento de um filho ilegítimo de uma mulher de status tão baixo como eu.

As farpas na voz de Emily eram suficientes para aquecer os ânimos de Marco. De algum modo, ela sabia a opinião que o avô de Marco tinha a seu respeito.

– O fato de eu ser o pai dele já lhe garante automaticamente seu status – Marco discordou e percebeu que suas palavras a deixaram mais enfurecida.

– Sim, como o seu bastardo, um bastardo real, eu sei. Mas ainda assim ele será o seu bastardo. Eu não o deixarei passar por isso, Marco. Vou voltar para casa.

– Niroli é minha casa e é aqui que vocês vão ficar. Quando descobriu sobre a gravidez? – ele perguntou de repente.

– Há pouco tempo. Eu não imaginava... – Emily desviou o olhar de Marco, lembrando o quanto ficara chocada. – Eu nunca teria aceitado vir para cá com você se soubesse.

– Como pretendia me informar que eu era pai? Pelos noticiários do *The Times*?

Emily acovardou-se ao perceber a brutalidade em sua voz.

– Isso não aconteceria – ela respondeu com calma. Teria sido tolice da parte dela ceder em seus argumentos para consolá-lo. Agora, ela já tinha criado uma outra série de problemas. Por que foi contar para ele? Porque no fundo esperava... que ele a pegasse nos braços e dissesse que estava animadíssimo com o fato de estar grávida dele?

– Sinto muito se o deixei estarecido. Eu mesma fiquei surpresa ao saber. Não queria que você pensasse que eu estava partindo porque... – As palavras “porque eu não o amava” ficaram presas na garganta. Como poderia pronunciá-las se sabia que ele não desejava esse amor? – Eu queria que você soubesse que eu tinha um bom motivo para deixar a ilha – ela emendou. A voz de Emily ficou mais firme ao enfatizar: – Um motivo do nosso interesse. Nós já sabíamos que algum dia teríamos que nos separar. O fato de eu ter acidentalmente concebido um filho seu só fez essa partida tornar-se mais necessária. Nós sabíamos disso. Eu não serei sua amante grávida, Marco.

Emily teria o filho dele, ou melhor, deles! Todas essas emoções estranhas apertavam o coração de Marco.

– Está com quanto tempo? – ele perguntou bruscamente. Emily sentiu como se tivesse levado um banho de água fria. Era isso que ela temia. Uma discussão com ele na qual tentasse questionar que ela tinha programado essa gravidez, coisa que ela absolutamente não teve a intenção de fazer.

– Não tenho certeza – admitiu honestamente. – Eu acho que pode ter acontecido quando tive aquele problema no estômago. Lembro-me de ter lido em algum lugar que aquele tipo de coisa pode anular o efeito do anticoncepcional. Eu deveria ter pensado nisso naquela época, mas não o fiz. – Ela levantou a cabeça e disse com firmeza: – *Você* não precisa se preocupar, Marco. Eu estou completamente preparada para assumir a responsabilidade pelo meu filho sozinha.

– Meu filho – Marco a interrompeu bruscamente. – A criança é meu filho, Emily.

Ela olhou para ele indecisa. Não lhe ocorrera que ele reagisse dessa forma. Ele parecia quase tão possessivo com relação ao bebê quanto ela.

– Não quero mais discutir sobre isso, Marco. Não há necessidade. Não quero mais ficar aqui.

O SOL da manhã se estendia sobre o pátio. O café que Maria lhe trouxera uma hora antes já estava frio e Marco estava mergulhado em seus pensamentos. Ele não deixaria Emily partir e não permitiria que seu filho fosse criado em nenhum outro lugar diferente de Niroli. Eram princípios inaceitáveis e imutáveis que ele se dava o direito como futuro rei e como pai do filho que Emily esperava. Não era mais uma questão do que ele fazia ou do que não fazia, era uma questão de obrigação real, de orgulho próprio com o seu nome e com o seu primeiro filho.

Era ridículo que Emily sugerisse que o filho deles teria benefícios diferenciados do seu possível filho legítimo. Tolice da parte dela achar que ele, um dia, a agradeceria por tê-lo privado do status real. Marco poderia ter usufruído sua liberdade em Londres, mas jamais se esqueceu quem e o que ele era. Ter sangue real e poder reivindicar isso, mesmo que tenha sido concebido fora das leis vigentes, era um benefício que não poderia ser ignorado. Seu filho, ao crescer em Niroli como um filho reconhecido, poderia ansiar por tudo o que há de melhor e, quando crescesse, teria um posto de autoridade na Corte de seu pai. Ele seria reverenciado, respeitado, exerceria o poder e estaria apto para auxiliar seu legítimo meio-irmão quando esse se tornasse rei. Será que ele se sentiria aprisionado por esse status real como Marco se sentia? Não!

Essa criança poderia ter muita coisa, desde que Emily estivesse preparada para enxergar isso. Ela não possuía o status de uma amante real, isso era verdade. Porém, seu avô, apesar de todos os seus erros e teimosias, também tinha um forte senso de obrigação e família. Ele também gostaria que seu bisneto permanecesse em Niroli. Havia um jeito de tornar possível a permanência de Emily e fazer com que ela e seu bebê fossem respeitados pelo povo.

Marco se virou ao perceber que Emily se aproximava do pátio. O sol a deixara com a pela dourada, apagando a palidez de Londres. Ela ainda não dava sinais visíveis de sua gravidez, mas irradiava um brilho forte, um ar de maturidade. Ao observá-la, Marco experimentou uma ligeira determinação possessiva em não deixá-la partir. Ela teria um filho seu. Apesar de acidental e não planejado, isso não alterava suas responsabilidades paternas nem o fato de que um bebê de sangue real estava para nascer. Quem mais, a não ser ele, poderia contar para essa criança sobre sua herança? E em que outro lugar, a não ser em Niroli?

– Eu acabei de encontrar Maria e ela trará mais café fresco para você. – Tudo isso soava familiar e confortável. Emily estava cansada. Ela dormiu pouco, os pensamentos confusos e tumultuados não a deixaram.

– Eu não estou preparado para deixá-la partir, Emily. Você e meu filho ficarão aqui, onde é o lugar de vocês. O que me ocorre é que a melhor forma para assegurar o futuro de nosso filho e a sua posição na Corte é o casamento.

Casamento! Emily quase derrubou o copo de água que estava bebendo. Marco queria se casar com ela? Ela tremeu dos pés a cabeça, tamanha era sua alegria. Lágrimas de emoção encheram os seus olhos. Ela apoiou o copo e protestou:

– Marco, não está dizendo isso, está? Como pode se casar comigo?

Pela expressão dele, ela imediatamente percebeu que alguma coisa estava errada.

– Eu não posso me casar com você – ele disse secamente. – Você sabe disso. Que diabos a fez pensar que eu poderia? – Por que será que ele sentia um enorme peso sobre os ombros? Marco não poderia se

casar com Emily e estava surpreso por ela ter pensado o contrário. Por um segundo, ao ver a felicidade nos olhos de Emily, ele sentiu que... Sentiu o *quê*? Uma felicidade recíproca? Isso era ridículo.

– Você precisa de um marido e uma posição na Corte, Emily. Entre as famílias reais europeias há uma tradição na qual um nobre próximo ao trono se casa com uma amante real. Esse tipo de casamento é mais um acordo no qual todas as partes envolvidas se beneficiam. Aos olhos do mundo, concede respeitabilidade à amante e aos filhos que ela venha a ter. O nobre em questão, claro, é recompensado por este papel e...

– Pare com isso. Pare. Eu já ouvi o suficiente! – Emily levantou-se. Ela mal conseguia respirar, mas esforçou-se para falar. – Eu pensei que o conhecia, Marco. Até senti pena de você pelas responsabilidades da Coroa que deve carregar. O homem que pensei conhecer nunca, nem em mil anos, se permitiria deixar corromper pelo poder e pelo orgulho a ponto de sugerir o que você acabou de me sugerir!

– Eu propus uma solução tradicional específica para um problema real – Marco persistiu. – Você está exagerando. – O ataque de Emily o fez sentir-se como se estivesse fazendo algo errado, em vez de recomendar uma solução lógica para o problema deles. Uma solução lógica que seu avô teria sugerido? Estaria sendo pressionado pela posição real a agir como seu avô? O tipo de homem que ele jurou jamais se tornar? Sua consciência crítica não se calaria e este desprezo ecoava de forma desconfortável internamente.

– Estou exagerando? Olha para você, Marco. Tente enxergar-se com os meus olhos e depois repita o que acabou de me oferecer como solução. Você quer subornar um outro homem para se casar comigo de forma que... de forma que o *quê*? Que você possa ter o seu filho aqui, convenientemente legitimado por um casamento de conveniência entre dois estranhos. E eu? Espera que eu faça sexo com ele voluntariamente, conceda-lhe filhos e seja sua esposa no verdadeiro sentido da palavra?

– Não, nem pensar nisso. – A imediata e grosseira negação pegaram Marco de surpresa, mas ele não poderia retirar as palavras. Ou negar o violento sentimento de posse que tomou conta dele ao pensar em Emily com outro homem na cama.

– Que tipo de homem é você, Marco, para pensar que eu me venderia por um arranjo desse tipo? Mas eu estava me esquecendo, você não é um simples homem, é? Você é um rei! Não ficarei na ilha um só minuto a mais do que o necessário. Todas as coisas que você mencionou só reforçam as minhas razões para não querer que meu filho cresça aqui. Sua proximidade com o trono o corrompeu, mas não pretendo deixar que isso corrompa meu filho também.

– E eu não pretendo deixá-la sair de Niroli.

Eles foram amantes muito próximos, mas agora eram inimigos envolvidos em uma batalha amarga para decidirem o futuro do filho que esperavam.

CAPÍTULO 13

O AVIÃO já tinha decolado, mas Emily ainda mantinha a respiração presa. Talvez esperando que Marco ainda evitasse que ela deixasse a ilha.

Ela detestou ter que apelar para a ajuda do avô de Marco furtivamente. A princípio, o rei recusou-se a vê-la quando ela o visitou secretamente no palácio. Ela já esperava pela rejeição e disse para o indivíduo uniformizado:

– Por favor, diga a Sua Majestade que o favor que tenho para pedir irá beneficiar a ele, a mim e ao trono de Niroli.

Ela teve que esperar por mais de uma hora para finalmente ser levada à presença do rei. Emily ficou impressionada ao ver o quanto Marco se parecia com ele, os belos traços de Marco ainda eram visíveis no perfil do velho homem.

Ela escolheu o momento certo. Esperou que Marco fosse para as montanhas ver Rafael antes de orquestrar sua visita ao palácio.

– Eu quero deixar Niroli – ela disse ao rei Giorgio. – Mas Marco não me permite partir. Ele disse que fará tudo o que está em seu poder para me deter aqui. – Ela não contou ao rei sobre sua gravidez, com medo de que ele repetisse as intenções de Marco em criar o filho sob um casamento arranjado entre ela e um nobre.

– Só o senhor tem autoridade para me deixar sair sem o conhecimento de Marco.

– Por que eu faria isso? – o rei a desafiou.

Emily estava preparada para aquilo.

– Porque o senhor não me quer por aqui – ela retrucou. – O senhor não me considera boa o suficiente para ser amante de Marco.

– Ele não é o homem que pensei que fosse, se não consegue prover os benefícios necessários para mantê-la em sua cama, se é lá que ele a deseja.

– Marco é muito homem para qualquer mulher – Emily o defendeu. – Mas eu sou muito mais mulher para estar preparada para dividi-lo com o trono e tudo o mais que isso exige.

Emily achou ter percebido um leve brilho de respeito no olhar do rei, antes de assentir.

– Muito bem. Eu a ajudarei. Será providenciado um voo real somente para você, e eu certificarei-me de que Marco seja mantido longe até a partida do avião.

O rei manteve a promessa que lhe fizera e agora ela estava a caminho de casa. Emily comprimiu os olhos para deixar as lágrimas escorrerem e pressionou a mão contra a barriga, como se estivesse se desculpando com o bebê pelo o que estava fazendo.

– Você pode não entender isso agora, mas estou fazendo isso por você e pelo seu futuro.

– COMO OUSOU fazer isso? – Com o rosto pálido de raiva, Marco ergueu-se contra o avô, esquecendo-se do protocolo real na sua fúria. Agora entendia por que Rafael o havia detido por tanto tempo no vilarejo com suas intermináveis reclamações contra o jovem Tomasso e seus amigos.

Quando ele retornou à vila e não encontrou Emily, Marco exigiu uma explicação de Maria, que lhe informou que um carro com a insígnia real viera buscá-la.

Ele foi direto para o palácio e exigiu ser recebido pelo avô.

– Emily me solicitou um favor, ela temia que você a mantivesse aqui contra a vontade dela. Naturalmente, eu a ajudei.

– Naturalmente – Marco concordou irritado e ficou com mais raiva ainda ao perceber que Emily fora elevada da condição de prostituta para a de alguém com quem seu avô estava disposto a conversar na intimidade. – Afinal, você nunca a quis aqui mesmo.

– Seja qual for o papel que tenha desempenhado na sua vida em Londres, não há lugar para ela aqui em Niroli. Ela própria concordou com isso e, ao fazê-lo, demonstrou mais bom senso e consciência da importância do seu futuro papel como rei do que você, Marco. Confesso que fiquei impressionado com a compreensão que ela tem das suas responsabilidades. Ela entende completamente o que você herdará quando se tornar rei de Niroli.

– Ela também entende que será a mãe do meu filho – Marco disse com toda a clareza ao avô. – Foi por isso que ela partiu, mas não acredito que tenha lhe contado isso.

– Ela terá um filho seu?

– Sim – Marco confirmou.

O rei levantou as sobrancelhas contraídas.

– Mas isso altera tudo. Por que não me contou? Ela deve ser trazida de volta, e já! E se essa criança que ela carrega for um menino? É impensável que ele cresça em outro lugar. Filhos são um precioso bem, Marco, mesmo que ilegítimos. É importante que essa criança cresça em Niroli ciente de suas obrigações e responsabilidades com a Coroa. Este conhecimento não pode ser incutido nele precocemente. Quando será o parto? Há muito que ser feito. A creche real tem que ser preparada e também uma criadagem adequada para cuidar dele. A mãe pode ficar em Londres se desejar, aliás, seria melhor dessa forma – o rei continuou.

O seu avô apenas estava retratando uma situação que ele próprio já colocara antes para Emily. Mas em vez de se sentir justificado, Marco pôde sentir um peso sobre ele.

– Você ordenará a esta mulher que retorne e irá informá-la que é ilegal retirar uma criança de sangue real da ilha, sob pena de morte.

Marco sacudiu a cabeça.

– Não seja ridículo, vovô. Em alguma idade medieval talvez esse tratamento pudesse ser aplicado, mas posso lhe informar que a Corte britânica condenará isso e que Emily está totalmente dentro dos seus direitos em querer manter a criança com ela. Eu certamente a apoiaria nisso. Eu quero que meu filho cresça aqui, sim, mas também quero que a mãe dele esteja aqui, com ele.

– Sentimentalismo ridículo. Eu culpo sua mãe por isso, e seu pai. Ele deveria ter insistido para que ela seguisse a tradição e o entregasse ao responsável nomeado para o cargo de cuidar de você como um futuro rei, em vez de se meter em assuntos que não lhe diziam respeito. Graças a ela você desenvolveu essa tendência à desobediência que o coloca em conflito com as suas obrigações.

Marco se esforçou para não dizer nada. Pelo contrário, concentrou-se na sua infância. Ele podia se ver brincando e correndo com sua mãe o seguindo, assim como se recordava dos olhares de desaprovação dos velhos cortesãos que seu avô insistia serem os responsáveis pela sua criação. Sua mãe, se ainda estivesse viva, teria apoiado e ajudado Emily. Elas teriam se dado bem. Seu pai lutou para se opor à insistência do rei para que Marco fosse criado como um príncipe, e não como membro de uma família amorosa. Seu avô tentaria impor suas vontades sobre o bisneto, Marco sabia. Ele franziu o cenho, estava ciente do seu desejo em proteger o filho do treinamento real e da disciplina rígida a que fora submetido na infância. Não era como o seu pai, lembrou a si mesmo. Marco era forte para garantir que seu filho não fosse sujeitado ao sofrimento da sua juventude.

– Aproveitando que você está aqui – seu avô continuou altivamente –, eu decidi que os geradores serão removidos da ilha completamente. Eles estão causando muito conflito entre a nossa gente. É como eu pensei, esses jovens dissidentes das montanhas foram encorajados pelos Viallis para unirem-se e desafiar a autoridade dos mais velhos do vilarejo. E a culpa disso recai sobre você, Marco. Ao se demonstrar publicamente contra as minhas vontades, você se tornou uma autoridade simbólica para a rebelião deles. Vários informantes me contaram que eles estão apenas esperando você assumir o trono para pressioná-lo e fazer exigências que jamais poderão ser cumpridas. Se houver mais algum problema, eu vou impor um toque de recolher que os ensinará a respeitar a lei e a Coroa.

– Se esse jovens estão com raiva ou cheios de ressentimentos, quem pode culpá-los? – Marco reclamou. – É preciso relaxar o controle sobre as vidas deles, e não acirrar a ponto de obrigá-los a aumentar o conflito. Impondo um toque de recolher, tudo o que você fará será reprimir os sentimentos deles e aliená-los futuramente. O que precisamos fazer é estabelecer um fórum onde eles possam ser ouvidos e orientados.

– O quê? Recompensá-los por suas rebeliões e desrespeitos? Eles precisam aprender uma lição, e não ser mimados.

– Tome cuidado, vovô – Marco advertiu. – Alimente o senso de injustiça deles impondo as vontades da Coroa e no final pagaremos um preço alto.

– Ah...! Você é muito gentil, muito liberal. Não pode governar Niroli dessa forma! – O velho rei fechou a mão e bateu com força na mesa em frente a Marco. – Deixe-os saber que devem temer sua raiva.

Assim como ele aprendeu a temer a raiva de seu avô, quando criança? Como seu filho teria que aprender a temê-la? Marco estava cheio de repugnância. Ele retornou para Niroli com o compromisso de trabalhar para o seu povo, mas agora começava a questionar suas habilidades. Com o avô contra as mudanças que gostaria de fazer e com visões completamente opostas às do rei, eles não estariam mais próximos de partir Niroli ao meio do que qualquer outra coisa? Talvez Emily estivesse certa em não querer que seu filho crescesse aqui.

Marco fechou os olhos, concentrado. Não, seu filho ficaria aqui, perto do pai. Emily teria que aceitar sua determinação em desempenhar o seu papel real, gostasse dela ou não...

CAPÍTULO 14

EMILY ACONCHEGOU-SE na confortável poltrona de sua agradável sala de estar em Chelsea, olhando anestesiada para a notificação que segurava. Não que precisasse lê-la outra vez. Ela já tinha decorado cada palavra de tanto que lera a notificação, que chegou havia dois dias. O clínico que a atendeu no hospital para o exame de ultrassonografia das 20 semanas de gravidez pediu que ela retornasse para repetir o exame.

Ela ligou para o hospital assim que recebeu a notificação e a enfermeira lhe assegurou de que não precisava se preocupar. Mesmo assim, Emily estava muito preocupada. Nada fora dito, ela sabia que o exame mostrou que o bebê tinha todos os dedos dos pés e das mãos, além de confirmar a sua suspeita de que era um menino. Se ela não tivesse recebido a notificação para repetir o exame, não teria dado a menor importância à hesitação da enfermeira. Por que teria hesitado? Havia algo errado com o bebê? Ah, Deus, por favor, não deixe que isso aconteça! Estaria sendo punida pelo que tinha feito? Por ter deixado Niroli? Por estar planejando banir Marco da vida de seu filho?

Mas isso era para proteger o bebê, não para punir Marco, ela protestou consigo mesma.

O toque da campainha a trouxe de volta dos pensamentos angustiantes. Deveria ser Jemma. O susto de ter sido convocada para um segundo exame a fez perceber o quanto estava sozinha no mundo, contando apenas com a amiga e assistente. Como resultado, Jemma começou a adotar uma postura quase maternal com ela e insistiu em acompanhá-la no segundo exame. Emily levantou-se para atender a porta. Quando abriu a porta, mal pôde acreditar. Não era possível que Marco estivesse parado em frente à porta.

Mas *era* Marco, e estava entrando na sala e fechando a porta. Ele mantinha a mesma expressão impressionante de quando estava lá fora. Por um tempo, desde que ela retornou de Niroli, Emily pensou que ele pudesse vir atrás dela para obrigá-la a voltar. Entretanto, a chegada da carta era uma preocupação muito maior para tirar-lhe o sono. O coração de Emily batia desordenado, pois além de sua presença, ele trouxe para dentro de casa também o seu cheiro. Lágrimas de saudades brotaram em seus olhos e embaçaram sua visão.

– É isso que você pretende levar para o hospital? – Sem esperar uma resposta, Marco pegou uma cesta de palha na qual ela colocara tudo o que achou que fosse precisar.

– O hospital? – ela gaguejou, assustada com aquelas palavras.

– Estou vindo da loja. Jemma me contou sobre a ultrassonografia. Eu tenho um táxi esperando.

Onde estão as suas chaves?

– Marco, não há necessidade para isso. Jemma vai comigo.

– Não vai. *Eu* vou com você, e há toda necessidade de eu fazer isso. É o meu filho que você está carregando, Emily. Está pronta?

Ela não deveria permitir que ele assumisse o controle dessa maneira, Emily disse para si mesma, mas o estresse dos últimos dias a deixara tão fraca e exaurida que decidiu não discutir. E, para ser sincera, seria bem confortante tê-lo com ela... com eles. Ela colocou a mão no ventre e sussurrava interiormente palavras doces para o bebê: não importa o resultado do exame ou o que quer que digam, ele teria direito à vida e seria amado por ela.

Enquanto Marco conduzia Emily ao táxi, notou que a preocupação com o bebê roubou dela o tom corado que adquire enquanto esteve em Niroli.

Marco entregou o nome do hospital para o taxista e ignorou a surpresa de Emily. Jemma deve ter contado para ele o que aconteceu. De fato, ela estava tão aliviada em vê-lo que lhe contou tudo o que precisava saber sem que ele sondasse. Ele veio para Londres com a única intenção de levar Emily com ele de volta para Niroli e de comunicar-lhe que o seu filho nasceria na ilha e permaneceria lá, mesmo que ela não quisesse fazer o mesmo. Desde a última vez em que a viu, os sentimentos de Marco com relação à Emily eram de raiva e hostilidade. Ela procurou seu avô nas suas costas, o abandonou e o insultou. Ela o deixou noites acordado analisando o que dissera e o que não dissera, tentando encontrar meios para que pudesse juntar as peças do quebra-cabeças em que sua vida se transformara. Tentava arrumar um modo para tê-la morando com ele em Niroli, e de bom grado. Depois, Marco analisava tudo outra vez para certificar-se de que a razão pela qual a queria era somente por causa do filho. Porque, de algum modo, por mais que fosse difícil admitir, bem no fundo ainda existia uma suspeita de que desejava *Emily*.

Quando soube por Jemma que Emily precisaria fazer um segundo exame, um terremoto emocional mudou tudo dentro dele, de modo que agora só pensava e se preocupava com Emily e com o filho.

– Alguém lhe disse por que está repetindo o exame? – Marco perguntou, assim que o táxi estacionou no hospital.

Emily negou com a cabeça.

– Mas você perguntou?

– Eu liguei para o meu obstetra e ele me informou que em alguns casos isso é necessário.

– Mas não explicou por quê?

– Não – Emily admitiu insegura. As palavras concisas e a expressão tensa de Marco aumentavam o seu medo.

Marco a conduzia como um marido comprometido. Mas Emily sabia que não era bem isso e não deveria ceder à saudade e deixá-lo tranquilizá-la de que não havia motivo para se preocupar e que tudo daria certo.

– Emily? Estamos prontos, se você quiser nos acompanhar, é por aqui – chamou a enfermeira.

– Irei com ela – Marco informou à enfermeira.

– Sim, claro. O caminho é por aqui – a enfermeira repetiu cordialmente.

– Não foi aqui que eu fiz a minha última ultrassonografia – Emily comentou, ansiosa.

– Não, desta vez o dr. Bryant solicitou uma ultrassonografia tridimensional.

– Tridimensional? O que é isso?

– Nada para se preocupar – a enfermeira assegurou. – É apenas um exame que nos fornece imagens mais claras do bebê.

– Mas por quê? Por que precisam disso?

– Assim que você vestir o avental poderemos começar a ultrassonografia.

– Você não precisa ficar aqui agora, Marco – Emily disse para Marco, enquanto puxava a cortina em volta da maca e despiu-se. Ela só pensava em seu bebê. Por que ninguém lhe dizia nada? Parte dela ficou aliviada ao ver que Marco ignorou o seu pedido e continuava ali, mas a outra parte ficou mais ansiosa ainda. E se houvesse algo de errado com o bebê? O orgulho de Marco... não importava o que Marco pensava. Ela teria esse bebê, de qualquer modo.

Depois de vestir o avental e abrir a cortina, ela parecia vulnerável e amedrontada. Só de olhar para ela, Marco se sentia como se um gigante estivesse espremendo seu coração e arrancando dele uma emoção tão intensa que chegava a queimar sua alma.

A enfermeira ajudou Emily a se deitar na cama. Como estava com 20 semanas de gravidez, sua barriga estava levemente arredondada. Emily prendeu a respiração ansiosa enquanto a médica, uma profissional muito jovem, passava o transdutor sobre a sua barriga, estudando as imagens que apareciam na tela.

– Por que estamos fazendo este tipo de ultra? – Emily perguntou.

– Veja, olhe, o seu bebê está bocejando – a médica sorriu, ignorando a pergunta. Emily olhou para a tela, seu coração deu um salto violento de felicidade quando viu as formas perfeitas daquela pequena criatura.

– Talvez não ele, e sim ela.

Emily estava tão entretida olhando para a tela que nem percebeu que Marco estava de pé atrás dela, olhando por cima de sua cabeça a imagem do bebê deles na tela.

– Ah, acho que posso afirmar que é um menino – a médica disse para Marco, com um largo sorriso. Em seguida, ela moveu silenciosamente o aparelho para ver o corpo do bebê. Foi então que o sorriso deu lugar a uma expressão compenetrada.

Por que ela não falava nada?, Emily se preocupou. Por que olhava tão atenta para a tela? Seu coração se acelerou de medo.

– O que foi? – Emily perguntou ansiosa. – Alguma coisa errada?

– Estou quase terminando e depois poderá se vestir – a jovem disse calmamente. – Você tem consulta com o dr. Bryant?

– Sim – Emily confirmou. – Olhe, se houver alguma coisa errada com o meu bebê...

– O dr. Bryant irá lhe explicar a ultrassonografia. – A jovem usava uma máscara profissional para manter distância. Ela olhou para Marco e viu em seus olhos que ele também percebera o peso das palavras da jovem. O que seria? O que estava errado? O pequeno ser que vira na tela estava bocejando e se esticando, aos seus olhos ele parecia perfeito. Talvez estivesse se preocupando à toa. Talvez fosse apenas rotina.

Suas mãos tremiam enquanto se vestia. Do outro lado da cortina, ela podia ouvir a enfermeira dizendo para Marco que os levaria para ver o dr. Bryant...

CAPÍTULO 15

EMILY SUAUA de ansiedade ao entrar no consultório do obstetra. Dr. Bryant estava sorrindo, mas não tanto quanto da primeira vez em que se viram.

– Ah, Emily, bom, bom. – Ele olhava para Marco, mas antes que pudesse apresentá-lo, Marco adiantou-se, estendeu a mão e disse:

– Príncipe Marco de Niroli. Sou o pai do bebê.

– Ah, sim... excelente.

– Dr. Bryant, por que tive que fazer outra ultrassonografia? – Emily perguntou, sem poder esperar muito. – E esta ultra 3D, o que é isso? Por quê...?

– Por favor, sentem-se. – O obstetra não estava mais sorrindo, ele olhava e mexia nas imagens que tinha sobre a mesa. – Eu lamento dizer isso, mas parece que o seu bebê tem uma deficiência cardíaca.

– Uma deficiência cardíaca? O que exatamente isso significa? O bebê irá...? – Emily não conseguiu prosseguir, suas emoções contidas estavam explodindo e a impediam de falar.

– Só poderemos dar um diagnóstico mais preciso entre a vigésima segunda e a vigésima quarta semana de gravidez. Nessa fase, tudo o que podemos afirmar do exame é que o seu bebê poderia ter uma anomalia cardíaca fetal.

– Você disse *poderia* ter uma anomalia cardíaca.

Para Emily, a voz de Marco parecia vir de muito longe, como se ela não estivesse aqui, vivendo essa cena terrível, como se ela e o bebê tivessem ido para algum lugar seguro onde nada pudesse lhes fazer mal.

– O que isso realmente significa? – Marco questionou.

– Significa que o coração do bebê não parece estar se formando como deveria. Pode ser um pequeno problema ou uma coisa mais séria. Ainda não podemos afirmar. É por isso que precisam consultar um cardiologista. Há um muito bom aqui no hospital que colabora com a unidade pré-natal.

– Meu bebê vai morrer? – A voz de Emily estava trêmula de medo.

– Não – o obstetra lhe garantiu. – Mas dependendo da gravidade da anomalia, pode ser necessária uma série de operações durante os primeiros anos da infância e da adolescência e, talvez, se a coisa for extrema, haverá necessidade de um transplante em algum estágio. Um mau funcionamento cardíaco severo pode realmente limitar o tipo de vida que o paciente possa vir a ter. Se este for o caso, o filho de

vocês precisará de cuidados especiais. Meninos gostam de correr, de brincadeiras violentas, mas pode haver a possibilidade de ele não vir a ser apto para isso.

Seu filho podia ser um garoto que não poderia correr e brincar como as outras crianças, uma criança que precisaria ser submetida a uma operação atrás da outra para manter-se vivo! Mas ele teria uma vida e ela daria cada hora, cada segundo de sua vida para ele e para suas necessidades, Emily jurou com firmeza.

Marco olhou para Emily e percebeu a devastação em seus olhos. Ele queria lhe dizer que não precisava temer nada e que manteria os dois em segurança, ela e o filho deles. Queria dizer que estaria com eles acontecesse o que acontecesse, sempre. E que eles eram a única coisa importante em sua vida. A notícia que acabaram de receber, tinha, de um só golpe, o preenchido com uma emoção tão complexa e ainda assim tão simples que não poderia negar.

Amor...

O que estava sentindo por Emily nesse momento era amor, o amor de um homem por uma mulher, a mãe do seu filho, sua companheira, sem a qual sua vida não seria completa.

Mais cedo, enquanto olhava as imagens na tela, ele vivenciou a mais extraordinária sensação de resplandecência. Percebeu que nada poderia ser mais importante para ele do que guardar essa preciosa vida que crescia e a mulher que a carregava.

Nem poder, nem fortuna, nada, nem o trono de Niroli.

Marco sabia que outras pessoas poderiam não entender, ele próprio mal entendia o que estava vivenciando agora. Mas, de algum modo, não era necessário entender ou ser capaz de analisar, para ele era suficiente saber.

Talvez ele tivesse viajado na direção desse lugar, para esses cruzamentos da vida, mais do que imaginava. Talvez houvesse muitos sinais no decorrer dessa jornada que ele não tenha visto. Contudo, agora, não só os cruzamentos chegaram como foram transpostos simples e facilmente, sem nenhuma hesitação ou dúvida. Ele não poderia ser o rei de Niroli e pai, certamente não o pai dessa criança, que sempre teria a vida em uma corda bamba e que nunca deveria ser sujeitado aos rigores de uma majestade. Este menino necessitaria da presença e do amor do pai. E ele teria. Separadamente, nem ele nem Emily eram fortes o suficiente para essa criança, mas juntos, seriam.

– EU TENHO que voltar para Niroli.

Eles estavam de volta na cozinha de Emily. A consulta com o cardiologista foi marcada e agora Emily inclinou a cabeça enquanto ouvia Marco.

– Sim, claro – ela concordou. Esperava que ele dissesse isso, assim como também sabia que ele não exigiria seu retorno para criar o filho na ilha. A família real de Niroli era arrogante e orgulhosa, tão orgulhosa e arrogante para aceitar que um descendente não fosse normal. Não, Marco não desejaria uma criança doente por perto para obrigá-lo a lembrá-lo disso. Ela podia sentir a dor da rejeição em nome de seu filho, mas era capaz de conter isso. Era Marco que não era merecedor do seu filho, e não o contrário. Não era merecedor do filho nem do amor de Emily.

Marco estava desesperado para contar a Emily como se sentia, mas esse não era o momento certo. Infelizmente, tinha a obrigação de informar primeiro o avô de suas intenções. Depois poderia dizer a Emily o quanto a amava. Será que ela o amava? Sentia-se como se uma faca estivesse cravada em seu coração. Mas mesmo que ela não o amasse, ele pretendia ser um pai integral para o seu filho.

– Estarei de volta em tempo para a consulta com o cardiologista.

Emily concordou com a cabeça. Ela não deveria deixar seus sentimentos tomarem conta dela, tinha que ser forte por causa do filho. Teria sido algo que ela fez ou deixou de fazer que causou a anomalia?, ela perguntou ao obstetra.

Não, o dr. Bryant lhe disse, às vezes a condição é genética, mas algumas vezes simplesmente acontece, sem uma razão específica.

– O QUE quer dizer ao declarar que não quer mais suceder ao trono?

– Eu quero dizer, vovô, que estou abdicando do meu direito à Coroa. Eu pretendo fazer um anúncio formal, mas queria que você fosse o primeiro a saber – Marco informou ao avô.

– Você está renunciando ao trono de Niroli por causa daquela mulher e do filho dela.

Marco percebeu a descrença na voz do avô.

– *Minha* mulher e *meu* filho. E, sim, estou desistindo do trono por eles. Por eles e pelo nosso povo.

– O que quer dizer com isso?

– Isso nunca daria certo, vovô. Eu não poderia substituí-lo – Marco notou um certo ar de satisfação nos olhos do velho homem.

– Para mim, isso seria muito limitador – ele concluiu com firmeza. – Nós não fizemos outra coisa a não ser discutir desde que cheguei aqui. Você obstrui qualquer tentativa que eu faça para realizar mudanças...

– Porque elas não são certas para o nosso povo.

– Porque elas não são certas para você.

– O que quer fazer causaria uma discórdia que dividiria a ilha.

– Se você continuasse a me impedir, sim, haveria essa possibilidade. Niroli precisa de um rei que a coloque no século XXI, eu acredito nisso firmemente. Mas também acredito que agora não poderei ser o rei de Niroli. Isso não quer dizer que não me incomodo com a minha terra natal e com o meu povo, pois me importo e muito. Mas agora sei que posso fazer mais por Niroli e pelo povo trabalhando fora dessa hierarquia.

– Espalhando anarquia, você quer dizer?

– Preparando um fundo de caridade para ajudar aqueles que mais precisam – Marco corrigiu.

HAVIA UMA certa ironia no fato de ter se recusado a vestir aquele uniforme formal pesadamente decorado, que seu avô lhe enviara em sua chegada a Niroli e vesti-lo agora, para a sua despedida formal, Marco admitiu. Mas de algum modo, parecia que ao vestir aquilo, nessa ocasião, ele deveria acatar a tradição.

A mídia mundial estava em alerta para o seu anúncio público e a sala já estava tomada de gente.

Como se sentia diferente agora, comparando com o primeiro dia de seu retorno. Estava cheio de determinação para cumprir o seu destino, que o havia dominado.

Ele acordou esta manhã com uma sensação de liberdade, com a impressão de ter recuperado uma parte dele mesmo que aflorava, mas que ele fazia questão de negar.

O criado lhe estendeu o chapéu com plumas. Ele ouvia o agudo som dos trompetes. Andando devagar e majestosamente, ele se apresentou no balcão. Sua entrada ocorreu ao som do hino nacional de Niroli. Então, ele deu um passo à frente...

CAPÍTULO 16

EMILY PAROU diante de uma vitrine para se olhar no reflexo e ajeitou o cabelo. Ela foi visitar um cliente, mas mal conseguiu se concentrar, por estar muito apreensiva com o que o cardiologista poderia dizer. Uma parte dela queria adiantar a consulta, enquanto outra queria adiá-la. Ela estava em frente a uma loja de aparelhos de TV. Emily olhou distraidamente para uma delas e congelou ao se deparar com Marco. A câmera se concentrava nele e, em seguida, mostrava a multidão na praça.

O que estava acontecendo? Emily só pôde pensar em uma coisa: era a posse formal de Marco como rei. Ela desejava sair de frente da loja, mas acabou entrando.

Enquanto o repórter comentava sobre as últimas notas do hino nacional de Niroli, Emily estava concentrada no rosto de Marco. Esta poderia ser a última vez que o veria.

– Povo de Niroli... O que tenho para dizer a vocês hoje me causa um imenso prazer e também uma enorme tristeza. Imenso prazer porque, ao deixar vocês, estarei assumindo um dos maiores compromissos que um homem pode fazer, um compromisso com o futuro através da próxima geração. E enorme tristeza porque, para fazer isso, devo abdicar de minhas responsabilidades para com vocês, povo de Niroli...

Emily quase pôde sentir a onda de surpresa que surgia na multidão que o ouvia. Seus pensamentos eram um turbilhão. O que Marco estava fazendo? Ele era o futuro rei de Niroli e nada poderia ou deveria mudar isso... Ela ouvira suas severas críticas ao avô e sabia o quanto estava ansioso para fazer algo pelo seu povo. E agora ele estava dizendo...

– Eu acredito que Niroli e o seu povo necessitam de um governante com um perfil diferente do meu, um governante que possa combinar o melhor do passado com uma caminhada rumo ao século XXI, e é nisso que meu avô e eu acreditamos. O rei Giorgio precisa de um herdeiro que o substitua, alguém em quem confie e que vá preservar todas as coisas boas da nossa tradição. Niroli precisa de um rei que possa conduzi-los ao futuro. Mesmo com toda a vontade do mundo, não posso ser esse rei.

Um baixo murmúrio de objeção preencheu o ambiente, era possível ouvir a voz dos mais jovens gritando e declarando, de acordo com o que o repórter da TV informou, que Marco era o rei que eles queriam.

– Não pense, meu povo, que eu os estou abandonando. Em breve serei pai de uma criança, e esse fato me deu a consciência da importância do laço entre pais e filhos, entre uma geração e outra, entre

um governante e seu povo. Meu amor pelo meu filho me preencheu e me deixou mais humilde, além de reforçar o amor que sinto pelo povo de Niroli. Tudo isso é por amor, tanto pelo meu filho quanto por vocês, meu povo. Estou abdicando da sucessão ao trono, mas nunca pensei em abandoná-los. Pretendo criar um fundo que irá ajudar os cidadãos de Niroli mais necessitados. Isso proporcionará uma oportunidade para os nossos jovens serem educados e poderem viajar para o exterior, para ampliar seus horizontes e depois compartilhar o que aprenderam. É meu fervoroso desejo que esta ilha tenha um sistema de incentivo aos jovens para que possam desenvolver suas potencialidades. Eu posso fazer isso melhor de fora da hierarquia real. Ao mesmo tempo, estarei sempre dando apoio ao meu avô e a quem ele escolher para assumir o trono.

– Eu peço a bênção de vocês, povo de Niroli, e a sua compreensão de que algumas vezes é mais importante para um homem ser apenas um homem, do que ser um rei...

– Com licença, querida, nós já vamos fechar a loja. – Com os olhos embaçados com as lágrimas, Emily olhou para o jovem que a abordava. Marco saiu do balcão.

Emily caminhava para casa refletindo sobre o que Marco tinha feito. Ele declarou para o seu povo que estava abdicando do trono em função de seu filho, o filho dela. Por quê? Marco era arrogante e orgulhoso, um perfeccionista. Será que ele ou o avô temiam que a existência de um filho que não era perfeito pudesse, de algum modo, abalar o poder da família real de Niroli? Teria o seu avô o forçado a desistir, ou a sua própria determinação o estimulou a abdicar? De qualquer forma, ela não gostaria de ser responsável pela desistência do futuro rei de Niroli pelo trono. Como também não gostaria que seu filho crescesse carregando o fardo e a culpa pela decisão de seu pai ter negado o papel que Emily sabia que ele estava ansioso para assumir.

Ela dobrou a esquina para entrar em sua rua e parou, o coração disparou por baixo das costelas ao ver Marco parado em frente à porta de sua casa. Ridiculamente, o seu primeiro impulso foi dar meia-volta, mas ele já a tinha visto e caminhava na sua direção.

– O que está fazendo aqui? – ela perguntou, quando ele a alcançou. – Acabei de vê-lo na TV! Marco, você não pode abdicar. Por que fez isso? Isso não é...

– Essa decisão não é sua – Marco retrucou calmamente. – Era minha, e quanto a você ter me visto na TV, bem, deve ter sido em algum programa reprisando os acontecimentos do dia. Eu fiz o discurso de abdição às 11 horas desta manhã.

– Não é justo você declarar em público que é por causa do meu filho – ela condenou, emocionada. – Ele já vai ter muito o que enfrentar para ainda ter que lidar com a culpa de ter sido responsável pelo...

– Nós podemos discutir isso lá dentro? – Marco a interrompeu.

Emily lhe estendeu as chaves e deixou que ele abrisse a porta.

A pequena casa tinha o cheiro de Emily, Marco reconheceu, e também se deu conta do quanto sentiu saudades dela. Em breve, certamente, o ar teria o cheiro de bebê. A certeza de que tinha tomado a decisão certa aumentou durante a viagem, a cada quilômetro que o aproximava dela. Ele reconheceu o quanto aguardava ansioso para fazer parte dessa unidade familiar que formavam com o bebê. Era como se uma porta se fechasse atrás dele e, junto com ela, um velho ambiente que não era mais relevante em sua vida, enquanto outra se abria com tudo o que desejava.

– Não havia necessidade de você abdicar, Marco – Emily reclamou assim que entraram em casa. – Eu sei o quanto queria ser rei, então por quê?

– Se você tivesse ouvido o meu discurso na íntegra, saberia por que decidi abdicar e por que era necessário fazer isso.

– Por causa do nosso bebê? Porque ele não é perfeito? Porque você tem vergonha dele e junto com seu avô não quer associá-lo a Niroli?

– O quê? Vergonha dele? Você não poderia estar mais errada. Se tenho vergonha de alguma coisa, é de mim mesmo por ter demorado tanto tempo para reconhecer o que realmente importa para mim. Ou talvez tenha reconhecido, mas fingia que não. Emily, quando você estava fazendo a ultrassonografia e vi o nosso bebê, eu soube, acima de qualquer dúvida, que você e ele são as coisas mais importantes no mundo para mim. Realmente, acho que já sabia um pouco disso desde a primeira vez em que fui para Niroli e senti tanta saudade de você que tive que voltar para vê-la. Com certeza eu sabia disso quando me disse que estava grávida e tudo o que conseguia pensar era em arrumar um jeito de mantê-la comigo. Eu não poderia e não aceitaria o fato de que não era possível ser rei e tê-los ao mesmo tempo. E então você me disse o quanto estava satisfeita por nosso filho nunca poder vir a ser um rei, e foi como se você tivesse destrancado uma porta dentro de mim. Por trás disso, estendem-se as lembranças de minha infância, as constantes batalhas de meus pais com meu avô para me propiciarem uma infância normal e meu próprio senso de solidão por ser quem eu era. No fundo, eu sabia que você estava certa em não querer isso para o nosso filho.

– Mas você queria ser rei! Você tinha tantos planos, gostaria de fazer tanta coisa, não pode desistir de tudo isso.

– Eu não pretendo. Posso fazer todas essas coisas sem ser rei. De fato, posso fazê-las mais facilmente. Meu avô nunca deixaria as rédeas do governo comigo e as constantes brigas e hostilidade entre nós não fariam bem ao nosso povo. Posso fazer mais de fora das limitações da realeza, além de poder fazer todas essas coisas com você ao meu lado. Amo você, Emily.

Tinha tanta coisa que ela queria dizer, tantas perguntas, tantas lembranças do tempo em que achava que ele não a amava. Mas, de certa forma, ela estava em seus braços e ele a beijava com tanto ardor, demonstrando uma paixão que poderia dizer muito mais do que um monte de palavras.

– AINDA NÃO acredito que isso esteja acontecendo – Emily sussurrou para Marco meia hora depois. Ela ainda estava em seus braços, mas só agora estavam no quarto, deitados lado a lado em sua cama. A forma como Marco controlou o seu desejo em possuí-la, sendo gentil para proteger o bebê, trouxe-lhe lágrimas de emoção e inundou o seu coração com o amor que sentia por ele e que tanto praguejou no passado.

– Você quer que eu a convença? – Marco provocou-a sugestivamente, cobrindo-lhe os seios com a mão.

– Talvez – ela concordou com falsa discrição.

– Certo, venha se vestir. – Não era a resposta que ela esperava e isso ficou claro com a aparente decepção que o fez rir.

– Nós vamos fazer compras – ele disse. – Vamos comprar uma aliança de casamento.

Quando ela olhou para ele, Marco ressaltou:

– Você disse que gostaria de ser convencida. Não vejo maneira melhor de fazê-lo do que me casando com você.

– Ah, Marco... não deveríamos deixar para fazer planos depois da ultra?

– Por quê? A provável deficiência cardíaca do nosso bebê não muda em nada os meus sentimentos por ele e por você. Você sugeriu mais cedo que eu poderia estar com vergonha do nosso bebê por ele

não ser perfeito. Isso nunca aconteceria. Ele será perfeito para mim, Emily, porque é nosso, perfeito em todos os sentidos.

– Ah, não – Emily protestou. – Vai me fazer chorar outra vez.

– Então terei que beijá-la outra vez também – Marco disse, fingindo demonstrar tédio, mas sorrindo ao mesmo tempo.

– BEM, ENTÃO vamos dar uma olhada. Faz algumas semanas desde que fizemos a última ultrassonografia, e isso deu uma chance para o bebê crescer e nos dará uma ideia melhor do que está acontecendo. Como lhe disse na primeira consulta, nos dias de hoje, uma cirurgia intrauterina nos permite fazer muito mais coisas do que poderíamos no passado.

Emily sentiu Marco apertar a sua mão, mas não ousou olhar para ele para não desmoronar.

As últimas semanas desde a primeira consulta com o cardiologista pareciam distantes. Eles conseguiram tempo para se casar e visitar Niroli, onde o avô de Marco a recebeu e deu boas-vindas à família. Marco aproveitou a oportunidade para atualizar o avô com relação aos planos do fundo de caridade que prometera no discurso de abdicação.

Agora, esperavam ansiosos pela opinião do especialista, após mais uma ultrassonografia.

– Bem, no caso de bebê de vocês, eu não considero que uma operação seja apropriada.

Emily deu um suspiro de desespero. Estaria querendo dizer que não havia esperanças?

– Qual é exatamente o prognóstico do nosso bebê? – A voz de Marco não soava normal e Emily pôde perceber a incerteza contida nela.

– Muito bom. De fato, excelente – o especialista os informou sorrindo. – Há uma pequena área na qual devemos continuar de olho, mas parece que está se desenvolvendo bem. Algumas vezes, o bebê cresce e para, e isso nos leva a fazer diagnósticos que posteriormente temos que corrigir. Foi isso que aconteceu aqui. Inicialmente, isso nos levou a acreditar que o coração do bebê de vocês não estava se desenvolvendo devidamente, mas os últimos exames indicam que tudo está como deveria estar.

– Tem certeza? – Emily perguntou ansiosa.

– Estou plenamente certo. Já tinha certeza na primeira consulta, mas quis esperar e ver como tudo decorreria antes de falar qualquer coisa. Por isso solicitei essa última ultrassonografia. É claro que devemos continuar a monitorar a situação, só por segurança. Mas minha opinião é de que não há nada para se preocuparem. Seu bebê goza de perfeita saúde e se desenvolve normalmente.

JÁ NA rua, Marco abraçava Emily com força e beijava carinhosamente as lágrimas que escorriam em seu rosto.

– Mal posso acreditar nisso – ela sussurrou. – Ah, Marco... é como um milagre.

– Você é o meu milagre, Emily – Marco disse suavemente. – Você, nosso bebê e o futuro que compartilharemos.

– COMO O rei tem lidado com as coisas?

– Não tão mal quanto temíamos. – O graduado cortesão era versado em diplomacia e educação e por isso não tinha a intenção de contar ao ajudante mais jovem o que presenciara no aposento real, quando o rei relevou a estupidez do neto e herdeiro ao se confrontar com o relatório que lhe entregaram, sobre

um cirurgião australiano que estava à frente de um novo tratamento cardíaco do qual o próprio rei sofria.

Diante disso, não havia nada na fotografia fora de foco e na curta biografia do jovem australiano que pudesse provocar tal reação. Mas o graduado cortesão que prestava serviço ao palácio por muito tempo também notou o mesmo que o rei.

– Quero que tragam este jovem aqui, e agora, o rei ordenou...

No coração do deserto árabe, uma figura solitária pesquisa o reino que ama...

NÃO ERA uma tempestade de areia costumeira. Parecia que o vento havia sido mandado para puni-lo. Os pequenos cristais de areia açoitavam os seus olhos, mas ele não fazia nenhum movimento para cobrir o rosto. Não veio até aqui para se esquivar dos elementos. Ele veio para aceitar o que era dele, a terra que por séculos falava o seu nome, o reino que, desde o primeiro dia do seu nascimento, era seu por conquista. Mas por que não poderia ouvir o chamado...?

Mais adiante, ele estudou o seu caminho nas profundezas do deserto. O seu deserto. A terra árida queimando os seus pés, o vento hostil puxando sua túnica, seus cabelos, sua alma. Mas ainda não encontrara nada. A sombra em sua mandíbula escurecia à medida que ele cavalgava pela noite. As pálpebras pesadas sobre seus olhos nunca se fechavam em sono, as finas gotas de suor escorriam em um fio salgado pelo corpo que era construído pela perseverança, pela graça, pelo perigo. Um corpo e uma mente que podiam sentir a iminente batalha que enfrentaria. Uma batalha de direito e obrigação. Uma batalha que poderia arrancá-lo desse reino, dessa casa, para um lugar que havia bem no centro do seu ser.

Pela manhã, ele retornou e encarou o sol diretamente, seus cílios grossos protegendo os olhos do ferimento da claridade. Era hora de deixar esse lugar. Essa terra árida lhe dera as respostas, o capturara e lhe mostrara a verdade. Ele sorriu discretamente, demonstrando entendimento. A jornada só havia começado...

Melanie Milburne

O PRÍNCIPE PLEBEU

Tradução
Carla Werneck

CAPÍTULO 1

SE NÃO estivesse com pressa e tão atrasada, ela nunca teria escolhido o atalho como primeira opção.

Amelia praguejou ao tentar se livrar do arbusto espinhoso no qual ficou presa quando pulou a cerca nos fundos da propriedade da última visita domiciliar que faria naquele dia.

– Então é verdade – uma voz lenta e máscula soou atrás dela. – Afinal de contas, a lenda é verdadeira. Há fadas nos fundos do jardim.

Enquanto tentava precariamente se ajeitar, Amelia virou e se deparou com um homem alto olhando para ela. O homem de olhos negros tinha um sorriso divertido nos lábios.

Ele parecia totalmente italiano, pele morena e cabelos escuros e bem cortados. Mesmo assim, ela não conseguia distinguir, pelo sotaque, se era americano ou britânico. Ele vestia camisa e calça de corte italiano. Como os primeiros botões da camisa estavam desabotoados, ela podia ver parte do musculoso e bronzeado tórax.

– A casa e o jardim são seus? – ela perguntou, tentando soltar a saia esvoaçante sem muito sucesso.

– Não – ele respondeu com um sorriso displicente. – Estou apenas alugando por algumas semanas, mas o proprietário não me avisou do pequeno bônus nos fundos do jardim. Ele poderia ter cobrado mais caro pelo aluguel, eu pagaria com satisfação.

Amelia começou a sentir as bochechas corarem e, encarando-o, deu mais um puxão na saia, que não saiu do lugar.

Ele abriu um sorriso e exibiu os dentes brancos, enquanto avaliava as delicadas formas e o jeito travesso de Amelia.

– Na verdade, eu mudei de ideia – ele disse. – Você não é uma fada, parece mais um duende.

– Na verdade, sou uma enfermeira que está mais de meia hora atrasada para visitar uma paciente – ela respondeu, com os lábios semicerrados. – E se você ou seu senhorio cuidassem melhor do jardim, eu não estaria presa aqui dessa forma!

Ele cruzou os braços e balançou os pés enquanto a analisava divertidamente.

– E se você não estivesse invadindo uma propriedade particular, não estaria presa nesse arbusto.

Ela olhou friamente para ele e deu outro puxão na saia, mas tudo o que conseguiu foi deixar a coxa mais à mostra.

– Se você puxar essa saia com mais força, eu ficarei vermelho dos pés à cabeça – ele advertiu.

Amelia sabia que era ela quem estava ficando corada. Nunca tinha se sentido tão constrangida nem tão assediada em toda a sua vida.

– Por favor, poderia me deixar sozinha para que eu possa me soltar? – ela pediu. – Eu não gostaria de ter plateia justo agora.

Ele cobriu os olhos com as mãos.

– Prometo não espiar.

Ela deu um suspiro e voltou-se para a saia, mas podia sentir aqueles olhos escuros observando-a por entre os dedos.

Ela finalmente conseguiu se soltar parcialmente do arbusto e mudou de posição para verificar a outra parte da saia, ainda presa a uma ponta da cerca.

– Posso olhar agora? – o homem gritou.

– Não – ela respondeu e deu outro puxão.

Ouviu-se um barulho de tecido rasgando e, antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, caiu afobada nos braços estendidos daquele homem.

– Ah – resmungou, quando ele a segurou.

– Nossa! – ele exclamou, com uma risada mal-intencionada. – E eu que pensei que nenhuma mulher cairia por mim outra vez.

Amelia cobriu rapidamente a coxa com a saia. O rosto estava em chamas.

– Por favor, me coloque no chão – ela disse da forma mais ríspida que pôde, enquanto a pulsação e a respiração aceleravam.

Eles estavam tão próximos um do outro que ela podia ver as pupilas quase tão negras quanto a íris dos olhos dele. Parecia que seu maxilar bem definido não via um barbeador havia pelo menos um ou dois dias, mas, apesar da falta de cuidado com a aparência, ela pôde sentir a fragrância cítrica da sua loção de barbear misturada ao cheiro másculo, aquecida pelo sol primaveril.

Ele colocou-a no chão vagorosamente.

– Bem, agora vire e vamos verificar os danos – ele disse.

Amelia ficou completamente gelada ao sentir um vento em uma parte de seu corpo que não deveria estar exposta. E, para piorar a situação, estava usando uma das calcinhas mais velhas que tinha.

– O que há de errado? – ele perguntou, mas logo percebeu o rápido olhar que ela deu para a cerca. Ele assobiou e disse:

– Ah, não.

Amelia resmungou discretamente, enquanto ele caminhava na direção da cerca para remover o que aparentemente deveria ser um pedaço da saia. Ele retornou e estendeu o tecido para ela com um leve sorriso no rosto.

– Lamento, mas acho que precisará de um ou dois pontos.

– Tudo bem – ela disse, se afastando e tentando enfiar o pedaço de tecido no elástico da cintura da saia.

– Quer ajuda para pular a cerca? – ele ofereceu.

– Não, obrigada. Eu darei a volta. – Ela respirou profundamente e pegou a bolsa com a mão que estava livre. Com a outra mão, tentava segurar a saia rasgada, enquanto seguia pelo caminho com o resto de dignidade que ainda tinha.

– Ei, você não me disse o seu nome – ele gritou atrás dela, ainda sorrindo. – Deixe-me adivinhar, é Sininho?

Ela virou para lançar um último olhar sarcástico.

– Você não precisa saber o meu nome, não virei mais por esse caminho.

– Que pena! – ele disse com os olhos brilhando. – Eu gosto da ideia de ter a minha própria fada para brincar.

Ela saiu pisando forte e resmungando, mas o som das fortes risadas dele ainda a seguiu até a casa da *signora* Gravano.

– VOCÊ PARECE ter passado por uma cerca viva – a velha senhora disse, enquanto conduzia Amelia para seu elegante chalé.

– Eu passei – Amelia respondeu fazendo caretas enquanto olhava para a saia esfarrapada, mas sentiu-se aliviada ao perceber que o estrago não era tão grande.

– Veio pelo atalho outra vez?

– Sim, infelizmente. – Ela olhou de relance para a senhora e acrescentou: – Conheci o novo inquilino.

– Ah, sim. O professor. Ele se mudou esta manhã.

Amelia levantou a cabeça.

– Professor?

– Médico australiano – a sra. Gravano explicou. – Pensei que soubesse. O dr. Alex Hunter foi chamado a Niroli para ver o rei, que está com problemas cardíacos. Ele generosamente decidiu usar o seu tempo livre de sábado para trabalhar com a equipe do Free Hospital na elaboração dos novos procedimentos cardíacos.

– Mas esperava-se que ele viesse apenas no fim da próxima semana – Amelia disse, com o coração acelerado.

– Acho que ele veio antes de começar o trabalho para aproveitar o sol primaveril – a velha senhora declarou, enquanto colocava a perna sobre uma banqueta para Amelia examinar. – É muita coincidência, não acha?

– Coincidência? O que a senhora quer dizer?

– Ele tem uma aparência tão italiana que dá para jurar que foi nascido e criado na ilha.

– Eu quase não notei essa característica – ela disse, conforme abria a bolsa para pegar os curativos. – Achei que ele parecia mais britânico que qualquer outra coisa.

– Ele é muito bem-educado, claro. Creio que dê conferências ao redor do mundo sobre essa nova técnica.

– Então por que ele está alugando aquela casa decrepita atrás da sua? – Amelia perguntou. – Se é um médico tão bem-sucedido, certamente gostaria de se hospedar em Santa Fiera, perto do cassino de todos os hotéis e restaurantes.

– Suponho que ele queira estar perto do hospital e da parte velha da ilha. Além do mais, ele ficará por aqui apenas um mês, então deve ser mais atraente ter folgas com rusticidade. A casa não está tão ruim assim, apenas precisa de uma limpeza no jardim.

Não havia o que argumentar em relação a isso, Amelia pensou ironicamente.

– Então, o que você achou dele? – a sra. Gravano perguntou.

Amelia cerrou os lábios.

– Eu achei que ele era... um...

A velha senhora deu risada com a hesitação dela.

– Ele é muito bonito, o suficiente para fazer o coração de uma mulher acelerar, não é, Amelia? Ainda bem que é cardiologista. Ele provavelmente deixa um rastro de corações partidos por onde passa.

– Sim, talvez, mas estou certa de que não serei atingida dessa forma – Amelia disse com firmeza, esforçando-se para não pensar nos fortes braços que a seguraram.

– Você passou muito tempo com as freiras – a sra. Gravano disse. – Sempre achei que seria mais danoso do que benéfico quando você foi para aquele convento, depois que sua mãe morreu. Você é muito nova para se dedicar tanto aos doentes e não ter vida própria.

– Mas eu cuido da minha vida.

A velha mulher resmungou.

– Você chama aquilo de vida, morando tão longe, na encosta da montanha e cuidando do seu pai e dos seus irmãos? Deveria estar se divertindo e aproveitando a vida com pessoas da sua idade. Você trabalha muito, Amelia.

– Eu não precisarei trabalhar tanto para sempre. Arrumei um novo emprego. Começo amanhã. – Amelia se ajeitou e acrescentou: – O rei precisa de uma enfermeira particular dois dias por semana, e consegui o emprego. Ele se encaixa perfeitamente com o meu trabalho comunitário e com o meu turno no Free Hospital.

A velha senhora levantou as sobrancelhas grisalhas e perguntou:

– O que o seu pai acha de você trabalhar para o rei Giorgio?

– Eu ainda não contei para ele.

– Sábio da sua parte. Republicano ferrenho como ele é, eu não acho que ele aprovaria o seu serviço no palácio de Niroli.

– Tenho 30 anos, sra. Gravano – Amelia disse. – Acho que já sou crescida o suficiente para trabalhar onde eu bem entender sem ter de pedir permissão ao meu pai ou aos meus irmãos. Além do mais, meu pai não deve viver muito tempo mais.

– Como ele está?

Ela deu um pequeno suspiro.

– Piorando a cada dia, mas não admite. Ele não irá para o hospital e não permitirá que ninguém o visite. De qualquer forma, que médico faria todo esse percurso para tentar vê-lo e depois ser escorraçado? Eu faço o que posso, mas receio não estar longe no momento em que ele não precisará mais de ajuda.

– Você não conseguiria convencer os seus irmãos a ajudar?

– Eles me ajudam na medida do possível, mas têm os seus próprios afazeres. Não é muito fácil ser um Vialli na ilha de Niroli. Todos aqui têm boa memória.

– Foi uma época terrível – a sra. Gravano disse, com a expressão perturbada. – Você tem sorte de não ter nascido naquele tempo. Havia muito ódio e violência.

– Eu sei... Meu pai nunca se recuperou daquilo.

– Eu não devo prendê-la aqui – a sra. Gravano falou, com um sorriso carinhoso. – Você é uma boa menina, Amelia. Sua mãe ficaria orgulhosa de você.

Amelia abaixou a cabeça e deu um abraço gentil na velha senhora.

– Obrigada.

– Por que não deixa a saia para eu remendá-la? – a sra. Gravano ofereceu. – Você pode pegar algo emprestado da minha filha.

– Não quero incomodá-la...

– Não é nenhum incômodo – ela insistiu. – Você é bem menor do que ela, mas em compensação poderá chegar em casa sem nenhum constrangimento. Nunca se sabe quem pode encontrar e o que pensariam ao vê-la como uma cigana.

Alguns minutos depois, Amelia se olhou no grande vestido que pegara emprestado e imaginou como caminharia toda aquela distância de volta até o Free Hospital naquele calor sufocante. Seu irmão Rico pegou o seu carro emprestado e eles combinaram de se encontrar no hospital quando ela terminasse de ver o último paciente da comunidade.

Ela manteve a cabeça baixa ao passar pela casa do médico. Amelia estava certa de que podia sentir aqueles olhos escuros a seguindo, mesmo não havendo nenhum sinal de gente por perto.

Um extravagante carro esportivo virou na esquina e ela parou sobre a grama.

– Ei, você, pequena fada. – O homem que Amelia encontrara mais cedo sorria para ela pela janela aberta do carro. – Notei que trocou aquela roupa por uma mais confortável.

Amelia contraiu a coluna, os olhos soltando faíscas de raiva.

– Creio que você seja o médico australiano que estávamos esperando – ela disse. – É uma pena que não tenha se apresentado propriamente quando teve a oportunidade.

Ele desligou o carro e desceu.

– Você não me disse o seu nome, por que então eu deveria revelar o meu? – ele perguntou, com um olhar provocante. – É justo, não é? É o meu primeiro dia na ilha. Um cara deve ser bastante cauteloso nos dias de hoje. Por tudo o que sei, você poderia ser uma criminosa perigosa. – Ela o encarou por um momento, imaginando se ele havia escutado os rumores sobre sua família. – Você não é... – Ele curvou-se lentamente para olhar bem dentro dos olhos dela. – Ou é?

Ela deu alguns passos para trás e quase tropeçou na bainha do vestido emprestado.

– O quê?

– Uma criminosa perigosa.

– Eu... eu lhe disse antes. Sou enfermeira.

Ele deu uma olhadela nas vestimentas dela antes de encará-la outra vez.

– Uma enfermeira à paisana, tudo indica. Você está em alguma missão secreta?

– Não uso uniforme quando faço visitas domiciliares – ela esclareceu.

– Você também trabalha no Free Hospital? – ele perguntou.

– Sim.

– Em que setor?

Ela fez uma careta ao responder.

– Cardiologia.

– Bem, então vamos ser colegas, não é?

– Parece que sim – ela respondeu friamente.

Ele sorriu para ela e perguntou:

– Então você vai me dizer o seu nome ou vou ter de chamá-la de Enfermeira Fada pelo resto da minha estada aqui?

– Amelia Vialli – ela murmurou, mas não lhe estendeu a mão.

– Alex Hunter – ele disse e segurou a mão dela da forma mais calorosa que pôde. – Como vai você?

Amelia puxou a mão, mas ele não a soltou. Ela o olhou séria, e ele apenas sorriu.

– Assim você pode arrancar parte do seu braço.

– Os australianos são sempre rudes ou você fez algum curso para ofender as pessoas? – ela perguntou, puxando com violência a mão.

– E todos os nativos de Niroli são sempre hostis ou é só você? – ele retrucou.

Ela o olhou com raiva e disse:

– Não estou sendo hostil.

Ele sorriu outra vez.

– Eu odiaria vê-la sendo hostil.

– Desculpe – ela disse. – Tem uma pessoa me esperando.

Ele interrompeu-a, segurando o seu braço:

– Você aceitaria uma carona?

Amelia lançou um olhar arrogante enquanto tirava a mão de Alex de seu braço como se fosse um inseto asqueroso.

– Eu acho que não.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Vai fazer todo esse trajeto com esse vestido?

– Sim.

– O que está fazendo, um bico como vassoura de rua ou algo parecido?

Ela revirou os olhos e, segurando o volumoso vestido emprestado, começou a caminhar na direção da cidade. O tecido balançando em volta dos joelhos fazendo com que ela parecesse uma pequena e enfurecida nuvem negra.

Alex permaneceu parado, observando-a com um discreto sorriso nos lábios.

– Não é engraçadinho aquilo? – ele disse em voz alta.

Uma leve brisa trazia uma fragrância de flor de laranjeira. Ele fechou os olhos e inspirou profundamente, saboreando o ar fresco primaveril depois do longo voo de Sidney.

Um mês inteiro na bela ilha mediterrânea de Niroli a convite da realeza, nada mal.

Claro, ele teria muito trabalho a fazer em pouco tempo, mas esperava ter algum tempo livre...

Ele abriu os olhos e virou-se para olhar a pequena figura difícil que já estava quase no final da rua.

Ele a observava quando um carro surrado emparelhado no cruzamento, um homem moreno e desmazelado, por volta dos 30 anos, abriu a porta para ela.

Alex deu um profundo suspiro enquanto o carro seguia o seu caminho fazendo barulho até desaparecer.

– Parece que ela já está fígada. Xeque-mate – ele disse, enquanto retornava para o carro. – Essa não é a história da sua triste vida?

CAPÍTULO 2

– COMO FOI no palácio com o rei? – Lucia Salvati, a enfermeira colega de Amelia, perguntou três dias depois.

– Foi melhor do que eu esperava – ela respondeu.

– Por quê? Ele a tratou mal por você ser uma Vialli?

Amelia sacudiu a cabeça.

– Não. Acho que os guarda-costas dele nem mencionaram meu nome. Eu só o coloquei na cama e fiquei por perto, caso ele precisasse de alguma coisa durante a noite.

– Não é de se espantar que esteja tão cansada – Lucia disse. – Você realmente precisa fazer esse trabalho extra?

– Eu não tenho nada melhor para fazer. Além do mais, preciso do dinheiro.

– Todos nós, não é? – Lucia resmungou, concordando. – Espere até você casar.

– Sim, mas eu não planejo casar – falou Amelia, determinada.

– Por quê? Você não pensa mais em voltar para o convento, pensa?

– Não, eu não pretendo voltar. Apenas não quero as complicações de um relacionamento – Amelia esclareceu. – Eu vi o que isso fez com minha mãe. Decidi que prefiro ficar sozinha.

– A situação de seus pais era um pouco incomum – Lucia sinalizou. – Além do mais, sua mãe não sabia o que se passava por trás, quase ninguém sabia até que tudo acabou.

– Eu sei, mas às vezes parece que a ilha inteira estaria mais feliz se todos os Vialli estivessem mortos e enterrados.

– Seus irmãos estão com problema outra vez?

Amelia levantou o olhar para encarar a colega.

– Rico perdeu o emprego no vinhedo.

– E o Silvio? Ainda está empregado no porto?

– Não sei dele há duas semanas – Amelia respondeu. – Pode ser por causa de uma namorada nova, como também por ele estar metido em algum negócio clandestino, como da última vez.

– Por isso você está com três empregos, para colocar comida na mesa?

– O que mais eu posso fazer?

Lucia deu-lhe um abraço.

– Você está certa, não pode fazer mais nada. Eu também faria o mesmo, mas é uma vergonha você ter que pagar o maior preço.

– Minha mãe pagou o maior preço, Lucia – Amelia declarou. – Ela morreu porque se apaixonou pelo homem errado na hora errada.

– Como está seu pai?

– Mais difícil do que nunca.

– Você ainda não conseguiu convencê-lo a fazer um tratamento?

– Desde que diagnosticaram o câncer, ele odeia os médicos. Não fará nada que esteja ligado à medicina, a não ser comigo, é claro, mesmo assim está cada vez mais irredutível.

– Por falar em médicos, já conheceu o australiano? Dizem que ele chegou antes para aproveitar um pouco da ilha, antes de se encontrar com o rei. Aparentemente, sua nova técnica poderia ser a resposta para o problema cardíaco do rei. Aos 90 anos de idade, uma ponte de safena tripla é um tremendo risco. Essa nova técnica parece ser muito menos traumática.

– Eu não consigo ver isso acontecendo nesse hospital – Amelia disse, evitando cuidadosamente responder a primeira pergunta de Lucia. – Nós não recebemos os leitos para isso e estamos constantemente com déficit na equipe.

– Com certeza o rei insistirá para fazer o procedimento em um hospital particular, mas o dr. Hunter veio para treinar a equipe cardíaca daqui.

Amelia levantou o olhar e começou a revirar alguns papéis na mesa em frente a ela.

– Estou pensando em pedir transferência para outro setor.

– O quê? – O tom da voz de Lucia era de descrença. – Não pode estar falando sério. Você tem treinamento no centro cardíaco.

– Eu sei, mas gostaria de uma mudança.

– Isso é loucura, Amelia. Você será muito útil com o dr. Hunter por aqui. Seria embaraçoso, com o reduzido quadro de enfermeiras do setor cardiológico para ajudar na recuperação dos pacientes operados.

– Há outras enfermeiras que podem fazer o serviço.

– Isso não é verdade. Nós estamos com um grande *déficit* na equipe e, além do mais, você sabe que é a enfermeira mais experiente entre nós.

Amelia mordeu o lábio inferior. Ela sabia que Lucia estava certa, mas só de pensar em ver aquele sorriso sedutor através dos leitos dos pacientes era desconcertante.

– Não me diga que você tem alguma coisa contra os australianos... – Lucia quebrou o silêncio. – Praticamente metade de nós aqui na ilha tem algum parente vivendo na Austrália. Além disso, segundo o que uma das enfermeiras mencionou, o dr. Hunter parece mais italiano do que qualquer outra coisa.

– Sim, eu sei – Amelia disse com desdém. – Também achei quando o conheci...

– Você o conheceu? – Lucia arregalou os olhos.

– Bem... sim...

– E como ele é? O sotaque é muito forte?

– Não, ele parece... – Ela reprimiu um pequeno calafrio ao pensar naquela voz aveludada... – bem-educado e...

– E? – Lucia perguntou, ansiosa.

– Ele é... bem forte.

– Forte?

– Bem musculoso – ela explicou.

Lucia levantou a sobrancelha.

– Como é que você conseguiu ver o tamanho dos músculos dele?

Amelia lançou um olhar desconcertado.

– acredite em mim, você não vai querer saber.

– Ah, claro que vou! – Lucia saiu atrás dela.

Amelia chegou a abrir a boca para, educadamente, dizer a Lucia para se preocupar com sua própria vida. Mas, então, avistou uma figura alta caminhando pelo corredor na direção delas com Vincenzo Morani, o cirurgião cardíaco sênior.

– Ah, esta é a enfermeira de quem eu falava – dr. Morani disse, quando se aproximaram. – Amelia, este é o dr. Alex Hunter, da Austrália. Eu estava comentando que você é a enfermeira mais experiente da cardiologia, e uma das mais valiosas nos cuidados pós-operatórios.

Amelia tentou sorrir.

– *Buongiorno*, dr. Hunter.

– Nós já nos conhecemos, não é? – Alex disse com um leve e atrevido sorriso.

– Ah, é? – Dr. Morani parecia aliviado. – Então vou deixá-los conversando enquanto me preparo para uma cirurgia. – Ele se voltou para Amelia. – Você não se incomoda em mostrar o resto do departamento para o dr. Hunter, não é? Tenho um problema urgente para resolver na UTI.

– Mas eu... – Ela parou ao perceber o olhar que o dr. Hunter lançou para ela.

– Não me diga que você está envergonhada por causa do nosso encontro outro dia? – ele perguntou, em voz baixa, assim que o outro cirurgião saiu.

– Claro que não – ela mentiu. – Poderia ter acontecido com qualquer pessoa.

– Qualquer pessoa que estivesse vestindo uma saia.

Ela evitou o olhar sedutor e começou a caminhar pelo corredor, falando mecanicamente.

– Aqui é o balcão da enfermagem, ali adiante, a sala de chá, e lá a sala de estoque para...

– O que você vai fazer esta noite? – ele perguntou.

Amelia parou e olhou para ele boquiaberta.

– Como?

– Eu já gastei tanto tempo visitando hospitais que tenho certeza de que posso me virar sozinho neste sem uma guia turística. Eu preferiria que você me mostrasse os arredores da ilha. – Ele piscou para ela.

– O que acha?

Ela se esforçou para a voz sair.

– Eu não acho que seja uma boa ideia.

– Eu tenho certeza de que o seu namorado não vai se incomodar se você disser que se trata de trabalho – ele disse.

– Eu não tenho namorado.

Ele arregalou os olhos.

– Ótimo! Então está combinado. Eu lhe pego. Onde você mora?

Ela olhou para ele apavorada.

– Eu não vou a lugar nenhum com você.

Ele fingiu um olhar de cãozinho abandonado.

– Ei! Só porque eu vi a sua calcinha outro dia não quer dizer que eu esteja mal-intencionado. Só quero que você me mostre os arredores.

– Encontre outra pessoa – ela respondeu, friamente. Amelia estava corada ao retomar sua caminhada. – Não estou interessada.

Alex sorriu para si mesmo quando ela desapareceu no fim do corredor. Tinha um mês para fazê-la mudar de ideia.

AMELIA COMBINOU com Rico de apanhá-la quando seu turno terminasse e ele estava com um humor do cão.

– Anda logo, já estou esperando há vinte minutos – ele resmungou, quando ela entrou no carro.

– Desculpe. *Papà* está bem?

Ele torceu a boca, enquanto colocava o carro em movimento.

– Você não vai acreditar, mas ele quer ver um médico.

Ela se ajeitou no banco para olhar para ele.

– Sério?

Ele olhou de relance para ela.

– Eu mesmo não acreditei, mas ele quer ver um médico.

– O australiano? – Amelia sentiu o estômago revirar.

– Sim. Ele acha que esse não será preconceituoso com ele.

Irritada, ela soltou um suspiro.

– O dr. Hunter é um cirurgião cardíaco, Rico, não um oncologista. Não há cura para câncer de pulmão, pelo menos para o estágio em que *papà* se encontra.

– Ele deseja vê-lo e quer que você providencie isso o mais rápido possível.

Ela se ajeitou no banco, sentindo o estômago revirado. Seu pai precisava de cuidados paliativos e não de uma visita de um cardiologista com quem ela teve o maior flerte de sua vida. Bom, talvez não o maior flerte, ela pensou contrariada. Mesmo agora, onze anos depois, ainda não conseguia evitar aquele profundo sentimento de vazio quando lembrava de Benito Rossini. Ela fora uma idiota ao cair naquela conversa fácil, sem parar nem um momento para pensar que aquele belo empresário vindo de Milão para visitar Niroli já era comprometido. Ela ficou arrasada ao descobrir que ele tinha mulher e dois filhos.

– Você soube algo de Silvio? – Rico interrompeu seus devaneios.

– Não, mas espero que ele não esteja fazendo nada ilegal – ela disse. – Eu não suportaria mais alguma coisa para nos envergonhar.

Seu irmão resmungou irritado:

– Assim que eu conseguir juntar algum dinheiro, deixarei a ilha. Estou cansado de conviver com a vergonha do passado.

– Mas e *papà*? Certamente você não está pensando em partir antes que ele... – Ela engasgou com a palavra... – se vá.

– A culpa é dele se temos que viver dessa maneira – ele reclamou.

– Isso não é verdade!

Rico lançou um olhar cínico para ela.

– Você é como a *mamma*, muito inocente para enxergar a verdade até que seja tarde demais.

– O que quer dizer? – Ela franziu as sobrancelhas.

– Há coisas sobre *papà* que você precisa saber.

Amelia sentiu um frio no estômago.

– Que tipo de coisas?

– Coisas sobre o envolvimento dele com os bandidos, no passado.

– Ele não desempenhava um papel fundamental. *Mamma* me contou que ele estava envolvido, mas que não pretendia desempenhar um papel importante na história. Ele mesmo me disse isso, e eu acredito nele. Pense nisso, Rico. Nosso pai não é um homem violento. Ele nunca levantou a mão para nenhum de nós. Como você pode pensar que ele seria capaz de conduzir as ações de um movimento tão desprezível?

– Há rumores circulando na ilha de que *papà* esteve envolvido com o sequestro do príncipe infante – ele declarou.

– Sempre existiram rumores estúpidos. Isso não quer dizer que deva acreditar nisso.

– E se alguém tiver provas sobre o envolvimento dele?

Ela o encarou, chocada, sem dizer uma palavra, enquanto ele a encarava também.

– Você ouviu falar que o príncipe Marco abriu mão do seu direito ao trono quando o rei Giorgio abdicar?

– Sim... ouvi falar – ela respondeu.

Os pais e o tio de Marco Fierezza foram mortos em um acidente no iate, há dois anos. O fato o colocou como o primeiro herdeiro ao trono do avô, o rei Giorgio. Existem especulações sobre a natureza do acidente. Algumas pessoas sugerem que isso foi um outro atentado para derrubar a monarquia, mas até agora não houve nenhuma evidência para condenar ninguém. O investigador concluiu que o iate naufragou por causa da tempestade que devastou a costa de Niroli naquele ano. Posteriormente, correram boatos na ilha de que Marco decidiu casar com sua amante, Emily Woodford, uma jovem inglesa que, por ser divorciada, impossibilitou a posse de Marco.

Amelia achou incrivelmente romântico um homem desistir do que era seu por direito por amor a uma mulher. Renunciar ao trono de Niroli, com sua longa e antiga história, deve ter sido uma decisão difícil para o príncipe Marco.

A família Fierezza governava a ilha desde a Idade Média. A ilha prosperou como um ponto estratégico na produção de vinho, especiarias e rota comercial. Mas enquanto a ilha de Niroli foi governada pela monarquia conduzida pelo velho e cada vez mais doente rei Giorgio, a ilha vizinha de Mont Avellana era agora uma república graças, em parte, ao movimento ocorrido na década de 70.

Amelia conhecia a rivalidade e o ressentimento entre as duas ilhas e frequentemente pensava se o irmão mais novo Silvio, um tanto rebelde, não estaria, de algum modo, envolvido no ressurgimento do movimento que tinha vitimado tanto a monarquia quanto a sua família tão querida.

– O rei Giorgio está ficando impaciente para encontrar um candidato ao trono – Rico esclareceu. – O declínio de sua saúde faz com que isso seja imperativo o quanto antes, senão a continuidade da monarquia pode estar ameaçada.

– Suponho que tenha sido por isso que ele mandou vir esse especialista australiano para vê-lo – Amelia disse, com um certo cinismo. – Imagino quanto não devem ter pago para ele.

Rico olhou para ela de lado.

– O médico não aceitará pagamento.

– Como você sabe disso?

– Eu sei de fonte segura que o dr. Hunter recusou todas as ofertas de dinheiro do rei. Ele veio para a ilha porque está ansioso para difundir essa nova técnica pelos hospitais menos privilegiados

financeiramente ao redor do mundo. Concordou em ver o rei e dar a sua opinião sobre a condição do monarca e julgar se ele é um candidato adequado para a cirurgia, mas insistiu em passar a maior parte do seu tempo no Free Hospital e que qualquer doação feita vá para a manutenção do hospital.

Amelia se recostou no banco com a testa franzida. Ela sentiu-se um pouco envergonhada por sua avaliação superficial sobre Alex Hunter como um *playboy* oportunista financiado pela realeza. Se o que seu irmão dizia era verdade, a visita do especialista tinha objetivos parecidos com os seus: trazer os melhores tratamentos para os pacientes que não podiam financiar a cara assistência particular.

Mas ele ainda era um inveterado paquerador, ela lembrou, caso tivesse ficado tentada a sentir aqueles braços fortes e musculosos segurando-a outra vez.

– Você disse que alguém tem provas sobre o envolvimento de *papà* com a rebelião – ela lembrou. – Que tipo de prova?

– Dizem que o príncipe sequestrado na realidade não está morto.

Amelia olhou para ele de forma incrédula.

– Mas isso é loucura, Rico. Eu passei pela sepultura do menino no palácio outro dia.

– Certamente uma criança foi morta durante a operação de resgate, mas e se não for o príncipe Alessandro Fierezza que está enterrado no castelo?

– O que está dizendo? Que *papà* está de certa forma envolvido nisso?

– Você mesma disse. *Papà* não é um homem violento. E se ele não tiver cumprido as ordens do líder dos bandidos e despachado o príncipe, em vez de matá-lo?

Ela ficou tensa ao considerar a possibilidade.

– Mas uma criança foi morta.

– Sim, é verdade.

– Mas não necessariamente por *papà*...

– Você insiste que ele é inocente, não é? – ele perguntou.

– Eu não posso suportar a ideia de que nosso pai tenha matado uma criança inocente – ela disse. – Ele não pode ter feito tal coisa.

– Os rumores não vão parar por aqui. Isso só vai tornar a nossa vida cada vez mais difícil na ilha.

– Foi por isso que você perdeu o emprego no vinhedo? – ela supôs.

– Eu sairia de qualquer forma, estou cansado de ser tratado como um ignorante.

– Você deveria ter estudado. Teria mais opções de trabalho.

– Como você, é isso que quer dizer? – ele disse cinicamente. – Pelo menos tenho algum tipo de vida.

– Eu gostaria que as pessoas não me criticassem por eu ter escolhido cuidar das pessoas em vez de mim – ela lamentou. – Adoro o meu trabalho, ele me preenche.

– Você não precisa jogar sua vida fora para ajudar os outros – ele disse. – Quando *papà* morrer, você poderá fazer o que quiser com seu futuro. Pode até sair da ilha, trabalhar em algum outro lugar por um tempo. Isso vai ajudá-la a perceber que existe um mundo inteiro além de Niroli.

Amelia sabia que existia um pouco de verdade no que ele dizia. Ela se enclausurou por muito tempo, mas as alternativas eram muito assustadoras. Temia cometer outro terrível engano. Ela não tinha a experiência que em outras mulheres da sua idade era considerada natural. Só tivera um amor e isso virara sua vida de pernas para o ar. Como ela pôde ter sido tão cega? Simplesmente não sabia como se relacionar com os homens, a não ser que fossem parentes ou pacientes. E com os colegas de profissão, ela mantinha a distância profissional o tempo todo.

Era mais seguro assim.

– Eu precisarei do carro amanhã outra vez – Rico disse. – Tenho que tratar de alguns negócios. Posso lhe dar uma carona até o hospital, mas sairei no final da tarde e não retornarei até meia-noite.

– Vou de bicicleta – ela disse, já se sentindo cansada só de pensar no longo trajeto até a cidade. Pelo menos, a maior parte do caminho era descida, mas a viagem de volta depois de um dia de trabalho não seria fácil.

– Você poderia pedir ao dr. Hunter para lhe dar uma carona para casa amanhã – Rico sugeriu. – Assim pode matar dois coelhos com uma cajadada só.

– Eu não acredito que o dr. Hunter faça uma visita domiciliar lá em cima – ela disse. – Tentarei convencer *papà* a vê-lo no hospital ou mesmo na clínica comunitária.

– Ele não vai. Você terá que trazer o doutor até aqui. Tenho certeza de que ele não se incomodará. Você poderia se oferecer para mostrar a ilha como retribuição ao favor, ele provavelmente não aceitará pagamento.

Ah, sim, ele irá, Amelia pensou, lembrando daquela boca sensual.

– Verei o que consigo fazer, mas não prometo nada – ela disse.

Rico deu um raro sorriso para ela.

– Você é uma boa irmã, Ammie. Não sei o que faríamos sem você.

Ela retribuiu o sorriso.

– Obrigada, Rico. Apenas queria que todos nós fôssemos felizes e livres do passado.

O sorriso no rosto do irmão imediatamente se fechou.

– Nós não podemos nos livrar do passado. É como se fosse uma sombra sobre nós que nunca se afastará.

Eles entraram juntos em casa, Amelia trazia no rosto um ar de desapontamento. Odiava admitir, mas o irmão estava certo.

Pesava sobre ela o fato de ser uma Vialli, a família mais desprezada e odiada da ilha de Niroli pelo que fizera ao pequeno neto do rei.

Ela conteve um pequeno calafrio ao pensar naquele pequeno corpo enterrado no palácio, com o brasão dos Fierezza gravado na lápide.

Naquele dia, ela parou ali em respeitoso silêncio, confortando-se ao pensar que o pequeno príncipe agora descansava ao lado dos pais no céu.

E se ele estivesse vivo, como seu irmão sugerira, mas totalmente alheio à sua herança real?

E se realmente estivesse vivo, então quem era o pequeno menino que agora descansava no jazigo da família Fierezza... e por que os verdadeiros pais não vieram reclamá-lo?

CAPÍTULO 3

– **H**Á UM pacote para você no armário – Lucia informou.

– Um pacote? – Amelia limpou o suor do rosto com um lenço de papel. – Para mim?

Lucia tirou os olhos do relatório que escrevia.

– Parece que acabou de correr uma maratona. Rico pegou seu carro novamente?

– O dele ainda está na oficina e não o liberarão até que pague a conta.

Ela abriu o armário e retirou o embrulho impecavelmente embalado, examinando-o por um tempo.

– Não vai abrir? – Lucia perguntou.

– Não diz de quem é.

– Vá em frente, abra.

Amelia desfez o laço. O pacote revelou um belo vestido de verão em três tons de rosa.

– Uau! – Lucia suspirou de admiração. – Alguém tem muito bom gosto. Se não estou enganada, isso me parece um Mardi D’Avanzo original.

Ao verificar a etiqueta na gola do vestido, seu coração disparou ao ler o nome do famoso estilista italiano.

– Sim, é... – Amelia murmurou.

– Quem é o admirador secreto?

Amelia desembrulhou o vestido cuidadosamente, encontrando um pequeno cartão no embrulho.

– O dr. Hunter já chegou?

Lucia arregalou os olhos.

– O dr. Hunter comprou isso para você?

Amelia ajeitou a postura, resoluta.

– Sim, e vou devolver agora mesmo.

– Por que motivo ele lhe comprou um vestido?

– Eu lhe conto depois. Onde está ele?

– Acho que está no escritório, mas você não está sendo precipitada? É um vestido de grife!

Amelia olhou para ela, determinada.

– Posso comprar minhas próprias roupas. Não vou aceitar a caridade de qualquer pessoa.

Ela saiu pisando forte pelo corredor e deu algumas batidas na porta do escritório.

– Entre – Alex respondeu alegremente.

Ela abriu a porta e entrou, fechando-a em seguida com um empurrão.

– O que significa isso? – ela indagou.

Ele levantou e sorriu.

– Você gostou? Tive de adivinhar qual era o seu tamanho.

– Não posso aceitar isso de você – ela disse, com um tom de orgulho na voz.

– Se você não gostou da cor eu posso trocar – ele ofereceu.

– Não é a cor! – ela retrucou.

– Então qual é problema? – ele perguntou.

– Você não tem o direito de me dar isso.

– Muito pelo contrário, acho que tenho todo o direito – ele disse, examinando-a sem entender. – Fui

parcialmente responsável pelo estrago na sua saia outro dia, então achei que o mínimo que poderia fazer era compensá-la.

– *Com esse vestido?*

Ele esfregou o maxilar por um momento sem tirar os olhos dela.

– Hum, o que eu fiz de errado dessa vez? Deve ser o tamanho. Eu sei que as mulheres odeiam quando os homens de sua vida erram o tamanho.

– Você *não* errou o tamanho e eu *não* sou uma mulher na sua vida. – Dessa vez ela perdeu a cabeça.

– Simplesmente não posso aceitar um presente tão caro de você nem de ninguém.

– Eu achei que a cor poderia realçar seus cabelos negros como as asas da graúna.

Ela o encarou sem responder.

– Eu fiz um elogio – ele explicou. – Você tem cabelos muito bonitos e sedosos. Foi a primeira coisa que notei em você quando a vi presa na minha cerca.

Amelia brigou com esforço contra os efeitos do elogio em seu ego feminino. Seus cabelos estavam curtos e ela não fazia nada além de lavá-los diariamente. Ela não conseguia lembrar de ninguém que os tivesse elogiado antes.

– Eles a deixam parecida com um gnomo – ele acrescentou, apertando os lábios.

Ela revidou com um olhar desdenhoso.

– Achei que você tinha dito que eu me parecia com uma fada...

Ele sorriu para ela.

– Fada, gnomo, duende... qual a diferença?

– Um duende tem orelhas engraçadas.

– Mostre-me as suas orelhas – ele pediu.

– Como assim?

Ele deu um passo à frente.

– Vamos lá, prove-me que você é uma fada e não um duende. Eu a desafio.

– Essa conversa é totalmente ridícula – disse, e se afastou, esbarrando na porta fechada.

Ela teve de levantar o pescoço para fitar os olhos dele. Seu coração estava totalmente acelerado.

– O que está fazendo? – ela reclamou, quando ele passou a mão em seus cabelos.

Amelia se arrepiou inteira quando os dedos dele tocaram seus cabelos atrás da orelha. O toque era uma delicada carícia, uma pena roçando sua pele sensível. Ela não conseguia respirar profundamente e, de repente, sentiu um desejo quase irresistível de olhar para as curvas sensuais da boca de Alex...

– Olhe só – ele comentou, enquanto se afastava. – Eu estava errado, não há nada de esquisito com as suas orelhas.

Amelia estava completamente sem palavras. Ela abriu a boca algumas vezes, mas não saiu nada. Observou quando ele voltou para a mesa, as longas pernas realçadas dentro da calça escura, revelando um corpo atlético.

As mangas da camisa azul-clara estavam dobradas até o cotovelo, deixando à mostra o pulso bronzeado e os poucos pêlos negros masculinos que se estendiam pelos braços e pelas costas das mãos.

Ela enrijeceu ao ver Alex jogar o embrulho do vestido no lixo.

– O que está fazendo? – exclamou.

Ele olhou para ela com inocência.

– Estou jogando fora.

– Mas... *mas por quê?*

– Você não o quer. – Ele sacudiu os ombros.

– Mas isso não quer dizer que precise jogar fora! Pode dar para outra pessoa... sua irmã, por exemplo.

– Comprei para você, não para a minha irmã – ele disse. – Além disso, o que acharia se um cara comprasse um presente para uma outra mulher, desistisse e desse para você?

– Hum...

Ele lhe lançou aquele conhecido sorriso.

– Viu? Eu lhe disse. Você não gostou nem um pouco dele.

Amelia olhou para o lixo e engoliu em seco.

– Eu... eu posso encontrar alguém que realmente goste dele... quero dizer... é melhor do que jogar fora...

– Ah, você poderia? – Alex deu um sorriso de gratidão. – Realmente agradeço muito. Ele custou uma grana... Não que eu me importe, claro, já que posso pagar, mas meus pais me ensinaram a ser responsável com o dinheiro.

Amelia estava começando a achar que Alex tinha muito mais talento no quesito charme. Ela podia sentir sua boca movendo-se e teve que morder a língua para não rir alto. Nenhum homem, nem mesmo Benito, com todo seu dom, provocava tamanho impacto nela.

Ele lhe estendeu o pacote, esfregando os dedos nos dela.

– Por favor, tente encontrar um bom destino para ele – Alex pediu. – Estava me apegando a esse vestido...

Uma explosão de riso saiu da boca de Amelia. Ela tentou disfarçar com uma tosse, mas percebeu que ele não fora enganado.

Alex também deu um sorriso e ergueu o pulso fechado no ar em sinal de vitória.

– Eu sabia que conseguiria! – vociferou.

– Conseguiria o quê? – Ela tentou conter o sorriso, mas a boca não cooperava.

– Eu queria fazer você sorrir e consegui. Ainda tenho minhas dúvidas, mas finalmente acho que consegui quebrar o gelo.

– Você é impossível – ela disse, e virou-se para sair, com um ridículo sorriso ainda estampado no rosto.

– Ei, nós ainda vamos sair uma hora dessas? – ele convidou.

Ela virou-se para olhá-lo.

– Não posso sair com você – ela retrucou, sentindo um frio na barriga e encarando-o novamente.

– Por que não?

Ela vasculhou a mente para encontrar uma boa desculpa.

– Eu... não tenho o que vestir.

Ele olhou para o embrulho embaixo do braço dela, antes de encará-la com um sorriso no canto dos lábios.

– Você poderia vestir esse aí, mas, para dizer a verdade, eu realmente gostei do que você usava naquele dia.

Ela franziu a sobrancelha perplexa.

– O preto longo?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não, o que tinha a bela visão.

Amelia sentiu o rosto corar e desejou ter mais segurança para lidar com o charme dele e com o jeito brincalhão e divertido.

– Eu tenho de ir... Com licença.

Ela sacudiu a cabeça para ele e saiu, mas levou quase a manhã inteira para tirar aquele sorriso do rosto. E, mesmo mais tarde, aquela louca sensação palpitante no estômago transformara-se em um sentimento agradável...

CAPÍTULO 4

FOI UMA penitência pedalar até em casa. Amelia olhou para o sol com raiva enquanto se esforçava para levar a bicicleta ladeira acima.

O dia fora longo.

Amelia sentiu-se um pouco culpada por não ter falado com Alex sobre o pedido de seu pai para vê-lo. Sabia que o pai a questionaria assim que chegasse em casa. Iria querer saber quando ele viria visitá-lo, mas, de certa forma, ela sentia-se constrangida só de pensar que Alex poderia ver onde ela e sua família moravam. Estava claro que ele era muito rico. Como reagiria ao entrar em um casebre que não via a cor de tinta há mais de vinte anos?

Ela suspirava enquanto dava mais uma pedalada e o suor brotava na parte superior do lábio.

– Vialli vilã! – uma voz jovem gritou de um canto, quando uma pedra passou rente ao seu ouvido.

Ela se assustou, quase caindo da bicicleta.

Não era a primeira vez que recebia pedradas nessa parte da estrada. Nas últimas semanas, alguns jovens da localidade se incumbiam de reviver a hostilidade do passado.

Continuou pedalando com os dentes cerrados ladeira acima, quando uma outra pedra passou por ela. Dessa vez a bicicleta se inclinou e Amelia perdeu o controle, caindo sobre os cascalhos no canto da estrada.

Ela se esforçou para não chorar. Levantou com dificuldade e ergueu a bicicleta, mas a queda tinha furado o pneu dianteiro. Amelia estava a pelo menos dez quilômetros de distância de sua casa e o trajeto era todo em subida.

Depois de quase quinze minutos, ela ouviu o som de um possante carro subindo a ladeira. Amelia se afastou para o canto da estrada e puxou a bicicleta junto.

– Ei, pequeno duende – uma voz familiar gritou pela janela aberta do carro. – Parece que precisa de carona.

O lábio inferior de Amelia tremeu ao perceber que era Alex Hunter.

– Eu... estou bem, obrigada – ela disse, tentando manter o orgulho.

O sorriso dele foi substituído por uma careta. Alex desligou o carro e desceu para pegar a bicicleta. Amelia resistiu por um momento, mas logo depois cedeu, levando as mãos ao rosto para esconder as lágrimas.

– Ah, não – ele disse carinhosamente, colocando a bicicleta de lado para abraçá-la contra o peito. –

Qual é o problema?

– Meu... pneu furou... e alguém jogou uma pedra em mim – ela gemeu.

Amelia percebeu a tensão dele.

– Uma pedra?

– Acontece de vez em quando.

Ele afastou-a para poder examiná-la com uma expressão séria.

– O que quer dizer com isso acontece de vez em quando?

Ela esfregou os olhos com as costas da mão.

– Acontece muito, por causa da história da minha família... é muito difícil explicar.

– Os bandidos Vialli?

Ela olhou para ele espantada.

– Você já ouviu falar disso?

Alex assentiu.

– Andei estudando a história da ilha. É uma história bem animada.

Os olhos de Amelia se entristeceram.

– Sim, bem, se ao menos as pessoas a deixassem no passado...

– Então você é parente da gangue original dos Vialli?

– Sim e não. Meu pai só estava à margem da operação. Ele não foi responsável direto por nada do que aconteceu – ela explicou.

– Então quem era o chefe do grupo?

– Um dos meus tios – ela disse. – Ele foi morto durante a revolução junto com alguns outros parentes. Meu pai virou bode expiatório. Ele praticamente vive como ermitão para manter-se longe do passado.

– Deve ser duro – Alex lamentou. – E sua mãe?

Amelia abaixou a cabeça.

– Ela morreu quando eu tinha 18 anos. Minha mãe ficou deprimida vivendo aqui longe de toda a sua família, que lhe virou as costas.

– Então o que realmente aconteceu?

– É uma longa história.

Ele deu um pequeno sorriso.

– Adoro histórias longas. Sente-se e conte-me tudo.

Amelia sentou-se na grama próxima a ele. Podia sentir o ombro largo de Alex encostado ao seu, enquanto inalava novamente sua sedutora fragrância masculina.

Ela deu um suspiro profundo e continuou:

– Bem, originalmente os bandidos Vialli formavam uma resistência contra a monarquia. Eles raptaram um dos netos gêmeos do rei e exigiram resgate. O rei se recusou a pagar.

– Por quê?

– Não sei! – Ela olhou para ele rapidamente, mordendo o lábio inferior.

– Então os raptadores mataram o pequeno príncipe?

Ela hesitou por uma fração de segundos:

– Sim, seu corpo foi encontrado depois de um secreto resgate fracassado. Ele foi explodido por uma bomba.

Ela sentiu Alex estremecer.

– É difícil viver com esse fardo... – ele disse.

– Sim.

– O que restou da sua família é obrigado a viver assim desde então?

– Sim, tem sido difícil... você sabe...

– Pobre pequeno duende – ele disse, e segurou o rosto de Amelia entre as mãos para fitá-la. – Acho que precisa se afastar de todo esse drama por um tempo. O jantar ainda está de pé?

– Jantar? – Amelia demonstrou dúvida nos olhos verdes.

– Sim, foi por isso que subi até aqui. Uma das enfermeiras me disse que você morava aqui na parte superior da encosta das montanhas. Pensei que pudesse encontrar você livre para levá-la para jantar em algum lugar.

– Não há restaurantes aqui em cima.

– Eu sei, mas que tal ir no porto di Castellante?

Amelia abaixou a cabeça, com medo de ceder à sedução dele.

– Tenho de cozinhar alguma coisa para o meu pai...

– Ouvi falar que ele não está bem e que se recusa a ver um profissional – Alex comentou. – Achei que se eu viesse até aqui para pegá-la poderia ser uma maneira de quebrar o gelo.

Ela levantou a cabeça para encará-lo outra vez surpresa, mas desviou o olhar rapidamente.

– Eu falei alguma besteira? – ele perguntou.

– Não, é que ele me pediu para perguntar se você poderia vir vê-lo, mas acabei não falando quando nos encontramos mais cedo hoje.

– Eu não garanto poder ajudá-lo, mas é sempre bom ouvir uma segunda opinião.

– Ele está em estado avançado de câncer de pulmão – ela esclareceu, com a voz resignada.

– Isso é triste – ele disse.

Ela deu um suspiro desolado.

– Ele não aceitará nenhum tratamento.

– Então você mesma está administrando a situação?

– Não muito bem, eu receio – ela confessou, com o olhar vago mais uma vez.

– É uma doença terrível – ele disse com pesar. – Terei uma conversa com ele para ver se consigo fazê-lo mudar de ideia.

– Sua especialidade é cardiologia – ela lembrou. – Não é sua responsabilidade.

– Talvez não, mas de que outra forma conseguirei convencê-la a sair comigo? – ele perguntou, sorrindo.

Amelia sentiu aquele pânico familiar no estômago. Ela já tinha visto esse filme antes e quase arruinou a sua vida. Alex Hunter estava ali para trabalhar e se divertir, não havia intenção de permanecer. Como poderia ser? Ela seria uma idiota se ousasse sonhar.

– Você só ficará por aqui um mês – ela lembrou.

– E daí?

– E daí que não há tempo suficiente para conhecer bem uma pessoa.

– Escute, Amelia, eu sou um livro aberto. Não escondo nenhum segredo escabroso. Não sou casado e não estou envolvido com ninguém já faz um bom tempo.

– Então isso deveria me tranquilizar? – ela perguntou.

– Claro. – Ele sorriu.

Amelia sentiu-se desmoronar, apesar do esforço que fazia. Ele era tremendamente charmoso e atraente. Que mal haveria em sair com ele apenas uma vez? O fato de Alex estar de passagem fazia com que o perigo de ela perder a cabeça ou o coração fosse bem menor, ponderou. Além disso, essa era a chance para provar a si mesma que estava pronta para seguir em frente, depois da relação com Benito.

– Eu não sei... – ela começou hesitando e não querendo demonstrar o quanto estava tentada a aceitar.

– Vamos lá, me dê uma chance. Prometo não avançar nenhum limite. Sem sexo, bem... pelo menos não no primeiro encontro, mas depois disso quem sabe? – Ele deu outro sorriso sedutor.

– Você realmente é incorrigível.

– Eu sei, mas você é tão linda que não consigo resistir em tentar ganhar o seu coração.

– É preciso muito mais que um sorriso sensual e um pouco de habilidade para ganhar o meu coração – ela desdenhou.

– Você acha que eu tenho um sorriso sensual? – Os olhos dele brilharam quando encontraram os dela. – Tenho que confessar que passei por um longo tratamento ortodôntico.

Ela não conseguia parar de rir.

– Você realmente é inacreditável.

Ele apertou a ponta do nariz dela.

– Você também, duende. – Ele levantou e puxou-a para perto dele. – Agora, venha. Vamos colocar essa bicicleta na traseira do carro e levá-la para sua casa.

Amelia sentou no banco da frente do carro enquanto ele acomodava a bicicleta. Ela se preparava mentalmente para mostrar-lhe a pobreza em que vivia. Podia sentir o corpo todo se contraindo de vergonha. Fazia anos que não levava alguém em sua casa.

– É nessa curva à esquerda – ela o guiava, depois de alguns quilômetros. A palpitação aumentava à medida que se aproximavam. – É muito gentil da sua parte vir até aqui... mas devo avisá-lo que provavelmente é tudo bem diferente do que está acostumado.

Ele percebeu o constrangimento dela e pensou em como poderia amenizá-lo. Alex já tinha visto casas extremamente pobres em suas várias viagens a países menos desenvolvidos e sabia o quanto era importante não melindrar o senso de dignidade dos outros.

– Deve ser bastante tranquilo viver aqui em cima – ele comentou, ao estacionar o carro sob a sombra de uma das árvores.

– Sim, é.

Amelia abriu a porta da frente, mas não havia sinal do pai em casa.

– *Papà* – ela chamou.

Alex vinha atrás dela.

– Ele saiu?

– Raramente sai.

Amelia viu um bilhete. Era a letra de seu pai, informando que havia saído com Silvio e que estaria de volta mais tarde.

– O que diz? – Alex perguntou.

– Meu irmão mais novo o levou a algum lugar.

– Isso não é comum?

– Não... realmente não, sem falar que Silvio não aparecia em casa havia quase duas semanas...

– Bem, veja pelo lado positivo – ele disse. – Afinal, você não vai precisar preparar o jantar para ele.

– Mas você veio até aqui e ele não está.

– Eu posso vir outra hora – ele tranquilizou-a.

– Não consigo deixar de me preocupar com ele.

– É compreensível, mas pelo menos ele está com seu irmão e você pode passar o resto da noite fora e se divertir um pouco comigo.

– Acho que não devo sair esta noite, me desculpe.

– Não aceitarei não como resposta – ele disse. – Você merece se distrair um pouco. Um jantar à beira-mar nos fará bem, afinal eu lhe dei uma carona e você me deve um favor.

Amelia percebeu pelo olhar determinado dele que teria de se esforçar para convencê-lo a ir sem ela.

– Eu não sei... tenho que começar a trabalhar amanhã cedo.

– Não mais cedo que eu. Vamos lá, anime-se. Estamos perdendo um tempo valioso aqui enquanto poderíamos estar assistindo ao pôr do sol com uma taça de vinho nas mãos.

Ela se animou um pouco.

– Preciso me arrumar primeiro. Você se incomoda de esperar?

– De jeito nenhum – ele respondeu e puxou uma cadeira para sentar. – De qualquer forma, tenho algumas ligações para fazer. Eu devo ir ao castelo amanhã à tarde. Suponho que haja algum protocolo a ser seguido.

Amelia o deixou ocupado com as ligações. Ela tinha certeza de que ele sabia como se dirigir a alguém da realeza, assim como ao mais comum dos cidadãos, sem muito esforço. Ele não demonstrou nenhum constrangimento com a natureza humilde de sua família, o que tornava mais difícil para ela mantê-lo a certa distância. Muitos homens teriam torcido o nariz e se retirado sem ao menos dizer “até logo”.

Depois de um banho rápido e frio, ela passou dez minutos sofrendo para escolher o que vestir. Com um gesto quase venerado, pegou o vestido que Alex trouxera e o vestiu.

Amelia girou em frente ao espelho manchado, encantada com a maneira como o belo tecido valorizou o tom de sua pele e o verde de seus olhos.

Então deu mais uma volta, pegou a única bolsa que tinha e voltou para onde Alex a aguardava. Só de pensar que passaria o resto da tarde sozinha com ele, sentiu o estômago revirar.

CAPÍTULO 5

- **M**UDEI DE ideia – Alex exclamou ao vê-la. – Você não é um duende nem uma fada, é uma princesa. Amelia sabia que as bochechas estavam ficando vermelhas, mas não havia nada que pudesse fazer.
- É um belo vestido – ela disse gentilmente.
- Você acha que deveria deixar um bilhete para o seu pai? – ele perguntou.
- Ela concordou e rapidamente escreveu.
- Alex a acompanhou até o carro, afastando as galinhas enquanto saíam.
- Senhoritas, afastem-se.
- Amelia sorriu quando as galinhas fugiram afobadas.
- Nem todas são senhoritas – ela esclareceu apontando para o galo.
- Desculpe, amigo – ele se dirigiu ao galo. – Que vida ele deve levar, com todas essas meninas para ele.
- Amelia ficou corada ao pensar em quantas mulheres deveriam ter passado pela vida de Alex.
- Ele levantou o queixo dela com uma das mãos enquanto com a outra roçou as bochechas coradas.
- Sabia que você é a primeira mulher que vejo enrubescer em anos?
- Ela olhou bem dentro dos olhos negros dele e seu coração disparou quando foi acariciada outra vez.
- Sentia o coração crescer no peito e as pernas ficarem bambas.
- Eu... não estou acostumada com esse tipo de coisa – ela explicou.
- Que tipo de coisa?
- Paquera, joguinhos, encontros, esse tipo de coisas.
- Ele olhou constrangido.
- Quantos anos você tem?
- Trinta.
- Então você tem que recuperar o tempo perdido – ele brincou e se afastou para abrir a porta do carro.
- Amelia esperou estarem em movimento para falar.
- Suponho que você seja muito experiente com as coisas da vida e que me ache uma novidade. – Ela não teve a intenção de parecer tão recatada, mas era tarde demais.

– Para dizer a verdade, eu a acho deliciosamente revigorante – ele disse. O sorriso era devastador e atraente, contrastando com o bronzeado da sua pele.

– Mas você não para de rir de mim.

– Esse peso sobre seu ombro vai arruinar todo o vestido – ele avisou.

– Eu não tenho nenhum peso nos ombros.

Alex deu outra olhada para ela e, com habilidade, mudou de assunto.

– Você tem dois irmãos, certo? O que eles fazem para viver?

– Rico, meu irmão mais velho, perdeu o emprego em um vinhedo recentemente. Silvio, o mais novo, sempre foi inquieto, pulando de uma coisa para outra. Está empregado lá no porto principal, mas não fala o que realmente faz.

– Eu suponho que isso a deixe mais tensa ainda – ele concluiu.

– É, deixa. – Ela olhou para as mãos no colo. – Tive que arranjar um emprego extra... no palácio.

Ela percebeu ele desviar o olhar para ela.

– Fazendo o quê? – ele perguntou.

– Cuidando do rei duas vezes por semana.

– Ah, então como é o velho senhor?

– Seus guarda-costas não incentivam a conversa com o rei – ela disse. – Além disso, eu prefiro ser discreta.

– Por causa da história da sua família?

– Por isso... e por outras coisas – ela disse.

– Você não fica intimidada com toda essa coisa de monarquia, fica? – ele perguntou olhando para ela.

Ela o encarou rapidamente.

– Então você não é monarquista?

Ele balançou os ombros de forma evasiva.

– Ainda não tenho opinião formada. Acho que ando muito ocupado salvando vidas.

– O seu trabalho exige muito – ela afirmou. – É maravilhoso ter tido tempo para vir até aqui ajudar a nossa gente.

– Quando recebi a intimação real, fiquei um pouco intrigado – ele confessou. – Eu já tinha ouvido falar da ilha antes, mas até então ela era apenas mais uma na minha lista de lugares a ser visitados. Eu não viria agora, mas meus pais insistiram para que eu viesse.

– Mas você não está chateado por isso, ou se está, não demonstra – ela resumiu.

– Eu sou um médico, Amelia. Minha principal preocupação é curar as doenças, e se puder fazê-lo de forma a ajudar os menos favorecidos, então estou mais do que feliz.

– Sua família parece ter lhe dado uma boa base – Amelia declarou, pensando com tristeza em tudo o que perdera.

– Eles deram. Eu tenho sorte.

– Qual a idade da sua irmã? – ela perguntou.

– Ela tem 25 anos.

– Há uma boa diferença entre vocês – ela observou.

– Eu sei, mas demorou muito até os meus papéis de adoção ficarem prontos para que eles pudessem adotar outra criança – ele explicou.

Amelia voltou-se para ele outra vez.

– Você é adotado?

– Sim, e tenho muito orgulho disso. – Ele a encarou rapidamente. – Meus pais adotivos são pessoas fabulosas. Eu devo a eles tudo o que sou.

– Você já pensou em procurar os seus pais biológicos?

– De vez em quando penso nisso, mas nunca fiz nada para procurá-los. É um assunto delicado. Minha mãe adotiva não pode ter filhos. Ela sofreu muito por não poder dar ao meu pai o que ele mais queria. Mas ela é a única mãe que conheci, mesmo tendo sido considerado, naquela época, uma adoção tardia.

– Quantos anos tinha?

– Dois.

Um calafrio percorreu o pescoço de Amelia.

– Então... não lembra de nada de sua infância? Quero dizer, antes de ser adotado?

– Estudos neurológicos mostram que o cérebro infantil não está maduro o suficiente para guardar lembranças confiáveis até os três anos de idade.

– E em casos de abuso emocional ou físico? – ela perguntou.

– Talvez, mas não necessariamente porque a criança se lembre, e sim por instinto de perceber que a vida era insegura naquela época.

Amelia refletia sobre a resposta dele enquanto caminhavam para o restaurante. Eles foram conduzidos a uma mesa próxima à janela com vista para a praia.

O garçom entregou o menu e a carta de vinhos e os deixou a sós.

– Que vinho você recomenda? – Alex perguntou.

– O porto Castellante Blanco é uma marca conhecida produzida na ilha.

– Vamos experimentar então – ele decidiu.

Amelia tentou relaxar quando o vinho foi servido pouco tempo depois. Mas não conseguiu, e isso era perceptível.

Alex ergueu o copo de vinho e fez um brinde a ela.

– Esse é para consertar os corações partidos de Niroli.

Ela abaixou o olhar e ficou um pouco tensa.

– O que há de errado? – ele perguntou.

– Nada.

– Hora da confissão, pequeno duende. – Ele se debruçou sobre a mesa para segurar o queixo dela. –

Se você me contar quem partiu o seu coração eu lhe conto quem partiu o meu.

– Não consigo imaginar você com o coração partido – ela disse.

– Isso acontece com todo mundo – ele garantiu. – Meu trabalho atrapalha muito. Suponho que por isso cheguei a essa idade sem casar.

– É o que pretende fazer um dia? Casar?

– Não sei – ele disse. – Uma vez eu achei que queria, mas não deu certo.

Amelia ficou imaginando se ele teria um coração duro. Ele se comportava como um playboy despreocupado, e ela imaginou se isso não seria um disfarce para uma profunda decepção.

– E você? – ele perguntou com uma expressão iluminada. – Você é como a maioria das mulheres, que vive esperando o príncipe encantado?

– É uma bela fantasia, mas ninguém lhe contou que não há príncipes suficientes por aí?

Ele retribuiu o sorriso.

– Você pode se contentar com um cara normal. Que tal eu? Que tal fugir, casar e ter filhos comigo?

Amelia engasgou com a boca cheia de vinho, espirrando sobre a mesa e sujando a camisa dele. Ela arfou, ficou chocada e queria morrer de vergonha, mas tudo o que ele fez foi estender um guardanapo a ela e gargalhar.

– Acho que avancei o sinal. Talvez fosse melhor ter guardado isso para o segundo encontro.

– Não acredito que você tenha dito *isso*... Você está brincando... certo?

Ele inclinou-se para frente, segurou as mãos dela, encarou-a e disse:

– E se não estiver?

Ela puxou a mão de volta com a boca tensa.

– Por favor, não brinque comigo. Posso não ter a experiência das outras mulheres da minha idade, mas não sou uma completa idiota.

– Eu não tive a intenção de debochar de você, falei sem pensar.

Ela olhou para ele séria.

– Eu sei o que pretende, mas não vai funcionar comigo. Você está aqui por um mês e está à procura de diversão. – Ela levantou e jogou o guardanapo sobre a mesa. – Pode ir procurar outra pessoa para esquentar a sua cama.

Alex estendeu um monte de notas para o garçom e passou por entre as outras mesas para segui-la.

– Amelia, escute.

– Vá embora.

– Droga, você poderia parar de andar tão rápido e me ouvir?

Ela virou-se para encará-lo; o coração estava pesado e os olhos faiscavam de raiva.

– Eu achava que o meu primeiro namorado era ruim, mas você o supera de longe.

Ele ficou parado olhando para ela em silêncio com um pequeno sorriso no canto da boca.

– Pare de me olhar desse jeito! – ela disse, furiosa.

– De que jeito?

– Sorrindo para mim.

– Você me dá vontade sorrir.

– Eu não quero que sorria para mim.

– Então você terá de parar de fazer isso.

– Isso o quê?

– Esse trejeito que faz com a boca.

Ela olhou de cara feia para ele.

– Que trejeito?

Ele segurou as mãos dela e puxou-a para perto.

– Esse biquinho. Você faz isso o tempo todo. Isso me deixa louco. Eu tenho vontade de beijá-la.

– Isso... isso é ridículo – ela exclamou, olhando para a boca de Alex.

– Ah, é? – Ele passou a mão pela cintura dela e a trouxe para mais perto.

– Claro que é... você mal me conhece...

– Eu sei. Isso nunca aconteceu antes.

– Não acredito em você. Só está dizendo isso para me seduzir.

– E está funcionando?

– Está... está funcionando o quê? – Ela continuava olhando para aquela boca sedutora e de sorriso encantador.

Ele abaixou a cabeça até aproximar bastante os lábios dos dela.

– Eu quis beijá-la desde o primeiro momento em que a vi, na cerca dos fundos do meu quintal.

Amelia sabia que se fizesse o menor movimento para emitir uma palavra arruinaria a tentativa de mantê-lo afastado. Ela ficou imóvel, com o corpo todo tremendo ao senti-lo tão próximo. Era a masculinidade de Alex contra a sua feminilidade e a força da musculatura dele contra a fragilidade dela.

Mas então, quase sem se dar conta, Amelia passou a língua nos lábios para umedecê-los e involuntariamente esbarrou no lábio inferior dele, o que a deixou eletrizada.

– Você definitivamente não deveria ter feito isso, pequeno duende. – Dessa vez os lábios dele colaram-se aos dela, seu hálito morno e com sabor de vinho misturava-se com o de Amelia.

– Eu... não pretendia fazer isso – ela suspirou, e seus lábios vibraram ao esfregar-se nos dele.

Ele a beijou carinhosamente.

– Tem certeza de que pretendia.

– Não... – Ela o beijou de volta, tímida e suavemente. – Não... eu não...

Ele sorriu com os lábios encostados nos dela, fazendo-os vibrar de desejo.

– Você está mentido para mim. Queria me beijar, eu sei.

– Não, era você quem queria me beijar.

Ele afastou a cabeça um pouco, somente para poder olhá-la, e seus olhos brilhavam de desejo.

– Você tem razão, era exatamente o que eu queria fazer.

Amelia observou o olhar dele fixo em sua boca, aqueles cílios negros piscando, ele abaixar um pouco a cabeça...

– Espere! – Ela espalmou a mão sobre o peito dele.

– Qual é o problema?

– Estamos no meio da rua – ela cochichou.

– Ah, estamos?

– Você sabe que sim.

Alex olhou outra vez para a boca de Amelia.

– Esqueci disso.

Ela sorriu, sem jeito.

– Ainda bem que avisei. Nós poderíamos ter feito papel de bobos.

– Então vamos ter que deixar para a próxima vez.

– Eu acho.

Ele encarou-a por um longo tempo sem dizer nada.

– Desculpe pelo jantar – ela começou, sem jeito. – Eu não deveria ter saído correndo daquele jeito.

– Nós podemos voltar e continuar de onde paramos. Tenho certeza de que o garçom não se incomodará.

– Então... podemos? – ela perguntou.

– Podemos o quê? – ele disse, olhando para sua boca.

– Voltar e jantar.

– Ah, eu pensei que estivéssemos falando sobre outra coisa.

– Que outra coisa?

– Essa outra coisa – ele disse e, antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, deu-lhe um beijo.

CAPÍTULO 6

AMELIA SENTIA a paixão do beijo entusiasmado de Alex em cada extremidade e em cada célula de seu corpo, deixando seus sentidos vorazes alucinados. Inicialmente, a língua de Alex era lânguida e lenta; mas, alimentada pelo desejo, tornou-se mais sedenta, misturando-se com a dela em uma dança sexual que lançava faíscas por todo o corpo de Amelia. Ela sentia a reação dele contra seu corpo. O rápido enrijecimento do corpo de Alex a lembrava o quanto o desejo humano é poderoso e como pode facilmente sair de controle.

Ela lutou contra a sua reação, mas o corpo parecia ter vontade própria e liberava um incontrolável desejo de sentir cada vez mais os toques dele. Ela se esfregava contra o corpo dele, seus seios incharam como se estivessem buscando mais intimidade e sua pele ansiava por sentir o corpo dele.

Ela sentiu-se umedecer e pulsar de desejo; todo o corpo zunia com uma vontade crescente e fora de controle jamais experimentada.

Amelia sentia o gemido gutural e quase primitivo dele ressonar em seu peito e reagia esquecendo-se de que estavam em público.

Alex segurou o rosto dela com uma das mãos para beijá-la mais profundamente e com a outra puxava seu corpo com vigor.

Ele estava incrivelmente excitado, surpreendendo Amelia com o tamanho da sua ereção, embora ela não fosse totalmente inexperiente.

O som de vozes e passos se aproximando trouxe Alex de volta à realidade e fez com que ele se afastasse um pouco. Ele sorriu delicadamente e passou a mão pelos cabelos dela.

– Isso é o que eu chamo de beijo. Onde aprendeu?

– Bem... eu...

Ele sorriu e, passando o braço pelo ombro de Amelia, a conduziu de volta ao restaurante.

– Não se preocupe, não quero saber.

Rapidamente eles estavam sentados à mesma mesa e o garçom reabastecia as taças com vinho.

Alex fez o possível para deixar Amelia à vontade, conversando de forma descontraída, mas mesmo assim, ela não conseguia parar de pensar naquele beijo explosivo. Amelia ainda podia sentir os lábios sensíveis e o gosto dele em sua boca ao beber o vinho. Assim como a presença morna da perna dele por

baixo da mesa. Toda vez que ele se ajeitava na cadeira, as pernas se tocavam e lançavam uma descarga por todo seu corpo.

Alex curvou-se para servi-lhe mais vinho.

– Como está o seu prato?

– Está maravilhoso – ela respondeu, sorrindo. – Eu não saía para jantar há anos.

– Há quantos anos? – ele perguntou.

– Onze.

Ele assobiou.

– A comida devia estar tão ruim que você nunca mais quis voltar.

Ela não resistiu e sorriu ao levantar o olhar.

– Foi isso.

– Não é uma boa maneira de terminar uma refeição... ou um relacionamento.

Eles se olharam por um momento e, simultaneamente, fitaram a boca um do outro, preenchendo o ar com possibilidades eróticas.

Alex foi o primeiro a quebrar o encanto.

– Então, o que aconteceu?

– Eu era muito jovem e inexperiente para perceber os sinais. Minha mãe tinha morrido há pouco tempo e eu estava me sentindo perdida. Um belo homem que visitava a ilha me deu muita atenção e eu, estupidamente, caí na armadilha.

– Um belo homem casado, suponho – ele comentou.

– Sim, muito bem casado e com dois filhos. As fotos caíram da carteira.

O olhar de Alex era de preocupação.

– Como você lidou com a situação?

Ela jogou os cabelos para trás com um movimento suave e as bochechas começaram a corar.

– Eu me internei em um convento.

Ele olhou descrente.

– Está brincando?

– Não.

– Você pretendia fazer os votos?

– Estava pensando seriamente nisso.

– O que a fez mudar de ideia?

Ela sorriu sem graça.

– O voto de castidade não seria problema para mim, mas o voto de silêncio, sim.

Ele riu.

– Sim, posso imaginar como isso seria um problema para você.

– Eu tinha o hábito de ser respondona, o que não daria muito certo.

– Então você desistiu e resolveu ser enfermeira – ele disse.

– Sim, eu queria fazer alguma coisa da minha vida, alguma coisa pelos outros. Decidi que poderia ser mais útil em Niroli, trabalhando no Free Hospital, assim como na comunidade.

– Você nunca pensou em usar as suas habilidades em um hospital particular onde pagam melhor?

– Não, nunca. Eu sempre achei terrivelmente injusto que o bem-sucedido tivesse cuidados médicos de alta qualidade enquanto os mais pobres ficavam com o resto.

– Isso é um problema na maioria dos países – ele informou.

– Então essa é uma das razões pelas quais está aqui, não é? – ela perguntou. – Sem falar na intimação real, claro.

– Sim. Achei que seria uma boa oportunidade para treinar a equipe cardiológica enquanto estivesse à toa.

– Você trabalha em um hospital-escola em Sidney?

– Sim, ganhei o pomposo título de professor adjunto. Às vezes nem tenho tempo para pensar. Meus pais estão sempre me pedindo para diminuir o ritmo, mas é difícil conciliar trabalho e diversão.

– Eu sei. É difícil quando você é muito solicitado.

– Assim como você, certo? – ele supôs.

– Eu não sou tão solicitada quanto você.

– Eu não sei se é bem assim – ele disse. – Pelo que ouvi falar, você também não se diverte com frequência.

– Não muito.

– Você pretende passar o resto da vida em Niroli? – ele perguntou, depois de uma pequena pausa.

– Não tenho certeza... Eu gostaria de viajar, talvez conhecer um pouco do mundo, mas tenho responsabilidades aqui por enquanto.

– Seu pai e seus irmãos?

– Sim... vai ser diferente quando meu pai... nos deixar.

Um pequeno silêncio se instalou entre eles. Um homem se aproximou e parou ao lado de Alex, seu rosto pálido de susto.

– Antonio?

Alex virou-se.

– Desculpe-me, mas não sou eu.

– Sinto muito... – O homem se afastou.

Alex sorriu amigavelmente.

– Isso acontece o tempo todo – ele esclareceu. – Acho que tenho um rosto comum.

Amelia viu o homem engolir em seco ainda pálido. Ele se desculpou mais uma vez e retornou à mesa na qual duas outras pessoas o esperavam com os olhos ainda grudados em Alex.

– Sinto muito por isso. – Alex sorriu para Amelia. – É a terceira vez que isso acontece comigo esta semana. Um cara chegou a perguntar se poderia tirar uma foto comigo.

– Isso aconteceu antes? Aqui? Na... ilha?

– Sim, mas acho que é porque pareço um nativo – ele disse. – É como se eu não pudesse esconder. Até agora já fui confundido com um Antonio e um Marco. Eu acho que tinha um outro nome também, mas não consigo lembrar qual era.

O coração de Amelia pulou no peito.

– Então... você é descendente de italiano?

– Está na minha certidão de nascimento. Nasci em Agrigento, na Sicília.

– Sicília?

– Sim. Foi por isso que aceitei o convite para visitar Niroli, por ser tão perto.

Amelia ficou olhando para a mesa enquanto seu coração voltava ao normal.

Ele nasceu na Sicília.

Estava na sua certidão de nascimento.

Não poderia ser...

– Você sabe o seu nome de batismo italiano?

– Sim. É um pouco pomposo, Santocanale.

– É bonito, bem siciliano...

– Não é ruim, eu acho, mas claro que ele foi trocado quando fui adotado. Contudo, eu me recuso terminantemente a usar o meu primeiro nome italiano. Eu troquei assim que entrei para a escola.

– Qual é o seu primeiro nome?

– Alessandro – ele disse, provocando outra onda de choque nela. – A maioria dos australianos não tem problemas em pronunciar nomes diferentes, mas há trinta anos eu teria sido solicitado a trocá-lo e ameaçado por ter um nome com uma pronúncia tão italiana. Desde então, passei a ser Alex.

Alex... *Alessandro*...

A cabeça de Amelia dava tantas voltas quanto seu coração. As pessoas o paravam na rua e diziam que ele se parecia com alguém chamado Antonio...

Antonio Fierezza, o filho do rei que fora morto dois anos antes, no acidente com o iate.

E Marco...

Seu coração deu outro pulo.

Marco Fierezza, o neto gêmeo do rei, filho de Antonio, e o homem que recentemente renunciara a seu direito ao trono de Niroli para casar com a mulher que amava.

– Está tudo bem? – Alex se inclinou para a frente. – Está um pouco pálida.

– Estou bem... só está um pouco quente aqui...

– Quer dar uma caminhada pela praia para se refrescar? – ele sugeriu, oferecendo a mão para que ela levantasse.

Amelia apoiou a mão sobre a dele, sentindo um buraco no estômago e um desconforto quando passaram pela mesa daquelas pessoas que ainda o olhavam.

O ar fresco do lado de fora ajudou a clarear a mente de Amelia.

Era impossível, ela tentava se convencer enquanto caminhavam.

Era apenas uma coincidência, como a sra. Gravano dissera outro dia. Alex parecia nascido e criado na ilha, assim como outros italianos que vieram do continente.

Uma coincidência.

Apenas uma coincidência.

Não seria possível ser algo mais...

– ESTÁ MELHOR agora? – Alex perguntou, enquanto a brisa do mar refrescava o rosto deles.

– Muito melhor. – Ela tentou sorrir.

– Acho melhor levá-la para casa para que tenha uma boa noite de sono – ele comentou.

– Eu concordo.

– Podemos repetir a dose? – Sua voz aveludada era como um carinho no rosto dela.

Amelia baixou os olhos.

– Você não tem muito tempo por aqui.

Ele levantou o queixo de Amelia com um dos dedos.

– Por você eu fico mais tempo.

Amelia o olhou bem nos olhos com o coração repleto de emoção. Ela não queria se apaixonar, não por um homem que só estava livre por um mês. Como suportaria quando ele fosse embora, se deixasse

isso acontecer? Mas Alex Hunter tinha algo totalmente cativante. Não era só seu senso de humor, mas sua honestidade também. Ele sorria para a vida, mas também a tratava com muito respeito. Ela não conseguia deixar de admirar essa qualidade. Havia um caráter sólido nele que nenhum jeito brincalhão poderia esconder. Sua consideração com os sentimentos dos pais adotivos demonstrava capacidade de colocar as necessidades dos outros à frente das suas, assim como seu compromisso com o Free Hospital, oferecendo-se para trabalhar sem receber.

– Alex, eu posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro.

– Você disse que não estava muito interessado em descobrir quem eram os seus pais biológicos... mas e se eles viessem procurá-lo?

Ele comprimiu os lábios enquanto pensava.

– Não sei... nunca pensei por esse ângulo. Eu sempre presumi que se meus pais me deram aos dois anos de idade, eles não estavam mais interessados em mim.

Era um ponto considerável, ela precisava admitir. Seria duro abrir mão de uma criança com aquela idade, abandonar uma criatura de quem você cuidou até os dois anos, deixando todo o resto para trás. Como alguém poderia fazer isso sem uma boa razão?

– Você foi adotado na Sicília ou na Austrália? – ela perguntou

– Na Austrália – ele disse. – Acho que minha mãe... ou pais biológicos migraram para lá.

– Eu entendo por que você hesita tanto em procurar os seus pais biológicos. Como disse, nunca se sabe o que pode encontrar.

– Exatamente – ele disse. – Há coisas na vida que é melhor deixar como estão.

Alex estava certo, ela pensou, enquanto dirigiam de volta para a encosta das montanhas.

Há coisas na vida que é melhor deixar como estão...

CAPÍTULO 7

A CASINHA estava na mais completa escuridão quando Alex chegou. Ele olhou para a pequena figura sentada em silêncio no banco a seu lado, imaginando se ela se recusaria a sair com ele outra vez. Ele se divertira mais do que imaginava. Alex sabia que tinha pouco tempo na ilha, mas isso não significava que não pudesse ter um namorico sem compromisso. Amelia Vialli era diferente de todas as mulheres com quem tinha saído, e, depois do seu recente rompimento, era exatamente daquilo que ele precisava. Não tinha nada a ver com a falta de experiência de vida de Amelia. Várias mulheres que conhecera eram educadas e experientes, incluindo Sarah, sua ex-namorada.

Amelia tinha um espírito mal-humorado disfarçado por uma pequena humildade e ele adorava o modo sem reservas como ela se apresentava. Além de ser passional, mais do que ele poderia suportar. O beijo revelou o que fervia por baixo daquela superfície, sem dúvida escondido pelos anos de medo de se machucar outra vez.

– Quer que eu espere seu pai e seus irmãos com você? – ele ofereceu.

– Não, ficarei bem. Obrigada pela adorável noite. A comida estava maravilhosa.

Ele deu a volta para ajudá-la a descer do carro, a luz da lua iluminava o rosto perfeito da sua pequena fada.

– Mas nós não comemos a sobremesa. – Ele lançou um olhar animado. – É a minha parte predileta da refeição.

– Talvez uma outra vez...

Ele sorriu enquanto lhe dava um beijo no canto da boca.

– Eu vou esperar por isso.

Ele a acompanhou até a porta e esperou que ela acendesse uma vela antes de partir.

– Imagino que esteja se perguntando por que não temos eletricidade – ela comentou.

– Eu nem notei – ele mentiu.

Ele sentiu o estômago revirar só de pensar como ela e sua família eram tratadas.

– Não é justo vocês terem que viver dessa forma, Amelia. Algo precisa ser feito. Eu poderia intervir por você.

Ela levantou o queixo enquanto segurava a porta aberta para ele.

– Nós viemos de mundos totalmente diferentes, Alex. Não procure uma ponte entre eles, ela não existe.

– Isso é loucura e você sabe disso. Somos duas pessoas comuns que estão interessadas uma na outra.

Por que não explorar esse interesse e ver aonde ele nos leva?

– Ele o levará de volta para a Austrália, enquanto eu fico aqui.

– Você não sabe disso. – Ele fez uma careta.

– Não dará certo, Alex.

– Então você se tornou uma especialista em relacionamentos íntimos depois de uma decepção há onze anos? – Ele não pretendia demonstrar tanta irritação, mas a determinação e a maneira como ela falou o tiraram do sério. – Vamos lá, Amelia. Dê uma chance. Nós arrancamos faíscas um do outro desde o início. Eu nunca me senti assim antes.

– Há um manual para playboys que todos vocês consultam para usar as melhores frases? – ela perguntou. – Até agora, você já falou, pelo menos em duas situações, as mesmas frases que o meu ex-namorado usou para me levar para cama com ele.

Agora ele realmente *estava* com raiva.

– Amelia, não me coloque no mesmo nível daquele idiota. Eu não sei por que não enxergamos o que está acontecendo.

– Você quer um relacionamento com uma camponesa excomungada? – ela perguntou.

– Você não é uma camponesa. Para mim, é uma bela mulher que está jogando sua vida fora.

– Então você se imagina como um príncipe encantado que veio salvar a Cinderela da sua vida de labuta?

– Sou apenas um cara normal que está bastante atraído por uma garota pela primeira vez em muito tempo.

– Esta é uma *daquelas* frases – ela disse, revirando os olhos.

Ele cerrou os pulsos tentando se controlar.

– Não posso evitar que algumas das minhas frases já tenham sido ditas antes em outro contexto.

Tudo o que eu sei é que tenho pouco tempo aqui e não quero desperdiçá-lo discutindo.

Ela sorriu tristonha.

– Você está perdendo seu tempo comigo, Alex. Procure alguém que possa transitar no seu meio com facilidade e graça. Eu só o constrangeria. Não foi por isso que você me deu esse vestido? Para que pudesse sair comigo sem se constranger?

– Eu desisto. Tudo bem, você venceu. Vou deixá-la em paz. Entendi claramente. Você pode levar a sua vida de freira escondida aqui em cima na floresta.

Ele saiu pela porta aberta iluminado pela lua.

QUANDO AMELIA entrou na cozinha, na manhã seguinte, encontrou o pai sentado à mesa.

– Eu não quero comer nada – ele disse.

– Mas, *papà*, você precisa comer – ela insistiu.

– Que necessidade tem um homem moribundo de comida?

– *Papà* – ela começou.

– Não seja condescendente comigo, Amelia! – Ele tossiu e continuou: – Sei que estou morrendo. E pelo que sei, quanto antes acontecer, melhor.

– Você não quer dizer isso!

– Quero, sim... – ele afirmou com um suave sorriso – especialmente agora.

– Por que... especialmente agora?

Ele desviou o olhar dela e Amelia percebeu a garganta dele se contrair.

– *Papà?*

Ele levantou a cabeça para olhá-la.

– Há muito tempo, antes de você, Rico e Silvio nascerem, eu fiz uma coisa muito ruim.

– Que... que coisa ruim? – ela perguntou, com a voz engasgada.

Os olhos do pai estavam repletos de vergonha.

– Fui o responsável pelo sequestro do príncipe Alessandro Fierezza.

Ela o encarou tremendo por dentro, com o coração disparado e as mãos úmidas de medo.

– Sinto muito, Amelia – ele prosseguiu, arrasado. – Sei que é um choque terrível, mas eu era jovem e fui arrebatado pela rebelião.

– Mas você disse que nunca tomou parte nisso!

– Eu comecei à margem e nunca estive muito envolvido, sempre mantido a distância. Mas, gradualmente, me deram mais responsabilidades, especialmente quando chegou o momento do sequestro do príncipe.

– Você... quer dizer... você o *matou*?

– Não, eu não o matei. Você realmente acha que eu seria capaz?

Amelia acreditou e segurou a mão dele.

– Não, *papà*, mas o que fez com ele?

Os olhos dele lacrimejaram, coisa que ela nunca tinha visto antes.

– Eu organizei o sequestro – ele declarou. – Tinha algumas conexões, um casal que estava preparado para levar a criança.

– Levá-la para onde?

– Para um lugar onde não pudesse ser achada.

– Mas e a outra criança? – ela perguntou. – A criança que agora está enterrada no castelo?

– O rei Giorgio acionou uma operação secreta para recuperar o neto, mas falhou. Os pais da criança faziam parte do grupo de resistência e, quando as explosões aconteceram durante a operação de resgate, foram todos mortos. Como eles não tinham outros parentes, foi fácil passar a criança pelo príncipe. Ninguém questionou. Eu vi a chance de pular fora do trato do qual estava incumbido.

– O trato?

– Matar o príncipe se o resgate não fosse pago.

– Mas você não prosseguiu com isso?

– Não. – Ele olhou perturbado para ela. – Ele era apenas uma criança de dois anos, chorava chamando pela mãe e pelo irmão o tempo todo. Isso quase partiu o meu coração.

Lágrimas escorreram dos olhos de Amelia.

– Ah, *papà*.

– Eu tive de confiar no silêncio de outras pessoas para livrar o garoto do perigo. Isso me custou tudo. É por isso que vivemos na miséria desde então. De repente, eu me vi em dificuldades com a rebelião. Sua mãe acabara de descobrir que estava grávida. Eu não tinha como me livrar sem perder a vida ou sua mãe, se descobrissem que eu não tinha cumprido o plano de matar o príncipe.

– Você ouviu falar do que aconteceu com ele?

– Há rumores... – Ele fez uma pausa. – Rumores de que ele está vivo e que se encontra na ilha no momento.

Amelia olhou para ele, alarmada.

– Claro que ninguém verificou isso, mas não seria difícil – ele disse. – Basta um olhar para que eu saiba se ele é o príncipe.

– Um olhar? – Ela o fitou, confusa. – Mas, *papà*, não será fácil reconhecer uma criança 34 anos depois.

– O príncipe Alessandro tem um sinal de nascença, um hemangioma. Eu vi quando estava cuidando dele.

– Um hemangioma – ela suspirou. – Onde?

– No antebraço direito, na parte interna, perto do cotovelo.

Amelia suspirou profundamente, os pensamentos brotando de forma desordenada. Ela retrocedeu mentalmente, procurando cada momento em que esteve com Alex Hunter, tentando lembrar se ele estava usando camisas com mangas ou se elas estavam dobradas...

– O novo médico – seu pai falou, quebrando o silêncio. – Eu quero vê-lo. Aqui em cima. Você pode organizar isso?

– Por que ele, *papà*?

– Eu quero ter certeza.

Ela engoliu em seco outra vez.

– Você acha que o dr. Hunter é o príncipe?

– Não sei, mas preciso ter certeza antes de morrer.

A possível realidade estava ficando clara para Amelia e isso a deixava apavorada. Se a notícia sobre o envolvimento de seu pai no sequestro do príncipe se espalhasse, ele poderia ser levado antes que a justiça ordenasse. É provável que suas últimas semanas de vida fossem passadas na prisão. O nome deles seria novamente difamado de forma inimaginável. Seus irmãos nunca mais conseguiriam emprego na ilha e sua vida seria ainda pior do que agora.

E se fosse verdade que Alex Hunter era realmente o príncipe Alessandro, o que ele faria com essa informação? Como lidaria com a novidade de que não era um cidadão comum, mas um membro da família real mais rica da Europa? E não só um membro, porque com a recente decisão do irmão gêmeo, ele agora era o herdeiro legal ao trono de Niroli...

Seu pai a jogou em devaneios torturantes.

– Eu quero que você saiba que estou pronto para ser punido pelo que fiz, Amelia. Sempre estive preparado, mas não me apresentei na época por causa da sua mãe. Eu escondi tudo dela, era preciso. Ela estava esperando um bebê, seu irmão Rico. Eu não gostaria que ela me visse como um homem capaz de cometer tal crime. A coisa ficou pior ainda depois que seus irmãos e você nasceram. Ter meus próprios filhos me fez perceber a atrocidade do meu ato.

– Isso custou ao príncipe o seu direito de nascença! – ela exclamou, sem conseguir conter o desespero e a vergonha pelo o que ele fizera. – Nunca conheceu os pais verdadeiros, nunca viveu na ilha, nunca falou o idioma nem fez milhares de outras coisas que nunca poderão ser respondidas ou compensadas por uma confissão no leito de morte!

– Eu sei, mas preciso repor o que posso – ele disse. – Tenho que ver esse homem que a ilha inteira está confundindo com Antonio Fierezza.

– E com o príncipe Marco – ela mencionou com firmeza.

– É verdade? – ele perguntou. – Você viu o príncipe Marco no palácio, não viu? Ele se parece com o doutor?

– Eu não sei... talvez um pouco – ela disse.

– Então, você fará isso para mim? Traga o doutor até aqui.

– Ele esteve aqui na noite passada – ela informou.

– *Aqui?*

Ela aquiesceu.

– Ele passou por mim na estrada e me deu uma carona. Depois, me convidou para jantar. Eu aceitei, porque você e Silvio estavam fora. A propósito, onde está Silvio?

– Está trabalhando em um barco que vai daqui para a Sicília. Ele ouviu os rumores e me levou até o porto para falar com algumas pessoas que viram o médico.

– *Papà...* você imagina as consequências que virão se Alex Hunter for a criança que fez desaparecer? Elas não afetarão apenas você, mas Rico, Silvio e eu também.

– Sim. – Ele esvaziou o peito com um único suspiro. – Tenho pensado muito nisso. Apesar dos meus esforços para me manter afastado da organização, meu nome é mencionado sempre que falam dos bandidos Vialli. Agora, todos os dedos apontam para mim. Não posso permitir que você e seus irmãos continuem vivendo com vergonha de um assassinato que nunca aconteceu.

– O sequestro de uma criança é quase tão grave quanto.

– Eu fiz o melhor que pude, naquelas circunstâncias – ele disse. – Eu não o matei. Tive todas as chances, mas não o fiz. Eu gostaria de poder contar isso a ele... pedir o perdão dele. Só assim poderei morrer em paz.

Ela soltou outro suspiro.

– Não haverá paz, *papà*, não percebe?

– O que você teria feito? – ele perguntou. – Se ele é o príncipe, tem o direito de saber.

– Mas e se não for?

– Traga ele até aqui, Amelia. Traga o médico para que eu possa descobrir de uma vez por todas.

CAPÍTULO 8

AMELIA DIRIGIU-SE para o vestiário e colocou o avental apropriado para o centro cirúrgico. A equipe de cirurgia estava bastante ocupada quando ela chegou.

O paciente, um homem de cerca de 50 anos, que tinha um longo histórico familiar de doenças cardíacas, já estava anestesiado.

– Fique aqui próximo à aparelhagem de anestesia, enfermeira – orientou o anestesista.

Quando ela se encaminhou para a posição, Alex surgiu da sala de esterilização com os braços erguidos, pronto para ser auxiliado pela enfermeira na vestimenta do avental. Era uma ótima oportunidade para Amelia ver o seu braço descoberto, mas a enfermeira instrumentadora colocou-se na sua frente, bloqueando sua visão.

Depois que estava com o avental e as luvas, Alex se virou e seus olhos se encontraram.

– Que bom que você veio nos acompanhar, enfermeira Vialli. Devo deduzir que não tinha nenhum outro compromisso urgente?

Então ele ainda estava chateado com ela por tê-lo rejeitado, Amelia pensou, e levantou o queixo.

– Estou aqui, como você pode ver – ela disse.

Ele encarou aquele olhar desafiador por um momento antes de passar uma instrução ao anestesista.

Alex mostrava à equipe o passo a passo do procedimento com o coração batendo, tomando todo o cuidado para mostrar como o estabilizador do vaso sanguíneo era usado para reduzir o movimento dos vasos a serem suturados durante o movimento cardíaco. Ele olhou por cima da máscara cirúrgica na direção de Amelia.

– O que acha do procedimento até agora, enfermeira Vialli?

– Você demonstra muita prática nos procedimentos cardíacos.

Alex ficou satisfeito ao perceber que o fluxo de sangue do paciente era satisfatório e deixou a equipe fechar o tórax de forma rotineira.

ENQUANTO ALEX tirava as luvas e o avental, ele virou-se para olhar para Amelia, que o observava, e cruzou os braços.

– Por acaso está esperando para falar comigo, enfermeira?

– Na verdade, eu gostaria de falar com você, sim, se for possível.

– Preciso verificar a minha agenda para ver se consigo encaixá-la.

– Eu agradeceria...

– Dr. Hunter, uma ligação para o senhor – informou uma das enfermeiras. – É uma jovem, mas não quis dizer o nome.

Amelia percebeu um brilho nos olhos dele antes que se dirigisse à outra enfermeira.

– Você poderia passar para o escritório? – ele pediu.

Quando Alex olhou para Amelia outra vez, ela estava com um sorriso cínico estampado no rosto.

– Você não demorou muito para arranjar uma substituta, certo? – ela falou em voz baixa.

– Pelo que sei, sou um homem livre – ele retrucou. – Agora, se você me der licença, vou atender a ligação.

– TEM UM recado para você, Amelia – Lucia informou. – A *signora* Gravano quer que você ligue para ela esta tarde, antes que o seu plantão termine.

– Tudo bem – Amelia disse, imaginando se a velha senhora teria caído novamente. – Ela é sozinha e a filha vive fora. Irei direto para lá assim que terminar aqui.

Quando o plantão terminou, Amelia saiu em direção à casa da velha senhora.

Não havia sinal de movimento na casa de Alex, mas o jardim estava limpo. Os arbustos foram aparados e o agradável aroma de grama recém-cortada estava no ar.

Na realidade, a sra. Gravano não precisava trocar o curativo, precisava mesmo era conversar. Então, Amelia sentou-se com ela por um tempo, tentando não olhar para o relógio na parede o tempo todo.

Rico não era muito paciente e, se ela se atrasasse, ele iria embora.

– Eu ouvi alguns rumores e achei que você deveria ser informada, se é que você já não ouviu – a sra. Gravano disse, assim que Amelia fez um movimento para ir embora.

– Que rumores são esses?

– As pessoas estão dizendo que o príncipe Alessandro não está morto.

Amelia esperava não expressar o pânico e o pavor que sentia.

– Isso parece mais um absurdo – ela disse. – O túmulo da criança está no palácio.

– Eu sei, mas pode haver outra explicação para isso... uma outra criança foi colocada no lugar, por exemplo.

– Eu acho impossível, mas sabe como são esses boatos. Eles vêm e vão, até serem esquecidos – Amelia disse.

– Eu soube que o conselheiro médico do rei notou uma semelhança impressionante, quando estava pesquisando sobre o dr. Hunter, com Alessandro Fierezza. A fotografia do dr. Hunter estava em uma revista médica que eles encontraram. Foi aí que começaram a imaginar se ele não estava, de alguma maneira, ligado à família.

Amelia sentou outra vez, não porque quisesse, mas porque as pernas não conseguiam se mover.

– Foi por isso que ele recebeu uma intimação real?

– O rei realmente necessita de uma cirurgia cardíaca, claro, mas foi uma boa maneira de trazerem o dr. Hunter para Niroli para se certificar se a semelhança mereceria uma futura investigação oficial por parte da realeza.

– Dizem que todos nós temos um sócia em algum lugar no mundo – Amelia disse, tentando ser racional.

– Talvez, mas se o que suspeitam for verdade, será um inferno.

– Para o responsável?

– Eu não gostaria de estar no lugar dessa pessoa – a sra. Gravano disse, com o olhar fixo. – Eles... são responsáveis por um terrível crime e nunca foram punidos.

– Com certeza é um resultado melhor do que o veredicto original de assassinato... quero dizer, se o príncipe estiver de fato vivo...

– Sim, realmente, mas como o príncipe vai se sentir quando descobrir a sua verdadeira identidade? Seus pais biológicos estão mortos. Ele nunca terá a oportunidade de conhecê-los. E para o príncipe Marco, que sofreu por todo esse tempo com a perda do irmão gêmeo?

– Eu tenho certeza de que o príncipe nem se lembra do irmão gêmeo – Amelia disse, lembrando de sua conversa com Alex. – Ele era muito novo.

A velha senhora resmungou:

– Ele presenciou a tristeza dos pais, o que, sem dúvida, teria afetado ele e a irmã.

– Alex Hunter está ciente de alguma dessas... especulações?

– Eu não tenho certeza. Ele irá ao palácio esta tarde para se encontrar com o rei. Talvez o assunto seja abordado – a sra. Gravano falou.

– Alguém deveria prepará-lo... Seria injusto surpreendê-lo com essa informação sem nenhuma preparação.

A sra. Gravano sorriu sabiamente.

– Por isso que eu pedi para vir, Amelia. Você entenderá muito melhor a natureza delicada do assunto do que os empregados do palácio. O dr. Hunter deve estar em casa agora. Que tal ir lá e conversar com ele antes que ele vá para o palácio se encontrar com o rei?

AMELIA IGNOROU o atalho e foi em direção à porta de entrada. Suas mãos estavam visivelmente trêmulas quando as levantou para bater na argola de metal da porta.

Ninguém respondeu.

Ela franziu as sobrancelhas ao olhar para o carro estacionado na sombra. Ele deve estar em algum lugar por perto.

– Você está procurando por mim? – Alex perguntou, do outro lado da porta de entrada.

Ela se virou para vê-lo, e a garganta ficou seca ao perceber que ele estava de short de corrida e camiseta. O suor do exercício deixava o tecido colado ao corpo.

– Sim... – ela respondeu. – Eu queria encontrá-lo antes que fosse para o palácio.

– Por quê?

– Quero falar com você.

Alex observou o olhar ansioso dela por um tempo. Ela parecia cansada e ele se envergonhou da atitude que tivera mais cedo.

– Vamos, eu também tenho uma coisa para lhe falar.

Ele esperou até que ela estivesse sentada com uma bebida gelada, depois sentou na cadeira em frente, enxugando o rosto com uma toalha.

– Então, quem começa? – ele perguntou.

– Tanto faz. Pode começar, se preferir.

– Certo. Eu gostaria de me desculpar. Fui um idiota ontem à noite, é simples. Apesar de você ter me provocado. – Ele passou os dedos pelos cabelos úmidos. – Não sei por que fiquei tão irritado. Eu sei que você não vai acreditar, mas realmente não é o meu estilo. – Ele olhou envergonhado para ela e acrescentou. – Acho que faz muito tempo que não me relaciono.

Ela torceu a boca ironicamente.

– Aposto que não tanto tempo quanto onze anos.

– Não. – Ele sorriu, descontraído. – Talvez onze meses, mas tempo suficiente para me deixar em ponto de bala.

– Tudo bem, eu entendo.

– Eu gostaria que sim.

– Eu entendo – ela insistiu.

– Acredita em mim, não acredita?

– Como você pode saber como eu me sinto?

Ele sorriu para ela.

– É, aquele voto de silêncio nunca teria funcionado.

Ela começou a franzir os lábios, mas pensou melhor.

– Eu não vim até aqui para discutir com você.

– Aonde você costuma ir?

– Você tem que fazer piada de tudo? – ela perguntou, frustrada. – Estou tentando ser séria.

– Eu também, Amelia. – Ele pegou a toalha outra vez. – O que você tem para me contar?

Quando ele levou a mão ao rosto para secar o suor da testa, Amelia olhou para o braço direito dele e seu coração quase parou.

Não havia absolutamente nenhuma marca de nascença.

CAPÍTULO 9

ALEX COLOCOU a toalha de volta no lugar e surpreendeu-a olhando para ele.

– Alguma coisa errada?

– Não... nada – Amelia abaixou o olhar e olhou para a mesa que os separava. Ela examinou o braço esquerdo quando ele trocou de mão para se secar, mas não havia nenhuma marca de nascença visível em nenhum deles.

– O que veio me dizer? – ele perguntou.

– Nada importante. – Ela levantou e empurrou a cadeira. – Eu tenho que ir. Vou perder o último ônibus.

– Espere. – Ele se aproximou dela e segurou-a pelo braço. – Sei que vai parecer idiota, mas você poderia me fazer um favor?

Amelia olhou para ele, já com o coração disparado e o estômago revirando.

– O que é?

– Para falar a verdade, estou um pouco nervoso com a visita ao palácio. Eu sei que é pedir muito, mas já que você vai sempre lá, não poderia vir comigo para dar um apoio moral?

Ela o encarou por um tempo, pensando se ele estava falando sério ou se era outro truque para sair com ela.

– Eu não vou sempre lá – ela o corrigiu.

– Mas pelo menos já estive com o rei e seus funcionários e está mais ou menos familiarizada com a estrutura do palácio.

– Se você pensa que eu acredito, por um segundo que seja, que está intimidado com a realeza, você deve me achar mais ingênua do que imaginava – ela disse.

– E se eu fizer um trato com você? – ele propôs. – Se você vier comigo ao palácio, eu lhe dou uma carona para casa e aproveito para ver o seu pai.

Há cinco minutos, Amelia não teria comprado a ideia, mas agora que os braços de Alex não revelaram nenhuma marca de nascença que poderia mandar o pai dela para a cadeia, ela tinha de aceitar. Sem aquele sinal, não havia nada que ligasse seu pai ao desaparecimento do príncipe há tantos anos. Ela queria que o pai visse com os próprios olhos para poder descansar em paz.

– Tudo bem – ela concordou. – Mas terei que ficar do lado de fora. Ainda estou de uniforme.

– Obrigado, tudo bem. – Ele deu um sorriso de vitória. – De acordo com a intimação que recebi, eu terei que permanecer lá por mais ou menos dez minutos. Só vou tomar um banho rápido. Fique à vontade.

Quando ele foi para o banheiro, Amelia respirou aliviada e pensou se ainda deveria avisá-lo da suspeita ou deixá-lo lidar com isso se e quando o assunto viesse à tona. Com certeza o rei olharia com atenção para a marca que o identificaria como seu neto. Como ele agiria se ela nem levantasse a suspeita? Mas Amelia pensou que se, como ela, o rei visse o braço de Alex Hunter sem marca, talvez nem tocasse no assunto e conduzisse a visita como uma intimação real, como de início. Os rumores felizmente cessariam e ela acompanharia o pai até seus últimos dias sem nenhuma ameaça.

ALEX VOLTOU alguns minutos depois, de banho tomado e barba feita, com um delicioso cheiro de frutas cítricas.

Ela se sentiu ridícula e desconfortável com aquele uniforme, principalmente agora que ele estava de terno e gravata. A camisa clara realçava a cor saudável de sua pele e dos olhos. Amelia se arrepiou só de pensar em sentir a boca de Alex na sua, e da gentil, sexual e avassaladora sensação de sentir sua pele roçando no rosto dele.

– Minha gravata está dobrada na parte de trás? – ele perguntou, virando-se para que ela pudesse inspecionar.

Amelia colocou um pedaço da gravata para dentro da gola. Os dedos dela deslizavam pela pele dele como se tivessem vida própria.

– Pronto, está bom – ela disse, um pouco sem fôlego.

Ele se virou antes que ela pudesse se afastar e seus olhos se encontraram. Amelia sentiu o ar entre eles começar a se extinguir, como se uma força invisível a atraísse para junto dele. Ela podia sentir o balanço do corpo contra o dele, seu peito roçando no dele quando Alex segurou-a mais firme.

Os olhos de Alex pareciam mais escuros quando ele se aproximou, o calor de seu hálito mentolado acariciava o rosto de Amelia. Ela sentiu as pálpebras se fecharem conforme ele se inclinava e suas bocas se aproximavam; ao primeiro toque nos lábios de Alex, Amelia sentiu-se em chamas. A combustão era imediata e fascinante. Não havia nada que ela pudesse fazer para se controlar. Amelia estava totalmente consumida, as sensações percorriam seu corpo como um rio fugaz.

A língua de Alex buscava a de Amelia, assumindo movimentos lentos como uma dança. Cada movimento íntimo acompanhava a pulsação do membro dele, pressionado contra o corpo de Amelia. Ela podia sentir a força de sua masculinidade, a clara evidência de como o corpo respondia ao dela. Amelia sentia-se excitada em pensar que ele realmente estava atraído por ela, apesar de todo o esforço que fizera para afastá-lo. Isso demonstrava que ele não desistiria da luta, que jogaria tudo o que pudesse para que a relação deles fosse adiante, não importando o preço disso.

Mas qualquer preço seria pago por ela, Amelia lembrou pesarosa, se embarcasse nessa atração avassaladora que não duraria mais que um mês, a não ser que ele quisesse levá-la com ele, o que parecia um sonho impossível. Ele tinha uma vida na Austrália, uma carreira, uma família que o amava e uma chance de mudar o mundo com essa pioneira e revolucionária cirurgia cardíaca.

Que lugar ela teria nessa vida? Ela fora educada na pobreza e na vergonha, e sua vida, até então, era em função dos outros.

Não era mais uma menina ingênua recém-saída da adolescência, o que tornava essa atração ainda mais forte. Era uma mulher completa, com desejos e necessidades que não podiam mais ser ignorados. Ela se dedicara ao trabalho pesado para afastar o vazio de sua existência, mas agora parecia que essa existência solitária clamava por mais. Amelia desejava se sentir uma mulher atraente outra vez. Queria ser levada pela magia e emoção do desejo.

Ela desejava Alex Hunter mesmo que fosse temporariamente...

Alex se afastou relutante, ainda ofegante.

– Espere aí, princesa – ele disse. – Estou saindo do sério.

– Sinto muito.

– Ei – ele disse, segurando o rosto dela. – Não fique constrangida, isso é muito bom. Na realidade, é uma coisa rara. Eu geralmente não perco a cabeça nesse tipo de situação.

– Está dizendo por dizer.

– É a mais pura verdade. – A expressão em seu rosto era surpreendentemente sincera.

– Eu não sei o que dizer...

– Não diga nada – ele disse. – Vamos devagar.

– Eu estou apavorada, Alex. Não quero que as coisas saiam de controle.

Ele deu um sorriso e a abraçou.

– Eu sei que está com medo, mas não é preciso. Eu a desejo e pretendo tê-la. Certamente já sabe disso.

– Por isso é tão persistente?

– Eu tenho sido persistente?

Ela deu um falso olhar de reprovação, tentando manter a cabeça no lugar, quando tudo o que desejava era se jogar nos braços dele.

– Você sabe o que tem sido – ela afirmou. – Não aceita não como resposta.

– Bem, você me culpa por isso? Desde a primeira vez em que eu a vi, senti que algo se encaixava.

Ela olhou para ele com os olhos apertados.

– Então quem era a mulher que ligou para você hoje?

– Era a minha irmã. Está viajando pela Europa e queria dizer oi.

– Ela tem sorte em ter um irmão como você – ela disse.

– É o que eu sempre digo.

– Eu gosto de você, Alex Hunter – ela declarou com ternura.

– Já é um começo – ele disse, com um brilho nos olhos. – Tem alguma chance de melhorar isso?

Ela retribuiu o sorriso.

– Talvez, mas terei que pensar...

– Bem, enquanto isso, eu tentarei ser paciente – ele disse e beijou-a outra vez.

Dessa vez, o beijo era mais profundo. A língua sedenta de Alex deixava Amelia sem ar, enquanto as mãos dele passeavam pelas curvas de seu corpo. Seus seios saltaram com o toque, mesmo estando cobertos pelo tecido do uniforme. Ela se sentia arrastada pela maré de desejos que brotava entre eles. Amelia podia sentir isso no corpo pulsante de Alex, no gosto e na força do beijo acalorado e no desejo impróprio que não podia mais ser negado.

– Isso é uma loucura – Alex desabafou, se afastando dela. – Para variar, o meu tempo se esgotou, tenho que estar no palácio em dez minutos. É muito pouco tempo para eu satisfazê-la do jeito que quero.

Amelia sentiu um frio no estômago ao ouvir aquelas palavras.

– Nós podemos fazer isso em uma outra hora – ela disse, surpreendendo-se mais do que a ele. – Isto é, se você ainda quiser...

Ele a beijou rapidamente.

– Eu quero, não pensarei em outra coisa enquanto estiver com o rei.

– O rei ficaria chocado ao ouvir isso.

– Não me importo. O que um velho homem em um castelo medieval tem a ver comigo? Eu preferia ficar com você.

Amelia então decidiu contar-lhe sobre os rumores. Que mal poderia ter isso agora? Pelo menos, ele poderia responder de forma correta às perguntas do rei.

– Alex... há uma coisa que precisa saber antes de se encontrar com o rei... uma coisa importante.

Alex franziu as sobrancelhas diante do tom grave de Amelia.

– O quê?

Ela respirou profundamente.

– Você provavelmente achará isso extremamente ridículo, mas há rumores de que, de certa forma, esteja ligado ao rei.

– Ligado?

– Você se lembra do sequestro e assassinato do neto do rei? – Ele assentiu. – Pois é – ela continuou. –

Recentemente, começou-se a cogitar que o príncipe que se pensava morto na realidade está vivo e que teria sido entregue para ser criado por alguém.

– Por alguém onde?

– Não sei de todos os detalhes, apenas que o príncipe estaria bem vivo.

– E o que isso tudo tem a ver comigo? – ele perguntou, ainda intrigado.

– Ontem, no restaurante, você foi confundido com outra pessoa. Achei que deveria saber que o rei, assim como as outras pessoas, acharam você parecido com o filho morto, Antonio, e com Marco, o neto sobrevivente. Eles estão imaginando se você não seria, de fato, o príncipe.

– Amelia, esta ilha é repleta de homens parecidos.

– Eu sei... mas achei que devia lhe contar. Quando ouvi essa história pela primeira vez, ela me pareceu um absurdo, mas quando você disse que era adotado e que seu primeiro nome era Alessandro...

Alex gargalhou.

– Isso é extremamente ridículo! Eu? Um príncipe? Não me faça rir.

Amelia começou a rir.

– Isso parece um pouco louco, não é? Espero que não fique chateado por eu ter lhe contado. Só achei que seria melhor você saber, no caso de fazerem perguntas pessoais no castelo hoje à noite.

Ele deu um rápido beijo no canto da boca de Amelia.

– Você fez bem em me contar. Para falar a verdade, eu já estava começando a ficar assustado com todos os olhares estranhos que recebia. Agora, posso relaxar.

Eu também, Amelia pensou enquanto se encaminhavam para o carro. Graças a Deus, ele é apenas Alex Hunter e não um príncipe desaparecido.

O CASTELO do século XIV estava situado na escarpa de uma rocha com vista para o porto principal de Niroli.

Amelia olhou para cima e apreciou o quanto tudo aquilo era majestoso.

– Eu esperarei por você aqui – ela disse e apontou para um mirante.

Alex piscou para ela e se encaminhou para a entrada do castelo, acompanhado por seguranças.

Amelia se virou para apreciar o brilho do mar a distância, sentindo o cheiro do sal trazido pelo vento.

Vinte minutos depois, ouviu os passos de Alex se aproximando. Ele vinha com um ar sorridente.

– Como foi? – ela perguntou.

– Uma estranha visita médica domiciliar – ele disse. – Eu me encontrei com o rei e falamos sobre as opções de tratamento para ele.

– Ele mencionou os rumores?

– Não, e eu não trouxe o assunto à tona. Cheguei a achar que alguém o faria em determinado momento. Eu fui extremamente examinado pelos funcionários enquanto eles serviam as bebidas.

– Você conheceu mais alguém da família real? O príncipe Marco, o príncipe Luca ou as princesas?

– Sim – ele disse. – Se você não tivesse me contado aquilo, eu teria achado um pouco estranho, já que fui lá para ver o rei com problemas de saúde. Mas acho que eles queriam confirmar alguma semelhança.

– Você mesmo percebeu algo em comum?

– Não muito com o príncipe Marco ou com o príncipe Luca, apesar de existirem algumas semelhanças. Aconteceu de eu ver um retrato de Antonio e sua esposa Francesca em uma das paredes por onde passei.

– E?

– Sei que isso vai parecer um pouco estranho, mas achei que os tinha visto antes.

– Talvez você tenha visto alguma foto deles nos jornais – ela sugeriu. – As notícias sobre o acidente com o iate foram manchete em todos os jornais do mundo.

– Sim, provavelmente foi isso – ele disse, e sorriu.

Amelia se ajeitou no banco, mas, quando olhou de novo para ele, o sorriso tinha desaparecido...

CAPÍTULO 10

– QUE TAL jantarmos rapidamente na minha casa antes de eu visitar seu pai? – Alex sugeriu, algum tempo depois.

– Eu não quero dar trabalho...

– Eu não sou nenhum chefe de cozinha famoso ou algo assim, mas posso preparar uma omelete e uma salada. Minha mãe sempre disse que as mulheres ficam super impressionadas com os homens que cozinham.

– Eu fico super impressionada com um homem que *limpa tudo* depois que cozinha – Amelia disse sorrindo. – Com meu pai e meus irmãos, já perdi as esperanças.

– Você dá um duro danado lá, não é? – ele perguntou, enquanto entravam em casa. – Mas não tem que ficar envergonhada. Casa é casa, Amelia.

– Desculpe por ter sido tão rude com você na noite passada, mas não estou acostumada com visitas.

– Já vi mansões maravilhosas na minha vida com algumas almas miseráveis vivendo nelas – ele comentou.

Ela sorriu para ele.

– Quando você estava no palácio, imaginou como seria viver como um príncipe?

– Sim, um pouco, mas sabe de uma coisa? Acho que ficaria entediado depois de um tempo. Todos aqueles olhos observando cada movimento e serviçais correndo para puxar a cadeira para você ou limpando cada migalha do que você come.

Amelia gargalhou.

– Eu tenho certeza de que não é tão ruim assim!

Alex riu ao puxá-la para perto dele.

– O que você acha, pequeno duende? Começamos pelo prato principal ou vamos direto à sobremesa?

Ele beijou-a, o hálito morno era um carinho nos seus lábios.

– Que tal beijos de morango?

– Isso é um tipo de sobremesa? – ela perguntou, já sem ar.

Ele pressionou a boca contra a de Amelia antes de passar a língua pelos lábios dela, como se os estivesse provando.

– Sim, definitivamente – ele disse. – E posso me empanturrar.

Amelia estava totalmente derretida com os beijos dele, a língua sensual avançava entre os lábios para encontrar a dela. A cada movimento sexy e envolvente, mais excitada ela ficava. A pele toda latejava e arrepiava enquanto ele deslizava as mãos pelo corpo dela. Amelia sentiu as mãos de Alex cobrirem seus seios, e o estômago deu voltas quando ele começou a desabotoar os botões do seu uniforme, um a um, e cobriu a pele com beijos acalorados. O sutiã caiu no chão junto com o uniforme, deixando-a exposta àquele olhar voraz.

– Você é tão linda! – ele quase murmurava as palavras, com voz profunda e baixa enquanto desfazia o nó da gravata e a atirava ao chão.

Ela o ajudou com a camisa, desabotoando-a até que também estivesse no chão com seu uniforme. Ele retirou a calça e ela pôde sentir a força do corpo dele contra o seu, o calor da excitação contra a pele macia da sua barriga.

– Estou indo rápido demais? – ele sussurrou ao pé do ouvido dela, onde mordiscava e a deixava toda arrepiada.

– Nem tanto. – Ela retirou os sapatos e se aproximou mais.

– Nós dois não fazemos isso há muito tempo – ele disse, enquanto beijava um dos seios dela. – Estou tentando me controlar, mas você me deixa louco.

– Não posso evitar – ela disse, e começou a trilhar o pescoço dele com beijos ardentes que o faziam gemer de prazer. – Eu quero você.

Ele pegou-a no colo e a levou para o quarto, debruçou-se sobre ela na cama e escorou-a com as longas pernas. Alex seguiu beijando a barriga de Amelia, mas ela o deteve. Ela puxou-o de volta pela cabeça e roçou-a pelas suas curvas.

Alex parou de beijá-la e sussurrou algo como “preservativo”. Amelia esperou impaciente enquanto ele passava por cima dela para pegar um. Ela o ouviu vasculhar a gaveta, sem muito sucesso.

– Droga!

– Aqui – ela o empurrou para o lado. – Deixe-me dar uma olhada feminina.

– Olhada feminina?

Ela olhou acanhada para ele quando encontrou uma pequena tira de preservativos.

– Veja!

– Eu juro que foi você que plantou isso aí.

– Eu não! Você só não estava vendo.

Ele abriu a embalagem com o dente e entregou para ela.

– Que tal você colocar, caso eu não encontre o que procuro?

Ela mordeu o lábio, envergonhada.

– Não... você coloca... eu posso não fazer direito.

Ele levantou o queixo para olhá-la.

– É isso que eu adoro em você, pequeno duende. Você é adoravelmente tímida.

Ela franziu ligeiramente as sobrancelhas.

– Eu não consigo evitar.

Ele beijou a pequena ruga que se formou em sua testa.

– Nunca transei com uma mulher como você antes.

Ela franziu outra vez as sobrancelhas.

– Como eu?

Ele sorriu e, conduzindo a mão dela, colocou-a sobre sua ereção.

– Amelia, você percebe o que está fazendo comigo?

– Ah...

– Não está desapontada?

– Por que eu deveria estar? – ela perguntou.

– Se os rumores a meu respeito forem verdade, daqui a alguns segundos você estará prestes a dormir com um príncipe. Não é esse o sonho de toda moça?

Amelia olhou para a boca de Alex, aquele sorriso sexy que lançava fagulhas em suas partes mais íntimas.

– Quantos segundos faltam para que isso aconteça? – ela perguntou.

Ele sorriu e puxou-a para baixo, tirando-lhe o fôlego com a primeira penetração e cobrindo-lhe a boca com um beijo.

O corpo avantajado de Alex deslizando de forma macia para dentro dela era quase demais para ser suportado por Amelia. Ela sentiu cada músculo de seu corpo se retesar, cada célula e cada poro clamar por mais. Ele foi mais fundo ainda, tentando controlar o ritmo, mas ela estava tão voraz que chegou a levantar o quadril para trazê-lo para mais perto. Podia sentir Alex roçando contra o botão que lhe provocava prazer, mas a sensação não durou o suficiente para saciar o que ela tanto suplicava. Ele mudou de posição, movendo-se para a frente com muita avidez, até que ela estivesse quase gritando com o movimento úmido de seu corpo contra o dele. Amelia curvou as costas e tudo se encaixou. Agora ele estava onde ela mais queria que estivesse, e as penetrações mais profundas daquele membro rígido a fizeram decolar de forma que finalmente os seus sentidos entraram em colapso.

Ela percebeu vagamente a entrega dele, os batimentos do coração pulsavam contra seus seios nus enquanto Alex a penetrava. O corpo dele desmoronou como um barco ao léu quando Alex chegou ao orgasmo.

Amelia acariciou gentilmente as costas de Alex, surpresa com o modo como reagira aos seus estímulos e mais surpresa ainda com a reação dele.

Alex apoiou-se nos cotovelos para olhar para ela.

– Espero que isso não soe como mais uma frase daquele manual de playboy a que você se referiu ontem à noite, mas isso foi a experiência mais impressionante que já tive em anos.

Amelia acariciou o antebraço dele.

– Acho que está na página 23, mas eu concordo, foi fantástico. Com certeza diferente de tudo o que eu já experimentei antes.

Ele deu um suspiro profundo de satisfação conforme ela continuava acariciando seu braço.

– Isso é bom. Você tem mãos macias.

Amelia sentiu uma protuberância na pele dele quando os dedos se aproximaram do cotovelo. Ela franziu as sobrancelhas quando viu uma pequena e quase imperceptível cicatriz.

– O que aprontou aqui?

– Ah, isso? Eu fiz um procedimento a laser aí.

– Procedimento a laser? – Ela sentou. – Para quê?

– Eu tinha uma marca de nascença.

Amelia olhou para ele, chocada.

– *Uma marca de nascença* – ela arfou. – Você... removeu?

– Minha ex-namorada, Sarah, odiava isso. Assim como algumas outras namoradas do passado.

Francamente, eu não conseguia entender o motivo de tanto barulho.

– *Você tinha uma marca de nascença?* – Amelia sabia que estava se repetindo, mas não conseguia evitar. – *Uma marca de nascença?*

– Não se preocupe, Amelia. Não é contagioso.

– Mas... mas você não entende...

Ele saiu da cama.

– Entendo. Tive que lidar com isso por anos. O que acontece com as mulheres hoje em dia? Uma marca de nascença não é contagiosa. Se eu tiver um filho, isso não passará para ele ou algo assim.

– Alex...

– Não comece, Amelia. – Ele passou por ela. – Eu já ouvi muito isso da Sarah.

Amelia ainda estava olhando para ele, mas não conseguia emitir uma palavra.

O silêncio que se instalou era tão denso que chegava a pressionar-lhe o peito, e ela mal conseguia respirar.

– Então... o que você está dizendo é que... você tinha uma marca de nascença e... a removeu?

Ele concordou.

O silêncio vibrava nos ouvidos de Amelia, e a cabeça parecia estar oca, o que dificultava o raciocínio.

– Alex... eu não sei como lhe contar isso, mas o príncipe que foi sequestrado... tinha uma marca de nascença muito característica.

Ele olhou para ela sem dizer nada, mas Amelia percebeu o seu desconforto.

– Você sabe o que isso significa, não sabe? – ela finalmente conseguiu perguntar.

– Muitas pessoas têm marcas de nascença.

– Mas você não vê como isso faz sentido? – Amelia perguntou. – Você foi adotado, uma adoção tardia aos dois anos de idade, exatamente a idade do príncipe quando ele foi supostamente morto. Você até tem o mesmo nome de batismo. As pessoas o acharam parecido com Antonio e com Marco Fierezza no primeiro instante em que você pisou na ilha. Não vê que tudo isso se encaixa?

– Minha certidão de nascimento...

– Pode ter sido forjada! – ela interrompeu. – Principalmente quando se tem muito dinheiro envolvido.

– Parece que você sabe muito sobre essa coisa horrível – ele ponderou. – Você disse que alguém lhe contou que o príncipe não fora assassinado. por acaso essa pessoa foi seu pai?

Amelia sentiu um frio percorrer-lhe a espinha. Ela tentou desesperadamente proteger sua família dos restos disso tudo, mas como poderia agora? Alex tinha o direito de saber a verdade. Todos os seus outros direitos lhe haviam sido negados desde os dois anos de idade.

– Sim – ela disse. – Ele sabe que está morrendo. Meu irmão lhe contou sobre os rumores que corriam no porto. Meu pai quer vê-lo.

Alex suspirou, passou a mão pelos cabelos e começou a andar pelo quarto.

– Isso é completamente surreal. Não posso acreditar.

– Eu sei que deve ser difícil para você entender... mas é verdade, Alex. Tem de ser. Tudo se encaixa.

– Seus olhos se encheram de lágrimas ao perceber que o que estava prestes a dizer poderia afastar de vez qualquer possibilidade de relacionamento entre eles. – Você não é apenas o dr. Alex Hunter, cirurgião visitante da Austrália. – Ela respirou com dificuldade e continuou: – Você é Sua Alteza Real, príncipe Alessandro Fierezza de Niroli.

CAPÍTULO 11

– NÃO. DE jeito nenhum. *Não mesmo.*

– Você não tem como escapar disso, Alex. Foi por isso que o rei o chamou. Ele deve ter suspeitado de quem você era.

– Isso devastará totalmente meus pais – ele disse. – Eles vão achar que são responsáveis por isso de alguma forma.

– Como eles podem ser responsabilizados?

– Minha adoção foi legal. Eu não consigo imaginar que meus pais tenham feito algo diferente. É claro que eles queriam uma criança, mas não a de outra pessoa, não sem consentimento.

– A adoção provavelmente foi legal, ou pelo menos superficialmente – ela disse. – Meu pai disse que pagou caro por isso. Ele ficou totalmente arruinado. Foi por isso que vivemos com tão pouco por tanto tempo.

– É bom saber que houve pelo menos algum tipo de justiça nisso tudo – Alex explodiu, antes que pudesse se conter.

Ele percebeu os ombros de Amelia desmoronarem e se recriminou mentalmente. Era errado que ela tivesse que pagar pelas ações do pai. Ela não tinha nada a ver com isso.

Ou teria?

A suspeita o rondava como uma sombra oculta, consumindo a clareza de sua crença na inocência de Amelia. E se ela soubesse disso todo o tempo? Teria aceitado sair com ele por causa disso? E a relutância inicial teria sido apenas para deixá-lo mais interessado?

Ele olhou para baixo e viu lágrimas nos olhos dela.

– Você tem todo o direito de falar isso – ela concordou. – Meu pai o privou de tudo a que tinha direito.

– Sim, bem, mas pelo menos ele não me matou – ele disse, ainda tentando clarear a mente em relação a ela. – Devo agradecer por isso.

– Ele não poderia ter feito isso – ela disse. – Recebeu ordens para fazê-lo, mas não conseguiria.

– Então ele me despachou, alguns imaginam que para a Sicília, mas ele tratou de alguns papéis e me mandou para a Austrália.

– Eu não perguntei como ele fez isso, mas estou certa de que lhe contará. Eu não espero que você o perdoe... seria difícil para qualquer um perdoar uma atitude dessas, isso é mil vezes pior para você, que perdeu tanta coisa.

Alex sentiu a gangorra da dúvida inclinar outra vez; agora era difícil acreditar que ela fosse capaz de tal cumplicidade.

– Eu não vejo bem assim – ele disse, depois de uma pausa. – Pelo menos ainda não. Tenho uma família maravilhosa. Eu tive de tudo durante a infância e a vida adulta.

– Seus pais biológicos morreram há dois anos em um acidente de barco. Eles foram enterrados sem saber a verdade sobre você.

– Eu não pensei por esse ângulo.

– E tem mais – ela continuou. – Você tem irmãos. O seu irmão gêmeo e mais duas irmãs.

Ele sacudiu a cabeça como se nada daquilo que ela estava contando fizesse sentido.

– Isso levará um tempo para ser aceito. O que minha irmã mais nova dirá quando descobrir que o irmão é um príncipe?

– Ela o amará da mesma forma. Assim como os seus pais adotivos. Nada mudará.

Ele olhou para ela, incrédulo.

– Isso muda tudo, você não vê? Droga, Amelia, o que é que eu vou fazer? Eu tenho uma vida e uma carreira. Eu não pertencço a esse lugar. Eu nem falo italiano!

– É a sua herança, Alex. Você não pode ignorar o seu direito ao trono. O rei é seu avô – ela continuou. – Passou muito tempo acreditando que o fato de ter se negado a pagar o resgate o teria levado à morte.

Alex segurou as mãos dela, desejando que a sua intuição estivesse certa em todos os sentidos.

– Como você se sente ao pensar em todos os outros inocentes? – ele perguntou. – Há algo que as freiras tenham lhe ensinado?

– Elas me ensinaram que o perdão nem sempre é nítido, mas é essencial para deixar as coisas que não podemos mudar seguirem o seu curso.

– Eu não posso mudar quem sou – ele disse.

– E ninguém espera isso.

– Você já disse que a ilha estava repleta de rumores. Será muito pior tentar fazer o que vim fazer aqui com todo mundo me observando como se eu fosse uma excentricidade.

Amelia suspirou alto.

– Eu sei que é difícil... você se acostumará com o tempo.

– E quanto a nós? – ele perguntou.

Ela olhou para ele imensamente triste.

– Não poderá haver “nós” agora. Você não percebe?

Alex permaneceu em silêncio por um tempo, até que a dúvida e a crença se ajeitassem em sua cabeça.

– Não vejo motivo para não viver a minha vida do jeito que eu quiser – ele disse.

– Meu pai é responsável pelo que aconteceu – ela esclareceu. – Seria impensável que você se envolvesse comigo. O palácio declararia o relacionamento ilegal assim que descobrisse.

– Ninguém me dirá o que posso ou não fazer. Por favor, Amelia, você certamente não cairá nessa besteira. Isso é comigo e com você. Tem uma coisa boa acontecendo entre nós. Não deixe que isso ponha tudo a perder.

– Eu sempre serei um obstáculo, Alex. Não é algo que você possa colocar de lado, como se não fosse nada. É o seu direito de nascença, sua herança.

– Mas fui criado sem nada disso! Como posso mudar minha vida agora? Eu quero ser uma pessoa normal.

– Você tem que aceitar isso! – ela gritou.

– Eu não aceitarei nada até saber exatamente o que aconteceu comigo quando tinha dois anos de idade. Tudo isso pode ser um engano. Nós vamos visitar o seu pai e eu não aceito não como resposta.

Ele pegou as chaves e abriu a porta.

– Vamos acabar logo com isso.

Eles não conversaram até chegar perto da casa de Amelia.

– Sei que você acha que eu deveria me apresentar, Amelia, mas não esqueça que farei uma cirurgia no rei em alguns dias. Acho que seria melhor para todos que eu continuasse a vê-lo como um paciente qualquer.

Amelia compreendia o ponto de vista dele. Se Alex estivesse de alguma forma envolvido emocionalmente com o paciente, a cirurgia poderia ser estressante.

– Além disso – Alex continuou –, quero investigar por conta própria antes que alguém conclua coisas antecipadamente. Se isso for verdade, então tomarei alguma decisão.

– Mas como investigará isso?

– Primeiro, quero conversar com o seu pai e ouvir a versão dele, depois verificarei minha certidão de nascimento e os detalhes da adoção, o que deve levar uma semana ou duas.

– Você contará para os seus pais ou para a sua irmã?

– Não por enquanto – ele disse. – Por enquanto, isso é entre mim, você e seu pai, ninguém mais.

Amelia se ajeitou no banco, seus pensamentos voando em todas as direções.

– Realmente é o que pretendo, Amelia. – Ele olhou rapidamente para ela. – Ficarei aqui por um curto período. Gostaria que esse tempo fosse passado com você, e não alimentando esse mito de eu ser o príncipe perdido.

– Mas você é o príncipe – ela disse calmamente.

– Talvez, mas os príncipes podem se sentir atraídos por mulheres bonitas, não podem?

Ela sentiu o coração apertado.

– Sim, podem, mas seria imprudente continuar com uma mulher com um passado como o meu.

– Eu não tenho problemas com o seu passado – ele afirmou. – Aliás, acho que é uma das coisas mais encantadoras em você.

– Mas o meu pai é o responsável pelo o que aconteceu com você! Como pode pensar em um relacionamento comigo?

Ele tirou uma das mãos do volante para segurar a dela. Amelia prendeu a respiração quando ele levou sua mão até a boca. Seu estômago deu voltas quando ele beijou seus dedos carinhosamente.

– É por isso – ele disse e, ainda segurando a mão dela, colocou-a sobre a sua coxa.

AMELIA ACHOU sua casa ainda mais pobre à luz do entardecer.

Seu pai, que se encontrava debruçado sobre a mesa, levantou a cabeça para olhar e comprimiu os olhos ao avistar aquela figura alta carregando uma maleta médica e entrando junto com Amelia.

– *Papà*, esse é o dr. Alex Hunter – ela apresentou.

Alex percebeu o esforço do velho homem para levantar e colocou gentilmente a mão sobre o ombro dele.

– Por favor, não levante. – Ele estendeu-lhe a mão. – Como está, sr. Vialli?

Amelia podia ver o pavor estampado no rosto pálido do pai. Ele se engasgou com a tosse seca e apertou a mão estendida de Alex, murmurando algo inaudível.

– Sua filha me disse que não tem passado bem – Alex disse.

– Estou morrendo – Aldo Vialli disse.

– Não há necessidade de sofrer desnecessariamente – Alex começou. – Há coisas que podemos fazer para ajudá-lo a atravessar os momentos mais difíceis.

– *Papà*, eu falei com Alex sobre o que aconteceu – Amelia esclareceu. – Você está em condições de responder algumas perguntas para ele?

– A marca de nascença? – ele resmungou.

Amelia assentiu.

– Ele tinha uma marca, mas removeu. Era como você descreveu.

As lágrimas começaram a brotar nos olhos de Aldo Vialli quando ele encarou Alex.

– Eu deveria ter matado você... não consegui...

– Obrigado – Alex respondeu sinceramente.

– Nunca pretendi me envolver tanto. Eu tinha que achar uma alternativa... Nunca foi minha intenção trazer sofrimento para você ou para sua família.

– Eu entendo – Alex disse e se perguntou se realmente entendia. Nada disso parecia real. Tudo bem, ele foi adotado com dois anos de idade, mas isso não significava que era o neto do rei.

– Você se parece tanto com seu pai – Aldo declarou.

– Nada pode ser considerado definitivo ainda – Alex disse. – Existem canais legais que precisam ser investigados primeiro. Sei que tudo parece se encaixar, mas e se eu não for quem pensa que sou?

– Eu não tenho dúvidas – Aldo afirmou.

– Veja, para esclarecer as coisas, eu gostaria de saber mais alguns detalhes, se não se incomodar em me contar – Alex pediu.

– Claro – Aldo respondeu, no meio de outro ataque de tosse.

Amelia permanecia sentada em silêncio enquanto seu pai relatava os acontecimentos do passado dolorosamente. Ela percebeu, depois da confissão, que o pai estava exausto. A respiração estava ofegante.

– O SEU pai realmente deveria estar em um hospital – Alex disse, ao puxá-la para perto dele. – Ele não está nada bem e a tendência é piorar.

– Eu sei. – Ela suspirou e olhou para ele. – Obrigada pelo que fez por ele esta noite.

– Eu não fiz muito.

– Você fez mais do que imagina – ela disse. – Ouviu as razões dele sem fazer nenhum julgamento. E você, mais do que ninguém, deveria estar furioso. Ele tirou a sua infância e a trocou por outra.

– Talvez, mas quem garante que essa outra não era a boa? Eu não tenho uma única lembrança ruim da minha infância, isso é muito mais do que a maioria das pessoas hoje em dia pode afirmar. Teria sido uma história totalmente diferente viver uma vida de realeza. Quem sabe? Eu poderia ter me tornado totalmente mimado e insolente.

Ela riu do humor humilde de Alex.

– Eu não consigo imaginar você sendo nada disso.

Ele segurou a mão dela, levou-a ao rosto e beijou-a.

– Você não gostou de mim na primeira vez em que me viu, não foi?

– Eu não o conhecia quando o encontrei pela primeira vez.

– E agora, conhece?

– Eu sei que você é uma pessoa muito especial...

Ele fechou os olhos fazendo uma gracinha.

– Se você mencionar aquela palavra que começa com “p” outra vez, não responderei pelas consequências. Até onde eu sei, ainda sou Alex Hunter. Mesmo que alguém me conceda um título de nobreza, sempre serei Alex Hunter.

– Mas você terá que encarar isso em breve – ela avisou.

– Não agora. – Ele a puxou para mais perto e colocou a mão sobre os lábios dela. – Vamos continuar sendo duas pessoas normais por mais um tempo.

– Mas o rei deve ser avisado.

– Ele será avisado, mas não agora. Para começar, ele não está bem, e o choque da notícia poderia provocar um ataque cardíaco. De qualquer forma, ainda tenho trabalho para fazer no Free Hospital. Você pode imaginar o que poderia acontecer se eu de repente assumisse o trono? Eu vim até aqui para ser um cirurgião, não um príncipe. Quando concluir meu trabalho, enfrentarei os problemas que cercam a minha descendência.

– Eu passei a maior parte da minha vida querendo ser outra pessoa. Quando era menina, eu costumava sonhar em ser salva da pobreza. Eu imaginava alguém chegando aqui e me informando que tinha sido trocada ao nascer e que não precisava mais brincar com bonecas feitas de papel e graveto, mas sim com as verdadeiras. Aquelas que se pareciam com as princesas que eu gostaria de ser.

Ele olhava fixamente para ela.

– Eu sei que o que aconteceu pode parecer um conto de fadas para muitas pessoas, mas eu lhe digo que não é. Estou tentando manter uma visão clínica de tudo isso. Apesar de ter encontrado o rei e alguns dos meus supostos irmãos hoje à tarde, eles me pareceram estranhos.

– Você tem o mesmo sangue correndo nas veias.

– A genética é apenas uma fração da equação – ele disse. – A criação de uma criança é muito mais que um perfil de DNA. Eu não consigo explicar isso de outra forma, mas me sinto filho de Clara e Giles Hunter, mesmo tendo sido adotado.

– Eu tenho certeza de que seus pais adotivos vão querer que faça o que é certo para você.

Ele deu um sorriso torto.

– Assim como você?

Ela o encarou com o coração apertado.

– O que eu desejo não interessa nisso tudo.

Ele franziu o cenho para ela.

– O que é que você quer, Amelia?

Ela olhou para ele com os olhos quase transbordando.

– Quero que você seja quem é por direito. É a sua vida e só você pode fazer essa escolha.

– Por enquanto, essa é a minha escolha – ele disse com a voz grave, enquanto se aproximava dela. – Estar com você.

Mas por quanto tempo?, Amelia pensou com pesar, enquanto se entregava ao beijo. Era muito fácil esquecer o amanhã quando o calor da emoção do momento brilhava tão intensamente.

Alex parou de beijá-la minutos depois.

– Você janta comigo amanhã – ele afirmou. – Traga algumas peças de roupa e objetos pessoais com você para poder trabalhar, assim você se troca lá em casa. Nós vamos fazer um piquenique ao pôr do sol em uma praia afastada.

– Eu não sei... – ela hesitou. – Meu pai...

– Desejará que você se divirta comigo – ele garantiu. – Afinal, ele me deve, certo? Se eu quiser levar a filha dele, o que é que ele pode dizer?

– Essa foi boa – ela retrucou com um sorriso.

Ele a segurou pelo queixo.

– Viu como tenho que ser vil para fazer com que saia comigo? Eu nunca precisei agir assim antes. Você está provocando sérios e irreversíveis danos ao meu frágil ego masculino.

– Eu não acho que o seu ego esteja correndo qualquer tipo de perigo.

Ele sorriu ligeiramente.

– Não, você está certa. Não enquanto você estiver olhando para mim com esses olhos claros. – Ele deu um beijinho na ponta do nariz dela. – Até amanhã, pequeno duende.

– Até amanhã – ela respondeu, olhando as luzes vermelhas da traseira do carro dele desaparecer na escuridão.

CAPÍTULO 12

ALEX OBSERVAVA Amelia se aproximar do carro no estacionamento do hospital com a pequena bolsa em uma das mãos e um ar preocupado no rosto que não combinava com aquelas feições perfeitas.

– Oi.

– Tudo bem?

– Sim. – Ela umedeceu a boca.

– Ei... – Ele segurou-a pelo queixo. – Sou apenas Alex esta noite. Entendeu?

Ela o olhou de forma triste.

– Sim, e eu uma princesa – ela disse.

Ele deu uma gargalhada.

– Sim, é isso mesmo. É o que você é.

– Alex...

– Pare de se preocupar com isso – ele disse, enquanto a ajudava a entrar no carro. – Está tudo sob controle.

Ela esperou até ele se ajeitar na direção antes de falar:

– Já descobriu alguma coisa?

– Tem uma pessoa providenciando isso, como já conversamos. Mas só por essa noite, vamos esquecer tudo isso, certo?

– Se é o que prefere.

Ela desfez momentaneamente o ar de preocupação que trazia no olhar com um sorriso carinhoso.

– É o que eu prefiro – ele disse.

Amelia ficou em silêncio enquanto ele fazia o pequeno trajeto até a casa; seus sentimentos estavam em alerta máximo. Ela podia sentir o cheiro sensual de Alex misturado ao perfume cítrico da loção de barba. Arrepiou-se só de pensar nos beijos, no toque e na intimidade das carícias dele.

Como se sentiria nos braços dele, com a pele roçando na sua e o corpo dele dentro do seu outra vez?

Ela sabia que o relacionamento deles estava com os dias contados, mas o pouco de tempo só a excitava mais. Amelia imaginava se ele também se sentia assim.

Ela olhou rapidamente para ele enquanto dirigia. Os longos dedos seguravam o volante e o rosto deixava transparecer o conflito interno que deveria estar vivendo.

Alex a pegou olhando para ele.

– Espero que você não esteja com segundas intenções.

– Sobre o quê?

– Sobre nós.

Ele desviou o olhar para as próprias mãos.

– Isso tudo é temporário, Alex. Nós sabemos disso.

– Você está colocando obstáculos onde não há.

– Mas eles *estão* lá – ela insistiu. – Fingir que eles não existem não os afastará.

– Eu não quero falar sobre isso esta noite, lembra? Hoje nós somos apenas um homem e uma mulher atraídos um pelo outro.

– Eu não estou negando isso, mas acho que devíamos ser realistas.

– Você está sendo pessimista, não realista – ele disse.

– Estou evitando sofrer.

Ele suspirou profundamente, segurou a mão dela e beijou-a suavemente.

– Eu não quero magoá-la, Amelia.

– Você não terá como evitar isso.

Ele percebeu a preocupação dela no olhar.

– Farei tudo o que puder para evitar isso. Acredite em mim.

Ela colocaria o coração em risco outra vez? Havia passado os últimos onze anos arrependendo-se da primeira e única vez em que se entregara.

– Acredite em mim – ele repetiu.

Ela sorriu trêmula.

– Eu sei que vou me arrepender, mas confio em você.

– Boa garota – ele disse. – Agora estamos chegando a algum lugar.

AMELIA TROCOU o uniforme enquanto Alex organizava as coisas para o piquenique e, em cinco minutos, estavam a caminho de uma praia longe de Santa Fiera.

– Que tal um mergulho antes? – Alex sugeriu.

– Pode ir, eu ficarei aqui observando – Amelia disse.

Alex percebeu a timidez dela. Apesar do calor do entardecer, a roupa que usava parecia três vezes maior que ela. Ele ainda podia ver a alça grossa do maiô que Amelia usava. As formas desconfortáveis do maiô indicavam que ela não ia à praia há muito tempo.

Ele imaginou se teria feito a coisa certa ao trazê-la para a praia, mas esperava que pelo menos em um piquenique Amelia não tivesse que se preocupar com o que vestir. Além disso, ele queria ficar a sós com ela.

Ele ainda não conseguia evitar as circunstâncias que cercavam sua infância. De início, esperava que tudo aquilo não passasse de um engano, mas as investigações que estavam em andamento indicavam que era exatamente o oposto. As pessoas que se ocupavam disso já tinham encontrado uma ou duas discrepâncias na papelada de adoção dele e desconfiavam que houvesse mais. Ele não suportava a ideia de ter que informar aos pais o que descobrira. Alex sabia que isso os faria sofrer imensamente.

Alex se sentia no limbo. Ele não podia retornar nem ir adiante até saber com certeza o que era esperado dele. Mas, por enquanto, tinha a responsabilidade de operar o rei, esta era a prioridade.

Ele tinha inclusive posto de lado a preocupação sobre as conexões da família de Amelia, incapaz de aceitar que ela não fosse apenas uma jovem mulher que estava aprendendo a viver outra vez depois de uma amarga decepção, não muito diferente dele. Alex tinha dificuldade de se envolver com alguém desde sua separação de Sarah e insistia em se jogar de cabeça no trabalho para se distrair. A decepção que sentiu com o romance de Sarah com outro homem o acompanhou por muito tempo, mas agora, ao lado de Amelia, ele nem pensava nisso.

Ele suspirou ao sair do mar. A água era refrescante depois de um dia quente e ele se sentiu revigorado.

AMELIA FICOU sentada na areia segurando os joelhos dobrados e observando Alex nadar. Ele era um exemplo de vitalidade e saúde; a pele morena e o corpo musculoso deslizavam como um torpedo na água.

As roupas de banho de sua mãe estavam velhas e a deixavam desconfortável, e Amelia ansiava por tirá-las. Essa parte da praia era deserta, mas só de pensar em sentar ao lado de Alex com aquela magreza transparente a deixava constrangida.

Ela viu Alex se aproximando, as pernas fortes cortando a sombra, as gotas de água salgada fazendo o corpo dele brilhar à luz do sol.

– Venha – ele chamou oferecendo a mão.

– Não... eu estou bem aqui.

– Venha, Amelia. Não está nem um pouco fria.

– Eu prefiro não ir – ela abraçou mais ainda os joelhos.

Ele franziu as sobrancelhas ao juntar-se a ela na areia.

– Qual é o problema?

– Nada.

Ele alisou o rosto dela com as costas dos dedos.

– Olhe para mim, Amelia.

Ela o encarou e, de repente, se viu confessando:

– Eu... eu não sei nadar.

Ele olhou de forma suave para ela.

– Isso não é motivo para se envergonhar... Bom, esse é o momento perfeito para começar. Eu posso ensiná-la.

Ele se levantou e puxou-a antes que ela protestasse.

– Tire a blusa e vamos mergulhar.

Amelia livrou-se da timidez e o acompanhou até a beira da água e, ao entrar, buscou estabilidade na areia fofa. Ela respirou profundamente e caminhou um pouco mais, recuando quando a água fez um redemoinho em sua volta quase a desequilibrando.

– Relaxe – ele disse, segurando-a por trás pela cintura.

Amelia sentia o corpo dele como se fosse uma parede de músculos, as pernas cercadas pela espuma das ondas. Era uma sensação erótica ter aquele corpo forte tão próximo ao seu. Ela até podia sentir o início da ereção dele, o enrijecimento gradativo do corpo, o arfar masculino em seu pescoço. Seus seios estavam firmes e arrepiados, as pernas inseguras e frágeis, e o coração, disparado.

Eles estavam totalmente a sós na praia, corpo a corpo.

Tudo o que ela precisava fazer era se virar e suas bocas se encontrariam...

Ela se virou e encarou aqueles olhos deslumbrantes, com a cabeça voltada para cima, vendo seu desejo refletido nos olhos dele. Alex segurou-a com tanta força que não havia espaço entre eles nem para a água.

Alex abaixou a cabeça para poder beijá-la. O beijo era tão intenso que a conduziu para um estado de êxtase. Era tão bom estar agarrada a ele, as línguas se entrelaçando e o nítido desejo dele pressionando sua barriga.

Ela sentiu Alex tirar as mãos de seu quadril para explorar a curvas dos seios; os dedos alisavam cada bico arrepiado até ela ficar totalmente entregue. Sem parar de beijá-la, ele desamarrou as alças do maiô para poder acariciar os seios nus com as palmas das mãos. A sensação da carícia tirou o fôlego de Amelia e deixou-a com as pernas bambas.

O movimento do mar ao redor deles só fazia aumentar o prazer que a invadia; ela sentia as carícias dele em cada parte do corpo. Com o maiô praticamente enrolado na cintura, ela sabia que, de certa forma, estava provocando um ataque de sensualidade, mas não havia nada que pudesse fazer para afastá-lo.

Alex parou de beijá-la e começou a passar a boca lentamente pelo pescoço, mas se deteve nos seios inchados de desejo. Ela sentia a pele toda se arrepiar conforme os lábios dele percorriam seu corpo...

– Ah... – ela soltou um gemido rouco quando ele mordiscou o bico do seio, deixando-a derretida. Amelia se agarrou com força à cabeça dele para manter-se de pé. Sua respiração se entrecortava conforme ele sugava cada seio alternadamente.

Ele voltou a beijá-la, o maiô desceu ainda mais e ela pôde sentir a ereção dele roçando a pele de sua barriga. Isso era tremendamente íntimo, mas ela não resistiu e desceu a mão para poder senti-lo entre os dedos. No início, discretamente, mas depois com mais audácia, e ele emitia gemidos guturais.

Os beijos de Alex foram se tornando mais urgentes, a maestria de sua língua demonstrava a experiência que tinha como amante. Ela quase o sentiu dentro dela outra vez com os movimentos provocados pelo balanço do mar. Amelia nunca se sentira tão preenchida por uma paixão, tão totalmente consumida.

Alex parou de beijá-la e a fitou com olhos apaixonados, seu peito subindo e descendo enquanto ele tentava manter-se equilibrado.

– Acho que não sou o melhor professor de natação do mundo, hein?

Ela sorriu timidamente para Alex e cobriu os seios com as mãos.

– Não sei, mas eu me senti flutuando.

Ele sorriu.

– Eu também, principalmente quando você fez aquilo com as mãos.

Ela sentiu o rosto ficar vermelho e mordeu o lábio inferior constrangida.

– Eu não sei o que deu em mim.

– Ei, você me ouviu reclamar? – Ele tirou as mãos dela dos seios e olhou para eles vorazmente.

– Alex...

– Sim? – Ele beijou o seio direito.

Ela se contorceu e tentou outra vez.

– Meu... maiô está escorregando.

Ela sentiu o sorriso dele enquanto Alex beijava o outro seio.

– Você quer uma ajuda para tirá-lo? – perguntou.

Ela se agarrou à cabeça dele outra vez, sua voz trêmula conforme ele passava a língua sobre o mamilo arrepiado.

– Não... não, alguém pode nos ver.

Ele levantou a cabeça e olhou ao redor.

– Não tem ninguém a quilômetros de distância. Vamos, se você tirar o seu, eu tiro o meu.

Ela olhou para ele apavorada.

– Você não está falando sério.

Ele sorriu para ela.

– Como seu treinador particular de natação, eu insisto para que você sinta a água. Acredite em mim, isso faz muita diferença.

Amelia hesitou por um instante. *Que mal haveria nisso?*, pensou. Já não estava na hora de colocar o passado de lado e aproveitar a vida de uma vez por todas? As mulheres tinham o direito de ter amantes temporários, e isso não significava que elas eram promíscuas ou pessoas ruins.

Ela respirou fundo, tirou o maiô e pisou sobre ele. Percebendo o olhar de Alex a observá-la, de cima a baixo, seu coração disparou com o desejo quase palpável que emanava dele.

– Agora é a sua vez – ela aticou.

O olhar dele ficou parado diante do desafio.

– Você faz isso.

Ela engoliu em seco.

– Eu?

Ele assentiu.

Amelia umedeceu os lábios e enrolou os dedos no tecido da sunga dele, puxando-a para baixo. Ela o viu nu diante dela, também nua. O tamanho e a força dele provocavam ondas de prazer entre suas pernas. Ela podia sentir o corpo pulsando, respondendo com um desejo crescente.

O vento selvagem do mar misturava-se à excitação, quando ele a segurou pelo quadril, puxando-a gentilmente para junto dele. A ereção dele deslizava por entre as coxas de Amelia em meio a um abraço erótico, deixando-a descontrolada.

Ela ficou na ponta dos pés para melhor acomodá-lo. A respiração acelerou quando ele a acariciou intimamente. Amelia sentia-se relaxada para recebê-lo, e o profundo gemido de prazer emitido por ele a deixou sem fôlego.

Os movimentos dele se aceleraram, levando-a junto em uma onda de sentimentos que seus sentidos respondiam com entusiasmo a cada penetração. Amelia sentia o corpo todo latejar conforme se aproximava do orgasmo; os músculos íntimos se agarravam ao membro de Alex, fazendo-o deslizar com a umidade de seu desejo. Beijou-o mais uma vez, o hálito dele a acariciava enquanto ele mergulhava mais e mais até que ela estivesse quase flutuando, sentindo tão próximo o prazer pelo qual suplicava. Amelia choramingava entre os lábios dele, incapaz de expressar seu desejo, mas, no final, nem precisou. Ele mesmo pôde sentir. Ela se agitava com a busca dos dedos dele, e a ânsia de sua feminilidade respondia com uma poderosa precipitação, despertando um acesso de gemidos guturais conforme a onda de prazer a invadia. O corpo de Amelia se enrijeceu e estremeceu contra o dele, até que ela sentiu, também, Alex desmoronar em um profundo abismo de prazer, tocando seu íntimo e fazendo-a se arrepiar toda com a sensação.

Alex diminuiu o ritmo gradativamente, mas ainda a segurava com força para compensar o movimento do mar.

– Você não vai acreditar em mim se eu lhe disser que realmente não tinha a intenção que isso acontecesse – ele disse isso com um sorriso irônico. – Quero dizer, não sem preservativo.

Os olhos de Amelia ficaram nublados e as bochechas levemente coradas, quando ela se abaixou para pegar o maiô.

– A culpa é tanto minha quanto sua – ela disse, enquanto se vestia.

– Não é culpa de ninguém – ele disse, segurando-a pelo braço para apoiá-la. – Eu sabia que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria.

Ela olhou para ele.

– Você sabia?

– Claro que sim. Isso se chama química. – Ele sorriu para ela e segurou sua mão para conduzi-la até a toalha do piquenique na areia.

Amelia enroscou-se nele com a satisfação estampada no rosto. Ele a abraçava carinhosamente enquanto observavam as ondas arrebentarem na areia. Ela beijou o pescoço dele, e a pele salgada provocou uma sensação estranha em seus lábios.

– Deve estar com fome – Alex disse.

– O que o faz pensar isso? – ela perguntou, sorrindo.

– Está querendo me morder.

– Você não gosta de sentir a minha boca em você?

Ele colocou-a no chão e deitou-se sobre ela com um sorriso provocante no canto dos lábios.

– Você me ouviu reclamar?

– Suponho que não. – Ela suspirou quando os lábios dele buscaram os dela em um beijo acalorado.

CAPÍTULO 13

AS PRIMEIRAS estrelas já estavam no céu quando Amelia acomodou-se nos braços sensuais de Alex.

– Você está com frio? – ele perguntou, ao oferecer uma taça de vinho para ela.

– Não, estou bem – ela brincou um pouco com a taça antes de olhar para ele. – Alex... essa coisa entre nós... essa química de que você falou... você não quis dizer desejo?

– Desejo me parece um pouco superficial e transitório – ele disse.

– Mas isso é transitório...

– Esse assunto está fora, lembra? O que importa é o agora, Amelia. Vamos viver um dia de cada vez e aproveitar o que acontecer.

– É tão fácil para os homens esquecer a praticidade – ela comentou. – Sexo é apenas sexo para os homens. Para as mulheres é muito complicado emocionalmente.

– Isso é uma generalização que prejudica muitos homens – ele disse. – Eu sei que você teve um caso de amor que lhe trouxe uma experiência ruim, mas nem todos os homens são adeptos de uma noite apenas ou de sexo casual. Eu nunca tive uma transa furtiva na minha vida e a minha relação mais curta durou dois anos e terminou no ano passado.

– Você a amava? – ela perguntou.

Ele desviou o olhar para pegar a taça de vinho outra vez.

– Sim, eu a amava do meu jeito. Suponho que, se tivesse sido honesto comigo mesmo, teria percebido que sempre faltou alguma coisa na nossa relação, mas preferi ignorar até que fosse tarde demais. Ela estava tendo um caso com um cara. – Ele franziu a testa. – Eles se casaram e estão esperando um filho.

Amelia imaginou se não seria por isso que ele se declarou precipitadamente no relacionamento com ela, pela sensação de perda. De alguma forma isso fazia sentido, um romance temporário para amenizar a dor da rejeição, especialmente porque a mulher que ele amou seguiu adiante com sua vida. Ela não conseguia deixar de pensar se o jeito calmo dele não encobria um sofrimento mais profundo.

– Eu suponho que uma boa moça de convento como você não tome pílula, certo? – ele perguntou, depois de um ou dois minutos de silêncio.

Ela quase engasgou com a boca cheia de vinho.

– Eu... eu...

Ele curvou a boca.

– Isso parece ser francamente um não.

Ela mordeu o lábio inferior ao pensar no sexo que fizeram sem proteção.

– Eu não acho...

– Não se preocupe – ele disse. – Eu não tenho nada que possa lhe ameaçar, a não ser uma excessiva fertilidade.

Ela olhou para ele, perplexa.

– Já não é suficiente?

Ele encolheu os ombros de forma casual e pegou a taça de vinho.

– Ao contrário do que as pessoas pensam, a mulher só é fértil por dois dias durante o ciclo mensal.

Ela o olhou com atenção tentando compreender a expressão dele.

– Hoje poderia ser um desses dias – ela ressaltou. – E aí?

Ele a encarou por alguns segundos.

– Isso seria um problema para você? – ele perguntou.

Ela ficou boquiaberta olhando para ele.

– É claro que seria um problema para mim!

– Você tem 30 anos – ele afirmou. – Ainda não está ouvindo nenhum tiquetaque?

Ela franziu as sobrancelhas.

– Suponho que esteja se referindo ao meu relógio biológico?

– Toda mulher tem um, mesmo que negue. Minha ex-namorada sempre negou veementemente, porque ela percebia que eu não estava pronto para filhos, mas logo depois de me substituir, estava exibindo feliz um resultado positivo de gravidez.

– Por isso que você me escolheu? Quem melhor para abordar do que uma ingênua deixada no armário por trinta anos, uma mulher que, sem dúvida, não perceberia a falta de sinceridade na sua proposta estúpida. – Ela atirou o conteúdo da taça na areia, levantou-se e olhou para ele furiosa. – Como ousa brincar assim comigo?

Ele levantou e franziu as sobrancelhas.

– Eu não estava fazendo isso.

Os olhos dela faiscavam de raiva.

– Não acredito em você.

– A escolha é sua – ele disse de forma áspera.

– Agora entendo por que a sua ex-namorada o deixou – ela disse. – Nenhuma mulher quer ter um filho com um homem que se recusa a crescer.

– E eu suponho que você seja exemplo de maturidade – ele revidou. – Passou os últimos onze anos fugindo da vida. Não venha me dizer que eu não cresci quando você se escondeu de tudo o que é adulto.

– Imagino que seja adulto fingir coisas que você não pretende levar até o fim, não é? – ela rebateu.

A raiva estava estampada nos olhos dele.

– Eu não fingi nada. Eu deixei os meus motivos transparentes.

Ela riu de forma debochada.

– Ah, realmente você os deixou. Desde o primeiro instante que nos encontramos, os seus motivos estavam francamente óbvios.

– Pode explicar esse comentário?

Ela olhou de forma evasiva para ele.

– Não é necessário. Além disso, você já conseguiu o seu objetivo, não conseguiu? A tática sedutora funcionou, não foi? Eu caí direitinho.

– Eu não nego que queria fazer amor com você, e se você fosse honesta consigo própria, admitiria o mesmo. Você também me desejava, Amelia. Então, não faça o gênero virgem insultada.

Ela bateu com o pé na areia.

– Leve-me para casa agora.

Ele curvou os lábios demonstrando irritação.

– Assim que estiver pronto.

Ela soltou um suspiro irritada e, pegando suas coisas que estavam na areia, se virou na direção das luzes de Santa Fiera a distância.

– Eu aconselharia a não andar toda essa distância no escuro – Alex gritou atrás dela.

– Prefiro arriscar. – Ela olhou para ele.

Ele suspirou frustrado e levantou, alcançando-a rapidamente com suas pernas longas. Alex segurou Amelia por um dos braços.

– Ah, não, você não vai – ele advertiu, assim que a alcançou.

– Se você não me soltar, eu gritarei – ela ameaçou com a respiração acelerada.

– Se você gritar, eu a beijarei até parar.

– Se você me beijar, eu mordo!

Ele gargalhou e puxou-a para perto.

– Mal posso esperar – ele disse, e beijou-a em seguida.

Amelia abriu a boca para mordê-lo, mas a língua de Alex logo encontrou a dela, tirando-lhe a respiração, assim como o desejo de brigar. Ela sentiu-se fraca nos braços dele, as pernas perderam a força. Sua cabeça girava a cada investida arrojada da língua de Alex, os movimentos evocavam de forma deliciosa as sensações que experimentaram mais cedo e Amelia sentia-se úmida outra vez. Ela se curvou sobre ele sem a menor vergonha, ardendo de desejo enquanto Alex pressionava o corpo contra o dela.

Ele parou de beijá-la e olhou para Amelia cheio de desejo.

– Ainda está com raiva de mim?

Ela cerrou os lábios.

– Furiosa.

– Ainda quer que eu a leve direto para casa ou posso seduzi-la para voltar e dividir o piquenique preparado por um príncipe? – Ela ia fazer um comentário, mas desistiu. – Acho que não escolhi bem as palavras – ele concordou.

Ela deu de ombros.

– Foi um erro eu ter vindo com você esta noite.

– Eu não deveria ter mencionado a palavra que começa com “p”.

– E a palavra com “g”? – ela perguntou. – E se eu realmente ficasse grávida?

– Desde que você ficasse feliz, eu também ficaria – ele disse. – Nós poderíamos casar imediatamente e viveríamos felizes para sempre.

Ela olhou para ele.

– Muito engraçado.

– Nós seríamos um belo casal. Posso até ver agora, cada briga acabaria na cama.

– Só porque você não briga de forma justa.

– Olhe quem está falando. – Ele colocou o braço casualmente sobre o ombro dela e conduziu-a de volta à toalha. – Foi você quem ameaçou me morder.

– Você me irritou.

– Eu gosto quando você fica com raiva – ele disse. – Você me excita.

Ela olhou para ele.

– A sua ex-namorada já o deixou com raiva?

Ele olhou para ela rapidamente e voltou-se para abrir a cesta de piquenique.

– Esse é outro assunto que eu gostaria de deixar de lado esta noite.

– Você não a esqueceu, não é?

– Eu seria um sujeito superficial se conseguisse não ter arrependimentos depois de dois anos. Mas eu já esqueci Sarah.

Amelia sentiu um peso no peito.

– Do que se arrepende?

– Não sei. Talvez eu devesse ter sido mais espontâneo. Eu trabalhava muito e esquecia a diversão.

– Então, você de repente descobriu o seu senso de humor?

– Não exatamente. Acho que sempre fui um tipo de cara despreocupado, mas anos de estudo e horas sendo responsável pela vida de pacientes teve o seu preço.

– Você nunca a vê?

– Qual é o problema? Está acabado. Ela tem uma nova vida e eu não faço parte dela.

– Ela vai se arrepender quando descobrir que dispensou um príncipe – ela falou sem pensar.

A expressão dele mudou.

– Até onde vejo, isso é um título, não uma descrição de como eu sou como pessoa.

– Eu sei, mas as pessoas terão certas expectativas.

– Tenho que viver de acordo com as minhas próprias expectativas, não com as dos outros.

– Isso é muito difícil para você, não é? – ela disse, depois de um tenso silêncio.

Ele olhou para ela com um sorriso torto.

– Como você se sentiria se de repente descobrisse que não é quem pensava que fosse?

– Você ainda é Alex Hunter.

– Mas por quanto tempo? – ele perguntou.

Amelia suspirou, apertando levemente a mão dele.

– Isso ainda é segredo – ela tentou tranquilizá-lo. – Ninguém precisa saber de nada até que esteja pronto.

– Eu precisaria de mais uma ou duas semanas – ele disse. – Esse tempo será suficiente para o rei passar pela cirurgia e eu resolver os meus compromissos com o Free Hospital. Depois disso, suponho que terei que lidar com a situação, mas não posso evitar que seja ruim para o seu pai.

– Eu sei. Meu pai quer que a verdade seja dita, mas eu não acho que ele tenha consciência das implicações que terá que enfrentar. Ele será culpado e, sem dúvida, mandado para a prisão.

Ele acariciou o queixo dela com os dedos.

– Você tem consciência de que ele não tem muito tempo de vida, não tem?

Ela concordou balançando a cabeça.

– Pelo menos dessa maneira você tem a chance de se despedir – ele disse, tirando a mão e olhando para o mar outra vez. – Algo que muitas pessoas não podem fazer.

Amelia olhou para ele, imaginando se estava se referindo a seus pais biológicos. Era difícil deduzir, mas ela não pôde deixar de sentir que ele estava tentando concordar com sua nova identidade, em vez de protelar a realidade.

– Alex... posso lhe fazer uma pergunta?

Ele se virou para olhar para ela.

– Claro.

– Quais são as suas intenções em relação a mim?

– Eu achei que tinha deixado isso bem claro há alguns minutos.

Ela mordeu o lábio.

– Eu não consigo deixar de sentir que você está reagindo ao que lhe aconteceu.

Ele amarrou a cara e virou-se para o mar outra vez.

– Eu já passei dessa fase – ele disse. – Já falei, nem penso mais nela.

Amelia pensou se isso era verdade. Ela percebia uma tensão nele cada vez que falavam da sua ex-namorada, como se a ferida ainda não estivesse cicatrizada. Ele disse que ela o trocou por outro homem, e isso sem dúvida o magoara profundamente. Ninguém gosta de ser traído daquela maneira. Mas Amelia ainda se sentia atormentada, achando que ele só se envolvera com ela para esquecer a dor do relacionamento anterior. Ela dificilmente poderia se comparar a uma mulher do círculo de convívio de Alex. Se já não tinha nada a oferecer antes, quanto mais agora.

– Ela foi louca em deixá-lo – ela disse carinhosamente.

– Por que sou um príncipe? – ele perguntou, virando-se para olhá-la com um sorriso provocante; a tensão anterior havia passado.

– Não era para falar a palavra com “p”, lembra?

Ele gargalhou, pressionou-a contra a areia e lhe deu um beijo sonoro para depois se erguer e olhar para ela.

– E que tal irmos para a minha casa para nos divertir?

Ela passou o dedo pelo lábio inferior dele.

– O que você tem em mente?

Ele colocou o dedo dela na boca e sugou-o vagorosamente. Seus olhos transmitiam uma mensagem que provocou um tumulto interno em Amelia.

– Preciso responder? – ele perguntou.

– Não – ela disse e levantou o rosto para beijá-lo.

POUCO TEMPO depois, Alex levou-a para casa, conduzindo-a direto para o quarto.

– Você pode tomar banho primeiro, eu tenho alguns e-mails para enviar. Prometi aos meus pais que manteria contato com a minha irmã.

Ela olhou alegremente para ele.

– Mas não demore, ou eu me juntarei a você no chuveiro.

Amelia levou o tempo habitual para ver se ele cumpriria a promessa. Ela estava enxaguando os cabelos quando viu Alex entrar no boxe, esfregando o corpo nu contra o dela.

– Sobrou alguma água quente? – ele perguntou.

Ela olhou para as gotas de água que escorriam pelo rosto e pela boca de Alex.

– Sim.

– Quer ensaboar as minhas costas, por favor?

– Ah, tudo bem...

Ele se virou e, suspirando, ela ensaboou as costas musculosas com o sabão líquido, demorando-se mais nas nádegas firmes.

– Que tal a parte da frente? – ele perguntou.

– A parte da frente?

Ele se virou com um brilho nos olhos conforme se unia a ela.

– A parte da frente.

Ela encheu a mão de sabão líquido e começou a ensaboar o peito, evitando olhar para a parte que cutucava insistentemente seu abdômen.

– Mais embaixo – ele pediu, com os olhos cheios de desejo.

O estômago de Amelia se contraiu.

– Embaixo?

– Bem mais.

A mão ensaboada desceu, parando no umbigo e explorando o pequeno orifício antes de ir adiante...

O gemido emitido por ele quando ela chegou lá a encorajou e ela repetiu a dose, dessa vez tateando com mais intimidade e audácia.

– Olhe para mim – ele mandou de forma rude.

– Eu já estou olhando para você – ela disse.

– Não – ele disse. – Olhe para o que você está fazendo comigo.

Ela engoliu em seco e olhou. Ele estava intumescido de desejo, um desejo que também crescia nela. Seus seios estavam duros, as pernas moles e o estômago agitado.

– Agora é a minha vez – ele pediu e começou a ensaboá-la.

Ela soltou um suspiro enquanto ele ensaboava as costas dela com movimentos lentos e sensuais; os dedos dele penetravam por entre suas pernas, provocando-a não exatamente onde ela mais queria ser acariciada.

Ele estava tão próximo que ela podia sentir a movimentação firme do corpo dele contra o seu. A rigidez dele a fazia lembrar-se de como seu corpo era perfeito para recebê-lo.

– Vire-se – ele disse com a voz rouca e irregular.

Amelia se virou lentamente, esfregando o seu corpo contra a rigidez do dele.

Os olhos de Alex soltavam faíscas. Suas mãos deslizaram para os seios endurecidos, seu polegar buscava cada mamilo até que ela mal pudesse pensar de tanto desejo. Ele abaixou a cabeça e sugou-a, a língua lançando flechas de calor para a parte delicada, obscura e úmida de seu corpo, que pulsava em êxtase.

Ele tirou a boca dos seios dela para beijá-la com tanta intensidade que Amelia sentiu como se estivesse derretendo. Ela se escorou na parede do boxe, já que suas pernas não a sustentavam mais. A pressão do corpo dele sobre o seu era a única coisa que a impedia de escorregar para o chão.

Alex parou de beijá-la, e seus olhos transmitiram uma mensagem irresistível e tentadora.

Ela suspirou e passou as mãos pelo corpo dele, dessa vez sem timidez. Os dedos o conduziam por uma viagem de sensualidade que a deixou surpresa quando ele começou a gemer.

– Não – ele gemia, diminuindo os movimentos da mão de Amelia. – Eu não aguento mais.

Ela tentou segurar a mão dele, mas Alex não a deixou tocá-lo, erguendo as mãos de Amelia acima da cabeça dela contra a parede do boxe enquanto se saciava beijando-a freneticamente.

Ela estava entregue, o corpo tremia e se consumia de desejo, enquanto se jogava contra Alex buscando o trajeto do corpo dele.

Ela escutou os gemidos de Alex e ele se jogou para a frente, penetrando-a completamente. O líquido sedoso do corpo de Amelia envolvia o dele.

Ela jogou a cabeça para trás quando ele investiu outra vez, os olhos se fecharam e o corpo foi inundado de prazer. Aquilo era selvagem e devasso, urgente e frenético, sem deixar espaço para a razão, só para as sensações. Ela sentia a pressão crescendo, cada nervo de seu corpo clamava por mais e mais.

Ele acelerou o ritmo quando a alcançou entre as pernas, os dedos longos a acariciavam onde ela mais desejava. Isso provocava uma reação de desejo ardente no corpo dela, enviando uma corrente de sensações explosivas por todo o corpo, deixando-a entregue e trêmula nos braços dele. O eco de sua respiração ofegante reverberava-lhe nos ouvidos.

Ela abriu os olhos, saciada, para ver o rosto de Alex contorcido de prazer conforme ele se agitava mais uma, duas, três vezes. Seu corpo tremia totalmente contra o dela com a força de sua explosão.

Amelia o abraçou forte. A água que escorria se misturava ao cheiro masculino exalado pelo corpo dele e a impregnava da forma mais íntima possível.

Alex deu um sorriso tímido ao se separar dela.

– Eu prometi a mim mesmo que resistiria até chegarmos à cama para que eu pudesse pegar um preservativo. Geralmente não sou tão irresponsável, mas parece que não consigo me controlar quando estou com você.

– Eu estou certa de que está tudo bem – ela disse. – Ficarei menstruada em alguns dias.

– Essa não é a questão – ele disse enquanto desligava a água. – Os ciclos podem ser irregulares e a colocarem em uma situação não planejada. Eu não permitirei que isso aconteça outra vez, prometo.

Ele pegou a toalha e começou a secá-la, e cada toque de suas mãos através da toalha na pele de Amelia fazia com que ela desejasse um novo contato pele a pele.

Eles ainda estavam úmidos quando se jogaram na cama enrolados um no outro, mas isso só aumentou as sensações de Amelia, quando se deitou sobre o travesseiro com Alex por cima.

Os beijos dele eram quentes e exigentes, e a óbvia impaciência de Alex era a maior recompensa que ela poderia receber. Isso a fazia sentir-se feminina, poderosa e irresistível.

A boca de Alex estava nos seios dela, em seguida na barriga, a língua lambia o umbigo e seguia para baixo. A respiração de Amelia ficou irregular ao sentir o calor do hálito de Alex sobre as curvas de sua feminilidade, e suas pernas se contraíram de apreensão e antecipação. Quando ele a tocou com a língua, todo o seu corpo estremeceu, as partes mais sensíveis ferviam com a corrente elétrica do toque íntimo de Alex. A resposta de Amelia era forte demais para ser contida; vinha em ondas de êxtase até que ela estivesse totalmente entregue ao prazer provocado por ele.

Sua respiração ainda estava entrecortada quando Alex passou por cima dela para pegar um preservativo, que vestiu com habilidade, antes de se jogar sobre ela com inegável ânimo. Ela sentiu seu corpo agarrar-se ao dele, a cavidade sedosa e escorregadia se umedecendo em resposta.

Amelia percebeu o controle dele, como se estivesse tentando diminuir o ritmo, mas ela não conseguia deixar que isso acontecesse; seu corpo ansiava pela firmeza e pelo calor dele acelerando sobre ela. Amelia se curvou para ficar mais próxima, os quadris se moviam com o prazer e os movimentos fortes de Alex, e cada investida provocava uma reação frenética em todo seu corpo.

De repente, lá estava ela outra vez, naquela sensação de pleno prazer, em que os pensamentos se perdem em um momento de completa realização. Todo o corpo de Amelia vibrava com aquilo, cada músculo, cada nervo reagia à inundação de sensações que a invadiam como uma maré morna.

Mesmo relaxada, Amelia podia sentir a tensão de Alex se formar em cada penetração profunda que o levava ao delírio. Ela sentia isso na forma como ele a apertava, na umidade quente de sua boca, que clamava por mais, e nos músculos firmes de suas nádegas, onde as mãos de Amelia o seguravam como uma âncora.

Ele gemeu forte dentro de sua boca conforme se jogava para a frente, numa repentina explosão de vida, se entregando completamente nesse momento. Ele relaxou sob as carícias das mãos dela. O tórax de Alex se contraía e relaxava contra ela com os corpos ainda intimamente colados.

Amelia não queria se mover. Sentia o corpo lânguido com o resultado daquele momento de amor, e todos seus membros estavam relaxados.

Alex se apoiou em um dos braços e beijou-a carinhosamente.

– Aposto que você não aprendeu nada disso naquele convento, hein?

Ela sorriu e se espreguiçou.

– Certamente não.

Ele afastou os cabelos que estavam sobre o queixo dela.

– Você me desestrutura, Amelia, sabia?

Ela abaixou o olhar.

– Nós não estamos apaixonados um pelo outro... eu sei que você vai achar isso terrivelmente antiquado da minha parte, mas para mim parece um pouco errado estarmos dividindo esse tipo de intimidade quando não estamos emocionalmente comprometidos.

– Eu não vejo nada de errado em explorar a atração que sentimos um pelo outro – ele disse.

– Mas quanto tempo isso vai durar sem o suporte de um sentimento mais forte?

– Nunca se sabe, você pode se apaixonar por mim – ele comentou, sorrindo.

– Eu não me entrego muito a compromissos emocionais fugazes – ela disse, com um sorriso discreto.

– Eles não podem ser considerados reais.

– Ah, tanto cinismo em uma pessoa tão jovem – ele lamentou de brincadeira.

– Não é cinismo, mas realismo. Isso é deslumbramento passageiro, vai acabar em um estalar de dedos. Foi assim que aconteceu com o meu ex-namorado. Eu tinha certeza de que estava apaixonada, poderia apostar a minha vida nisso, mas no final os sentimentos morreram.

– Muitas pessoas desenvolvem um sentimento forte e estável em um curto período. Meus pais estão vivendo uma prova de amor à primeira vista.

Uma expressão tristonha se instalou no rosto de Amelia.

– Minha mãe se apaixonou pelo meu pai e isso destruiu a vida dela...

Alex estava pensando na resposta quando o celular tocou na cabeceira da cama. Ele passou por cima dela para pegá-lo.

– Dr. Hunter? – uma voz masculina insistente falou. – Meu nome é Rico Vialli. Eu estou procurando a minha irmã, Amelia. Ela está com o senhor?

– Sim, ela está. Você quer...

– Ah, graças a Deus... – a voz do homem desabou. – Pensei que ela também estivesse morta...

Alex sentou segurando o telefone com mãos trêmulas, e olhou para a expressão estarrecida de Amelia.

– O que houve de errado? – ele perguntou. – Aconteceu alguma coisa?

Ele ouviu o irmão de Amelia soltar um profundo suspiro, e parecia que uma eternidade tinha se passado antes de ele falar:

– Nosso pai morreu esta tarde.

– Eu sinto muito... – Alex começou, mas Rico o interrompeu.

– O senhor não entende, dr. Hunter – ele disse de forma evasiva. – Meu pai não morreu por causa do câncer no pulmão. Ele foi queimado dentro de casa, e não acho que tenha sido um acidente.

CAPÍTULO 14

- **O** QUE houve? – Amelia levantou quando Alex desligou.
Ela parecia preocupada.
- Sinto muito, Amelia, mas eu tenho uma péssima notícia.
– Meu pai está morto?
- Alex gostaria de poder amenizar o golpe. Ele sentou e segurou-a pelas mãos, acariciando-as enquanto relatava o que Rico lhe contara.
- Assassinado? – Ela olhou para ele boquiaberta e horrorizada.
– Parece que sim, de acordo com o que seu irmão me contou. A casa foi totalmente destruída.
Ela soltou as mãos dele e levantou, procurando algo para cobrir o corpo.
- Não posso acreditar... – dizia enquanto se vestia. – Eu falei com ele esta manhã... Oh, *papà!* – Ela levou as mãos ao rosto.
- Alex se vestiu com o roupão de banho e voltou para abraçá-la.
- Rico disse que a polícia está interrogando os vizinhos próximos para saber se eles ouviram ou viram alguma coisa. Ele pediu um telefone emprestado para me ligar... Estava preocupado com você, achando que poderia estar dentro de casa.
- Não sobrou nada? Nada?
Ele assentiu.
Ela desabou sobre ele.
- Eu não sei o que fazer...
– Você pode ficar comigo – ele disse. – Sem dúvida, a polícia vai querer falar com você em algum momento, mas não é preciso ir lá agora.
- Onde... onde está o corpo do meu pai?
– Eu não sei – ele respondeu. – Mas eu não a aconselharia a vê-lo.
– É o meu pai. Eu quero me despedir.
– Entendo, mas você quer estragar a última lembrança que tem dele com o que verá se for lá agora?
- Amelia sabia que ele estava certo. Ela já tinha visto algumas vítimas de queimaduras para saber o quanto era duro se confrontar com a imagem de corpos desfigurados.
- Silvio foi avisado? – ela perguntou.

– Sim, Rico disse que estava a caminho – Alex respondeu. – Ele está cuidando tudo.

– Ele está bem?

– Ele está bastante abalado, mas quem não estaria?

Ela se afastou de Alex e esfregou os braços, agitada.

– Meu pai estava morrendo, todo mundo sabia disso. Quem iria querer antecipar a morte dele dessa maneira?

Alex estava pensando exatamente a mesma coisa, mas não chegou a nenhuma conclusão.

– Não sei. Talvez alguém quisesse que ele ficasse calado sobre o envolvimento dele no meu sequestro. Se você pensar bem, ele era o único que realmente poderia confirmar quem eu sou.

– Você acha que mais alguém sabe quem você é, além de mim e dos meus irmãos?

– Eu não sei... possivelmente.

– Meu pai não era o único que poderia confirmar a sua identidade – ela disse. – E o casal que o levou para a Austrália para ser adotado?

– Você acha que eles poderiam ter alguma coisa a ver com isso?

– Meu pai me contou que lhe custou muito caro manter o silêncio. Só posso pensar no casal que ele pagou para levar você embora.

– É provável que eles não quisessem ser descobertos – ele disse. – Se eles descobriam que seu pai pretendia confessar o que fez, eles podem ter planejado calá-lo.

– A ilha toda tem falado de você desde a sua chegada – ela recordou. – As novidades viajam entre os portos de Mont Avellana e Sicília. Talvez o casal tenha ouvido isso.

– A única coisa que eu sei é que é melhor você se manter fora disso, Amelia – ele disse com ar preocupado. – Seus irmãos também devem ficar quietos até a polícia descobrir quem são os responsáveis.

Amelia sentiu o estômago embrulhado.

– Você acha que corremos algum tipo de perigo?

Ele a olhou de forma sombria.

– Você é uma Vialli. Você me contou que foi alvo de insultos. Quem sabe o que as pessoas serão incitadas a fazer?

Ela mordeu o lábio de tão nervosa.

– Talvez devesse contar ao rei quem você é agora mesmo.

– Eu realmente não acho que isso ainda seja necessário. Acho que devemos seguir com o plano de primeiro operá-lo e, uma vez isso feito, então talvez eu me apresente.

– O que você quer dizer com *talvez* me apresente? Você *tem* que se apresentar!

– Eu cheguei a essa ilha como um plebeu e posso facilmente voltar como um – ele disse.

Ela olhou para ele, incrédula.

– Você pensa em não contar nada?

Ele sacudiu os ombros.

– Eu evitaria muito sofrimento para a minha família se deixasse tudo como está. Vai ser difícil para eles se tiverem que lidar com as circunstâncias que envolvem a minha adoção. Minha mãe se culpará, assim como meu pai.

– Mas e em relação a sua outra família, seus irmãos e irmãs biológicos? – ela perguntou. – Eles não merecem conhecê-lo, depois de todos esses anos de sofrimento?

Ele contraiu a musculatura do rosto.

– Eu não posso ser Alessandro Fierezza.

– Você é Alessandro Fierezza, querendo ou não.

Ele soltou um suspiro pesado.

– O que será que eu fiz para tornar a minha vida tão complicada?

Ela se aproximou dele e segurou-o pelas mãos.

– Eu sei quanto é difícil para você. É difícil para mim também. Tive que viver com a culpa do envolvimento do meu pai na destruição da sua vida. Não torne isso mais difícil dando as costas para a sua ascendência.

Ele deu um sorriso torto.

– Aquelas freiras fizeram um bom trabalho com você, não é?

– O que quer dizer?

Ele fez um carinho no rosto dela com a ponta dos dedos.

– Você realmente está cheia de culpa.

– Eu não consigo evitar... Sinto como se tudo isso fosse minha culpa.

– Não é responsável, Amelia. Você não fez nada de errado.

– Algumas pessoas não verão dessa forma.

– Eu não estou interessado no que as outras pessoas pensam.

Amelia suspirou quando Alex a abraçou; as ideias se embaralhavam em sua cabeça.

Seu pai estava morto.

Isso não parecia realidade, apesar de vir se preparando há meses.

Alex falou próximo aos cabelos dela, sua respiração balançando-lhes os fios junto ao rosto.

– Ele não deve ter sofrido, Amelia. Você precisa se confortar com isso. Ele morreu pela inalação da fumaça, principalmente por causa do mau funcionamento dos pulmões. Rico disse que não havia nenhum sinal de tentativa de fuga. Ele foi encontrado na cama.

Ela encolheu os ombros e olhou para ele.

– Eu deveria estar lá. Se não estivesse fora com você, teria escutado alguma coisa e talvez desse tempo de salvá-lo.

– Você não vai se culpar – Alex insistiu. – Tinha todo o direito de sair. Além disso, se seu pai não quisesse que você fosse, ele teria dito alguma coisa, não acha?

– Sim... acho que está certo. – Ela olhou para ele, enquanto relembrava a conversa que teve com o pai naquela manhã, antes de Rico levá-la para o trabalho. Seu pai parecia satisfeito em saber que ela estava se divertindo com o médico australiano. Ele até sorriu quando ela se abaixou para beijá-lo e desejar-lhe bom-dia.

Ela se afastou do abraço de Alex para vagar pela sala. As poucas coisas que possuía tinham virado cinzas no casebre, junto com o corpo do pai.

– Eu não sei o que fazer... – Ela mordeu o lábio inferior outra vez. – Isso tudo parece tão... tão irreal. Eu me sinto como se estivesse assistindo a tudo isso de fora. Como posso ter perdido o meu pai dessa forma? Eu quero dizer, ele estava morrendo de câncer... Todas as manhãs, no último mês, eu passava pela porta do quarto dele para ver se estava respirando. Agora, ele está morto, assassinado...

– Escute, Amelia – Alex disse, segurando-a pelos braços e colocando-a na sua frente. – A polícia se incumbirá disso tudo. Você está segura comigo. Eu providenciarei algumas roupas e objetos pessoais. Com certeza, Rico e Silvio têm amigos que os acolherão.

Amelia olhou para Alex com uma expressão tensa.

– Eles vão querer saber sobre os possíveis motivos. Como podemos contar-lhes de nossas suspeitas sem revelar a sua identidade? Além disso, Rico já deve ter mencionado alguma coisa sobre você...

Alex também ficou tenso por um momento.

– Eles levarão alguns dias para conduzir as investigações. Vamos torcer para que haja tempo suficiente para eu poder operar o rei. Depois disso, se a minha identidade virar notícia, então tudo bem.

Ouviu-se um barulho de carro estacionando do lado de fora e Amelia arregalou os olhos.

– É a polícia? – ela perguntou.

Alex espiou através de uma fenda da cortina e aquiesceu. Ele se vestiu rapidamente, atendeu a porta e indicou aos oficiais o lugar onde Amelia se encontrava. Ela estava com as mãos fechadas diante do corpo trêmulo.

Alex ficou de pé ao lado dela enquanto os oficiais faziam uma série de perguntas, as quais Amelia respondia com calma. Depois de rabiscar algumas anotações, fizeram mais perguntas sobre os negócios de seu pai. Eles reiteraram os pêsames e saíram em seguida.

Alex fechou a porta olhando para Amelia do outro lado da sala.

– Acho que o nosso segredo está a salvo por enquanto, mas suspeito que não vá durar muito tempo até que eles tirem as conclusões.

– Eu sei... – Ela cruzou os braços. – Eu me senti uma criminoso durante todo o tempo em que eles estavam falando comigo. Sempre fico assim com a polícia... é por causa do meu nome. – Ela relaxou e olhou para Alex. – Preciso ver Rico e Silvio para ter certeza de que estão bem. Você se incomodaria de me emprestar o carro?

– Não seja tola – ele falou, procurando as chaves. – Eu a levarei.

A FUMAÇA fina que ainda saía da casa provocou um arrepio na coluna de Amelia. Ela ficou estática diante dos restos de sua casa, incapaz de aceitar que não havia sobrado nada. Nem uma foto ou peça de roupa. Não havia mais nada.

Assim que o último carro da polícia partiu, Rico e Silvio apareceram ao lado de Amelia e Alex. Eles estavam pálidos, chocados e visivelmente trêmulos quando se aproximaram e envolveram Amelia em um abraço desajeitado.

Rico estendeu a mão para Alex.

– Meu pai me contou quem o senhor é – ele disse, claramente constrangido. – Não sei o que dizer...

Alex apertou a mão dele.

– Seu pai fez o que julgou certo na época. Poderia ter sido muito pior.

Rico parecia não saber o que dizer e olhou para o irmão mais novo buscando alguma ajuda. Silvio se mexeu desconfortavelmente e, hesitando um pouco, estendeu a mão também.

– Percebo a semelhança mesmo com a pouca luz – ele comentou. – O rei já sabe?

Alex sacudiu a cabeça e explicou-lhes as razões para manter sua identidade em segredo até que o rei estivesse fora de perigo.

– Algum de vocês mencionou algo sobre os rumores para a polícia? – Amelia interrompeu.

– Não – Silvio disse. – Nem acho que a polícia vá tratar disso como assassinato.

Ela olhou para ele, chocada.

– Por que não?

– Um Vialli a menos na ilha – ele disse.

– *Papà*... já foi retirado? – ela perguntou.

– Ele foi retirado há poucos minutos – Rico disse, soluçando convulsivamente enquanto olhava para os restos do casebre.

Amelia desmoronou ao pensar no que o irmão encontrara ao voltar para casa naquela tarde.

– Eu estava preocupado com você, achei que poderia estar lá dentro com ele – Rico falou.

– A polícia encontrou alguma coisa? – ela perguntou.

– Aparentemente ninguém na vizinhança ouviu ou viu algo. Mas Rico está certo, não há dúvidas de que a polícia fará um inquérito simbólico.

Amelia começou a tremer. A noite estava quente, mas ela tremia incontrolavelmente até que Alex a abraçou.

– A irmã de vocês vai ficar comigo por enquanto – ele informou a Rico e Silvio. – Vocês têm algum lugar para ficar?

– Sim – Silvio respondeu. – Eu tenho alguns amigos lá embaixo no porto que vão nos hospedar.

– Não pretendo ficar por aqui depois do funeral do meu pai – Rico declarou. – Quero sair e começar vida nova.

– Eu também – Silvio disse. – Tenho um trabalho engrenado em Mont Avellana. Você também deveria pensar em partir, Amelia. Quando a notícia sobre o dr. Hunter estourar, será muito desconfortável para você. Não se esqueça de que, seja quem for que tenha matado *papà*, eles achavam que você estava lá dentro com ele, como geralmente tem estado todas as noites.

Amelia tentou engolir o medo entalado na garganta.

– Eu não vou fugir – ela disse determinada. – Eu tenho um trabalho a ser feito por aqui.

– Ficarei de olho nela – Alex garantiu. – Ela estará segura comigo.

Fisicamente, talvez, mas não emocionalmente, Amelia pensou com tristeza quando partiram. Ela ficou calada no carro, enquanto eles se afastavam das lembranças de sua casa. A tristeza pela perda do pai fora colocada em segundo plano com a sensação da outra perda que sentia ao pensar que nunca poderia contar a Alex quanto o amava. Quando as novidades sobre a verdadeira identidade dele viessem à tona, o relacionamento teria que acabar.

Aqueles dois mundos se esbarraram, mas jamais poderiam ficar conectados, a não ser que ele estivesse preparado para abandonar tudo o que era seu por direito, tudo aquilo que seu pai lhe tirara há 34 anos...

CAPÍTULO 15

QUANDO ESTAVAM de volta em casa, Alex ofereceu uma pequena dose de conhaque com a preocupação ainda estampada no rosto.

– Como você está? Deve ter sido um choque terrível.

Ela segurou o copo de conhaque.

– Eu me sinto anestesiada.

– Mesmo quando a morte é esperada, ainda é um choque quando acontece. Mas isso é muito mais difícil, dadas as circunstâncias.

Amelia tomou um pequeno gole da bebida forte.

– Eu sei que parece um pouco estranho, mas não consigo evitar a sensação de alívio por ele não ter sofrido com a doença.

Alex segurou uma de suas mãos e fez um carinho.

– Eu sei o que quer dizer. Eu já vi gente demais morrer de câncer de pulmão para ter qualquer ilusão sobre a fase terminal.

Amelia fitou as mãos dele juntas segurando a sua antes de olhar para ele.

– Alex... é muito gentil da sua parte me convidar para ficar aqui com você, mas eu não fico à vontade com o que as pessoas vão falar, especialmente quando souberem da sua verdadeira identidade.

– Eles podem falar o que quiserem – ele disse. – Não precisam saber dos nossos planos. Para todos os efeitos, eles podem pensar que você está dormindo no quarto de hóspedes, como qualquer outro convidado.

– Talvez eu devesse fazer isso. – Ela olhou de relance para ele. – Dormir no quarto de hóspedes, quero dizer.

– É isso o que você prefere?

Ela tentou manter o olhar nele.

– Não concordo com esse... hum... *acordo*, como você chama.

– Quer terminar o nosso relacionamento? – ele perguntou.

– Eu sabia desde o início que estava sendo usada para matar o tempo.

Ele franziu a testa.

– É assim que você vê?

– E não é?

– Claro que não. Admito que forcei um pouco a barra no nosso relacionamento, mas isso não quer dizer que eu realmente não me sinta atraído por você.

– Mas por quanto tempo?

– Como alguém poderia responder isso? – ele perguntou. – Passei dois anos da minha vida com uma mulher que eu pensava estar apaixonada por mim, mas de um dia para o outro os sentimentos dela mudaram. Sinto muito, Amelia, mas eu não quero me sentir tão vulnerável outra vez. Se você não está feliz com o modo como nosso relacionamento se desenvolve, sinta-se à vontade para sair dele.

Amelia se contraiu internamente com as palavras dele. Como um relacionamento poderia ser verdadeiro se ele não tinha a intenção de dar continuidade? Ele estava satisfeito em flertar e se divertir, mas isso não duraria para sempre. Ela foi uma idiota em acreditar que as coisas poderiam ser diferentes.

– Então o que você quer de mim é um relacionamento sexual temporário sem envolvimento emocional e compromisso? – ela perguntou.

– Eu odeio ter que trazê-la gritando e se debatendo da Idade Média para o presente, mas estar apaixonado por uma parceira sexual não é mais pré-requisito – ele disse. – Atualmente, as pessoas podem ter relacionamentos muito satisfatórios sem as complicações dos sentimentos.

– Então eu sou uma parceira sexual, não é assim que se chama nos dias de hoje?

– Não é hora para essa discussão. Você acabou de perder seu pai em circunstâncias terríveis. Todo o seu mundo está desmoronando. Você precisa de tempo para colocar as ideias em ordem, e eu também.

Amelia observou Alex andar pela sala com as costas voltadas para ela. Ele estava certo, pensou. O problema não era só com ela, mas com ele também. De alguma forma, recebera um choque ainda maior que o dela. Toda a sua vida mudou e Alex ainda estava tentando digerir isso. Ela, pelo menos, fora bem preparada para morte do pai e, mesmo que isso tenha acontecido sob circunstâncias terríveis, ela ainda era ela mesma, Amelia Vialli. Alex, por outro lado, se encontrava, de repente, entre dois mundos: aquele de sua vida passada como o dr. Alex Hunter, na Austrália, cercado pelo amor de sua família adotiva, e um novo aqui em Niroli, como príncipe Alessandro Fierezza, com um papel preestabelecido para ele, tão assustador quanto inevitável.

– Você está certo – ela disse com um sorriso suave. – É difícil para nós dois.

Ele se virou e olhou para ela.

– E isso ainda vai piorar, Amelia. Tenho de tomar algumas decisões nos próximos dias que muito poucos já tomaram. Seja qual for essa decisão, estarei magoando alguém em algum lugar e terei de conviver com isso para o resto da minha vida.

Ela engoliu em seco ao ver a angústia estampada no rosto dele. Também sabia que seria uma das pessoas magoadas por qualquer uma das decisões que ele tomasse.

– Eu gostaria de poder ajudar – ela disse.

Ele sorriu sem graça.

– Ninguém pode ajudar. Tenho que fazer isso sozinho. Mas agora é você quem precisa de apoio. Os próximos dias serão duros para você.

– Eu ficarei bem – ela disse, sabendo que era mentira. Por dentro, sentia-se chocada e vulnerável. Amelia clamava por segurança, mas era como se todo o seu mundo estivesse saindo de controle. Alex estava lhe oferecendo apoio, mas ela sabia que seria temporário. Ele deixou bem claro que não estava envolvido emocionalmente, o que a fazia ver o relacionamento deles como breve interlúdio antes de ele

tomar a decisão final sobre seu futuro. A parte mais dolorosa era reconhecer que, não importava o que ele decidisse, não havia lugar para ela em nenhuma das decisões.

O DIA do funeral foi um dos piores na vida de Amelia. Para começar, choveu o tempo todo, o que significou que as poucas pessoas que estavam pensando em ir mudaram de ideia na última hora. Até Alex estava indisponível para dar-lhe apoio, em função do trabalho.

Seus irmãos ficaram firmes e impassíveis a seu lado durante a cerimônia rápida, mas ela sabia que eles estavam sentindo a perda tão intensamente quanto ela.

Alex apareceu quando estavam deixando o cemitério e, respeitosamente, ficou ao lado de Amelia enquanto ela se despedia dos irmãos, que deixariam a ilha no dia seguinte.

Ela se juntou a ele logo depois, com o rosto inchado, mas mesmo assim tentou dar um sorriso quando ele segurou-a pelo braço.

– Você está bem? – ele perguntou.

Ela balançou a cabeça, assentindo.

– Ele teve uma vida difícil, mas não consigo deixar de pensar que agora está em paz. – Ela se virou e olhou para ele.

– Sinto muito, mas não foi possível chegar a tempo.

– Está tudo bem.

Depois de um pequeno silêncio, ele anunciou:

– Eu farei a cirurgia do rei amanhã pela manhã.

Ela engoliu em seco algumas vezes.

– Você está nervoso?

– Por que estaria? – ele perguntou. – Até onde eu sei, ele é um paciente como outro qualquer.

– Mas ele não é como os outros pacientes, ele é...

Alex colocou a ponta do dedo indicador contra os lábios dela.

– Até onde eu sei, ele é apenas um velho homem que necessita de uma cirurgia cardíaca.

Amelia sentiu os lábios se contraírem ao ligeiro toque dele. Ela parecia não suportar o toque de Alex, apesar de ter passado todas as noites, desde a morte do pai, nos braços dele. Sabia que a relação deles estava com os dias contados. O senso de urgência que sentia incrementou a intimidade deles e elevou-a a tal nível erótico que seu corpo jamais seria o mesmo. Ela desejava contar-lhe o quanto o amava, mas sabia que isso não levaria a lugar algum e só traria mais sofrimento para ela no final.

– Eu tenho de voltar ao hospital – Alex disse, olhando rapidamente para o relógio. – Você vai trabalhar no palácio hoje à noite?

Ela aquiesceu.

– Mas não se preocupe, posso ir sozinha. Rico me deixou o carro.

– Eu acho que nos encontraremos no hospital amanhã à tarde.

– Sim – ela disse, tentando sorrir. – Boa sorte amanhã. Espero que corra tudo bem.

Ele ficou tenso por um momento.

– Sim, obrigado. Espero que sim.

Ela o observou caminhar para o carro, com passadas largas e rápidas. Podia sentir as palavras presas na garganta para chamá-lo de volta, mas não conseguiu emití-las.

– SINTO MUITO pelo seu pai – Lucia disse na tarde seguinte, quando Amelia chegou à enfermaria. – Você está bem?

– Está tudo bem – Amelia respondeu. – Foi um choque terrível, mas já estou me recuperando...

– A polícia descobriu o que aconteceu?

– O caso agora está arquivado – ela disse com ar desanimado. – Eles estão considerando como um acidente, aparentemente sugerindo que meu pai adormeceu enquanto fumava.

– Foi exatamente o que aconteceu com a minha avó. Nós a avisamos milhares de vezes para não fumar na cama, mas ela não ouvia.

Amelia olhou para Lucia.

– Meu pai parou de fumar assim que descobriu que estava com câncer.

Lucia arregalou os olhos.

– O que está dizendo?

– Eu não sei, ele pode ter dormido com uma vela acesa, mas não consigo deixar de achar tudo isso muito esquisito.

– Você quer dizer que acha que não foi acidente? Que ele foi... – Ela engoliu em seco antes de continuar. – ...assassinado?

– Eu não sei, a polícia não pensa assim, mas há certas pessoas na ilha que gostariam de vê-lo morto.

– Isso tem alguma coisa a ver com Alex Hunter? – Lucia perguntou.

Amelia tentou disfarçar seu olhar apavorado.

– O que a faz perguntar isso?

– Eu não sei. Minha mãe me contou que todo mundo está falando da incrível semelhança de Alex Hunter com os Fierezza e de como as pessoas estão especulando se o príncipe realmente teria sido morto naquela época. Eu suponho que você tenha ouvido os rumores. Eles acham que Alex Hunter é o príncipe Alessandro Fierezza. – Lucia deu uma risada em descrédito. – Isso é totalmente louco, você não acha?

– Sim... isso é uma loucura...

Lucia olhou curiosa para ela.

– Você não está começando a acreditar nessa loucura, está?

– Se os funcionários do palácio acham que Alex Hunter é o príncipe, com certeza conduzirão suas próprias investigações para provar isso de qualquer jeito.

– Você ouviu alguma coisa sobre a cirurgia do rei? – Lucia perguntou, olhando para o relógio na parede. – Já devia ter acabado.

– Não, mas notícia ruim chega rápido.

– Você esteve no palácio ontem à noite? Como o rei estava?

– Ele não dormiu muito bem – Amelia respondeu. – Mas eu acho que era de se esperar.

Ela não contou à colega sobre o clima agitado que percebera durante todo o tempo em que esteve lá. A equipe do castelo movimentava-se em um clima de grande expectativa, que não tinha nada a ver com a cirurgia do rei. Ela imaginava como eles vieram a saber a identidade de Alex. Será que seu pai comentou com alguém antes de morrer ou a equipe do castelo conduziu sua própria investigação?

AMELIA TINHA acabado de atender um paciente, quando avistou Alex vindo pelo corredor com o dr. Morani.

– Olá, Amelia – o doutor a cumprimentou alegremente. – Acabamos de voltar do hospital particular.

Temos ótimas notícias. O rei passou pela cirurgia muito bem. Alex fez um trabalho brilhante.

– Parabéns – ela se dirigiu a Alex, não se surpreendendo com sua aparência cansada. – Deve ser um alívio ter concluído tudo.

Ele soltou um suspiro quase inaudível.

– Sim, é.

– Dr. Hunter? – Um funcionário do setor cardiológico se aproximou com um ar atormentado. – Há alguns funcionários do palácio esperando para falar com senhor no seu escritório. Eles se recusaram a marcar uma hora e insistem em esperar.

Amelia olhou rapidamente para Alex, antes que ele se virasse para falar com o funcionário.

– Tudo bem, eu vou atendê-los agora. – Ele olhou para o dr. Morani e perguntou: – Você se incomoda se a enfermeira Vialli vier comigo, Vincenzo?

– Claro que não – o dr. Morani respondeu.

Amelia não entendeu.

– Eu?

– Sim, você. – Ele a conduziu ao escritório.

– Acha que estão aqui por causa daquele assunto?

– Parece que sim – ele disse. – Antes de ser anestesiado, o rei segurou no meu braço. Ele olhou a cicatriz da minha marca de nascença, me olhou bem fundo nos olhos e me chamou de Alessandro. Foi difícil me manter concentrado durante o procedimento, principalmente porque a equipe do centro cirúrgico me olhava o tempo todo com certa expectativa.

– Mas você conseguiu, Alex – ela disse carinhosamente. – A cirurgia foi um sucesso.

Ele não respondeu, mas abriu a porta do escritório e deixou-a entrar primeiro. Amelia poderia dizer que ele estava lutando para lidar com a situação agora que ela estava chegando a um ponto crítico.

Quatro homens de terno os esperavam quando entraram na sala, e as expressões falavam por eles quando todos olharam para Alex.

Amelia ficou de pé, calada, enquanto um deles se adiantou e informou Alex sobre as investigações que estavam em andamento sobre a identidade dele, incluindo os detalhes sobre a adoção. Chegaram ao ponto de fazer um teste de DNA com o material recolhido do copo em que Alex bebera água na primeira vez em que fora ao palácio.

– Então não há dúvidas? – Alex perguntou.

– Nenhuma dúvida. O senhor é Sua Alteza Real, príncipe Alessandro de Fierezza. Sua família deseja conversar com o senhor assim que o rei sair do hospital, e um comunicado à imprensa será preparado e distribuído imediatamente.

Alex estava nitidamente rígido.

– Eu gostaria que isso ficasse longe da imprensa por enquanto. Preciso preparar a minha família adotiva. Isso será um choque para eles.

– Faremos o que for possível, mas não podemos prometer. O rei deu ordens para que assim que sua identidade fosse confirmada, um comunicado fosse imediatamente enviado à imprensa.

Amelia viu a garganta de Alex mover-se para cima e para baixo, e seu coração contraiu-se de aflição só de pensar no que estava por vir.

– Nós providenciamos para que o senhor se mude imediatamente para o castelo real – informou o oficial.

– Não – Alex fez uma objeção com a mão. – Eu preciso de um tempo para me acostumar com a ideia. Prefiro a minha privacidade por enquanto.

– Mas o rei Giorgio ficará preocupado com sua segurança – o oficial insistiu. – E o senhor terá que ser informado das suas obrigações reais.

– Eu não me importo – Alex foi implacável. – Eu ainda tenho trabalho a ser feito e não vejo motivos para mudar os meus planos de vida.

– O seu trabalho terá que acabar – o oficial disse. – O rei não permitirá que o senhor mantenha a sua profissão. Isso é contra o protocolo real. O governante de Niroli deve devotar a sua vida ao reino.

O maxilar de Alex se contraiu, mas ele não respondeu. Amelia presumiu que ele não conseguiria continuar sendo cortês. Ela podia ver a tensão nos movimentos do maxilar de Alex para conter o resto do corpo.

– Há outro assunto confidencial que gostaríamos de tratar com o senhor – o chefe dos oficiais informou, quebrando o silêncio. – Mas talvez fosse melhor que a jovem não estivesse presente quando o discutirmos.

Amelia sentiu o rosto esquentar, mas, quando se virou para sair, Alex a segurou pela cintura trazendo-a de volta para seu lado.

– Não – ele disse. – Eu prefiro que ela fique.

– Muito bem. O rei foi informado de que o senhor vem, atualmente, mantendo um relacionamento com a srta. Vialli. Isso está certo?

– Eu não acho que isso seja da conta de ninguém, e só diz respeito a mim – Alex respondeu com frieza.

– É do interesse de todos a partir do momento que a mulher que o senhor escolheu para se envolver é filha do homem que o sequestrou quando o senhor era uma criança. O povo de Niroli não a aceitará, nem como sua amante.

– Amelia não tinha nada a ver com as atividades do pai – Alex salientou. – Eu não vejo por que ela deva ser discriminada por uma coisa em que não se envolveu.

– O senhor está querendo dizer que a sua atual relação com a srta. Vialli se tornará permanente?

Amelia prendeu a respiração, enquanto aguardava pela resposta de Alex para a pergunta indelicada do oficial. O silêncio se esticou como um fio fino que pudesse arrebentar a qualquer momento.

– Meu relacionamento com a srta. Vialli não é algo que eu esteja preparado para discutir agora – Alex finalmente disse. – E agora, se me dão licença, tenho pacientes para visitar.

– Entraremos em contato amanhã – um dos oficiais o informou. – Há alguns assuntos legais a serem tratados e o senhor será avisado por protocolo oficial sobre sua escala e obrigações. Além disso, seus irmãos desejam falar com o senhor.

– Obrigado por sua atenção – o líder dos oficiais disse. – Nós percebemos que essa é uma situação muito difícil para o senhor e o rei não gostaria que sofresse qualquer estresse indevido.

– Muito obrigado, fico muito lisonjeado – Alex disse, tentando disfarçar o sarcasmo.

Um dos homens se virou para olhar para Amelia antes de sair.

– O rei me pediu para cancelar o seu contrato no castelo. Ele não necessitará mais dos seus serviços como enfermeira – ele informou, antes de sair com os outros.

Amelia aguardou até que a porta estivesse fechada e olhou para Alex.

– Você realmente não precisava poupar os meus sentimentos, Alex – ela reclamou friamente. – Poderia ter sido direto e dito a eles que o nosso relacionamento não era permanente.

O rosto de Alex estava tenso.

– Não estou preparado para que me digam como devo viver a minha vida, não na minha idade.

– Mas é verdade o que eles disseram. Não serei aceita nem como sua amante. Eles nem querem mais que eu cuide do rei. – Ela respirou fundo e continuou, esperançosa de que ele não pudesse perceber através desta atitude algo como desinteresse: – Eu acho que é hora de dizer adeus, Alex. Isso não quer dizer que não sentimos mais nada um pelo outro. Foi bom enquanto durou e eu realmente me sinto agradecida pelo que fez por mim, me acompanhando depois da morte do meu pai. Mas acho que está na hora de terminar esse relacionamento. Não é o que eu quero e, se você for sincero consigo mesmo, também não é o que você deseja.

Alex estava com a boca curva para baixo enquanto olhava para ela.

– Parece que está decidida. Existe algum ponto em mim que possa convencê-la do contrário?

– Qual seria o ponto? – ela perguntou. – Você tem responsabilidades para enfrentar agora. E, assim como meus irmãos, não quero mais viver à sombra do que o meu pai fez. Se eu continuar envolvida com você, mesmo que por um tempo, isso me causará danos e vergonha futuramente, e eu não tenho condições de enfrentá-los. – Ela caminhou na direção dele e lhe estendeu a mão. – Adeus, Alex.

Ele pegou a mão dela e segurou-a por mais tempo do que o necessário.

– Onde vai ficar? – ele perguntou, com os dedos entrelaçados nos dela.

Ela não gostaria que ele visse as lágrimas no canto de seus olhos quando levantou a cabeça para olhá-lo.

– A sra. Gravano está pretendendo visitar a filha. Provavelmente cuidarei da casa para ela até decidir o que fazer.

Ele sorriu sem graça para ela.

– Se você precisar usar o atalho, garanto que o arbusto estará em ordem.

Ela sorriu.

Os olhos dele estavam sombrios e sérios quando encontraram os dela.

– Se precisar de alguma coisa, terei prazer em ajudá-la. Dinheiro ou qualquer outra coisa, é só você pedir.

– Acho que posso pedir uma referência pessoal a você. Agora, isso seria muito bom para o meu currículo. Eu conseguiria qualquer emprego que quisesse.

Alex começou a franzir a testa.

– Sem dúvida a imprensa começará a rondar você. E posso confiar em você para manter o nosso relacionamento anterior longe dos jornais?

O que a magoava era que ele não precisava ter pedido, mas ela fez de tudo para não demonstrar.

– O que aconteceu entre nós foi uma pequena diversão que só tem relevância para nós dois. – Ela sorriu mecanicamente e desejou que isso não passasse pela realidade. – Eu lhe juro que não lembrarei nem do seu nome depois de um ano, Alex. Ou deveria chamá-lo de príncipe Alessandro?

Ele desviou o olhar quando largou a mão dela.

– Até este momento, pequeno duende, eu não sei quem sou.

– Você sempre será Alex Hunter para mim – ela disse carinhosamente, mas não sabia se ele a tinha ouvido. Alex se dirigiu à janela e ficou com o olhar distante, de costas para ela. Ele parecia carregar nos ombros o peso do novo mundo que tinha pela frente.

CAPÍTULO 16

- É CLARO que você pode ficar comigo – a sra. Gravano disse, enquanto conduzia Amelia para dentro de casa. – Então é verdade? O dr. Hunter é, na realidade, o príncipe?
- Sim, é verdade – Amelia disse, colocando a pequena bolsa no chão com um ar triste.
- Pobre homem – ela disse com um suspiro. – Pense no que ele tem pela frente.
- Eu sei. Eu também não consigo parar de pensar na família adotiva dele. Esse tipo de coisa afeta todo mundo.
- Eu sei que deve ser difícil para você também, Amelia, mas certamente não estava pensando que havia um futuro no relacionamento de vocês, principalmente porque você sabia quem ele era.
- Amelia se jogou na poltrona mais próxima e apoiou a cabeça nas mãos.
- Eu sei... mas uma menina sempre pode sonhar, não pode?
- A velha senhora acariciou os cabelos negros de Amelia.
- Eu sinto muito por vocês dois. Vocês ficaram espremidos entre dois mundos diferentes.
- Eu só gostaria de ter tido mais tempo com ele.
- Ele é um membro da família real, minha querida. Você tem que aceitar isso.
- Amelia levantou os olhos vermelhos para a velha senhora.
- Eu sei... É duro se apaixonar por alguém e de repente essa pessoa se transforma em outra... alguém inalcançável... inatingível...
- Pobre menina, então realmente se apaixonou por ele?
- Eu não pude evitar.
- E quais são os sentimentos dele?
- Ele não está apaixonado por mim – ela disse arrasada. – Só queria uma diversão passageira.
- Como ele lidou com as notícias sobre o passado? Deve ter sido um choque descobrir que era um príncipe.
- Ele definitivamente está mudado. Quando eu o conheci ele era tão divertido... tão despreocupado e tranquilo. Eu realmente gostava disso nele. Mas desde que descobriu sobre seu passado ele se tornou... eu não sei... um tipo diferente... sério, e quase não sorri mais.
- Isso é um conjunto de circunstâncias muito incomum – a velha senhora salientou. – Muitas pessoas que vão em busca dos seus pais biológicos temem descobrir algum tipo de abuso ou comportamento

criminoso na família de origem. Em vez disso, o dr. Hunter descobriu que é herdeiro de um trono, sem falar nos detalhes do seu sequestro na infância.

– Do qual meu pai foi o responsável – Amelia lembrou.

– É, isso torna as coisas ainda mais difíceis, mas se ele tivesse sentimentos verdadeiros em relação a você, não deixaria uma coisa como essa atrapalhar.

Amelia soltou um suspiro profundo. Ela vinha pensando exatamente a mesma coisa. Se Alex a desejasse em sua vida de forma definitiva, ele já não teria dito isso?

– Ele não nutre sentimentos verdadeiros por mim. Desde o início, eu sabia que ele estava aqui para aproveitar, não por muito tempo. Mesmo agora que ele descobriu quem realmente é, isso não muda nada. Se ele decidir ficar e assumir o trono, não poderia me ter como companheira de jeito nenhum. O rei já me demitiu como sua enfermeira e Alex ficou lá parado sem falar nada para me defender enquanto os oficiais apresentavam as novidades. Mas mesmo se ele resolvesse voltar para a sua vida na Austrália e me levasse com ele, como seus pais adotivos me aceitariam, com o meu passado e o papel do meu pai no sequestro?

A sra. Gravano olhou com simpatia para ela.

– Isso quer dizer que você não é muito diferente da sua mãe, Amelia. Você se apaixonou pelo homem errado na hora errada.

Amelia sentiu o peso da verdade nas palavras de sua velha amiga como uma forquilha pesada ao redor de seu pescoço. O sonho de felicidade de sua mãe, de construir uma vida com o homem que amava desesperadamente, foi totalmente destruído por circunstâncias que estavam fora de seu controle. E agora, a vida de Amelia estava tomando o mesmo caminho de destruição. Parecia não haver maneira de evitar o mesmo sofrimento.

GRAÇAS AO seu meio expediente no centro comunitário, Amelia conseguiu manter-se longe do Free Hospital pelos dias seguintes. Só de pensar em ter que cruzar com Alex pelos corredores do hospital ou na enfermaria era muito desgastante. Ela nem podia acreditar que conseguira convencê-lo de que não estava mais interessada nele. Ela, secretamente, esperava que ele tivesse insistido mais, mas ele aceitou a rejeição com a covardia do orgulho masculino.

Ela soube que o rei já estava de volta ao palácio, que tinha se recuperado muito bem da cirurgia e, como era de se esperar, que a imprensa ficou louca com a novidade sobre a verdadeira identidade de Alex Hunter. A maior parte do tempo, ela tentou ignorar as manchetes e os jornais, mas era impossível escapar da agitação que envolvia a ilha com as novidades sobre a volta do príncipe para sua verdadeira casa.

– Amelia, que bom que eu a encontrei... – Lucia se aproximou. – Tem um jornalista que já está há quatro dias em frente ao hospital desesperado para falar com você.

– Eles querem falar *comigo*?

– É claro que eles querem falar com você – Lucia respondeu. – Eles procuram exatamente pelo nome que está estampado na manchete das revistas, querem entrevistar o mais recente caso amoroso do príncipe.

O coração de Amelia disparou alarmado.

– Você não disse nada a eles, disse?

Lucia olhou um pouco envergonhada.

– Bem... é... não muito.

Amelia olhou irritada para ela.

– Quanto?

Lucia mordeu o lábio.

– Sinto muito... mas o jornalista foi tão persistente, e já que você não tem telefone... Eu disse o que sabia.

Amelia fechou os olhos enquanto esfregava a ponta do nariz, estressada.

– Ah, Lucia, como você pôde?

– Desculpe. Eu achei que já que vocês tinham terminado, não havia problema. Você não o vê mais.

Agora que ele terminou o trabalho no hospital, está no palácio.

Então foi por isso que ela não viu nem sinal dele na casa, Amelia pensou.

– Terei de me encontrar com Alex para explicar que não fui eu – Amelia disse, aflita. – A matéria já saiu? – perguntou.

– Hoje de manhã. – Lucia entregou-lhe uma revista.

Amelia abriu a revista e fez uma careta ao ver uma foto sua e de Alex sentados em um restaurante de Santa Fiera, no primeiro encontro deles.

Amelia leu rapidamente o artigo e fechou a revista com as mãos trêmulas.

– Ah, Lucia, isso me faz parecer uma prostituta, uma alpinista social, usando Alex para me beneficiar.

Amelia suspirou irritada.

– Ele me pediu para não comentar com ninguém sobre o nosso relacionamento. Eu tenho que encontrá-lo para me desculpar.

– Eu não gosto desse risco – Lucia disse. – Ele agora é um príncipe, lembra? Não pode simplesmente aparecer para vê-lo ou marcar um encontro.

Amelia sabia que não seria bem recebida no castelo, mas precisava ver Alex de qualquer jeito. Ela foi lá assim que pôde, mas, como mais ou menos esperava, os guardas não a deixaram entrar. Ela implorou, mas eles foram irredutíveis até que Alex apareceu na esquina.

– Está tudo bem, cavalheiros – ele disse. – A srta. Vialli vai demorar.

Amelia sentiu a pressão dos dedos de Alex quando ele praticamente a arrastou pelo braço para o lado de uma das portas do antigo castelo.

– Justamente a pessoa que eu queria ver – ele disse, fechando a porta atrás deles.

Ela tentou se livrar das mãos dele, mas ele segurava com força.

– Eu devia saber que você não era confiável! – ele rosnou. – Quanto eles lhe pagaram por aquela entrevista?

– Eu não dei nenhuma entrevista... – ela começou, mas ele a interrompeu.

– Você provavelmente sabia o tempo todo quem eu era. É claro que a sua família a informou sobre isso. Afinal de contas, você é uma Vialli. A traição está no seu sangue. Você encontrou uma maneira de fazer dinheiro com isso e se entregou na primeira chance que lhe ofereceram.

– Não... isso não é verdade, Alex...

– Não me insulte mentindo para mim agora que consegui o que queria – ele a advertiu. – Você mentiu para mim desde o início. Com certeza aquela história de convento fazia parte do ataque para me seduzir. Mas você não é inocente. Você é uma traidora calculista, como o resto da sua família. Eu me sinto enojado por ter caído nisso. Você estava apenas esperando até conseguir o que queria disso tudo.

– Não... – Sua única palavra saiu abafada, mas ele fez que não ouviu.

– Eu até pensei que estava apaixonado por você em determinado momento, mas isso tudo fazia parte do seu plano, não fazia? – ele disse irritado. – Levar-me até o ponto onde eu teria de escolher entre você e o trono. Eu não posso ter os dois e você sabe disso. Que maravilhosa vitória teria sido para a sua família republicana. O herdeiro sequestrado finalmente estava de volta, mas ele era tão bom quanto imprestável, já que desejava aquilo que o afastaria dos seus direitos ao reino.

– Não – ela começou outra vez, seu estômago revirando de desespero. – Você não entende...

Os olhos dele brilhavam como diamantes negros quando ele olhou para ela.

– Você desperdiçou os seus esforços, Amelia. Não quero você nem o trono – ele disse. – Estou decidido, volto para a Austrália para dar continuidade ao meu trabalho. Já comuniquei ao rei.

Amelia umedeceu a boca ressecada enquanto se esforçava para digerir o que ele dissera.

Ele passou a mão pelos cabelos e continuou:

– Eles não gostaram, é claro, mas eu tenho que fazer o que acho certo. Minha família verdadeira é aquela que me educou e amou pelos últimos 34 anos. Eu não tenho nada a ver com o que aconteceu no passado. Isso foi uma loucura do destino, e não vejo por que deveria desistir de anos de estudo intensivo para assumir um papel que não desejo.

Ela olhou para ele em silêncio e com os sentimentos revirados. Ele estava abdicando do seu direito ao trono, mas por outras razões. Isso não tinha nada a ver com ela. Ela nunca deveria ter atravessado o caminho dele, apesar de isso ter lhe custado tudo.

– Você não vai dizer nada para se defender? – ele perguntou. – Você não tem nenhum discurso preparado para tentar me convencer da sua inocência? É o que eu esperava de alguém como você.

Amelia olhou para ele.

– Eu não posso fazer você mudar de ideia, Alex. Você tomou decisões com base no que acredita ser a verdade e nada do que eu disser mudará o seu ponto de vista. Eu não sabia que você era o príncipe. Na realidade, eu nem sabia quem você era na primeira vez que o vi. Você poderia ser um camponês, assim como eu, ou o cirurgião respeitado que é, mas eu amei o seu senso de humor peculiar e o modo como você sorria para a vida. – Alex observou ela enxugar uma lágrima no canto do olho, mas não se aproximou. – Eu fico triste por você não ter mais essas habilidades. – Ela assumiu um tom pesaroso, mas suave. – Você mudou desde que descobriu as suas origens. Eu gostava muito mais do antigo Alex do que do novo, mas suponho que isso foi o que a vida lhe apresentou. Você agora não é uma pessoa, mas duas, e, como você mesmo disse, tem de decidir qual será daqui por diante. Eu admiro a sua decisão em ser Alex Hunter, o cirurgião cardíaco, o qual eu considero como sendo o verdadeiro, não o príncipe de Niroli.

Alex engoliu em seco, tentando controlar as emoções. Poderia estar errado em relação a ela? Os oficiais do palácio tinham pistas do envolvimento do irmão mais novo dela em uma segunda onda de rebeliões contra a monarquia, e o aconselharam sobre o perigo de confiar em alguém da família Vialli.

– Eu sinto muito pela matéria que leu – Amelia disse, no meio do silêncio. – Sei que você não acredita em mim, mas não tive nada a ver com isso. Estive trabalhando no centro de saúde nos últimos dois dias. Não tive contato com nenhum jornalista, mas, infelizmente, uma das minhas colegas no Free Hospital decidiu falar por mim. Eu lamento que você tenha sido afetado por essa declaração. Ela não tinha a intenção de atingir ninguém, por favor, não se volte contra ela.

Alex ficou em silêncio enquanto ela passava por ele para sair. Não a deteve, apesar de desejar. A porta se fechou e ele ficou com a imagem da presença de Amelia.

UM PÁLIDO amanhecer riscava o céu quando Amelia retornou ao palácio na manhã seguinte em uma missão completamente diferente. Ela estava determinada a prestar uma homenagem ao pequeno menino inocente que ninguém mais considerara desde que o verdadeiro príncipe fora encontrado. Ela colheu algumas flores do campo; o orvalho do amanhecer ainda brilhava como lágrimas de cristais nas delicadas pétalas.

Felizmente, um dos guardas de serviço a reconheceu do dia anterior e permitiu que ela entrasse. Ela agradeceu e caminhou como uma sombra para o cemitério da família só para se decepcionar quando viu uma figura alta de pé olhando para a pequena lápide.

Alex levantou o olhar quando ouviu os passos, e seu rosto estava pálido pela noite mal dormida. Seus lábios se moveram em um sorriso triste.

– Por um momento pensei que você fosse um fantasma.

Ela olhou para ele e sorriu ironicamente.

Ele se voltou para o pequeno túmulo com a expressão tensa.

– É estranho olhar para essa pequena cova... poderia ser eu.

Ela se aproximou e se abaixou para arrumar as flores que trouxera.

Alex levantou o olhar para os dois túmulos maiores com o nome de seus pais biológicos escrito acima do lema da família. Um sentimento rude preenchia seu peito ao pensar que sempre seriam estranhos para ele.

– Eu achei que poderia fazer isso pela última vez, mas imagino se alguém irá cuidar do túmulo do pequeno menino agora. Talvez o removam daqui, afinal ele não é o verdadeiro príncipe, apenas um pequeno menino sem importância.

– Amelia...

Ela se virou para olhá-lo.

– Assim que eu tiver algum dinheiro, eu o reembolsarei pelas coisas que comprou para mim depois da morte do meu pai. Deve demorar um pouco mais que o esperado, pois como você sabe, seu avô me dispensou, mas tenha certeza de que devolvarei assim que for possível.

Ele contraiu as sobrancelhas.

– Ele não deveria tê-la demitido daquela maneira. O mínimo que podia ter feito era falar diretamente com você, em vez de mandar recado pelos oficiais do castelo.

– Eu não ouvi nenhuma palavra de protesto da sua parte naquela hora – ela ressaltou. – Mas talvez você já achasse também que eu não era confiável e que seria bom me manter longe de sua vida.

Ele olhou para os túmulos mais uma vez.

– Eu não deveria tê-la acusado de procurar os repórteres sem antes averiguar.

– Ah, então alguém verificou a minha história, certo? É uma pena você não ter acreditado em mim no primeiro momento.

– Eu não a culpo por estar com raiva de mim – ele disse. – Eu não pensei ao falar aquelas coisas para você ontem à noite. Estava procurando um bode expiatório. Infelizmente, os meus pais leram a notícia antes que eu pudesse falar com eles. Eles ficaram arrasados e eu lamento ter descontado em você.

Amelia suavizou a expressão do rosto, preocupada.

– Eles estão bem? – ela perguntou. – E a sua irmã? Ela soube?

Ele olhou para ela tristonho.

– Não que eu saiba. Eu enviei alguns e-mails para ela, mas ainda não obtive resposta. Meus pais estão se acostumando aos poucos com a história da minha herança.

– E você? – ela perguntou, com o coração partido por ele outra vez. – Como está lidando com tudo isso?

Ele olhou para ela.

– Eu estou espremido entre dois mundos muito diferentes. O rei... – ele fez uma pausa e acrescentou com tristeza – quero dizer, meu avô deseja desesperadamente que eu assuma o trono, assim como todos os outros parentes que conheci, exceto Luca, que parece ser o único que entende o que estou passando.

– Mas você decidiu não assumir o trono.

– Eu não posso dar as costas para anos de estudo, Amelia – ele disse. – Meus pais adotivos se sacrificaram muito para que eu chegasse lá. E não é só isso, os meus pacientes são importantes para mim. Se eu abandonar a pesquisa que estou levando adiante sobre esse novo procedimento, eu não sei se alguém daria continuidade de onde parei.

– É uma decisão difícil – ela disse. – Mas com certeza a sua família entenderá... a biológica, quero dizer.

Alex suspirou profundamente.

– Estou levantando fundos para o Free Hospital. Achei que seria uma maneira de deixar vínculos em Niroli sem virar as costas e não reconhecer quem eu sou... ou quem eu era.

– É um belo gesto... tenho certeza de que isso trará grandes benefícios.

– Amelia...

– Alex... quero dizer, Alessandro.

Ele sorriu.

– Por favor, não me chame assim.

– Sua Alteza?

– Pior ainda – ele disse. – Me chame apenas de Alex.

– Então, Alex... – Ela estendeu a mão para ele. – Eu desejo que você faça uma boa viagem de volta para casa. Foi... bom lhe conhecer.

Alex segurou a mão dela.

– Amelia... eu quero lhe perguntar uma coisa...

Ela engoliu em seco ao observar o tom sério em seu rosto.

– Sim?

– Quando você soube que eu era o príncipe?

As lágrimas escorreram pelo canto dos olhos dela, mas ela piscou para disfarçar. Sabia que tinha de deixá-lo partir, mas isso doía mais do que poderia imaginar. Não havia lugar para ela na vida dele, nem em Niroli nem na Austrália, onde sua família ainda estava tentando se recuperar do choque.

– Responda, Amelia. – Ele segurou firme as mãos dela quando Amelia tentou puxá-las. – Eu preciso saber.

O lábio dela começou a tremer, mas, de alguma maneira, ela conseguiu se controlar quando percebeu o olhar decidido dele.

– Você sabia quem eu era antes de dormir comigo pela primeira vez? – ele perguntou.

– Que diferença faz?

– Você dormiu comigo por eu ser Alex Hunter ou Alessandro Fierezza?

– Não torne as coisas mais difíceis para mim, Alex – ela implorou.

Ele apertou ainda mais a mão.

– Responda.

Amelia olhou para ele angustiada.

– Eu dormi com você porque me apaixonei. Jurei que não seria tão tola de me apaixonar outra vez, ser deixada por um homem que não poderia me oferecer nada em troca. Mas não consegui evitar. Eu sinto muito... – Ela esfregou os olhos com as costas da mão. – Eu sei que essa é a última coisa que você precisa ouvir justo agora... eu não lhe trarei nenhum problema. Eu deixarei a ilha, portanto você não terá de me ver.

– Mas e se eu quiser vê-la outra vez? – ele perguntou. – E se eu lhe dissesse que fui um perfeito idiota ao deixá-la ir sem lhe dizer como me sinto, como me senti desde o primeiro instante em que a vi, e que só percebi isso diante da possibilidade de nunca mais poder vê-la?

Ela piscou para deixar as lágrimas caírem, sentindo o coração acelerado.

– Você quer me ver... em algum momento?

Ele deu um daqueles sorrisos malandros.

– Eu estava pensando nisso o tempo *todo*. O que você acha, pequeno duende? Eu sei que já perguntei isso antes, mas não é para você ignorar outra vez. Você quer ir embora comigo e ser a mãe dos meus filhos?

Amelia ficou estarecida.

– Eu não posso acreditar que disse isso.

Ele sorriu para ela.

– Foi o que você disse da última vez. Espero que dessa vez acredite em mim. Eu quero que seja a minha mulher. Quero você ao meu lado pelo resto da vida.

– Você quer dizer... – Ela tentava digerir aquilo; os olhos estavam arregalados e a voz estridente. – Não está brincando?

Ele sacudiu a cabeça.

– E para deixá-la tranquila, isso também não saiu sem querer. Eu só gostaria de ter certeza de que queria se casar com o cara certo.

Ela olhou para ele, maravilhada.

– Como eu posso saber que você é o cara certo? – ela perguntou, com um sorriso no canto da boca.

– Com qual dos dois você quer casar? Alex Hunter ou Sua Alteza príncipe Alessandro Fierezza?

– Eu quero casar com o que me amar mais.

Ele deu um beijinho na ponta do nariz dela e lhe disse:

– Então você se meteu em uma enrascada, porque nós dois amamos você perdidamente. Agora, como fica esse acordo? Você vai pegar ou largar?

Ela sorriu para ele, transbordando de alegria, e inclinou a cabeça para beijá-lo.

– Eu aceito – disse.

Lançamentos do mês:

PAIXÃO 489 – AMOR DEFINITIVO – CATHY WILLIAMS

Quando Becky Shaw fugiu para Cotswolds no Natal, esperava se aquecer na frente da lareira, não nos braços de Theo Rushing. Enquanto a neve se acumula lá fora, a química entre eles só aumenta.

PAIXÃO ARDENTE 21 – UNIÃO DE CONVENIÊNCIA – Michelle Smart

Minissérie – Casamentos Milionários 4/4

Elizabeth Young mal consegue acreditar quando Xander Trakas anuncia que o casamento deles nunca foi anulado! Seria muito fácil se entregar de novo ao quase ex-marido, mas Elizabeth não está pronta para arriscar o seu coração novamente.

DESEJO 257 – SEGREDOS SEDUTORES

Tempestade de paixão – Maureen Child

Tudo que Jake Hunter quer é paz e silêncio. Mas quando sua mãe manda Cassidy Moore visitá-lo, o caos é instaurado. A atração mútua sai de controle e, catorze meses depois, Cassie não consegue contar a Jake que teve seu filho. Mas o destino sempre pode dar uma ajudinha.

Desejo compartilhado – Andrea Laurence

Uma confusão em uma clínica de fertilidade faz com que Luca Moretti seja pai da filha de uma mulher que nunca conheceu. Para não abandonar sua filha, Luca tem trinta dias para convencer a viúva Claire Douglas de que o melhor para criança é estar com os dois pais lado a lado.

JESSICA 284 – RECOMPENSAS E DESAFIOS

Herdeiro da vingança – Maisey Yates

Foi o pai de Charity Wyatt que roubou de Rocco Amari, mas é ela quem pagará o preço de sua vingança. Entregar sua virgindade deveria ter sido o suficiente, mas a noite quente com o italiano enigmático tem consequências inesperadas, e Rocco tem planos maiores para ela.

Uma mentira conveniente – Melanie Milburne

Violet Drummond não aguenta passar mais um Natal solteira, e Cameron McKinnon parece o acompanhante platônico perfeito. Até ele revelar seu plano de tornar Violet sua falsa noiva para se livrar do interesse da esposa de um cliente.

COLEÇÃO CASA REAL DE NIROLI 1 DE 4

O príncipe herdeiro – Penny Jordan

Emily Woodford ama Marco Fierezza, mas não faz ideia de que ele é um príncipe! Quando descobre a verdade, fica devastada, pois Marco a vê apenas como sua amante, não como uma possível esposa. Mas o que o futuro rei de Niroli vai fazer quando descobrir que Emily está grávida?

O príncipe plebeu – Melanie Milburne

Alessandro Fierezza foi sequestrado quando bebê e dado como morto. Mas quando o brilhante cirurgião Alex Hunter chega a Niroli para ajudar o rei, boatos dizem que ele é o príncipe desaparecido! Ao descobrir a verdade, Alex fica dividido entre o dever e uma mulher que nunca poderá ser sua princesa...

Próximos lançamentos:

PAIXÃO 490 – UM PRÍNCIPE ARROGANTE – Jennifer Hayward

Minissérie Romances & Reinados 1 de 3

Uma última noite com Sofia Ramirez foi tudo que o Príncipe Nikandros Constantinides quis antes de voltar a Akathinia. Ao descobrir que não deixou Sofia sozinha, Nik terá que cancelar o casamento político e legitimizar seu novo reinado... com sua esposa e filho!

COLEÇÃO PAIXÕES CLÁSSICAS 001 – POSSUÍDA PELA PAIXÃO – Kate Walker

Guido Corsentino está determinado a reconquistar sua esposa! Por fora, Amber é perfeita e intocável, mas Guido conhece seu interior apaixonado, e sabe conseguir o que quer dela. Mas ela já o recusou uma vez, então ele vai protegê-la das consequências de suas ações... na cama!

DESEJO 258 – MOMENTOS DE SEDUÇÃO

Uma noite quente – Kristi Gold

O Sheikh Rayad Rostam dedicou toda a sua vida a proteger seu país... e a vingar a morte prematura de sua esposa. Por isso, a atração repentina pela aventureira correspondente internacional Sunny McAdams é inesperada, indesejada – e inegável.

Amor inesquecível – Elizabeth Lane

Por três anos, Angie Montoya escondeu seu filho da família de seu falecido noivo... até que o irmão dele os encontrou. Jordan Cooper quer o sobrinho em segurança e, para isso, exige que Angie se mude para seu rancho em Santa Fé. Mas como ela pode aceitar dividir um lar com o único homem cujo o beijo ela nunca esqueceu?

JESSICA 285 – CONSEQUÊNCIAS & PERDÃO

Consequências do desejo – Michelle Smart

Catalina sempre obedeceu às regras. A não ser por uma única noite de paixão com o bilionário francês Nathaniel Giroud. E isso muda sua vida para sempre. Para proteger a pequena vida que cresce dentro de si, ela fará qualquer coisa, até mesmo desafiar o homem que ela deseja desesperadamente!

Nove meses para o perdão – Maisey Yates

Ódio é tudo que Elle St James sente pelo homem que uma vez considerou ser sua família. Apollo Savas destruiu a empresa de seu pai, mas ela tem a última carta do jogo! Depois de uma noite proibida, serão nove meses o suficiente para Elle perdoar o grego?

COLEÇÃO CASA REAL DE NIROLI 2 DE 4

Seduzida pelo príncipe – Carol Marinelli

Luca Fierezza transformou Niroli no paraíso dos ricos e famosos – e fez de si mesmo um bilionário. Megan Donvan foi presa por trabalhar no cassino de Luca, e o novo chefe será também seu novo herói! Agora, ela está à mercê de seu perdão... e de sua paixão!

A princesa e o magnata – Natasha Oakley

O bilionário sombrio Domenic Vincini deseja as riquezas abundantes da ilha de Niroli, incluindo a joia da coroa, a princesa Isabella Fierezza. Mas, se ceder à tentação, Isabella estará entregando a si mesma – e seu reino – ao seu pior inimigo...



J69p

Jordan, Penny

O príncipe herdeiro + O príncipe plebeu [recurso eletrônico] / Penny Jordan, Melanie Miburne; tradução Carla Werneck. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2017.

recurso digital

Tradução de: The future king's pregnant mistress + Surgeon prince, ordinary wife

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-398-2519-6 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Miburne, Melanie. II. Werneck, Carla. III. Título.

17-43515

CDD: 823

CDU: PREENCHER

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE FUTURE KING'S PREGNANT MISTRESS

Copyright © 2007 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2007 por Mills & Boon Royal House of Niroli

Originalmente publicado no Brasil em Novembro de 2007

Título original: SURGEON PRINCE, ORDINARY WIFE

Copyright © 2007 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2007 por Mills & Boon Royal House of Niroli

Originalmente publicado no Brasil em Dezembro de 2007

Publisher: Omar de Souza

Gerente editorial: Mariana Rolier

Assistente editorial: Tábata Mendes

Arte-final de capa:
Ô de Casa

Produção do eBook: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3175-1030

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Texto de capa

Coleção Casa Real de Niroli

Capítulos Regras da Casa Real de Niroli

Rosto

Sumário

O PRÍNCIPE HERDEIRO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

O PRÍNCIPE PLEBEU

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Próximos lançamentos

Créditos

VOL.001

HARLEQUIN

COLEÇÃO
CASA REAL de
NIROLI
1/4

PENNY JORDAN

Autoras best-sellers do *USA TODAY*

MELANIE MILBURNE